

# VIVENDO NO FRONT

Discursos acionados por sujeitos na fronteira  
entre perspectivas LGBTs e evangélicas



Dissertação de mestrado de Vanrochris Vieira

Orientação de Luciana de Oliveira

PPGCOM/UFMG  
2015

Vanrochris Helbert Vieira

**Vivendo no front:**  
**discursos acionados por sujeitos na fronteira**  
**entre perspectivas LGBTs e evangélicas**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Comunicação Social

Área de Concentração: Comunicação e Sociabilidade Contemporânea  
Linha de pesquisa: Processos Comunicativos e Práticas Sociais

Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Luciana de Oliveira  
Universidade Federal de Minas Gerais

Belo Horizonte  
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas  
2015

## AGRADECIMENTO

Agradeço a todos os que me ajudaram no percurso do mestrado. A Luciana de Oliveira, pelo grande conhecimento compartilhado, pelo aprendizado sobre a relação orientador-orientando, por não ter desistido de mim e pela relação de afeto construída. A Vera França, pelo cuidado e preocupação permanentes, pelo imenso afeto gratuito, pelos sábios conselhos e pelas ricas contribuições no processo de qualificação. A Marco Antonio Torres, Regina Helena Silva e Liliane Anderson Caldeira, por suas valiosas leituras no processo de defesa. A Marco Aurélio Prado pelos aportes no processo de qualificação. A Laura Corrêa e Ângela Marques pelas contribuições dadas ao trabalho ao longo das disciplinas cursadas. A Joana Ziller pelos contatos via Facebook. A Roberto Reis pelas preciosas indicações de leitura. A Paula Simões e Ricardo Fabrino, amigos sempre presentes. A Raquel Dornelas, Clara Braga, Ana Karina Oliveira, Laura Pimenta e Maíra Lobato, por esses dois anos de amizade e apoio mútuo, que tornaram felizes momentos que sozinho seriam de angústia. A Fernanda Miranda, pelas inquietantes discussões e pelo grande carinho. Aos demais amigos do Gris, especialmente Terezinha Silva, Leandro Lima, Carlos Jáuregui, Eliziane Lara, Gáudio Bassoli e Pâmela Guimarães pelas valiosas trocas comunicativas. A Badu e Tiana, pelos saberes tradicionais que compartilharam comigo. Aos alunos que monitorei, aos quais agradeço através de Juliana Silviano Brandão, de cuja banca de defesa do trabalho de conclusão de curso tive a alegria de participar. Ao CNPq e ao PPGCOM/UFMG pelo financiamento desta pesquisa. Agradeço também aos diversos sujeitos que conheci durante a pesquisa, especialmente àqueles que mais me marcaram positivamente, aos quais me refiro aqui pelo mesmo nome atribuído a eles nesta dissertação: Anyky, Carlos Magno, Cássio, Eduardo, Elias, Eriberto, Gabriel, Gustavo, Indianara, Isaías, Jobim, Jonathan, Jucimar, Luci, Maurício, Maurílio, Retamero, Roberto, Telmo, Tomaz e Vicente. A Fabrício e Mirella, pelo socorro sem o qual este trabalho não teria sido finalizado. A Marcos, por ter entrado na minha vida nos últimos meses deste trabalho, tornando-os mais felizes e repletos de carinho. Aos amigos de sempre, especialmente aos que estiveram mais presentes nos últimos dois anos. A Hugo e Tarcísio, pela presença em minha trajetória de vida. A Luiza, Mariana e Daniela, pelas conversas, diversões, compartilhamentos e suportes tão valiosos. A Thaianne, pelo sorriso que sempre me traz calma. A Rodrigo e Diogo pela grata convivência. A Luiz, Bárbara Altivo, Nísio Teixeira, Bárbara Vieira, Marquinhos, Ricardo e Alice pela presença no processo de defesa. A todos os meus familiares queridos, aos quais eu agradeço através da minha tão maravilhosa mãe, Vanei, pelo suporte e amor incondicionais que sempre me oferece. Agradeço a Carlos Jáuregui pela oportunidade que me foi dada por ele de

ser coautor de um verbete no livro de 20 anos do Gris. Sou muitíssimo grato por ter participado de congressos em Braga e Belém, ao longo do mestrado. Devo essas oportunidades à generosidade de Vera França e Luciana de Oliveira. Nunca terei como agradecer o suficiente à Vera por todo o suporte que me ofereceu de forma tão maternal nesta, como em tantas outras ocasiões.

## RESUMO

Como os sujeitos na fronteira entre perspectivas evangélicas e LGBTs (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros) sobre sexualidade lidam com as contradições existentes entre elas a fim de dar sentido às suas experiências e subjetividades? Através de uma etnografia multissituada, quatro grupos de Belo Horizonte foram investigados para o encontro de sujeitos nessa situação: o *Centro de Luta pela Livre Orientação Sexual de Minas Gerais* (Cellos), a *Igreja da Comunidade Metropolitana* (ICM), a *Igreja Cristã Contemporânea* (ICC) e a *Igreja Batista da Lagoinha* (IBL). Os sujeitos analisados são gays evangélicos, de igrejas inclusivas ou não, sendo alguns deles militantes LGBT. Os discursos evocados na IBL giram em torno de um “acolhimento” de sujeitos com experiências sexuais desviantes em relação à heteronormatividade, com a intenção de se promover uma “cura” dos mesmos. Os discursos presentes na ICC dizem de uma regulação das homossexualidades e transexualidades para adequá-las a um padrão similar ao da família nuclear tradicional, sendo o afastamento desse padrão relacionado ao “mundo”, que estaria em oposição à “igreja”. Os discursos em circulação na ICM apontam uma desnormatização das experiências sexuais, a fim de se buscar um afastamento do “fundamentalismo religioso” e uma defesa dos “Direitos Humanos”. Os discursos encontrados no Cellos indicam uma defesa do “Estado Laico”, que estaria sendo ameaçado pela “bancada evangélica” na *Câmara Federal*. Para dialogar com as teorias nativas, trago discussões teóricas sobre heteronormatividade (Prado; Junqueira), interação (Mead), conflito (Simmel), definição da situação (Thomas), discursos sociais (Bakhtin) e poder (Foucault). Durante o trabalho de campo, realizei também incursões em dezesseis outras igrejas e grupos de militância LGBT.

**Palavras-chave:** discursos; definição da situação; interação; conflito; igrejas evangélicas; LGBT; Cellos; ICM; ICC; *Batista da Lagoinha*; etnografia multissituada.

## ABSTRACT

How the subjects on the border between LGBT (Lesbian, Gay, Bisexual and Transgender) and protestant perspectives about sexuality get along with the contradictions between them in order to make sense to their experiences and subjectivities? By using a multilocal ethnography, four groups of Belo Horizonte have been investigated in order to find subjects in this situation: the *Centro de Luta pela Livre Orientação Sexual de Minas Gerais* (Cellos), the *Metropolitan Community Church* (MCC), the *Igreja Cristã Contemporânea* (ICC) and the *Igreja Batista da Lagoinha* (IBL). The analyzed subjects are gay protestants, from inclusive churches or not, been some of them LGBT militants. The evoked discourses in IBL revolve around a “welcome” to subjects with deviant sexual experiences in relation to heteronormativity, with the intention of promoting a “healing” of them. The present discourses in ICC tell of a regulation of homossexualities and transexualities in order to suit them for a similar standard to the nuclear traditional family, been the removal of this standard related to the “world”, that would be in opposition to “church”. The discourses circulating MCC point a refuse of a standardization of sexual experiences in order to search a distance of “religious fundamentalism” and a defense of the “Human Rights”. The found discourses in Cellos indicate a defense of a “secular State”, which would being threatened by “protestant stand” in *Chamber of Deputies*. In order to dialogue with the native theories, I bring theoretical discussions about heteronormativity (Prado; Junqueira), interaction (Mead), conflict (Simmel), definition of the situation (Thomas), social discourses (Bakhtin) and power (Foucault). During the fieldwork, I also have performed forays into other sixteen churches and groups of LGBT militancy.

**Keywords:** discourses; definition of the situation; interaction; conflict; protestant churches; LGBT; Cellos; MCC; ICC; *Batista da Lagoinha*; multilocal ethnography.

Olhando pela perspectiva bíblica literal  
Eu vou além do arrependimento  
Putá afamada, prostituta meretriz, joga fora seu espírito  
Mas olhando pela perspectiva cultural  
Eu só estou falando do futuro  
Judas me beija quando fica ofendido  
Ou cobre os ouvidos na vez seguinte

Eu quero te amar, mas algo está me afastando de você  
Jesus é a minha virtude, e Judas é o demônio a quem eu recorro

Eu sou apenas uma santa idiota, ai, querido, isso é tão cruel  
Mas eu ainda estou apaixonada por Judas, querido

*(Judas, Stefani Germanotta e Nadir Khayat, tradução minha)<sup>1</sup>*

---

<sup>1</sup> Do original: “In the most Biblical sense | I am beyond repentance | Fame hooker, prostitute wench, vomits her mind | But in the cultural sense | I just speak in future tense | Judas kiss me if offended | Or wear an ear condom next time | I wanna love you, but something's pulling me away from you | Jesus is my virtue and Judas is the demon I cling to (I cling to) | Just a holy fool, oh baby he's so cruel | But I'm still in love with Judas, baby | I'm just a holy fool, oh baby it's so cruel | But I'm still in love with Judas, baby”

# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>1 - MULTISSITUACIONALIDADE .....</b>	<b>18</b>
1.1 - Etnografia multissituada.....	18
1.2 - Categorias sobre sexualidade .....	24
1.3 - Categorias sobre cristianismo.....	30
1.4 - Grupos analisados .....	31
<b>2 - DISCURSOS DAS INSTITUIÇÕES .....</b>	<b>41</b>
2.1 - IBL: O acolhimento e a cura .....	41
2.2 - ICC: A igreja e o mundo .....	53
2.3 - ICM: Os Direitos Humanos e o fundamentalismo religioso .....	59
2.4 - Cellos: O Estado laico e a bancada evangélica .....	70
<b>3 - SUJEITOS E SITUAÇÕES.....</b>	<b>76</b>
3.1 - Discordar na ICM.....	76
3.2 - Ser <i>gay</i> na IBL .....	79
3.3 - Ser da IBL e do Cellos .....	81
3.4 - O Diálogo é possível? .....	88
<b>4 - CONFLITO NAS INTERAÇÕES .....</b>	<b>102</b>
4.1 - O conflito entre LGBTs e evangélicos .....	102
4.2 - O conflito nas interações .....	107
4.3 - O conflito nas teorias sociais do discurso .....	123
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>130</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>137</b>
<b>APÊNDICE .....</b>	<b>140</b>

## LISTA DE FIGURAS

- Figura 1:** Igrejas evangélicas e restauracionistas situadas no trajeto de 1,8 km entre as casas da minha mãe e do meu irmão, em Betim. .... 14
- Figura 2:** *Outdoor* pago por Silas Malafaia no Rio de Janeiro em 2010 e algumas repercussões de seus posicionamentos em forma de crítica e humor. .... 15
- Figura 3:** Categorização proposta por um popular infográfico chamado *The genderbread person*, de um *site* estadunidense pró-LGBTs chamado *It's pronounced metrossexual*. .... 25
- Figura 4:** Adesivo lançado pelo pastor André Valadão, que se tornou um símbolo da IBL... 51
- Figura 5:** Culto *Homens e Mulheres Diante do Trono*, com Ana Paula Valadão e o marido Gustavo Bessa. .... 53
- Figura 6:** Imagem de divulgação da celebração dos quatro anos da ICC em Belo Horizonte. 58
- Figura 7:** Imagem de divulgação da ICM..... 60
- Figura 8:** Crítica ao discurso de Retamero, que circulou pela Internet depois das oposições a uma fala de Levy Fidelix num debate durante as eleições presidenciais. .... 68
- Figura 9:** Imagem que circulou pela Internet ironizando o discurso de Ana Paula Valadão, pastora da IBL. .... 88

## LISTA DE ABREVIATURAS

ABGLT – Associação Brasileira de Lésbicas, *Gays*, Bissexuais, Travestis e Transexuais

AD – Assembleia de Deus

Cellos – Centro de Luta pela Livre Orientação Sexual de Minas Gerais

HDT – Homens Diante do Trono

HMDT – Homens e Mulheres Diante do Trono

HP – Homens da Promessa

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IBL – Igreja Batista da Lagoinha

IBN – Igreja Bola de Neve

IBNJ – Igreja Batista Nova Jerusalém

ICC – Igreja Cristã Contemporânea

ICM – Igreja da Comunidade Metropolitana

IDE – Instituto de Desenvolvimento Espiritual

IMGD – Igreja Mundial da Graça de Deus

IPDA – Igreja Pentecostal Deus é Amor

IURD – Igreja Universal do Reino de Deus

LGBT – Lésbicas, *Gays*, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros

LGBTQI – Lésbicas, *Gays*, Bissexuais, Travestis, Tansexuais, Transgêneros, *Queers* e Intersexuais

MDT – Mulheres Diante do Trono

Nuh – Núcleo de Direitos Humanos e Cidadania LGBT da UFMG

ONG – Organização não-governamental

PIPBH – Primeira Igreja Presbiteriana de Belo Horizonte

PSC – Partido Social Cristão

PSDB – Partido da Social Democracia Brasileira

PL – Projeto de Lei

PLC – Projeto de Lei da Câmara

PSOL – Partido Socialismo e Liberdade

PSTU – Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado

PT – Partido dos Trabalhadores

PTB – Partido Trabalhista Brasileiro

TJ – Testemunhas de Jeová

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais

## INTRODUÇÃO

### O PESQUISADOR EM MEIO AOS PESQUISADOS

Um balão amarelo havia se prendido num ipê cor-de-rosa no meio da praça. Ele brigava contra o vento, tentando se soltar, mas quanto mais se contorcia, mais preso nos galhos ficava. Gabriel estava no palco do evento interpretando libras. Eduardo fazia uma pausa em sua distribuição de preservativos para curtir um dos *shows*. Eriberto evangelizava no fundo da praça. Roberto acabara de chegar e ainda observava o movimento do lado de fora. Eu circulava pelo espaço, tentando dividir minhas atenções.

Olhei através do ipê e avistei os membros da igreja do pastor Eriberto fazendo um *flash mob* entre os sujeitos que circulavam pelo local, ao som de uma música *gospel*. Ele e outros membros da igreja distribuíam folhetos e balões e carregavam placas dizendo “Sou gay e Deus me ama”. Minha atenção foi desviada de lá quando ouvi Eduardo e mais meia dúzia de membros da igreja em que ele é pastor dançando um *cover* de *Show das Poderosas*, performado por uma *drag queen* no palco do evento. Um de seus colegas carregava uma placa dizendo: “As vadias vos precederão no reino de Deus”.

A *XVII Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte* foi organizada pelo *Centro de Luta pela Livre Orientação Sexual de Minas Gerais*. Gabriel, que é membro da diretoria desse grupo, tem se esforçado para que a militância estabeleça um diálogo com o meio religioso, a fim de buscar formas de interação diferentes das que vêm ocorrendo entre religiosos e LGBTs no país. Depois de passar pela *Igreja Batista da Lagoinha*, ele foi um dos fundadores da *Igreja da Comunidade Metropolitana* em Belo Horizonte e frequentou a *Igreja Cristã Contemporânea*. Mas, após esse percurso, acabou retornando para a primeira igreja citada.

Roberto também é membro da *Igreja Batista da Lagoinha*, além de fazer um trabalho de conscientização sobre doenças sexualmente transmissíveis e uso de drogas em eventos LGBT. Eu havia o conhecido dois dias antes, no debate *Diversidade sexual e religiões: o diálogo é possível?*, promovido pelo *Centro de Luta pela Livre Orientação Sexual de Minas Gerais* e organizado por Gabriel. O debate teve a mim como mediador e contou com as falas de Roberto, Cássio e Retamero. Cássio é ministro de louvor e dança da *Igreja Cristã Contemporânea*, a igreja em que Eriberto é pastor, mas também já foi membro da *Igreja Batista da Lagoinha*. Retamero é pastor presbiteriano e também da *Igreja da Comunidade Metropolitana*. Ele mora no Rio de Janeiro, mas veio participar do debate a convite de Eduardo, que é pastor da *Igreja*

*da Comunidade Metropolitana* em Belo Horizonte. Naquele dia, Eduardo estava trabalhando como voluntário na parada, junto comigo.

Entre os participantes convidados para o debate ocorrido dois dias antes, apenas Cássio e Retamero eram evangélicos. Roberto havia sido um dos primeiros a pedir a fala depois da exposição dos convidados. Antes de fazer qualquer pergunta, ele reclamou que não se sentia representado pelos evangélicos inclusivos e que gostaria que outros segmentos evangélicos também tivessem sido convidados. Pedi licença a Gabriel, e sugeri que convidássemos Roberto para compor a mesa conosco, para expor seu ponto de vista. Depois do evento, troquei contatos com ele, e combinamos de nos encontrar na parada.

Eu, que fui o mediador do debate e que sou o autor desta pesquisa, também sou homossexual e cristão. Minha visão de mundo, assim como a desses sujeitos, é atravessada por lógicas que perpassam os discursos que aqui analiso. Creio que isso não me torne um pesquisador melhor ou pior para o desenvolvimento desta pesquisa. Mas essa identificação me causou custos e experiências específicas durante meu trabalho de campo, tendo minha subjetividade sido fortemente afetada durante a realização desta pesquisa. Na *Igreja Batista da Lagoinha*, ao ouvir um discurso sobre homossexualidade, senti-me fortemente coagido. Nessa ocasião, fiz a seguinte anotação em meu diário de campo:

Eu me identifiquei profundamente com alguns dos processos apontados, e isso me deixou acuado. Como eu poderia me posicionar criticamente frente a um discurso que fazia todo o sentido em relação à minha própria biografia? No momento, eu tentei elaborar mentalmente contra-argumentos e não consegui. Senti muita vontade de me levantar e ir embora, por não querer aceitar a precisão daquele discurso. Senti um ímpeto de apelar, por não saber responder à altura.

Na *Igreja da Comunidade Metropolitana*, por outro lado, tive experiências religiosas bastante intensas durante a observação participante. No primeiro culto em que estive presente, ao ouvir uma oração que dizia “creio nos Direitos Humanos, na solidariedade entre os povos, na força da não-violência”, emocionei-me e chorei copiosamente. Em dois momentos em que os sujeitos que eu conheci em campo estavam, a meu ver, sendo injustamente atacados por outros, eu me levantei com o objetivo de defendê-los, contando, em frente a esses sujeitos, o que eu havia presenciado e aprendido com eles. Todas essas ocasiões serão devidamente apresentadas ao longo do trabalho, bem como todo o conhecimento produzido em conjunto com esses sujeitos, obtido em campo, e as sínteses que pude realizar como comunicólogo, a partir dessa experiência de pesquisa.

## O MOMENTO DA PESQUISA

O contexto no qual esta pesquisa se insere é o de um intenso conflito entre LGBTs (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros) e evangélicos amplamente explorado pela mídia. Mas que evangélicos? No discurso dos grupos analisados, são os “fundamentalistas”. As imagens de Silas Malafaia, Marco Feliciano, Jair Bolsonaro e Rozangela Justino são evocadas constantemente. Alguns dos embates de maior visibilidade ocorreram devido a discussões legislativas, como o *Projeto de Decreto Legislativo 234*, do deputado federal e pastor João Campos (PSDB/*Assembleia de Deus*), que ficou conhecido como “cura gay”.<sup>2</sup> Esse acontecimento é o mais evocado pelos sujeitos que encontrei para apontar o perfil dessas interações, portanto relembro a seguir um pouco de como ele se desenrolou.

Uma resolução do *Conselho Federal de Psicologia* de 1999 proíbe que os profissionais da área executem terapias que objetivem a conversão da orientação sexual de seus pacientes.<sup>3</sup> Entretanto, tramitou na *Câmara dos Deputados*, desde 2011, um projeto de lei que pretendia barrar essa resolução. Em 2012, o deputado federal e militante LGBT Jean Wyllys (PSOL) e o psicólogo e pastor da *Assembleia de Deus* Silas Malafaia discutiram a questão de forma acalorada numa audiência pública ocorrida nessa casa. Em 2013, foi a vez do deputado federal e pastor Marco Feliciano (PSC), também da *Assembleia de Deus*, assumir a *Comissão de Direitos Humanos da Câmara dos Deputados*, aprovando o projeto – que posteriormente acabou sendo arquivado – e gerando ampla indignação da comunidade LGBT, que pôde ser sentida nas manifestações que ocorreram em diversas cidades brasileiras em junho de 2013. Rozangela Justino é uma psicóloga evangélica que se destaca na defesa dessas terapias.

O caso “cura gay” é especialmente exemplar de como as experiências evangélicas e as experiências da sexualidade provocam interações e dão contorno a coletivos formados por sujeitos dispersos ou organizados, inclusive fazendo-os parecer dois grupos homogêneos pelo antagonismo de seus discursos. Os conflitos têm se dado passando tanto por arenas da política institucional formal quanto da sociedade civil, ganhando ampla cobertura midiática e lugar privilegiado nas discussões contemporâneas em torno de gênero e sexualidade, ao opor perspectivas muito distintas, com características conservadoras e liberais, sobre esses temas.

---

<sup>2</sup> O texto do projeto está disponível em: <<http://www.camara.gov.br/sileg/integras/881210.pdf>>. Acesso em 19 de fev. 2015.

<sup>3</sup> O texto da resolução está disponível em: <[http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/1999/03/resolucao1999\\_1.pdf](http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/1999/03/resolucao1999_1.pdf)>. Acesso em 19 de fev. 2015.

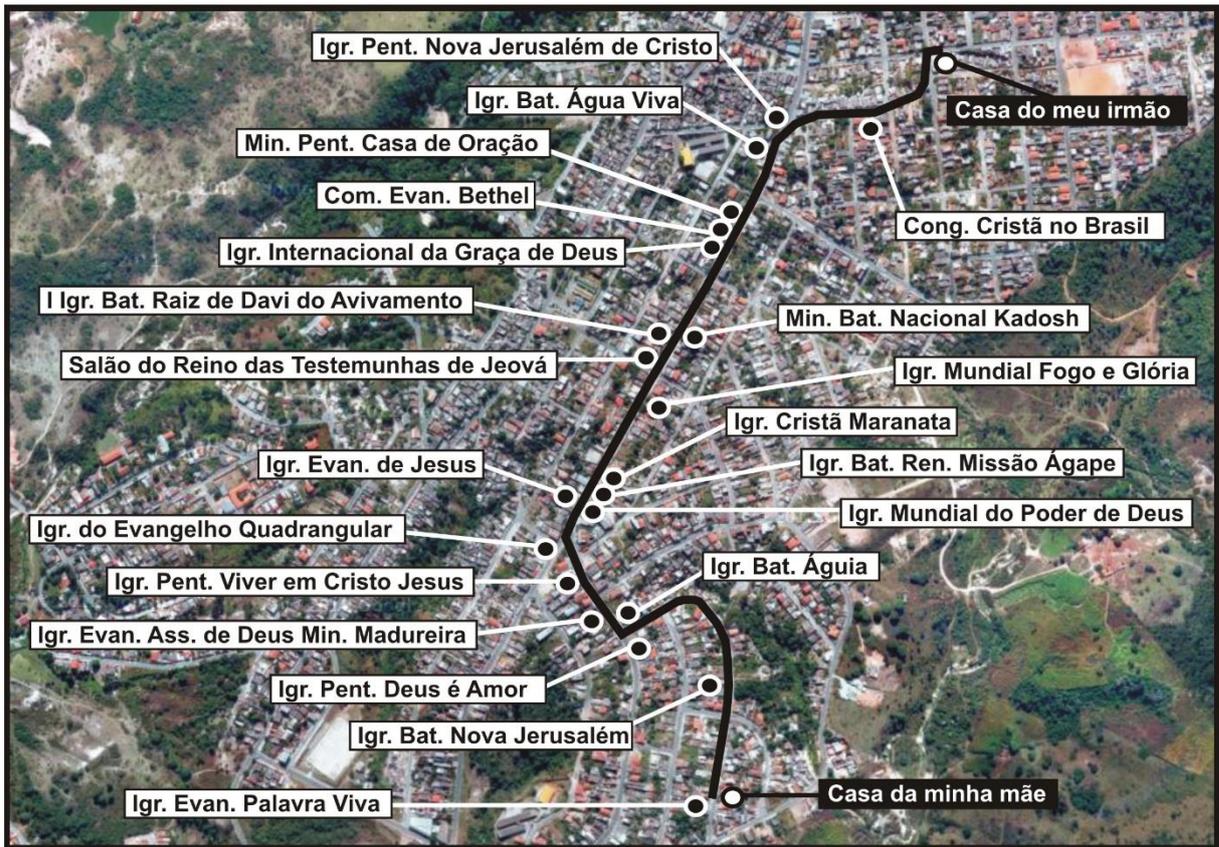
Com o avanço do pentecostalismo (tanto do pentecostalismo tradicional quanto do neopentecostalismo), vertente protestante que possui o maior número de adeptos e a maior visibilidade pública no Brasil, o número de evangélicos no país tem aumentado bastante nos últimos anos. Grupos evangélicos possuem concessões de rádio e TV, conduzem programas em diversas emissoras (como na *Record*, do pastor Edir Macedo, fundador da *Igreja Universal do Reino de Deus*) e contam com a posse de gravadoras e editoras. A *Frente Parlamentar Evangélica* da *Câmara dos Deputados* tinha setenta componentes na legislatura 2011-2015,<sup>4</sup> quando o trabalho de campo desta pesquisa foi realizado. Segundo o *Censo Demográfico de 2010*, os evangélicos já eram, naquele ano, mais de 20% da população.<sup>5</sup> No início de 2013, andando por ruas da periferia de Betim, na Região Metropolitana de Belo Horizonte, entre as casas da minha mãe e do meu irmão, tive uma grande surpresa ao observar o número de igrejas evangélicas presentes no trajeto. Foram vinte, de diferentes denominações, distribuídas por apenas quatro ruas e menos de dois quilômetros, como representado na Figura 1.

Os sujeitos e os movimentos sociais ligados às lutas LGBT, por outro lado, têm alcançado grandes conquistas no que diz respeito à sua representação pública e a seus direitos civis. Em maio de 2011, o *Supremo Tribunal Federal* reconheceu, por unanimidade, a união civil entre pessoas do mesmo sexo. Dois anos depois, o *Conselho Nacional de Justiça* determinou que os cartórios de todo o país passassem a realizar o casamento civil entre homossexuais, e que as uniões até então estabelecidas fossem convertidas em casamento. Em 2005, o *reality show Big Brother Brasil*, um dos programas de maior visibilidade da televisão brasileira, foi vencido por um participante assumidamente homossexual, o jornalista baiano Jean Wyllys. Em 2010, ele foi eleito deputado federal pelo Rio de Janeiro, colocando-se como representante das minorias ligadas a orientação sexual e identidade de gênero. No domínio da ficção, as telenovelas, que se constituem com os programas televisivos de maior audiência no país, têm trazido cada vez mais à tona discussões ligadas aos LGBTs. Em 2013, *Amor à Vida* trouxe a questão da homossexualidade para o núcleo principal da trama, a partir das temáticas em torno da orientação sexual de Félix, uma das personagens centrais da narrativa. Houve, nessa ocasião, a exibição do primeiro beijo entre dois homens em uma telenovela da TV Globo. Esse acontecimento, chamado pelo público de “beijo gay” também foi muito lembrado pelos sujeitos que encontrei.

---

<sup>4</sup> Dado de Vital e Lopes (2012).

<sup>5</sup> Dado do *Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística* (IBGE). Disponível em: <<http://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo?view=noticia&id=1&idnoticia=2170&t=censo-2010-numero-catolicos-cai-aumenta-evangelicos-espiritas-sem-religiao>>. Acesso em 19 de fev. 2015.



**Figura 1:** Igrejas evangélicas e restauracionistas situadas no trajeto de 1,8 km entre as casas da minha mãe e do meu irmão, em Betim.

No ambiente *online*, proliferam *sites*, *blogs*, perfis e imagens nas redes sociais que tratam, comentam, divulgam e criticam informações do mundo religioso e evangélico. Às vezes, esses espaços de interação acolhem acalorados debates em postagens de diversos tipos, mas às vezes valem-se fortemente do humor para suavizar as tensões. A Figura 2 traz algumas imagens relacionadas à figura do pastor Silas Malafaia, que circulam bastante nesses ambientes.

Mas toda interação entre LGBTs e evangélicos tem seguido esses mesmos padrões fortemente dicotômicos que temos visto na mídia? Esta pesquisa, uma etnografia multissituada, aponta que não. Vínculos também fortemente marcados pelo conflito, mas com características consideravelmente diferentes, foram encontrados. Os casos mais evidentes se dão em torno das igrejas evangélicas inclusivas, que são as que reconhecem a homossexualidade e a transexualidade, encontrando caminhos doutrinários para justificá-las e aceitá-las. Mas também foram encontradas soluções individuais, construídas “no íntimo” dos sujeitos, por vezes, de forma clandestina. Percebe-se, em todas as situações observadas, diferentes dinâmicas de expressão e negação entre sujeitos, discursos institucionais e seus contextos. Esses vínculos

apontam que as duas perspectivas não são tão isoladas entre si, havendo diferentes possibilidades de interseção entre elas.



**Figura 2:** *Outdoor* pago por Silas Malafaia no Rio de Janeiro em 2010 e algumas repercussões de seus posicionamentos em forma de crítica e humor.

## A PESQUISA EM SI

Para discutir o problema em questão, optei pela realização de uma etnografia multissituada. Entrei em contato com vinte grupos relacionados a evangélicos e/ou LGBTs. Foram sessenta e seis episódios de inserção em campo, somando-se cerca de cento e cinquenta horas de trabalho, que geraram um diário de campo de quase quinhentas páginas. Creio que foi

um trabalho pretensioso para o curto espaço de tempo de uma pesquisa de mestrado. Mas para o bem ou para o mal, ele foi assim realizado, e o resultado está apresentado nas páginas seguintes.

A pesquisa se adensou em torno de quatro desses vinte grupos, quais sejam o *Centro de Luta pela Livre Orientação Sexual de Minas Gerais*, um grupo de militância que organiza a parada LGBT de Belo Horizonte; a *Igreja Batista da Lagoinha*, uma igreja batista pentecostal de grande relevância na cidade; a *Igreja da Comunidade Metropolitana*, uma igreja evangélica inclusiva de origem estadunidense; e a *Igreja Cristã Contemporânea*, uma igreja evangélica inclusiva de origem brasileira.

Ao longo da realização deste trabalho, eu encontrei uma intrincada teia de discursos, experiências e subjetividades em torno desses quatro grupos. Talvez por uma providência divina, personagens encontrados em cada um deles mostraram-se implicados por todos os demais, e fortes interações entre eles passaram a ocorrer de forma orgânica a partir da minha entrada em campo. É claro que a minha presença entre eles influenciou essas interações, apesar de muitas delas terem surgido por iniciativa deles próprios, reconfigurando meu lugar de pesquisador, meu olhar e minhas perguntas.

O problema desta pesquisa é como os sujeitos e grupos que vivem na fronteira entre experiências e discursos evangélicos e LGBTs sobre sexualidade lidam com suas contradições e propõem suas próprias definições da situação para dar sentido e organizar suas existências e subjetividades. Entretanto, esta pesquisa não se pretende universalista. Ela propõe tratar de situações concretas e localizadas de formação de vínculos entre determinados subjetividades LGBTs e evangélicas. A análise que será empreendida não se pretende representativa de todo o escopo de evangélicos e LGBTs existentes em nosso atual contexto. Pelo contrário, ela pretende apontar como a formação de grupos em torno dessas perspectivas é fractal e como há diversas possibilidades de vínculos a partir delas estabelecidos, evidenciando apenas nuances de algumas dessas possibilidades de vinculação e de alguns modos como essas ambiguidades discursivas são equacionadas pelos sujeitos.

A seguir, o capítulo 1, *Multissituacionalidade*, tratará do percurso metodológico traçado por esta pesquisa. Ele servirá como uma introdução ao processo de pesquisa empreendido e aos universos de significados desses grupos e sujeitos. A seção 1.1, *Etnografia multissituada*, tratará do método utilizado nesta pesquisa, bem como trará apontamentos sobre as escolhas metodológicas realizadas. A seção 1.2, *Categorias sobre sexualidade*, apresentará as categorias usadas pelos sujeitos e grupos analisados para agrupar as diversas identidades sexuais. A seção 1.3, *Categorias sobre cristianismo*, apresentará as categorias usadas pelos sujeitos e grupos

analisados para agrupar as diversas identidades cristãs. A seção 1.4, *Grupos analisados*, apresentará o perfil dos quatro grupos analisados.

O capítulo 2, *Discursos das instituições*, descreverá os discursos institucionais sobre sexualidade encontrados em cada um dos quatro grupos em que esta pesquisa se adensou. Ele tratará as perspectivas a partir das quais os sujeitos a eles relacionados jogam para construir suas subjetividades. A seção 2.1, *IBL: O acolhimento e a cura*, descreverá os discursos encontrados na *Igreja Batista da Lagoinha*. A seção 2.2, *ICC: A igreja e o mundo*, descreverá os discursos encontrados na *Igreja Cristã Contemporânea*. A seção 2.3, *ICM: Os Direitos Humanos e o fundamentalismo religioso*, descreverá os discursos encontrados na *Igreja da Comunidade Metropolitana*. A seção 2.4, *Cellos: O Estado laico bancada evangélica*, descreverá os discursos encontrados no *Centro de Luta pela Livre Orientação Sexual de Minas Gerais*.

O capítulo 3, *Sujeitos e situações*, tratará de dinâmicas de movimento em relação aos discursos institucionais, explorando as subjetividades de alguns sujeitos encontrados nesses deslocamentos; as formas como esses sujeitos lidam com os discursos institucionais, gerando suas próprias definições da situação; e as tensões que se dão nos debates em torno desses discursos. Ele apresentará os dissensos e conflitos que marcam essas interações. A seção 3.1, *Discordar na ICM*, descreverá um debate entre dois membros da *Igreja da Comunidade Metropolitana* com perspectivas muito distintas sobre os LGBTs. A seção 3.2, *Ser gay na IBL*, tratará das estratégias encontradas por um membro *gay* da *Igreja Batista da Lagoinha*. A seção 3.3, *Ser da IBL e do Cellos*, tratará de um membro do *Centro de Luta pela Livre Orientação Sexual de Minas Gerais* que também é membro da *Igreja Batista da Lagoinha*. A seção 3.4, *O Diálogo é possível?*, contará sobre um debate ocorrido entre membros dos quatro grupos em que a pesquisa se adensou, o que proporcionou uma maior interação entre eles.

O capítulo 4, *Conflito nas interações*, fará a análise desse trabalho de campo. Será uma tentativa de colocar em diálogo as teorias nativas oriundas da cosmovisão das instituições e sujeitos pesquisados com algumas teorias sociais sobre conflito. Partindo do conceito de interações, vamos explorar o papel do conflito nelas, especialmente para as definições de situação. Depois trataremos de como os discursos que perpassam esses processos formam coletividades e moldam estruturas de poder. A seção 4.1, *Conflito entre LGBTs e evangélicos*, tentará voltar ao contexto no qual esta pesquisa se situa, para relê-lo a partir dos dados encontrados em campo. A seção 4.2, *O conflito nas interações*, trará as contribuições ao debate de Mead, sobre interações; de Simmel, sobre conflito; e de Thomas, sobre definição da situação. A seção 4.3, *O conflito nas teorias sociais do discurso*, trará as contribuições de Bakhtin, sobre grupos sociais; e de Foucault, sobre poder.

## 1 - MULTISSITUACIONALIDADE

### 1.1 - Etnografia multissituada

Optei metodologicamente, nesta pesquisa, pela realização de uma etnografia multissituada. A etnografia, método caro à Antropologia, vem sendo adaptada de forma bastante produtiva a pesquisas na área de Comunicação Social, como em Almeida (2003) e Campanella (2012). Diferente da etnografia clássica, que consiste numa descrição densa de um único grupo feita depois de um longo período de imersão em campo,<sup>6</sup> a etnografia multissituada ou multilocal, termo cunhado por Marcus e Fischer (1999), propõe-se a investigar diferentes grupos e lugares interconectados entre si, pensando nas relações por eles estabelecidas a partir de dinâmicas que ultrapassam a coexistência em um mesmo local.

Por isso, a descrição de cada grupo e local analisado, bem como a imersão realizada pelo pesquisador em cada um deles, é menor; e o aprofundamento da análise volta-se para o quadro composto pelas relações encontradas ao longo dos deslocamentos efetuados. A etnografia multissituada "requer frequentemente uma mistura estratégica de modalidades etnográficas rasas e densas para caracterizar processos amplos, globalmente distribuídos, que se processam localmente de formas diferentes" (FISCHER, 2011, p. 201).

No caso desta pesquisa, o objeto a ser investigado são discursos evocados por sujeitos na fronteira entre perspectivas evangélicas e LGBTs (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros) sobre sexualidade. A pergunta a ser respondida é como esses sujeitos lidam com as contradições existentes entre essas duas perspectivas, dando sentido às suas experiências e subjetividades. Por isso, entrei em contato com vinte grupos onde circulam sujeitos e discursos LGBTs e/ou evangélicos, tentando encontrar situações de fronteira entre essas duas perspectivas.

Minha ideia inicial foi buscar grupos nos quais eu encontrasse diferentes formas de lidar com as ambiguidades existentes. Nessa fase, os conceitos de local e grupo evocados não se restringiram a espaços de interação face a face, estendendo-se a ambientes *online*. A etnografia digital, feita através da Internet, é uma proposta recente, devido ao curto período no qual esse tipo de dinâmica de interação se estabeleceu, mas já pôde gerar importantes pesquisas como a de Campanella (2012).

---

<sup>6</sup> Definida, por exemplo, por Geertz (1978).

Esta pesquisa se desenvolveu por meio da utilização de três operadores metodológicos: metáfora, conflito e biografia. Eles foram baseados em estratégias etnográficas propostas por Marcus (2001) para o desenvolvimento de etnografias multissituadas. A estratégia de seguir a metáfora é indicada para os casos em que o pesquisador lida com discursos: “Quando o objeto extraído se encontra dentro do âmbito do discurso e das modalidades de pensamento, a circulação de signos, símbolos e metáforas guia o desenho da etnografia” (MARCUS, 2001, p. 119, tradução minha).<sup>7</sup> Em relação à estratégia de seguir o conflito, o autor aponta que “rastrear as diferentes partes ou grupos em um conflito define outra forma de se criar um terreno multilocal na investigação etnográfica” (*ibidem*, p. 121, tradução minha).<sup>8</sup> Marcus (2001) indica, ainda, que a estratégia de seguir a biografia se baseia em acompanhar histórias de vida, enquanto um tipo de trama.

A primeira estratégia etnográfica utilizada foi seguir as metáforas, olhando para os discursos em circulação nos vinte grupos visitados, apreendidos através da técnica de observação participante. Quatro grupos pareciam compor uma gradação que partia de uma quase-aniquilação das subjetividades e experiências sexuais, em favor das religiosas, até chegar a uma situação inversa.

Na *Igreja Batista da Lagoinha* (IBL), uma igreja batista pentecostal, os discursos sobre sexualidade apontavam para a ideia de um “acolhimento” de sujeitos com experiências sexuais desviantes em relação à heteronormatividade, a fim de se estabelecer uma “cura”, um processo de conversão sexual e normatização rígida da experiência sexual desses sujeitos. A partir dos discursos institucionais desse grupo, parecia haver a proposta de uma forte limitação das experiências sexuais em favor das experiências religiosas de matriz doutrinária evangélica.

Na *Igreja Cristã Contemporânea* (ICC), uma igreja inclusiva, os discursos apontavam para uma regulação das experiências de homossexualidades e transexualidades, que, ao se desviarem dos valores tradicionalmente relacionados à família nuclear, associam-se à ideia de “mundo”, que estaria em oposição à “igreja”. A partir dos discursos institucionais desse grupo, parecia haver a proposta de uma abertura limitada às experiências sexuais, buscando o mínimo prejuízo possível das experiências religiosas de matriz doutrinária evangélica.

Na *Igreja da Comunidade Metropolitana* (ICM), outra igreja inclusiva, os discursos proponham uma desnormatização das experiências sexuais, a fim de se buscar o afastamento

---

<sup>7</sup> Do original: “Cuando la cosa trazada se encuentra dentro del ámbito del discurso y de las modalidades de pensamiento, la circulación de signos, símbolos y metáforas guía el diseño de la etnografía.”

<sup>8</sup> Do original: “rastrear las diferentes partes o grupos en un conflicto define otra forma de crear un terreno multilocal en la investigación etnográfica”.

de um “fundamentalismo religioso” e uma defesa dos “Direitos Humanos”. A partir dos discursos institucionais desse grupo, parecia haver a proposta de uma abertura quase total às experiências sexuais, com consideráveis limitações estabelecidas às experiências religiosas de matriz doutrinária evangélica.

No *Centro de Luta pela Livre Orientação Sexual de Minas Gerais* (Cellos), os discursos reivindicavam a independência entre as experiências sexuais e religiosas, através da defesa do “Estado laico”, que estaria sendo ameaçado pela “bancada evangélica”. A partir dos discursos institucionais desse grupo, parecia haver a proposta de uma limitação das experiências religiosas de matriz doutrinária evangélica em favor das experiências sexuais.

Devido a essa suposta gradação, eu busquei um aprofundamento nesses quatro grupos. Para isso, além de continuar seguindo suas metáforas, também passei a seguir os conflitos e as biografias. Segui os conflitos a partir de situações de tensionamento ocorridas dentro dos próprios grupos e de interações entre sujeitos de diferentes grupos. Nessa fase, utilizei as técnicas de observação participante e entrevista.

Entre os conflitos seguidos, destacaram-se três situações: um debate ocorrido na ICM entre um membro chamado Hudson e os demais, a respeito de expressões de gênero; as estratégias de resistência apresentadas por Davi, um membro *gay* da IBL; e o debate *Diversidade sexual e religiões: o diálogo é possível?* entre membros dos quatro grupos. Entre as biografias, destacou-se a de Gabriel, um membro do Cellos, que também é membro da IBL e ex-membro da ICM. Foi possível perceber através dos conflitos e biografias, a existência de uma teia imbricada entre sujeitos, experiências e subjetividades perpassando esses quatro grupos, o que corroborou a pertinência da etnografia multissituada para lidar com o problema em questão. Também foi possível perceber as limitações da concretização dos discursos propostos pelos grupos nas experiências dos sujeitos a eles associados.

As experiências e os dados coletados foram sendo registrados num diário ao longo do trabalho de campo. Na maior parte das vezes, por meio de anotações simultâneas às experiências. Durante duas entrevistas (com Gabriel e com um pastor da ICM chamado Retamero), houve gravação e transcrição das falas. O mesmo ocorreu durante o debate *Diversidade sexual e religiões: o diálogo é possível?*. Nas interações via *Facebook*, os registros feitos pela própria rede social foram copiados posteriormente. Nas visitas explanatórias a diversos grupos realizadas no início do trabalho, algumas vezes o registro ocorreu por meio de memória.

As categorias analíticas que foram usadas para interpretar os dados do trabalho de campo durante a análise foram: heteronormatividade (PRADO; JUNQUEIRA, 2011), interação

(MEAD, s. d.), conflito (SIMMEL, 1983), definição da situação (THOMAS, 1923), discurso social (BAKHITIN, 1981; 1997) e poder (FOUCAULT, 1999a; 1999b; 1999c). A ideia desse percurso teórico é problematizar o papel do conflito nas interações, tanto na formação de grupos e perspectivas, quando na construção do próprio eu individual. A definição da situação seria o elo propriamente comunicacional desse processo. As relações discursivas e de poder atravessariam os sujeitos não só em torno de seus posicionamentos, mas também pelo lado de dentro deles.

Escolhi escrever este texto usando a primeira pessoa do singular. Essa escolha, feita conjuntamente com minha orientadora, pretende ser coerente com a metodologia empregada. Não obstante estar usando essa modalidade multissituacional da etnografia, a base do método segue sendo utilizar a subjetividade como recurso de pesquisa: “a subjetividade do pesquisador está altamente implicada no processo de investigação pois é o contato dela com outras subjetividades a matéria que constitui a produção do conhecimento num movimento de aproximação e afastamento, familiaridade e estranhamento” (OLIVEIRA, 2014, p. 3).

Entretanto, gostaria de esclarecer que isso não faz com que eu deixe de reconhecer que este, como qualquer trabalho acadêmico, tem uma natureza autoral bastante coletiva, uma vez que não apenas minha orientadora participou ativamente de sua condução, quanto contei com inúmeras colaborações de outros colegas da UFMG, especialmente do *Grupo de Pesquisa em Imagem e Sociabilidade* (Gris), do qual orgulhosamente faço parte. Eu atribuo parte significativa da autoria deste trabalho também aos sujeitos com quem me pus em situação de diálogo ao longo da pesquisa.

O processo de etnografia implica vários dilemas éticos. Um deles é a afecção do pesquisador pelos discursos encontrados. Nesse sentido, eu, homossexual e cristão, tive minha subjetividade amplamente afetada por eles, o que gerou inúmeros tipos de emoção e reflexões pessoais sobre sexualidade e religião relacionados à minha própria trajetória de vida. Saber separar essas afecções da objetividade necessária ao trabalho é um aprendizado que se constrói ao longo da pesquisa. Outro dilema é o envolvimento e os afetos construídos com os sujeitos pesquisados. Marcus (2001) evidencia a impossibilidade de não haver engajamento do pesquisador em uma etnografia multilocal:

Ao se realizar uma investigação multilocal, [o pesquisador] encontra-se às voltas de todo tipo de compromissos pessoais contraditórios. Esses conflitos se resolvem, talvez de maneira ambivalente, não ao se refugiar no papel de antropólogo acadêmico distanciado, mas sendo uma espécie de etnógrafo ativista, renegociando identidades em diferentes lugares enquanto aprende-se mais sobre uma parte do sistema mundo [...].

Em certos lugares, parece que se está trabalhando com, e em outros parece que se está trabalhando contra conjuntos de indivíduos em contínua mudança. Essa condição de posições pessoais em contínua mudança, em relação aos sujeitos e outros discursos ativos sobrepostos no campo, gera uma sensação de se fazer mais do que apenas etnografia, e é essa característica o que produz a impressão de se ser ativista para e contra posicionamentos, mesmo a qualquer trabalhador de campo que se considere apolítico. (MARCUS, 2001, p. 123, tradução minha)<sup>9</sup>

Muitas vezes, o campo me trouxe esses dilemas. Em um debate organizado pelo Cellos, alguns sujeitos efetuavam uma dura crítica ao grupo pelo uso do termo “homofobia” na nomeação do evento, acusando o grupo de não estar preocupado com a inclusão de lésbicas e transexuais em seus discursos e ações, por acreditarem que o termo “homofobia” não inclui as manifestações de lesbofobia e transfobia. Os membros do Cellos, que estavam sentados próximos a mim, demonstraram um forte desapontamento com essas críticas. A situação me incomodou muito, pois eu havia presenciado anteriormente a preocupação dos membros com esse tipo de questão. No momento, entretanto, eles pareciam estar sem argumentos para se defender. Pedi a palavra e comentei que o termo “homofobia” nomeava aquele evento, que era anual, há muitos anos, e não havia sido problematizada por nenhuma lésbica ou transexual, durante o planejamento daquele ano, a necessidade de uma mudança. Falei também que, por outro lado, eu havia presenciado uma larga discussão sobre o termo adequado a se usar na parada LGBT daquele ano, tendo o termo homofobia sido substituído, nesse evento, pelo termo homolesbotransfobia. Comentei ainda que, apesar de as reuniões do Cellos serem abertas, poucas lésbicas e transexuais as frequentavam, o que dificultaria o aparecimento desse tipo de demanda. Depois dessa fala, um dos membros do Cellos me cobrou sobre o porquê de eu ter dito, logo que tomei a palavra, que eu não era um membro do grupo. Por estar acompanhando o Cellos desde o início daquele ano, ele me via como um membro, mesmo sabendo da minha condição de pesquisador.

Todo o tempo, vi a mim mesmo estabelecendo julgamentos pessoais sobre os grupos analisados. Mas nessa ocasião, esses conflitos acabaram vindo à tona e me coloquei em favor

---

<sup>9</sup> Do original: “Al realizar investigación multilocal, uno se encuentra con todo tipo de compromisos personales contradictorios. Estos conflictos se resuelven, tal vez de manera ambivalente, no al refugiarse en ser un antropólogo académico distanciado, sino en ser una especie de etnógrafoactivista, renegociando identidades en diferentes lugares mientras uno aprende más sobre una parte del sistema mundo. [...] En ciertos lugares, parece que uno está trabajando con, y en otros parece que está trabajando contra conjuntos de sujetos cambiantes. Esta condición de posiciones personales cambiantes, en relación con los sujetos y otros discursos activos en el campo que se traslapan con los propios, genera una sensación de hacer más que sólo etnografía, y es esta cualidad lo que produce la impresión de ser activista para y en contra del posicionamiento, incluso en todo trabajador de campo que se considere a sí mismo como apolítico.”

de um grupo de sujeitos em relação a outro, em uma interação ocorrida entre eles no campo. Houve momentos, em que a minha intervenção ultrapassou ainda mais os limites que me pareceriam ideias. Um incidente bastante proeminente foi a criação do *slogan* da parada LGBT de 2014. Quando os temas que a parada daquele ano abordaria já estavam definidos pelo Cellos, o grupo realizou um *brainstorming* para colher ideias de possíveis *slogans*. Ideias e sugestões foram solicitadas a todos os sujeitos presentes, e eu, em meio a uma observação participante, participei. Depois dessa reunião, houve uma votação no *Facebook* com três propostas de *slogan* selecionadas pelos membros do grupo, e a sugestão que eu havia dado foi a escolhida pela maioria dos seguidores do Cellos em sua página nessa rede social. Mas, provavelmente, o momento que em efetuei uma ação mais arriscada foi quando, na qualidade de mediador de um debate entre ICC e ICM, promovido pelo Cellos, tive a “cara de pau” de convidar um membro da IBL presente para compor a mesa conosco. A tentação de ter ali os discursos das três igrejas analisadas em embate direto, fez com que me parecesse impossível, naquele momento, não solicitar aos membros do Cellos essa oportunidade. E isso foi feito, é claro, com a permissão de todos os envolvidos.

Durante o trabalho, eu cheguei a adicionar integrantes dos grupos pesquisados no *Facebook*, para observar seus posicionamentos na rede social. Grande parte desses posicionamentos, porém, foram apreendidos a partir de postagens privadas, compartilhadas apenas com as pessoas adicionadas por esses sujeitos, e não publicamente. Questões como essa fizeram com que eu tivesse muitos dilemas sobre que dados observados apresentar e como fazer isso. Resolvi não utilizar os dados provenientes das postagens privadas no *Facebook*. Também optei por retornar aos sujeitos com quem tive conversas privadas e informais, para perguntar a eles se eu poderia utilizá-las. Não acrescentei ao texto final, devido a isso, toda uma sessão que havia escrito sobre a biografia de um sujeito que conheci durante a pesquisa.

Outra estratégia que usei para lidar com as questões éticas foi apresentar os nomes verdadeiros apenas das pessoas com posicionamentos públicos, quando de seus posicionamentos públicos ou entrevistas concedidas. Para as pessoas sem posicionamentos públicos, dei nomes fictícios. Entre todos os sujeitos cujas falas ou ações foram observadas e descritas por mim neste trabalho, apenas os seguintes aparecem com seus nomes verdadeiros: Ana Paula Valadão (pastora), Andréa Vargas (missionária), Anyky Lima (militante), Carlinhos Brasil (militante), Carlos Magno (militante), Gustavo Bessa (pastor), Indianara Siqueira (militante), Lucas Ávila (fotógrafo), Marcio Retamero (pastor), Marco Antonio Torres (pesquisador), Marcos Gladstone (pastor) e Miguel Serra (pastor).

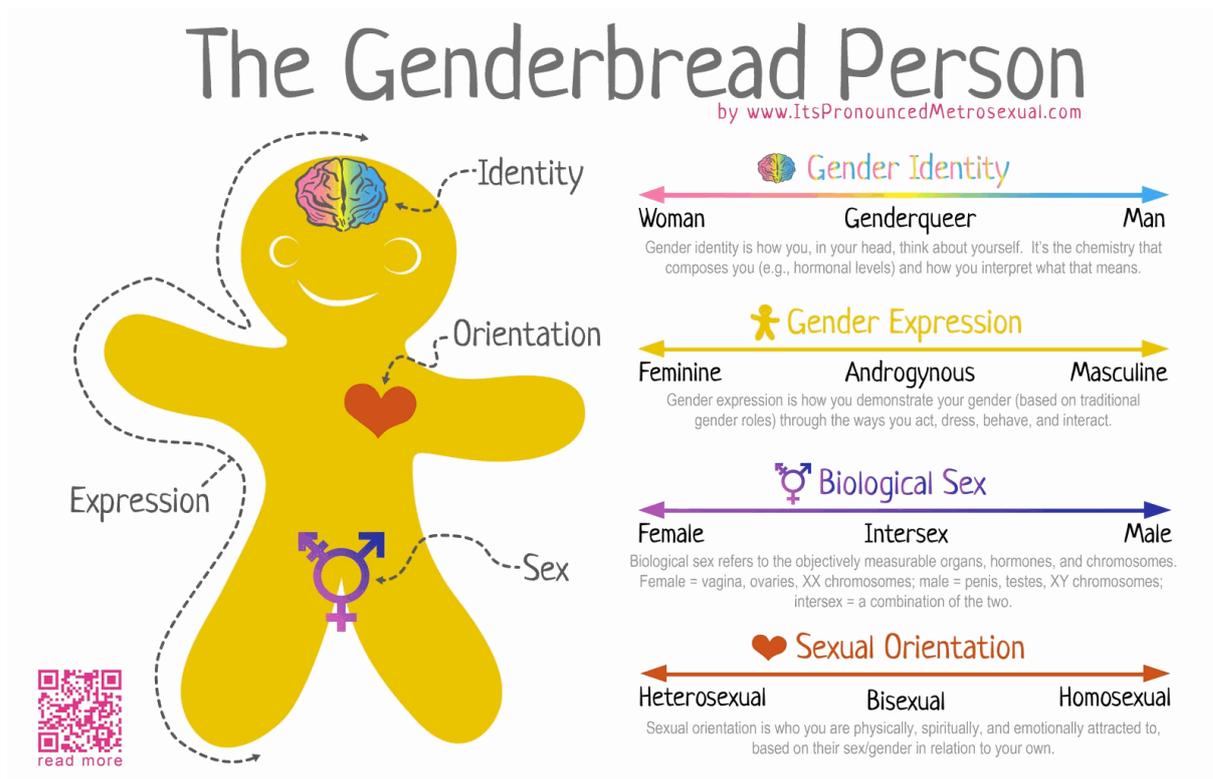
Em vários momentos, os sujeitos se incomodavam com minha atividade entre eles: “O Van não para de anotar”, “Olha o caderninho!”. Mas só uma vez um deles me pediu para não anotar uma fala. Todas essas questões literalmente me tiraram o sono. A respeito delas, publiquei uma postagem em meu perfil no *Facebook*, enquanto finalizava esta pesquisa:

As pessoas compartilham coisas pessoais com você, falam besteiras com você, abrem a vida delas, e você tem que pensar dez vezes sobre o que você deveria ou não falar no texto, sobre o que você precisa ou não falar no texto, sobre como você deve falar o que vai falar. A gente analisa, escrutina, dissecar. E a gente *tá* lidando com gente. Gente a quem a gente se apegar, gente que se apegar à gente. Gente que a gente aprende a amar ou a odiar. Gente que aprende a amar ou a odiar a gente. Gente com quem a gente cria vínculos, amizades, que se misturam com a pesquisa e não se emancipam dela enquanto o texto não fecha. No mínimo, a gente expõe esses sujeitos *pra* si mesmos, e já é terrível o suficiente encarar um julgamento elaborado, em forma de texto público, sobre você, ainda que só você saiba que se trata de você.

A preocupação com a forma como os sujeitos irão se ver no texto se deve antes de mais nada ao compromisso que assumi comigo mesmo e também com eles, no início do trabalho, de enviar-lhes uma cópia da dissertação, depois do término da pesquisa.

## 1.2 - Categorias sobre sexualidade

Nesta seção, apresento as categorias acionadas pelos discursos analisados em relação à sexualidade. É importante ressaltar que os termos e categorizações aqui apresentados foram organizados a partir das categorias nativas dos próprios grupos e sujeitos. Nesta pesquisa, eu parto das categorias nativas dos sujeitos analisados para trabalhar com a cosmovisão dos mesmos, de forma a buscar uma descolonização de seus conhecimentos em relação a categorias impostas. Dentro de sistemas de valores perpassados pelo machismo e pela homofobia, como os que vivemos, quaisquer termos ligados ao feminino e à diversidade sexual sempre podem (e são) usados para deslegitimar indivíduos. Entretanto, alguns termos encontrados em campo tiveram seu uso especificamente voltado para essa finalidade. Esses, entre outros termos, são contestados por alguns discursos por considerá-los ofensivos ou equivocados. Essas questões também serão indicadas nesta seção, em forma de notas. A título ilustrativo, a Figura 3 mostra um exemplo de uso de algumas categorias nativas no discurso de um *site* pró-LGBT. Nos discursos analisados nesta pesquisa, costuma-se organizar a sexualidade a partir de cinco categorias: sexo, identidade de gênero, expressão de gênero, orientação sexual e preferência sexual.



**Figura 3:** Categorização proposta por um popular infográfico chamado *The genderbread person*, de um site estadunidense pró-LGBTs chamado *It's pronounced metrosexual*.<sup>10</sup>

O *sexo* é a forma como o sujeito é designado em relação à sua anatomia sexual externa. Tal designação ocorre ainda no período de gestação do mesmo, ou, no mais tardar, no momento de seu nascimento. Espera-se que o sujeito tenha um entre dois padrões de anatomia sexual externa. A presença do pênis está ligada a um desses padrões, e a presença da vulva a outro. Há sujeitos, porém, que apresentam ambiguidades em sua anatomia sexual, quando de seu nascimento. Frequentemente, são feitas cirurgias nesses sujeitos, após o nascimento, para adequar seus corpos a um desses padrões. Há também cirurgias que podem ser feitas em um sujeito adulto, com a finalidade de modificar sua anatomia sexual, a partir das quais pode ocorrer uma redesignação do sexo desse sujeito. A partir dessa categoria, os grupos analisados costumam classificar um sujeito através dos seguintes termos:

- *Homem, menino* ou *macho*, caso possua pênis.
- *Mulher, menina* ou *fêmea*, caso possua vulva.

<sup>10</sup> Disponível em: <<http://itspronouncedmetrosexual.com/2012/01/the-genderbread-person/>>. Acesso em: 19 de fev. 2015.

- *Intersexual, hermafrodita* ou *neutro*, caso possua ambiguidades em sua anatomia sexual.

A *identidade de gênero* se refere à forma como o sujeito se identifica em relação aos atributos relacionadas ao homem e à mulher, chamados de *gênero*. Os atributos ligados ao homem são chamadas de *masculinidade*. Os ligados à mulher são chamadas de *feminilidade*. A partir dessa categoria, os sujeitos analisados costumam se classificar através dos seguintes termos:<sup>11</sup>

- *Homem, menino* ou *macho*, caso se identifique a partir da masculinidade.
- *Mulher, menina* ou *fêmea*, caso se identifique a partir da feminilidade.
- *Cis, cisgênero* ou *cissexual*, caso tenha sido designado como homem e se identifique a partir da masculinidade; ou caso tenha sido designada como mulher e se identifique a partir da feminilidade.<sup>12</sup>
- *Trans* ou *Transexual*, caso tenha sido designada como homem e se identifique a partir da feminilidade; ou caso tenha sido designado como mulher e se identifique a partir da masculinidade.<sup>13</sup>
- *Travesti, trava* ou *traveco* caso tenha sido designada como homem e se identifique a partir da feminilidade.<sup>14</sup>

---

<sup>11</sup> Há termos desta categoria que não são exclusivos. Há, frequentemente sobreposição dos dois primeiros termos com os dois segundos. Por exemplo: “mulher trans” e “homem cis”.

<sup>12</sup> Esta identidade de gênero é chamada de *cissexualidade*.

<sup>13</sup> Esta identidade de gênero é chamada de *transexualidade* ou *transexualismo*. O termo “transexualismo” é considerado pejorativo por alguns discursos, por ser essa a palavra que designa esse tipo de sexualidade quando ele é tido como um transtorno mental.

<sup>14</sup> Esta identidade de gênero é chamada de *travestilidade*. Todas as vezes em que me deparei com o termo “traveco”, ele foi usado de forma pejorativa, e algumas travestis disseram que o consideram ofensivo. Algumas também consideram ofensivo o termo “trava”, apesar de o termo ter sido usado com naturalidade em diversas ocasiões. Alguns dos sujeitos que foram designados como homens e se identificam a partir da feminilidade não se reconhecem a partir do termo “travesti”. Outros preferem se classificam por esse termo, apesar de também se classificarem, em algumas de suas falas, como mulheres. Há, ainda, travestis que não se reconhecem como mulheres. Em alguns discursos, há distinções de valor entre os sujeitos classificados através dos termos “travesti” e “mulher trans”. Neles, as travestis são por vezes associadas à prostituição. Geralmente associa-se também à travesti a conservação e o não incômodo com o pênis, mas algumas mulheres trans também preferem não realizar as cirurgias de redesignação sexual. O uso dos termos, portanto, encontra-se no regime da multiplicidade e não da nomeação unívoca e universalizante das subjetividades sexuais, e, em geral, depende, como qualquer termo dessa categoria, da forma como o próprio sujeito se classifica, ou seja, do autorreconhecimento.

- *Trans-homem*, caso tenha sido designado como mulher e se identifique a partir da masculinidade.<sup>15</sup>
- *Transgênero* ou *fluido(a)*, caso se identifique ora a partir da masculinidade, ora a partir da feminilidade.<sup>16</sup>
- *Queer* ou *não-binário*, caso se identifique a partir da masculinidade e da feminilidade ao mesmo tempo.

A *expressão de gênero* ou *jeito* se refere à forma como o sujeito se expressa em relação à masculinidade e à feminilidade. Esta categoria depende majoritariamente do ponto de vista de quem procede à classificação. A partir dela, os grupos analisados costumam classificar um sujeito através dos seguintes termos:

- *Masculino(a)*, *homem*, *menininho* ou *macho(a)*, caso elementos relacionados à masculinidade se destaquem em sua expressão de gênero.<sup>17</sup>
- *Feminina(o)*, *mulher* ou *menininha*, caso elementos relacionados à feminilidade se destaquem em sua expressão de gênero.<sup>18</sup>
- *Másculo*, *discreto* ou *bofe*, caso tenha sido designado como homem e elementos relacionados à masculinidade se destaquem em sua expressão de gênero.
- *Afeminado*, *efeminado*, *afetado*, *feminino*, *mulherzinha*, *viado*, *bicha* ou *afetivo* caso tenha sido designado como homem e elementos relacionados à feminilidade se destaquem em sua expressão de gênero.
- *Caminhoneira* ou *caminhão* caso tenha sido designada como fêmea e elementos relacionados à masculinidade se destaquem em sua expressão de gênero.
- *Andrógino(a)*, caso tanto elementos relacionados à masculinidade quanto à feminilidade se observem em proporção similar em sua expressão de gênero.

---

<sup>15</sup> Esta identidade de gênero é chamada de *transsexualidade* ou *transsexualismo*. O termo “transsexualismo” é considerado pejorativo por alguns discursos, por ser essa a palavra que designa esse tipo de sexualidade quando ele é tido como um transtorno mental.

<sup>16</sup> É o caso da *drag queen*, por exemplo, que cotidianamente se identifica a partir da masculinidade, mas que ao se apresentar artisticamente se identifica a partir da feminilidade. Os sujeitos transgêneros designados como homens, no momento em que se identificam a partir da feminilidade, e os sujeitos transgêneros designados como mulher, no momento em que se identificam a partir da masculinidade, também são chamados de *trans*.

<sup>17</sup> Estes termos são usados para quaisquer sujeitos, independente de sua designação sexual.

<sup>18</sup> Estes termos são usados para quaisquer sujeitos, independente de sua designação sexual.

A *orientação sexual* ou *opção sexual*<sup>19</sup> se refere aos objetos do desejo afetivo-sexual do sujeito. A partir dessa categoria, os grupos analisados costumam classificar um sujeito através dos seguintes termos:

- *Hétero* ou *heterossexual*, caso seja homem e sinta desejo por mulheres; ou caso seja mulher e sinta desejo por homens.<sup>20</sup>
- *Homem*, caso tenha sido designado como homem e sinta desejo por mulheres.
- *Mulher*, caso tenha sido designada como mulher e sinta desejo por homens.
- *Homossexual*, *homoafetivo* ou *homo*, caso seja homem e sinta desejo por outros homens; ou caso seja mulher e sinta desejo por outras mulheres.<sup>21</sup>
- *Gay*, *viado*, *bicha*, *boiola*, *maricona* ou *mona* caso seja homem e sinta desejo por outros homens.<sup>22</sup>
- *Lésbica*, *sapatão*, *sapa* ou *gay* caso seja mulher e sinta desejo por outras mulheres.<sup>23</sup>
- *Bissexual* ou *bi*, caso sinta desejo tanto por homens, quanto por mulheres.<sup>24</sup>
- *Pansexual*, caso sinta desejo por outros sujeitos independentemente de eles serem homens ou mulheres.<sup>25</sup>
- *Enrustido(a)*, caso seja homossexual e finja ser heterossexual.
- *Assexuado* ou *Assexual* caso não sinta desejo por ninguém.<sup>26</sup>

---

<sup>19</sup> O termo “opção sexual” é criticado por alguns discursos por defenderem que a sexualidade não é uma escolha.

<sup>20</sup> Alguns discursos consideram para o uso deste termo a classificação como homem ou mulher na categoria sexo, outros na categoria identidade de gênero. Esta orientação sexual é chamada de *heterossexualidade*.

<sup>21</sup> Alguns discursos consideram para o uso deste termo a classificação como homem ou mulher na categoria sexo, outros na categoria identidade de gênero. Esta orientação sexual é chamada de *homossexualidade* ou *homossexualismo*. O termo “homossexualismo” é considerado pejorativo por alguns discursos, por ser essa a palavra que designava esse tipo de sexualidade quando ela era considerada um transtorno mental.

<sup>22</sup> Alguns discursos consideram para o uso deste termo a classificação como homem ou mulher na categoria sexo, outros na categoria identidade de gênero. O termo “maricona” geralmente se refere a homossexuais mais velhos.

<sup>23</sup> Alguns discursos consideram para o uso deste termo a classificação como homem ou mulher na categoria sexo, outros na categoria identidade de gênero. A orientação sexual de lésbicas é chamada de *lesbianidade* ou *lesbianismo*. O termo “lesbianismo” é considerado pejorativo por alguns discursos, por ser essa a palavra que designava esse tipo de sexualidade quando ela era considerada um transtorno mental.

<sup>24</sup> Esta orientação sexual é chamada de *bissexualidade* ou *bissexualismo*. O termo “bissexualismo” é considerado pejorativo por alguns discursos, por ser essa a palavra que designava esse tipo de sexualidade quando ela era considerada um transtorno mental.

<sup>25</sup> Esta orientação sexual é chamada de *pansexualidade*.

<sup>26</sup> Esta orientação sexual é chamada de *assexualidade*. O termo “assexuado” é considerado equivocado por alguns discursos, por se referir à ausência de sexo e não à ausência de desejo sexual.

- *G0y*, caso seja homem, sinta desejo por outros homens, mas não se identifique como *gay* e não seja nem penetrante, nem penetrado nas relações sexuais que exerce com outros homens.

A *preferência sexual* se refere às práticas sexuais que o sujeito prefere realizar. A partir dessa categoria, os grupos analisados costumam classificar um sujeito através dos seguintes termos:

- *Ativo* ou *homem* caso seja penetrante.
- *Passivo* ou *mulher* caso seja penetrado(a).
- *Versátil*, caso seja ora penetrante, ora penetrado(a).
- *Gouine*, caso não seja nem penetrante, nem penetrado(a).<sup>27</sup>

É interessante notar a repetição de alguns termos nas diversas categorias, como “homem”, por exemplo. Isso ocorre, porque, em alguns discursos, homem é apenas quem é macho, cissexual, masculino, heterossexual e penetrante. Esses discursos estão ligados a construções sociais relacionadas ao homem, que por vezes pressupõem esse conjunto de características para ele. O similar ocorre em relação à mulher, que, nesses discursos, é apenas quem é fêmea, cissexual, feminina, heterossexual e penetrada.

As sexualidades desviantes desse padrão costumam ser agrupadas pela sigla LGBT (Lésbicas, *Gays*, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros). Às vezes são adotadas também variantes como LGBTQI para incluir *queers* e intersexuais. Há alguns discursos, porém, que agrupam essas sexualidades desviantes através dos termos “*gays*” ou “homossexuais”.<sup>28</sup> Os preconceitos e violências contra LGBTs costumam ser chamados de homofobia, mas há termos que remetem especificamente a determinadas sexualidades, como “lesbofobia”, “transfobia”, “bifobia” e “*gayfobia*”. O termo “homofobia” pode se referir também apenas ao preconceito e violência exercidos especificamente contra *gays*. Também há termos mais gerais, como “homolesbotransfobia” e “LGBTfobia”.

---

<sup>27</sup> Esta preferência sexual é chamada de *gouinage*.

<sup>28</sup> O uso desses termos é criticado por alguns discursos, por invisibilizar lésbicas, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros.

### 1.3 - Categorias sobre cristianismo

Nesta seção, apresento as categorias acionadas pelos discursos analisados em relação ao cristianismo. É importante ressaltar que os termos e categorizações aqui apresentados foram organizados a partir das categorias nativas dos próprios grupos e sujeitos. Nesta pesquisa, eu parto das categorias nativas dos sujeitos analisados para trabalhar com a cosmovisão dos mesmos, de forma a buscar uma descolonização de seus conhecimentos em relação a categorias impostas. Nos discursos analisados nesta pesquisa, costuma-se subdividir os cristãos entre católicos, restauracionistas e evangélicos. Mas os cristãos não católicos também são chamados de *crentes*.

Os *restauracionistas* mais conhecidos são os mórmons e as testemunhas de Jeová. Os *católicos* são os fiéis da *Igreja Católica Apostólica Romana*. Alguns dos discursos analisados associam aos católicos brasileiros um baixo grau de compromisso com a o rigor na obediência das normas de sua religião; a centralidade dos santos, das imagens e da figura de Nossa Senhora; e a convivência com rituais de religiosidades populares. Os *evangélicos*, *protestantes* ou *reformados* costumam ser divididos entre históricos, pentecostais, neopentecostais e inclusivos. Os termos “protestantes” e “reformados” são mais ligados aos evangélicos históricos, enquanto o termo “evangélicos” pode remeter apenas aos pentecostais e neopentecostais, apesar de ser o termo mais comum para se referir a todos esses grupos ao mesmo tempo.

Entre os evangélicos *históricos*, também chamados de *tradicionais*, encontram-se denominações como a *Igreja Presbiteriana*, a *Igreja Metodista* e a *Igreja Batista*. Alguns discursos analisados associam a eles um comportamento ritualístico formal.

Entre os evangélicos *pentecostais*, encontram-se denominações como a *Assembleia de Deus*, a *Igreja Pentecostal Deus é Amor* e a *Igreja do Evangelho Quadrangular*. Alguns discursos analisados associam a eles um louvor fervoroso, a expulsão de demônios, a centralidade do dízimo, o envolvimento na política institucional formal e posicionamentos morais considerados conservadores.

Existem denominações pentecostais surgidas a partir da influência do pentecostalismo em igrejas históricas, como a *Igreja Batista da Lagoinha*, a *Igreja Batista Nova Jerusalém* e a *Igreja Metodista Pão da Vida*. Essas igrejas são, por vezes, chamadas de *renovadas*. Os membros dessas denominações costumam ser agrupados também junto com os históricos dos quais se emanciparam. *Batistas*, por exemplo, é um termo que geralmente se refere, ao mesmo tempo, aos batistas históricos e aos batistas pentecostais.

Entre os evangélicos *neopentecostais*, encontram-se denominações como a *Igreja Universal do Reino de Deus*, a *Igreja Mundial do Poder de Deus* e a *Igreja Bola de Neve*. Alguns discursos analisados associam a eles a expulsão de demônios, a centralidade do dízimo e a busca dos fiéis pela prosperidade econômica.

Entre os evangélicos *inclusivos*, encontram-se denominações como a *Igreja da Comunidade Metropolitana*, a *Igreja Cristã Contemporânea* e a *Igreja Inclusiva Manancial*. Elas são associadas à aceitação da homossexualidade e da transexualidade. Do ponto de vista doutrinário, algumas inclusivas são associadas por alguns discursos analisados às mesmas características atribuídas às igrejas *neopentecostais*.

Ademais, o termo *fundamentalistas* é usado por alguns grupos e sujeitos para se referir a cristãos com valores conservadores, que têm uma interpretação literal da *Bíblia*.

#### 1.4 - Grupos analisados

Durante o trabalho de campo, visitei vinte grupos relacionados a LGBTs e/ou evangélicos. A pesquisa se adensou em quatro deles. Nos próximos capítulos, os discursos mais importantes para os objetivos desta pesquisa presentes nesses quatro grupos serão abordados. Nesta seção, entretanto, serão apresentados o perfil deles. Já o perfil dos demais dezesseis grupos e os discursos afins às questões desta pesquisa encontrados nas visitas a eles estão descritos no Anexo 1, *Demais grupos visitados*.

**IGREJA CRISTÃ CONTEMPORÂNEA:** TRÊS CULTOS REGULARES, UM ESTUDO DE FORMAÇÃO SEGUIDO DE CULTO E UM CULTO COMEMORATIVO (CINCO VISITAS NO TOTAL).

A *Igreja Cristã Contemporânea* (ICC) é uma igreja inclusiva. Isso significa que ela parte de uma matriz doutrinária e dogmática evangélica, mas não vê nem a homossexualidade, nem a transexualidade como pecados. Ela foi fundada em 2006, no Rio de Janeiro, por um pastor vindo da *Igreja da Comunidade Metropolitana* chamado Marcos Gladstone. Em 2010, a igreja abriu sua primeira sede fora do estado, em Belo Horizonte. Praticamente todos os frequentadores, mais de uma centena, são homossexuais, transexuais ou travestis. Muitos vão com suas namoradas ou namorados. Os membros se autodenominam “homoafetivos”, e sua condição como “homoafetividade”. Apesar da aceitação da homossexualidade e da transexualidade, os modelos de comportamento indicados aos fiéis são rígidos, havendo indicações como o não consumo de álcool e o não comparecimento a “baladas”. Há uma

preocupação grande em se manter uma boa imagem como evangélicos junto às demais igrejas e à sociedade em geral.

Ela possui um perfil neopentecostal, apresentando elementos como a centralidade do dízimo: “Vocês acreditam que tem pessoas que deviam dizimar cinquenta e dizimam dez *pra* enganar o pastor? *Tá* enganando a quem? A Deus?” Em um culto, o pastor lembrou aos fiéis que a igreja estava precisando de ofertas, já que havia planos para a abertura de uma nova sede em Contagem. O pastor lembrou também que as doações poderiam ser feitas via cartão de débito. Sempre se pergunta, retoricamente, na ICC, qual é o milagre que os fiéis querem alcançar. As celebrações na ICC são muito animadas, com bastante louvor e dança e orações fervorosas. Algumas pessoas choram, emocionadas, durante os louvores.

Há uma forte distinção entre igreja e mundo. Os fiéis devem resistir às tentações do mundo dentro da igreja. Os homossexuais que estão dentro da igreja são vistos como tão dignos da salvação quanto os demais evangélicos. O Diabo é o responsável pelas perdas e problemas dos fiéis: “Tudo aquilo que o Diabo roubou de você, todo ouro, toda alegria, o Senhor entrega na sua mão de volta.” O “Tentador” usaria pessoas para nos incentivar a pecar, para nos desviar dos caminhos. Os homossexuais “do mundo” seriam algumas dessas pessoas. Há, nessa igreja, uma referência forte ao *Antigo Testamento* e a Israel. Os homossexuais são comparados ao povo de Israel, que tinha seus direitos negados pelos romanos, mas que foi libertado por Deus. Há também muita preocupação com a salvação e a vida eterna. O Deus de Israel, referenciado no discurso da ICC, é um Deus furioso, que mata os inimigos de seu povo, mas vinga-se dele quando não o obedece. É um Deus referenciado como “O Leão da Tribo de Judá”. As pessoas, entretanto, poderiam escolher entre vencer com Ele, ou morrer, sem Ele. Fala-se em pertencer ao Senhor e a negar-se a si mesmo. Também foi dito, em um culto: “Nós nascemos com uma dívida, herdamos um pecado que vem lá de trás, de geração a geração.” Fala-se que a batalha e o curso pelo caminho árduo são necessários.

Na primeira vez em que fui à ICC, ganhei um chocolate Bis, e me disseram que era para que eu voltasse. A igreja é acolhedora com os visitantes. Logo que comecei a frequentar, o pastor me apresentou ao líder da juventude da igreja, Isaías, que se dispôs a me ajudar com qualquer questão. Em todos os cultos, bíblias são emprestadas aos visitantes para que possam acompanhar as leituras. Os membros da igreja são bem humorados. O pastor faz “piadas internas” nas pregações, e, em um dos cultos, fizeram um bolo surpresa para um dos membros que estava fazendo aniversário. O pastor é casado com outro membro. Ele cumprimenta os fiéis de ambos os gêneros beijando-os no rosto. Em um retiro que a ICC estava organizando, foi dito

que ocorreria um *The Voice gospel*. Eventualmente, há cultos organizados apenas pelas mulheres e travestis da comunidade.

**IGREJA DA COMUNIDADE METROPOLITANA:** UM CULTO REGULAR, UM CULTO DE ORDENAÇÃO DE DIÁCONOS, UM SEMINÁRIO, UM SEMINÁRIO SEGUIDO DE CULTO, UM ENCONTRO DE LOUVOR, UMA EXIBIÇÃO DE CINEMA E UMA ENTREVISTA (SETE VISITAS NO TOTAL).

A *Igreja da Comunidade Metropolitana* (ICM) é uma igreja evangélica inclusiva bastante diferente dos estereótipos que existem sobre as igrejas evangélicas no senso comum. Conheci a ICM através do *Facebook*. A página da ICM de Belo Horizonte costuma compartilhar eventos promovidos pelo *Núcleo de Direitos Humanos e Cidadania LGBT da UFMG*. Também se divulga, nessa mesma página, *links* para que se acompanhe os cultos *online*, através do *site Ustream*. Mas apesar de bastante organizada, a ICM de Belo Horizonte não tem mais que vinte membros frequentes e se situa numa sede muito modesta, que acomoda com dificuldade esse pequeno grupo.

A ICM surgiu nos Estados Unidos, em 1968, e existe em vários países do mundo. Em 2004, ela veio para o Brasil, com uma sede no Rio de Janeiro, e, em 2006, para Belo Horizonte. Ela é uma igreja progressista liberal, com um perfil feminista. Na comunidade que frequentei, o pastor é um homem, mas é dito que mais da metade dos clérigos dessa denominação são mulheres. Uma vez por mês o culto é preparado e celebrado apenas pelas mulheres da assembleia. Há na ICM uma valorização dos perfis *queer*, inclusive havendo pastores *drag queens*. Na que visitei, um diácono usa frequentemente sapatos femininos durante as celebrações.

A ICM também tem um perfil militante, participando ativamente de paradas LGBT e outros eventos semelhantes. Segundo o reverendo Marcio Retamero, líderes da ICM nos Estados Unidos já foram consultores de Direitos Humanos e políticas afirmativas do governo. Nesse país, a igreja está envolvida também com a demanda pelo casamento entre pessoas do mesmo sexo e com o nascimento de algumas paradas LGBT. Ela também está envolvida na organização das paradas LGBT da Romênia e da Rússia, bem como na organização de marchas LGBT na Jamaica. Em Belo Horizonte, alguns membros da igreja foram voluntários na parada de 2014. Alguns também estiveram em um ato pelo dia de combate à homofobia carregando cartazes com frase como “A raiz da homofobia é o fundamentalismo religioso”.

Na ICM, praticamente não é indicado nenhum padrão de conduta aos fiéis. O pastor da igreja costuma fumar na porta do templo. Os ritos do culto são compostos tanto por elementos

que lembram os da Igreja Católica, como a eucaristia, quanto elementos que remontam ao pentecostalismo, como a ênfase nas práticas de louvor. Mas se faz um esforço para desconstruir os dogmas tradicionais em relação aos rituais. As ofertas são precedidas de um discurso que o pastor chama de “lavagem cerebral”, devido ao fato de ele repeti-lo toda semana, mas “necessário para quebrar com os dogmas existentes”. Ele afirma que não há na ICM cobrança de dízimo, mas sim pedidos de oferta, de qualquer valor e não obrigatória; e também que quem doa deve fazer isso sem esperar nada em troca de Deus, porque “Deus não faz barganha”. Há, na ICM, uma preocupação muito grande do pastor em contextualizar os textos bíblicos, apontando elementos da cultura judaica e problematizando as traduções. Os textos são geralmente ressignificados e se aponta para novas possibilidades de leitura não tradicionais. Além dos cultos, a igreja promove seminários, mostras de filmes e sarais. Os fiéis são incentivados a questionar e problematizar os dogmas religiosos. Faz-se referências a filósofos e cientistas políticos.

Critica-se as igrejas consideradas fundamentalistas e aquelas em que haveria enriquecimento dos pastores. É feita uma prestação de contas num mural, e a maior parte da renda provém de doações dos membros mais ativos. Há uma valorização de outras religiões e não se exige que os fiéis se dediquem apenas à ICM. É dito que na igreja que “o católico não é melhor que o evangélico, o umbandista, o ateu”, pois haveria “manifestações diversas de Deus na diversidade humana”. Há um espaço no templo chamado por eles de “centro de empoderamento”. São filmes e livros com temática LGBT a serem emprestados aos frequentadores. O templo funciona como um espaço de sociabilidade. Antes dos cultos, escuta-se músicas não religiosas. No primeiro culto em que fui, houve um bolo de aniversário surpresa para um dos membros. Num culto de ordenação de diáconos, houve bolo, salgadinhos e refrigerante.

**IGREJA BATISTA DA LAGOINHA:** UM CULTO REGULAR, UM CULTO *HOMENS DIANTE DO TRONO*, UM CULTO *HOMENS E MULHERES DIANTE DO TRONO*, TRÊS REUNIÕES *HOMENS DA PROMESSA*, UMA PALESTRA E UMA ENTREVISTA (OITO VISITAS NO TOTAL).

A *Igreja Batista da Lagoinha* (IBL) é uma batista pentecostal. A sexualidade é um dos temas mais abordados nos discursos dessa igreja, havendo congressos regulares sobre a temática organizados por ela. Mesmo no dia-a-dia da igreja, esse tema é central. Há um culto mensal voltado especificamente para as mulheres e outro para os homens. São o *Mulheres Diante do Trono* e o *Homens Diante do Trono*. Eventualmente, há um culto misto chamado

*Homens e Mulheres Diante do Trono*. Nesses cultos, trata-se dos modelos de feminilidade e de masculinidade indicados aos fiéis, das relações entre homens e mulheres (sempre vistas no contexto da heteronormatividade, do casamento e da paternidade/maternidade) e das tentações às quais homens e mulheres são cotidianamente expostos. Há, ainda, um grupo de discussões semanais voltado especificamente para os homens, chamado *Homens da Promessa*. Nele, os homens conversam em pequenos grupos, de cinco ou seis pessoas, sobre suas fraquezas e dificuldades, e são orientados por alguém mais antigo nesse ministério.

A IBL é uma igreja fundada em Belo Horizonte, em 1957. O seu templo principal tem capacidade para abrigar oito mil pessoas, entretanto, os membros da igreja chegam a mais de sessenta mil. Há atividades nos vários ambientes da igreja todos os dias, em diversos horários. A igreja tem mais de duzentos ministérios diferentes. Um deles é o ministério de louvor que deu origem à banda *Diante do Trono*. O ministério e a banda são liderados pela cantora Ana Paula Valadão, que é filha do presidente da IBL, o pastor Márcio Valadão. A *Diante do Trono* tem vários CDs e DVDs lançados e um grande número de fãs pelo Brasil. Graças à banda, a IBL ganhou visibilidade em todo o país. Hoje a igreja tem também uma sede em Niterói, no Rio de Janeiro. A IBL tem uma emissora de TV e uma de rádio, que compõem a *Rede Super*, além de sua própria escola de ensino infantil, fundamental e médio. A escola se encontra ao lado do templo, dentro do qual há também uma livraria chamada *Seara*.

O dízimo tem uma importância central na IBL. As questões relacionadas à vida financeira também são muito importantes no discurso da igreja. Sonegar impostos foi apontado em um dos cultos como um pecado. A resolução de problemas com a conta bancária, a compra de um carro ou de uma casa foram apontados como possíveis graças a serem alçadas pelos fiéis. Em um dos cultos, o pastor brincou, imitando alguns fiéis: “Ah, já *tava* muito bom, agora o pastor tinha que falar de dízimo!” Mas, segundo ele, os presentes tinham que ter a consciência de que é um “privilegio louvar com as finanças” e que eles tinham que ofertar com alegria, apesar de Satanás poder estar “soprando em seus ouvidos: ‘Deus sabe que você *tá* apertado.’”.

As drogas, o álcool, o cigarro, a prostituição, a pornografia e os motéis são considerados índices de pecado. O pastor chamou a atenção dos fiéis que “gastavam mais com essas coisas, sendo escravos do Diabo, do que hoje na igreja”. Um pregador comentou: “Ah, mas os crentes *tão* pior do que as pessoas do mundo...’ Pasmem, eu tenho escutado isso! Que cristianismo é esse onde lojas cristãs não aceitam cheques de cristãos, porque *tão* dando o cano?” Em um culto, Ana Paula Valadão disse que dizimar é devolver a Deus uma parte do que “Ele” nos deu. Ela lembrou que o dízimo é 10% do que ganhamos, e que as ofertas são o valor a mais que o Espírito Santo põe em nosso coração. Ela disse que não havia nenhum constrangimento para

que os fiéis ofertassem, mas lembrou que “ninguém se apresenta diante do Senhor de mãos vazias” e pediu para cada um perguntar ao irmão do lado: “Irmão, você não tem nada mesmo aí para oferecer não?” Segundo ela, as ofertas são uma semente: “Quem semeia muito colhe muito, quem semeia pouco colhe pouco”. Uma pastora, em outro culto, pediu doações para uma família que estava precisando de fraudas (especificamente fraudas “da *Mônica*”). Minutos depois, ela fez uma referência à sua bolsa *Coach*, logo em seguida, ressaltando que “não é apegada às coisas não”. Outro pastor profetizou um milagre: “Quer ver milagre? Vai no banco todo dia, vai aparecer dinheiro até a próxima semana.” A figura bíblica da viúva que doou tudo o que tinha, que eram poucas moedas, é sempre lembrada: o importante não é o valor doado, mas o quanto ele representa em relação àquilo que você tem. Um pastor visitante, depois de sua fala, ofereceu um DVD com seu testemunho, e um óleo para restauração de casamento, que ele estava vendendo.

Há, entre alguns discursos em circulação na IBL, uma preocupação em se ter embasamento em referências científicas e ser responsivo e politicamente correto. O público que frequenta essa igreja é bastante diverso. Há fiéis que vêm de todas as partes da cidade. Incentiva-se muito para que os fiéis convidem mais gente. A igreja é bastante midiaticizada. Alguns cultos são exibidos ao vivo, e o salão principal tem vários monitores de TV espalhados por ele. Alguns membros usam aplicativos de *Bíblia* no celular para acompanhar as leituras, ao invés de uma *Bíblia* impressa. Os louvores são muito animados. As bandas tocam como em *shows*, e a assembleia pula, grita e bate palmas. Nas reuniões do *Homens da Promessa*, há sempre um lanche, com refrigerante, suco e salgadinhos servidos aos participantes.

A teologia da batalha espiritual, segundo a qual os problemas que enfrentamos têm origens espirituais, perpassa os discursos dos pastores. Os acidentes de trânsito que ocorrem em grande quantidade no carnaval foram apontados em um culto como uma maldição. Também foi dito que demônios se escondem dentro das casas. Falou-se de espíritos de “divórcio, rebelião, fofoca.” Questões psicológicas também são vistas como doença espiritual, como a “possessividade no relacionamento”. A “macumba” e figuras como a pomba gira são associadas a esses demônios. A *Bíblia* é apontada como uma arma, a “Espada do Espírito Santo”. Segundo um pastor da IBL, “Satanás treme quando você levanta a *Bíblia*”. A oração e o jejum são considerados também armas importantes.

Há uma crença na obtenção de milagres, ligada à teologia da determinação (“Pedi e tudo vos será concedido”). Num dos cultos, houve o testemunho de uma muda que começou a falar depois de entrar para a igreja. Um líder de louvor, negro e careca, “brincou”: “Deus vai restituir até meu cabelo! Brincadeira, não ligo não, é ruim mesmo, é libertação.” Os pastores também

dizem possuir o dom da revelação, adivinhando os problemas que pessoas da assembleia estão enfrentando.

**CENTRO DE LUTA PELA LIVRE ORIENTAÇÃO SEXUAL DE MINAS GERAIS:** DUAS PARADAS DO ORGULHO LGBT, CINCO REUNIÕES REGULARES, UMA REUNIÃO DE PLANEJAMENTO DE EVENTO, DOIS DEBATES E UM ATO (ONZE VISITAS NO TOTAL).

O *Centro de Luta pela Livre Orientação Sexual de Minas Gerais* (Cellos) não chega a ter vinte membros. Ele surgiu em 2002 e, desde 2005, é quem organiza as paradas do orgulho LGBT de Belo Horizonte. A presidenta da instituição é Anyky Lima, uma travesti, já idosa, muito respeitada e admirada no meio LGBT de Belo Horizonte. Mas o membro mais ativo, que toma a frente na organização e nas decisões do grupo, é Carlos Magno. Ele também é presidente da ABGLT (*Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais*). O Cellos funciona numa pequena sala, e os membros têm muita dificuldade em manter a estrutura e a organização da ONG. Durante um ato, Carlos Magno chegou a pedir contribuições dos participantes para pagar a aparelhagem de som.

Há reuniões semanais, semiabertas, uma vez que qualquer um pode participar, mas precisa se apresentar e dizer de seus interesses em estar ali. Frequentemente os membros que estão com a posse de uma das duas chaves da sala se atrasam, impedindo a entrada dos demais. Uma vez, nenhum dos dois membros com a chave compareceu, impedindo a realização da reunião. Há apenas cerca de dez membros realmente frequentes. Um membro me disse que a administração do *Edifício Acaiaca*, onde fica a sede do Cellos, é evangélica, e que é difícil lidar com ela. Na entrada do edifício, um dos mais conhecidos de Belo Horizonte, há uma livraria evangélica.

A concentração da parada de 2013 ocorreu na Praça da Estação. Havia dezenas de milhares de pessoas na praça, muitas em clima de “pegação”. Algumas delas estavam vestidas com roupas ou fantasias provocantes – como um rapaz usando apenas uma cueca, transparente na parte de trás. Houve apresentações de cantores *pop*, *DJs*, *drag queens* e grupos de dança. Em 2014, o esquema de organização se repetiu, mas o público foi maior: durante a caminhada pela Avenida Afonso Pena, o contingente foi de um milhão de pessoas. Houve algumas brigas durante a caminhada. Carlos Magno disse no trio elétrico: “Essas pessoas que *tão* brigando não são LGBTs, são héteros que vieram atrapalhar a parada.”

A parada de 2013 teve a parceria do *Shopping Uai* e da *Jovem Pan*. Um representante do *shopping* apontou que, apesar de todos estarem bebendo e comendo no local, nenhuma marca

de alimentação ou de bebidas estava patrocinando o evento. Para ele, por preconceito. Carlos Magno acredita que a parada de Belo Horizonte é considerada muito politizada. Há muitos membros do Cellos ligados a partidos políticos, especialmente ao PT.

Num ato pelo dia de combate à homofobia, Carlos Magno denunciou uma tentativa da associação dos moradores do Lourdes de afastar os adolescentes LGBT da Praça Raul Soares: “É lá que os adolescentes LGBT fazem seu rolezinho no fim de semana. É o único lugar que eles têm *pra* socializar, *pra* viver sua sexualidade, sua identidade de gênero, dar pinta. Os pais de hétero querem que os filhos namorem em casa, pais de LGBT querem o contrário.” Nesse ato, defendeu-se que a luta contra machismo, misoginia, homofobia e racismo tem que ser integrada, pois todos eles teriam a mesma matriz. Também foi dito por um militante: “Nós somos naturais, nós fomos feitos assim.” Compareceram ao evento cerca de cem pessoas, e foram feitos, durante a caminhada, três *flash mobs*, nos quais as pessoas se abaixavam, depois levantavam devagar gritando: “Não, não, não à discriminação!” Houve também um minuto de silêncio contra a violência religiosa e um beijaço.

As tensões em torno da representação e da visibilidade das diversas identidades LGBT são frequentes. Durante um *brainstorming* para se pensar em possíveis *slogans* para a parada de 2014, Anyky Lima sugeriu “Vote contra as múltiplas faces da homofobia”. Alguns dos demais membros, entretanto, apontaram que as lésbicas e muitas das travestis e dos transexuais não consideram que o termo “homofobia” contemple as manifestações de transfobia e de lesbofobia. Anyky concordou e também criticou que até hoje a militância LGBT é muito referenciada como “militância *gay*”. Por fim, optou-se pelo uso do termo “homolesbotransfobia”, apesar da crítica de alguns de que ninguém iria entendê-lo. Essa conversa fez com que os membros lembrassem do relacionamento difícil que as diversas identidades LGBT têm entre si. Em uma das reuniões, só havia homens *gays*. Os membros repararam e comentaram isso.

No ato pelo dia de combate à homofobia, um grupo de lésbicas que não participam da ONG teve muito espaço para puxar palavras de ordem. Elas iniciaram algumas como “Que contradição: aborto é crime, homofobia não” e “Estado laico não pode ser machista. O corpo é nosso, não da bancada moralista”. Entretanto, alguns desses gritos desagradaram alguns membros do Cellos. Um deles foi: “Se o mundo fosse cheio de sapatão, ia ser a revolução *das sapatão*. Mas o mundo já tá cheio de sapatão. Então é a revolução *das sapatão*.” Elas também puxaram: “Eu sou pintosa, mas meto bala. Se quiser tapar meu cu com sua *Bíblia*, eu meto bala.”

No mês que antecedeu à parada de 2014, ocorreu a *Primeira Jornada BH Sem Homofobia*, organizada pelo Cellos. Entre os eventos, houve um debate sobre masculinidades lésbicas e transmasculinidades. Ele foi realizado em parceria com o *Núcleo de Direitos Humanos e Cidadania LGBT* da UFMG e com o projeto *Una-se Contra a Homofobia*, da UNA. Cerca de oitenta pessoas compareceram ao local. Os membros da mesa falaram sobre temas como a patologização da transexualidade, a dificuldade de acesso aos serviços de hormonização e intervenções cirúrgicas no sistema público de saúde, a baixa eficácia da cirurgia de redesignação sexual e o problema de acesso aos banheiros públicos. Depois das falas iniciais dos componentes da mesa, houve uma intensa discussão entre os presentes sobre a participação dos transexuais no movimento LGBT.

Os membros da mesa reclamaram da escolha do termo “homofobia” para o nome da jornada. Para eles, esse termo indicaria uma invisibilização das identidades trans e uma hierarquização do movimento, já que as expressões de lesbofobia e transfobia não se enquadrariam dentro do termo. Muitos transexuais e lésbicas, entre os convidados e ouvintes, disseram que não frequentavam o Cellos por não se sentirem bem no grupo. Uma ouvinte transexual disse que frequentava o Cellos até sofrer transfobia por parte de um dos membros. Para ela, os transexuais precisam ser protagonistas, e isso não seria possível em um movimento misto, onde ocorreria apenas tentativas de cooptação, sem se problematizar a transfobia. Na sua visão, no Cellos só há luta pela causa dos homens *gays*. Um membro do Cellos, que estava presente, tomou a palavra para respondê-la, explicando que a pessoa que havia sido transfóbica nessa ocasião já não fazia mais parte do Cellos, e que a nova gestão repudiava o ocorrido.

Outro ouvinte transexual tomou a palavra para falar que havia participado do Cellos Contagem por muitos anos, mas que havia percebido que os transexuais têm que se mobilizar de forma independente. Ele disse: “O movimento LGBT não me representa. Acho ele transfóbico, misógino e machista.” Um *gay* que frequenta eventualmente o Cellos respondeu aos comentários anteriores dizendo que “se as pessoas não estão se sentindo incluídas, elas têm que demandar a inclusão, e não deixar de participar”. Mas uma lésbica que compunha a mesa, disse que “as pessoas trans não têm obrigação de educar as pessoas cis.” Ela acredita que não ir às reuniões “também diz”.

Uma lésbica ouvinte disse que acredita que os transexuais devem sim educar os cissexuais. Ela contou que tinha muitos preconceitos até começar a frequentar os eventos da militância LGBT e, desde então, tem se comovido muito com as causas dos transexuais. Para ela, muitos cissexuais agem de maneiras que incomodam sem nem ter consciência disso. Uma jovem da audiência contou que um amigo que não entendia nada sobre diversidade sexual, mas

que não tinha a intenção de ser ofensivo, perguntou a ela “como é que fala boiola bonito”. Por isso, ela defendeu que as pessoas devem esclarecer a partir de que termo elas querem ser referenciadas: “Eu, que *tô* aqui o tempo todo, *num* sei como fala”. A lésbica da mesa respondeu: “Existem *sites* fonte *pra* você se educar.” Outra jovem pediu aos transexuais presentes para levarem a luta deles até os cissexuais, pois ela nunca tinha tido contato com pessoas transexuais e não sabia o que estava acontecendo com elas, “não é o meu mundo”, mas havia se sensibilizado. Ela pediu: “Se *tá* errado, se é homofobia, venha falar com a gente.” Um rapaz da audiência fez uma das últimas falas: “A ideia de ter que aprender não surge na cabeça do outro do nada. A melhor oportunidade *pra* aprender é com quem é, então vocês não são obrigadas, mas eduquem por favor.”

Muitos desses transexuais estiveram presentes na parada, organizados em torno de um bloco independente, chamado *Stonewall*.

No debate, também se falou sobre a representação da “sapatão” na mídia. Uma lésbica disse que “Filmes de sapatão são uma *bad*. Ser sapatão é uma desgraça. Se forma masculina, então... vai acabar se suicidando, sozinha, na chuva.” Mas alguém lembrou do “casamento de lésbicas” que havia ocorrido há pouco tempo na novela *Em Família*. Uma menina da plateia, posteriormente, lembrou que uma das personagens era bissexual, e não lésbica. Ela reclamou da invisibilização dos bissexuais. Alguém lembrou da presença de Tereza Brant na mídia. Tereza Brant é uma jovem de Belo Horizonte que resolveu adotar uma aparência totalmente masculina, apesar de manter, até certo ponto, sua identidade de gênero feminina.

Criticou-se a visão negativa que se tem em relação a mulheres políticas e esportistas que estariam se masculinizando, “como se fosse um pecado”. Uma lésbica defendeu que, no seu caso, o que ocorreu com ela foi um conjunto de “gêneros masculino e feminino sendo construídos num mesmo corpo, cuja norma dizia feminino e que *graças a alguém* deu tudo errado.” A fala foi sucedida de risos da audiência. Reclamou-se da confusão que se faz entre orientação sexual e identidade de gênero: “Pensa-se: ‘Travestis são tão *gays* que querem virar mulheres.’ É como se, numa escala de zero a dez, dez fosse a travesti e zero o cara da academia.”

## 2 - DISCURSOS DAS INSTITUIÇÕES

### 2.1 - IBL: O acolhimento e a cura

O primeiro culto da *Igreja Batista da Lagoinha* (IBL) no qual eu estive presente não girava em torno de nenhuma temática específica relacionada a sexualidade, mas logo na primeira oração proferida, um dos pastores orou contra os “espíritos do lesbianismo e do homossexualismo”. Um pastor chamado Miguel Serra, que não é da IBL, estava na assembleia. Uma pastora que pregava no altar, durante o culto, apontou para ele e contou que ele era “ex-homossexual e ex-trafficante”, e que sua esposa, que o acompanhava, era “ex-macumbeira e ex-dançarina”. No final do culto, o pastor Miguel Serra foi convidado a subir ao altar para fazer uma oração. Ele deu o seguinte testemunho, divulgado por ele próprio, em seu canal no *Youtube*, algumas semanas depois:

Eu estava lá em Itu esses dias. Saí de um culto abençoado. Eu sou um ex-homossexual. Desmunhecava todo. Tive vários namorados. Fui casado com dois homens. Hoje eu sou casado com uma só mulher.

[A igreja se manifesta positivamente.]

Quando eu dobrei uma esquina lá, a esquina que dizem que é dos homossexuais... Era!

[Alguém diz: “Amém!”]

Eu desci do carro. Quando eu desci do carro, tinha *um* travesti na rua. *Ele* ia sair correndo. Eu disse: “Não vá, não! Eu quero te dar um DVD”. *Ele* pensou que eu ia atacar com a palavra, porque tem gente que ataca com a palavra.

[A seguir, ele imita a travesti com expressão e voz caricaturais.]

“Um DVD?” Eu disse: “É”. Abri o porta-mala, dei o *DVD pra ele*. Depois que eu dei o DVD, eu disse: eu posso te dar um abraço agora? *Ele* disse: “Um abraço?” Eu disse: “É! Posso?”.

[A partir desse momento, ele abandona o tom caricatural ao imitar a travesti.]

*Ele* disse: “Pode”. Eu abracei *ele* e cheguei no ouvido *dele* e disse assim: “Você é especial para Deus, e Jesus te ama muito”.

[Ele faz uma expressão benevolente, e a pastora que também está no altar faz uma expressão de reconhecimento.]

Sabe o que foi que *ele* disse? “Eu precisava tanto ouvir isso.”

A partir desse testemunho é possível observar alguns elementos a respeito dos discursos encontrados na IBL em relação a temas como a homossexualidade e a travestilidade. O primeiro elemento desse testemunho para o qual eu gostaria de apontar é o uso do masculino para se

referir à travesti.<sup>29</sup> Nesse ponto, acredito que seja necessário evidenciar também o uso do feminino que eu estou adotando, baseado na forma como esses próprios sujeitos preferem ser referenciados. O uso do masculino por parte do pastor não é ingênuo. Quase todas as vezes que houve referências a travestis nos discursos que encontrei na IBL, essas referências trataram a travesti como sendo um homem. Assim, fica claro que o elemento que é usado aqui para identificar alguém como homem não é sua identidade de gênero, mas sim seu sexo. Não há nesse discurso uma separação clara entre as questões de transexualidade e de homossexualidade, uma vez que a travesti é tratada como um homem homossexual.

Um segundo elemento central desse testemunho é a afirmação da possibilidade da conversão de homossexuais em heterossexuais. A homossexualidade não é vista como algo intrínseco aos sujeitos, mas sim como um “desvio” reversível. A heterossexualidade é encarada como a única sexualidade natural e aceitável aos olhos de Deus. Para a IBL, todas as pessoas são criadas heterossexuais por Deus, e se desviam desse caminho ao longo da vida, afastando-se da forma como Deus as criou, e, por esse motivo, tornando-se pecadoras. Mas um detalhe muito importante para o qual precisamos nos atentar é que a travesti não é enquadrada no testemunho de Miguel Serra como uma inimiga, mas sim como uma “ovelha perdida”. Seria papel do crente tentar reconduzir essa ovelha de volta ao seu rebanho e ao seu pastor, quais sejam a igreja e Jesus Cristo. Essa é a forma como todas as pessoas consideradas pecadoras pelo discurso da IBL são geralmente tratadas, como é evidenciado neste outro trecho do testemunho do pastor Miguel Serra:

Eu ganhei um monte de mulheres da vida, mulheres de programa, ali no Rio de Janeiro, na Praia de Copacabana, numa antiga boate chamada *Help*. Eu ganhei muitas, pelo menos umas quinze, porque eu cheguei lá, tive coragem de pregar o evangelho. A minha esposa sabe disso.

[Ele aponta na direção de quem está filmando.]

Eu encontro um bêbado na rua, é uma festa *pra* mim. Eu me sento na calçada com eles, boto a mão no ombro deles, prego o evangelho. E um dos últimos que eu fiz isso, terminei de orar, a cachaça saiu do corpo dele.

[A igreja se manifesta positivamente.]

Ame as vidas como a pastora falou. Ganhe almas. Quem ganha alma é santo.

É possível perceber em ambos os trechos de seu testemunho, que a forma adequada apontada por esse discurso para “ganhar a alma” da ovelha perdida é pregando o evangelho

---

<sup>29</sup> Ao longo do texto, eu grifo alguns trechos das falas dos indivíduos analisados, a fim de chamar atenção para elas.

com amor, e não com brutalidade. Também percebe-se uma lógica de “acolhimento”, propondo-se uma boa recepção, uma abertura para aqueles que estão fora dos padrões propostos pela igreja.

O culto no qual houve esse testemunho do pastor Miguel Serra não foi o primeiro contato que eu tive com a IBL. Esse momento ocorreu alguns meses antes, quando fui a uma palestra sobre homossexualidade apresentada nessa mesma igreja. Quem ministrou essa palestra, que teve cerca de 150 ouvintes, foi Andréa Vargas. Ela é membro da *Igreja Missionária Unida do Brasil*, em Rondônia, mas também é missionária em tempo integral na *Missão Avalanche*, que ocorre no Espírito Santo e trata especificamente de questões ligadas à sexualidade. Andréa Vargas é formada em Estudos Bíblicos no exterior e especializada em Aconselhamento Cristão. Algumas de suas falas se assemelham muito às de Miguel Serra:

A gente vai evangelizar *um* travesti assim: “Sabia que, se você não mudar de vida, vai *pro* inferno?” *O cara* sai da favela, ouve piada da comunidade até o ponto de prostituição, tem que se drogar *pra* aguentar, e a gente fala isso *pra ele*? Diferente de quando a gente chega e fala “posso orar pela sua proteção?”.

Essa palestrante afirmou que a homossexualidade é um pecado e não é natural: “Deus não aceita a homossexualidade e nunca vai aceitar, Deus não vai abençoar a união homoerótica”. Em seguida, ela mesma antecipou uma pergunta “Por quê? Porque Deus é *homofóbico*?” e respondeu afirmando que “Deus não detesta a pessoa, mas o ato”. O discurso de que “Deus ama o pecador, mas não o pecado” é fortíssimo na IBL. Segundo a palestrante, “A *Bíblia* não fala que Deus criou ninguém homossexual, fala que Deus criou macho e fêmea: o homem com potencial para desenvolver a masculinidade e a fêmea para desenvolver a feminilidade.” Como se vê por essa última fala, a expressão de gênero também é vista da mesma maneira que a orientação sexual. Há um padrão de expressão considerado natural para os homens e outro para as mulheres. O cumprimento desse padrão é a única maneira de se estar em sintonia com a forma como “Ele” nos criou, aceitando e fazendo “Sua” vontade. Da mesma maneira é o comportamento sexual: o natural e a vontade de Deus é que o sexo ocorra apenas dentro do matrimônio. Havia, entre os presentes, duas meninas abraçadas e alguns rapazes que eu considerei afeminados.

Nessa palestra, apesar de reafirmar o *status* de pecado da homossexualidade, Andréa Vargas ponderou que esse pecado não é mais grave que nenhum outro ligado à sexualidade, e que esses, por sua vez, não são mais graves que outros pecados quaisquer. Ela criticou os

próprios evangélicos que acham que a homossexualidade é o pior pecado de todos, e que dizem coisas como “antes ter um filho que engravide a namorada do que um filho *gay*”, adotando “dois pesos e duas medidas” em relação a diferentes tipos de pecado. Ela criticou também quem só condena “travesti quase pelada na avenida”, mas se esquece dos “maridos que deixam a mulher em casa *pra* ir pegar travesti”. Ironizou ainda os homens que se justificam por terem sido penetrantes: “‘Ah, eu cai, mas fui em quem penetrei!’ Como se fosse menos *gay*!”

Ela também antecipou o argumento de que a *Bíblia* não fala sobre homossexualidade: “Tem grupos pró-homossexualidade que falam que se tiver a palavra ‘homossexual’ tá errado, porque não existia a palavra quando a *Bíblia* foi escrita.” Ela concorda que não havia essa palavra, mas afirma que, apesar disso, a *Bíblia* deixa claro que Deus não permite relações sexuais entre dois homens, citando uma série de trechos bíblicos para sustentar essa afirmação, tanto no *Antigo* como no *Novo Testamento*.

A palestrante afastou a possibilidade de se considerar a causa da homossexualidade como sendo biológica, argumentando que nenhum cientista jamais conseguiu isolar um “gene responsável” pela homossexualidade e que, se a causa fosse hormonal, a aplicação de hormônios “adequados” “resolveria o problema”. Também descartou a atribuição de causas espirituais, apontando que mesmo que um homossexual esteja possuído, sua libertação não é capaz de alterar seu desejo sexual. Ademais, ela defendeu que a homossexualidade não é uma questão voluntária, pois ninguém é capaz de definir por quem se sente atraído, e o homossexual, geralmente, quando se percebe como tal, tenta reprimir e converter seu desejo. Além disso, para ela, as pessoas não devem ser julgadas pelos seus desejos, mas por suas ações: “A gente tem vontade de fazer um monte de coisa o dia inteiro, e ninguém é julgado por isso.”

Ela apontou, então, como causa, uma “disfuncionalidade” no processo de socialização, cuja origem estaria no ambiente familiar. No caso da homossexualidade masculina, o menino não encontraria uma figura masculina próxima que lhe servisse como modelo, podendo não ser submetido a dinâmicas de incentivo e reconhecimento em torno de seu papel de gênero “natural”. Por exemplo: um homem cujo pai foi ausente e que conviveu na infância basicamente com a mãe não teria tido um modelo de masculinidade a seguir, e, por isso, poderia não ter sido inserido em atividades tipicamente masculinas, como “jogar bola”. Entretanto, poderia ter passado a adquirir reconhecimento, a partir de uma “mãe controladora”, em torno de atividades tipicamente femininas, como a limpeza dos utensílios domésticos. Na escola, o “problema” se agravaria: o menino chegaria com um padrão de comportamento feminino e não seria aceito pelos demais, mas, por outro lado, seria acolhido pelas meninas, tendo ainda mais dificuldade para desenvolver sua masculinidade.

Por fim, ocorreria um processo chamado pela palestrante de “busca reparativa”. O homossexual passaria a buscar no outro aquilo que ele acha que não é (masculino) ou não tem (uma figura masculina próxima). É isso o que geraria no sujeito a atração por pessoas do mesmo sexo. A forma de “reverter” o processo seria oferecendo a esse homem modelos “adequados” para que ele pudesse seguir, de forma que a sensação de não ter figuras masculinas próximas ou de não ser masculino se dissipasse, e com isso a atração por pessoas do mesmo sexo. Ela defendeu que, por isso, os homossexuais devem ser “acolhidos” pela igreja, que teria a função de dar instrução e apoio para que o sujeito consiga deixar de ser homossexual, dentro da mesma lógica de amor (e não de brutalidade) indicada também pelo testemunho do pastor Miguel Serra.

Não teve investimento *pra* desenvolver a masculinidade dele? Vai desenvolver aqui no carisma. Como? Convivendo com *homens saudáveis*, que exalam o aroma de Deus. “Ah, mas e se ele se apaixonar por mim?” Vai! O pior é que vai acontecer! Ele vai falar: “Ai, Deus mandou meu varão!”

[Todos riram, inclusive eu.]

Mas você vai explicar *pra* ele que isso que você *tá* dando *pra* ele é que é amor, *coisa que ele nunca teve*.

Ela compara a “cura” do homossexual ao processo de educação de seu filho: “Se o meu filho fez cocô, eu joga a frauda fora e não o filho. Eu quero que ele pare de fazer cocô nas calças, mas eu tenho que ter paciência.” Fazer cocô nas calças, no caso do homossexual, seria “cair” novamente no “pecado”. Na IBL, existe um ministério específico para o acolhimento dos homossexuais, chamado *Gileade*, que promove processos de “cura interior” e “batalha espiritual”. Mas nenhum homossexual é forçado a se “tratar” nesses ministérios, podendo frequentar os cultos normalmente mesmo sem fazer isso.

Andréa Vargas chegou a falar rapidamente de que se reclama que os homossexuais estejam se organizando em igrejas próprias, em referência às igrejas inclusivas, mas que eles “tem que fazer mesmo”, uma vez que não são “acolhidos” pelas demais igrejas. Antes de legitimar o que essas igrejas inclusivas pregam, entretanto, pareceu-me que ela acredita que esse “problema” não pode deixar de surgir enquanto as demais igrejas não passem a “acolher” os homossexuais.

A palestrante não indicou que a homossexualidade feminina ocorreria, similarmente ao caso da masculina, devido à ausência de um modelo de conduta feminina “adequado”. Pelo contrário: ela apontou que os homens homossexuais vêm as mulheres como “divas”, já que elas são seus modelos de conduta, mas que as mulheres homossexuais, por outro lado, têm certa raiva dos homens em geral. Logo, apesar de não ter ficado explícito, pareceu-me que a

homossexualidade feminina estaria necessariamente ligada também a um "problema" de socialização relacionado a figuras masculinas, e não o contrário. Ela chegou a dar, como exemplo, o caso de uma mulher que havia sido estuprada pelos primos na infância, e por isso desenvolveu um bloqueio em relação às figuras masculinas. Outro exemplo dado por ela foi o de uma menina que cresceu ouvindo dizer que o pai queria ter tido um menino.

Para ela, a forma de reverter a homossexualidade feminina seria também dando bons exemplos de conduta masculina, que dissipariam a raiva que essas mulheres sentem pelos homens, permitindo-lhes desenvolver atração por eles. Diferente da "busca reparativa" dos homens homossexuais, elas se interessariam por mulheres por acharem que essas poderiam lhe dar o carinho que os homens não poderiam. Ela deu como exemplo um homem que carrega um caixote pesado para uma lésbica, e ela se sente bem tratada por causa disso:

Ela vai carregar um caixote e ele fala "Eu carrego". Ela fala "Mas eu dou conta". "Eu sei que você dá conta, mas eu carrego. *Eu sou homem, e vou te tratar como mulher, porque sei que você é.*" A voz dela até afina "Nossa, não tô acostumada a ser tratada assim".

O modelo da palestrante parece, portanto, estar completamente centrado na presença ou ausência de modelos de conduta masculina "adequados".

O primeiro aspecto importante a ser destacado em relação a essa palestra é o esforço que tem sido feito pelo discurso evangélico de incorporar elementos do discurso científico para justificar seus posicionamentos. O pastor Silas Malafaia, da *Assembleia de Deus*, também tem recorrido muito a essa estratégia, em suas falas na TV e na Internet, e mesmo em discussões legislativas. Na assembleia pública que ocorreu em torno do projeto conhecido como "cura gay", em 2012, o pastor chegou a questionar a legitimidade do deputado homossexual Jean Wyllys (PSOL) para tratar dessa temática, uma vez que ele possui formação em psicologia e seu adversário político não. Em uma entrevista de Silas Malafaia para o programa de Marília Gabriela no SBT, em 2013, ele evocou uma série de argumentos científicos para defender seus posicionamentos religiosos, questionados na ocasião pela entrevistadora.

Outro esforço importante feito por esse discurso é o de ser responsivo em relação às críticas que vem recebendo. É interessante apontar que, em nenhum momento, a palestrante disse "opção sexual" ou "homossexualismo", diferentemente do que ocorre frequentemente na própria IBL e também em discursos evangélicos fortemente presentes na mídia, como os do pastor Silas Malafaia. Ela também difere de discursos frequentes na própria IBL, ao não considerar que o interesse por pessoas do mesmo sexo seja causado por uma possessão

demoníaca. Outras personalidades midiáticas evangélicas, como o pastor Edir Macedo, da *Igreja Universal do Reino de Deus*, podem ser encontradas na Internet em vídeos nos quais expulsam o “demônio do homossexualismo” do corpo de fiéis.

Andréa Vargas usou também a palavra “homofóbico”, termo pelo qual o discurso LGBT costuma se referir aos evangélicos, para justamente negar essa acusação. Ela também reconhece que a orientação sexual não é uma escolha, uma demanda que vem sendo extensivamente apresentada pelo movimento LGBT. O esforço de responsividade apontado também passa por um processo de reflexividade, que se dá a ver quando Andréa Vargas critica os evangélicos que consideram a homossexualidade um pecado maior que os outros. Esses esforços estão bastante ligados a uma preocupação desse discurso em agregar o “politicamente correto” como estratégia de persuasão. Quando Andréa Vargas falou sobre a “disfuncionalidade” de meninos serem reconhecidos através de atividades como lavar vasilhas, ela logo ponderou: “O problema não é lavar vasilha, mas sim *dentro desse sistema de disfuncionalidade*”.

Mas no discurso de Andréa Vargas, os homossexuais não aparecem apenas como “ovelhas perdidas”. Eles aparecem também como opositores políticos. Além da expressão “grupos pró-homossexualidade”, ela falou de “movimento *gay*” e citou “*sites pró-gay*”. Algumas de suas falas mostram uma clara ideia de disputa e conflito:

Tem um grupo de meninos que *a gente tem perdido pro movimento gay*. Os artistas. “Vira homem, rapaz! Vai jogar bola! Vai brincar na rua!” Mas o cara é artista! Só porque tem o talento dado por Deus *pra ser estilista, pra ser cabeleireiro, pra ser artista, é gay?*

Além da visão do “movimento *gay*” como adversário, vê-se aqui também um esforço de flexibilização em torno dos ideais de gênero: tudo bem fazer atividades tipicamente femininas, desde que o homem conserve uma expressão de gênero masculina. Ela fez piada dizendo que não adianta dar ordens como “para de rebolar, engrossa essa voz, tira esse silicone”, pois não adianta “tirar o fruto cor-de-rosa da homossexualidade” sem “agir na raiz”. Isso não porque os “frutos cor-de-rosa” seriam aceitáveis, mas porque só consertando a raiz é que os frutos também se adequariam.

Ela também tratou de reivindicações políticas do movimento LGBT, como a adoção de crianças por pessoas do mesmo sexo. Ela reconheceu a boa vontade dos homossexuais interessados na adoção, mas questionou a capacidade deles de cuidar bem de uma criança:

O natural seria dizer “*tá* amarrado em nome de Jesus”. Mas por que eles querem? Eles *tão* a fim de amar... Por que a gente não quer? O menino é maior,

negro, doente, não é menininha, loirinha, bebezinha, ninguém mais vai querer... Se a gente amasse mais, resolvia o problema. Como a gente não ama, Deus levanta outros, *ou o Diabo levanta*. Os *gays* são filhos de héteros. A resposta não é casal hétero, é *casal saudável*. E *os gays já têm um histórico de disfuncionalidade...*

Andréa Vargas terminou a palestra com esta oração:

Queremos *abrir mão da visão humanista da homossexualidade*, de que é bom, de que pode... Abençoa o movimento *gay*, os líderes do movimento. Que eles tenham chance de conhecer a *Sua* palavra. Livra-os do *caminho da morte*, de uma *vida de miséria*. Desconstrói a *mentira* na vida dessas pessoas, e coloca *Sua* verdade no lugar. *Queremos que o Senhor os abençoe através de nós, queremos recebê-los, orientá-los.*

Vê-se, nesta oração, que mesmo os homossexuais politicamente organizados em torno de mobilizações sociais, que questionam o discurso evangélico e se apresentam como entrave para seu livre exercício, e por isso são vistos como opositores, adversários; mesmo esses ainda se reenquadram, no final das contas, na figura das “ovelhas perdidas”.

Os ideais de masculinidade e de feminilidade considerados naturais e desejados por Deus, aos quais Andréa Vargas tantas vezes remeteu em sua palestra, são tema central dos cultos da IBL chamados *Mulheres Diante do Trono* (MDT), *Homens Diante do Trono* (HDT) e *Homens e Mulheres Diante do Trono*. O culto MDT, voltado especificamente para o público feminino, é liderado por Ana Paula Valadão, filha do presidente da IBL e vocalista da banda *Diante do Trono*. Seu marido, Gustavo Bessa, lidera o culto HDT, voltado especificamente para o público masculino. Os cultos ocorrem simultaneamente, uma vez por mês. O MDT é transmitido ao vivo pela *Rede Super de Televisão*.

Tentei entrar em um culto MDT, mas não me permitiram. Um homem, que guardava uma das entradas do salão principal da IBL, onde os cultos MDT ocorrem, disse-me que o meu lugar não era ali, mas no tabernáculo, um salão menor, onde ocorre o HDT. Ambos os espaços estavam lotados. O MDT estava comemorando dois anos de existência nesse dia, e havia algumas cantoras *gospel* convidadas, como Fernanda Brum. Apenas via-se algumas poucas crianças pequenas do gênero masculino acompanhando as mães no culto MDT e algumas do gênero feminino acompanhando os pais no HDT, de resto, apenas homens e mulheres em seus respectivos espaços.

No HDT, havia homens de todas as idades e estilos, inclusive adolescentes usando bonés de aba reta e calças coloridas. Um menino sentado perto de mim acompanhava o pai, jogando futebol no *tablet*. Havia uma grande quantidade de homens indo pela primeira vez ao culto,

provavelmente acompanhando suas esposas que desejaram ir ao culto especial do MDT. A masculinidade é extremamente ressaltada no HDT. Há um ritual que se repete várias vezes no qual Gustavo Bessa grita “Cadê os homens?”, e a assembleia responde “Aqui tem homem!”, com uma voz intencionalmente mais grave que o normal e empunhando a mão direita cerrada. Em outros momentos, Gustavo faz perguntas como “Tem homem aqui que vai pro Céu?” ou “Tem homem aqui que vai pro Inferno?”, ao que a assembleia responde “Sim, senhor!” ou “Não, senhor”, como num exército. Os homens presentes, chamados por vezes de “varões”, são referenciados também como machos que “comem o mel e mastigam a abelha”. As figuras do leão e do guerreiro são trazidas nas músicas e nas falas. Entretanto, são feitas críticas a alguns comportamentos tradicionalmente ligados à masculinidade. Foi dito, por exemplo, que o homem tem que chorar quando está precisando desabafar. “Ter agredido a esposa com palavras” também foi apontado com um possível pecado. Gustavo lembrou aos fiéis: “Por mais musculoso que você pensa que é, Deus é maior que isso.”

Para o pastor, para “ser crente” hoje tem que “ser macho”: “*Cês não tão se incomodando de ver homem beijando homem na televisão em pleno horário nobre, não? Sangue de Jesus...*” Ele argumentou, aparentemente “brincando”: “Ser homem cristão hoje é um desafio. É muita mulher. Fizem uma estatística. *Tá* dando 85 mulheres por homem. Olha o assédio que o homem vive.” Com exceção das que são “crentes”, as demais mulheres são apontadas como fonte de tentação e pecado, sendo relacionadas à pomba gira e à personagem bíblica Jezebel, que foi uma rainha que dava ordens ao marido e adorava outros deuses. Jezebel era uma mulher estrangeira que corrompeu o marido; nos testemunhos, um jovem contou que terminou com a namorada quando virou “crente”, porque ela era católica. Gustavo orientou os homens: “Deus sabe que você tem hormônios, desejo sexual, carência sexual, mas a *Bíblia* fala que Deus supre todas nossas necessidades. Mulher que *tá* te seduzindo, dona Maria dando mole pra você na Internet, sai correndo... Pode te chamar de boiola, *gay*, o que for... não interessa.” O pastor propôs um desafio aos homens, uma vez que o final de semana seguinte seria o carnaval: “Sexta-feira, desliga a TV e lê a *Bíblia*.” Mas ele mesmo previu que os fiéis não conseguiriam: “Mas vai ter um momento que o controle vai tar *lá* e você vai ver aquela mulata sambando.” Os homens são apontados como “cabeça do lar”. Os papéis de marido e pai são ressaltados. A responsabilidade sobre a presença da família no culto seria deles: “Quando vier, traz a chave *pra* garantir que todos vieram.” O homem teria, também, um lugar central para Deus: “Todos milagres que Deus fez na terra, ele chamou *um homem pra* ser parceiro dele no milagre.”

No HDT, entregaram-me uma revista do ministério *Homens da Promessa* (HP). Membros do ministério subiram ao altar para convidar os homens a comparecerem às reuniões

semanais do HP. Esse ministério é um grupo de aconselhamento de homens da IBL. Depois de uma pregação, os homens se dividem em grupos com cerca de seis integrantes, sendo um deles um membro da direção do ministério. Eles conversam sobre a pregação e sobre seus problemas e questões pessoais, e o membro da direção do HP aconselha os demais. Fui ao grupo algumas vezes, mas acompanhei apenas as pregações e uma introdução ao funcionamento dos grupos de aconselhamento, feita por um dos coordenadores aos homens visitantes. O grupo aceita a presença de membros de outras igrejas e até mesmo de não cristãos. Nos dias em que fui, o número de participantes variou entre cerca de trinta a sessenta homens. A maior parte deles aparentando ter mais de quarenta anos de idade.

O objetivo do ministério, segundo seus coordenadores, é ajudar os homens a falarem sobre seus problemas, e a encontrarem amigos que lhe deem suporte e bons conselhos. Os homens são apontados como fechados, tendo muita dificuldade para falar de si. Já as mulheres são apontadas como tendo mais facilidade para desabafarem e para fazerem amizades com esse objetivo. Em uma das reuniões, o pastor brincou, quando todos os homens ficaram em silêncio depois de uma pergunta feita por ele: “Ô, bicho que fala é homem, né? Vai na reunião aqui de cima *procê* ver!” No salão principal, acima da sala onde ocorre as reuniões do HP, estava ocorrendo uma reunião de um ministério feminino.

Essa diferença entre homens e mulheres ocorreria porque os homens teriam dificuldade de admitir suas fraquezas, pois seria cobrado muito deles. Os homens teriam uma “carga adicional” por terem que ser líderes. Essa dificuldade de lidar com “o tamanho da responsabilidade de ser homem” acabaria gerando depressão neles, no caso de eles não se abrirem com outros a respeito de seus problemas. O pregador de uma das reuniões entende essa dificuldade: “Cada dia fico mais assustado com o tamanho da responsabilidade de ser homem.” Essa dificuldade seria aumentada pelo contexto em que estamos vivendo: “O mundo está em podridão moral, aprovando casamento de pessoas do mesmo sexo... destruição da sociedade.” Ele contou o caso de um homem que, depois de uma reunião, procurou-o chorando, desesperado, pois seu filho único havia voltado da faculdade, e decidido que ia assumir o “homossexualismo”. Mas ele teria dito ao homem que a possibilidade de que seu filho mudasse estava no amor, para que ele não rejeitasse o filho, para que ele o amasse. Esse amor, no entanto, não significaria aceitar a homossexualidade do filho, mas sim seria um caminho para revertê-la.

Os homens da *Bíblia* são apresentados como exemplos de conduta nas pregações do HP. A eles são associados valores como força e coragem e elementos como a vitória nas batalhas e a obediência total a Deus. A figura das guerras e das batalhas é constantemente evocada. Mas

ao mesmo tempo que é dito que o homem deve ser forte, valente e destemido, também é dito que ele deve ser preventivo, prudente e moderado. Deus é apresentado como uma figura a se temer e a se servir. A obediência a “Ele” seria a chave dos homens bíblicos para conseguir a vitória sobre seus inimigos, e o mesmo ocorreria hoje. A não obediência a Deus, por outro lado, renderia derrotas e castigos. A Figura 4 é uma imagem fortemente associada à IBL. Nela, a ideia de batalha está ligada à fé, em consonância com esses discursos.



**Figura 4:** Adesivo lançado pelo pastor André Valadão, que se tornou um símbolo da IBL.

É enfatizado que os homens devem ser bons pais e maridos, cuidando de suas esposas e de seus filhos. Um coordenador contou a respeito de um homem que foi levado ao HP pela esposa, que estava prestes a se divorciar dele, pois ele era muito “ignorante”: batia nela e nas crianças, tratava-a como uma empregada, nunca havia a levado para viajar. Depois de frequentar o HP, ele teria mudado completamente, e hoje levaria frequentemente a família à pizzaria, ao parque e a viagens.

As mulheres bíblicas são associadas à tentação e ao demônio nas pregações do HP. Partindo de Eva, que teria feito com que Adão comesse o fruto proibido, muitas outras são apontadas como as causadoras dos erros dos homens. É o caso de Sansão, personagem bíblico que tinha uma força descomunal, cuja fonte eram seus cabelos. Ele se desvia do caminho de Deus pela influência de suas esposas: “Ele conhece uma moça filisteia e sua maior fraqueza, e de muitos de nós, aparece... ele gostava de mulheres bonitas, exóticas, estrangeiras.” Os presentes responderam a essa fala com um coro de “misericórdias”. Deus mandava aos judeus que não se misturarem com os filisteus, e, por ter feito isso, Sansão começou a se afastar

“d’Ele”, fazendo coisas proibidas que eram costumes entre os filisteus, como beber. Mas sua esposa o traiu por duas vezes, contando um segredo dele para o povo dela e se casando com outro homem em sua ausência. Ela acabou sendo morta pelo seu próprio povo, e, depois disso, Sansão se envolveu com outra mulher, “mais astuta, mentirosa e venenosa”, chamada Dalila. Ela descobre a fonte da força de Sansão e corta seus cabelos: “Sansão foi enganado por uma única mulher bela e sedutora: esse que é o problema... Como é fácil para nós homens sermos destruídos por uma única mulher, quando essa mulher não é a *nossa*.” Depois de perder sua força, Sansão foi obrigado a trabalhar num moinho: “Um homem tão valoroso... fazendo um serviço que era de mulher...” A palavra mulher é usada como sinônimo de esposa, e o pronome possessivo usado para se referir às mulheres, enquanto esposas, mostra uma certa hierarquia de gêneros. No caso de Sansão, o ato de realizar um serviço feminino é visto como humilhante, devido ao fato de esses serviços serem vistos como inferiores.

Um pregador aconselhou os homens a manterem-se longe da “tentação”: “Se é a Internet que te tenta, fuja da Internet, ponha o computador na sala onde todo mundo *tá* vendo. Se é a TV, fuja. Se é uma colega de trabalho, fuja.” O simples ato de desejar já seria pecado. Entretanto, acredita-se que há um “julgo desigual” para homens e mulheres, pois o homem teria “tendência a cair em tentação na área sexual”. Mas o pregador ensina a evitar a “tendência”: “Mulher chegou falando “*Cê* é tão lindinho”, pedindo carona, corre.” As tentações às quais os homens presentes estariam submetidos seriam sempre em termos da heterossexualidade.

Fui também a um culto *Homens e Mulheres Diante do Trono* (HMDT), voltado para as famílias e tendo Ana Paula Valadão e o marido Gustavo Bessa como pastores. O culto conta com a presença da banda *Diante do Trono*. A imagem de fundo do altar, nesses cultos, que consta na Figura 5, é de um homem dando a mão a um menino, que por sua vez dá a mão a uma menina dando a mão a uma mulher. No lado do homem e do menino, a imagem é verde. No lado da mulher e da menina, a imagem é vermelha. Há nessa imagem uma ideia de masculinidade e feminilidade distintas e se complementando. Há também uma valorização da família nuclear e do processo de ensinamento da masculinidade e da feminilidade de forma “adequada” para as crianças. Ana Paula Valadão conduziu quase todo o culto. Gustavo Bessa, entretanto, falou aos homens a respeito dos cultos mensais: “Você, meu irmão, é quem vai trazer sua esposa, sua noiva, sua namorada, deixar ela aqui e ir *pro* tabernáculo”. O HP estava fazendo dez anos no mês desse culto, e os seus coordenadores subiram ao altar. Foi dito que “nenhum ministério prevalece sem um homem à sua frente”. Os papéis de Ana Paula Valadão e Gustavo Bessa nos cultos HMDT, mostram que a mulher pode ser uma líder de multidões, mas sem deixar de ser submissa ao marido.



Figura 5: Culto *Homens e Mulheres Diante do Trono*, com Ana Paula Valadão e o marido Gustavo Bessa.

## 2.2 - ICC: A igreja e o mundo

Uma das maiores preocupações da *Igreja Cristã Contemporânea* (ICC) é a forma como ela é vista pelas demais igrejas evangélicas. Os membros da ICC desejam ser reconhecidos por todos como evangélicos tão legítimos quanto quaisquer outros. Eles também esperam que, através deles, tanto as demais igrejas reconheçam que a “homoafetividade” não é um pecado, quanto os demais “homoafetivos” vejam neles um exemplo de conduta e os sigam. Mas enquanto nada disso acontece, seu discurso se refere tanto aos evangélicos não inclusivos quanto aos “homoafetivos” não evangélicos como alteridades. “Homoafetividade” é o termo que os membros da ICC usam para designar as relações entre pessoas do mesmo sexo, dando maior ênfase às ligações de natureza afetiva do que às sexuais.

Mas a legitimidade dessa igreja ainda é muito pouco reconhecida entre as demais, e, por isso, às vezes o pastor Eriberto precisa “puxar a orelha” de seu rebanho: “Tem gente que quando fala que é crente tem vergonha de falar que é da ICC...” Em um culto, Eriberto lembrou aos fiéis de que é preciso se comportar como cristão o tempo inteiro: “Imagina se vocês ficassem colocando *funk* ou pagode *pra* ouvir em casa? Um vizinho ia chegar e perguntar: “Ué, meu

irmão, *cê* não era crente?”. Ao pregar sobre uma leitura bíblica, o pastor profetizou: “Ele [Deus] não falou que ia ser fácil. Vai demorar um ano? Talvez demore vinte... O que vai mudar o conceito do mundo cristão e de toda sociedade é nossa postura digna, e não ficar um pouquinho na igreja, um pouquinho no mundo.” Dentro dessa oposição entre “igreja” e “mundo”, todos os que não estão dentro da igreja estão no mundo, e os que estão na igreja precisam o tempo inteiro resistir às tentações do mundo, como as baladas, a “pegação” e o álcool. O corpo é apresentado como “o templo do Espírito Santo” e, por isso, não se recomenda “ir a lugares em que o Espírito Santo não possa entrar.” Eriberto disse que quando entrou numa boate pela primeira vez, “o Espírito Santo gritou: ‘O que é que você *tá* fazendo aqui?’” Afinal, “qualquer lugar fora da presença de Deus está fadado à morte”.

Mas um jovem membro da Igreja, chamado José, ao pregar um dia no altar, reconheceu a dificuldade que é abandonar o mundo: “Quantas vezes a gente cansa, olha *pro* lado e pensa: ‘Aquele meu amigo é tão feliz... só que ele vai *pra* boate sexta, sábado e domingo... porque será que eu não sou tão feliz assim?’” Entretanto, as pessoas precisam abandonar completamente o mundo. Explica-se o motivo: “O pecado é gostoso, dá prazer, mas é transitório.” José explica também: “Deus *tá* te chamando *pra* viver a liberdade, e não a safadeza, a prostituição, a lascívia.” Fala-se em “luta contra a própria carne” e se adverte para que os fiéis não se enganem com as tentações: “O Inimigo não vem com chifre, rabo e garfo, vem flamoso.” Os homoafetivos que não são evangélicos frequentemente são associados ao pecado e às tentações do Demônio. O pastor Eriberto disse, em um dos cultos em que estive presente: “De vez em quando aparecem umas figurinhas aqui na igreja que vêm *pra* fazer pegação”. Algumas pessoas da assembleia responderam dizendo “*Tá* repreendido em nome de Jesus!”, e ele continuou, imitando esses sujeitos: “Vou lá *pra* catar um!”

No IDE (*Instituto de Desenvolvimento Espiritual*) da ICC, um núcleo de formação nos princípios da igreja, um membro chamado Sérgio nos ensinou que a ICC “não é uma igreja *gay*, como falam, é uma igreja evangélica que não discrimina o homoafetivo. É igual a todas. A única diferença é que aceita todos como são”. Mas essa aceitação é limitada, afinal a ICC é uma igreja bastante rigorosa em termos de prescrição de comportamentos. Aponta-se como pecado, em seus discursos, o uso de álcool, de tabaco e de drogas em geral. Sugere-se, como vimos nas falas anteriores, que não se ouça músicas que não sejam *gospel* e que não se frequente baladas. Apesar de quase todos os membros terem *Facebook*, ele também é associado ao Demônio por membros da ICC.

Os discursos da ICC remontam continuamente ao povo de Israel, que era subjugado pelos romanos, mas que foi libertado por Jesus Cristo. Hoje os homoafetivos seriam o povo de

Deus subjogado pelos que não os aceitam, mas que estaria sendo libertado por Jesus Cristo. Esse discurso aponta que os homoafetivos sempre foram vistos como inferiores e não merecedores da graça divina: “Muitos aqui desistiram de ser povo de Deus, porque alguém falou que nós não podíamos. Sabe quando você ama uma pessoa, mas não se sente digno dela? É um sentimento terrível. Nós sentíamos isso em relação a Deus.” Mas, para a ICC, Deus ama os homoafetivos como são, porque foi assim que “Ele” os fez: “Deus te chamou, você era do jeitinho que você é agora. Você já vivia o que você vive hoje, em termos de sentimento. Deus já te conhecia desde o ventre da sua mãe.” Argumenta-se que a *Bíblia* afirma que “contra o amor não há lei”. Em uma ocasião, Eriberto chamou um jovem e disse: “Eu queria com essa idade aqui ter descoberto que Deus sempre me amou, que eu não precisava passar por tudo que eu passei.” José perguntou-se, no dia em que estava pregando: “Quantas gerações de homoafetivos não tiveram acesso ao que temos hoje? Até queriam, mas se afastaram de Deus por acreditarem nos homens.” Os homens aqui são os que diziam aos homoafetivos que eles não agradavam a Deus. José acredita que o “Tentador” procura levar muitos homoafetivos que creem em Deus para o mundo, colocando essa ideia na cabeça deles: “Deus não te aceita, então vai se jogar na rua, vai curtir os prazeres.”

Apesar de Sérgio garantir, no IDE, que a ICC está aberta a todos, “hétero ou homo”, todos os membros que conheci são homossexuais ou transexuais. A maior parte deles são homens *gays*. Há uma pequena parcela de lésbicas, e uma parcela ainda menor de travestis e mulheres transexuais. Não identifiquei nenhum homem transexual nas minhas idas aos cultos e reuniões. Uma mulher que estava assistindo ao IDE pela primeira vez no dia em que eu conheci essa reunião, respondeu a Sérgio que “Deveria ser assim [abrir-se a todos] em todos os lugares [demais igrejas]”, e completou otimista: “*Tá* mudando, engatinhando...” Muitos dos membros vieram de igrejas não inclusivas, entre eles o próprio pastor Eriberto. Lá, eles frequentemente escondiam sua orientação sexual, ou não eram bem vistos pelos demais membros, quando ela se tornava conhecida.

No IDE, os membros da igreja apontaram uma passagem do *Evangelho de Mateus* que comprovaria que Jesus Cristo não considerava a homossexualidade um pecado: “Porque há eunucos que o são desde o ventre de suas mães, há eunucos tornados tais pelas mãos dos homens e há eunucos que a si mesmos se fizeram eunucos por amor do Reino dos Céus. Quem puder compreender, compreenda.” Apesar de a passagem falar sobre eunucos (homens castrados) e não sobre homens homo-orientados, eles afirmaram que essa é a interpretação correta dessa passagem, que teria se desviado ao longo do tempo.

No dia em que José estava pregando no altar, ele discursava sobre uma passagem bíblica do *Evangelho de João* que conta como Jesus salvou Maria Madalena de ser apedrejada. Nessa passagem, os fariseus – antigos estudiosos das escrituras sagradas – falam para Jesus que a Lei de Moisés manda que se apedreje uma mulher pega em adultério. Mas Jesus manda que aquele que não tiver pecados atire a primeira pedra. Apesar de os pregadores da ICC se valerem constantemente de passagens do *Antigo Testamento*, José criticou o apego dos fariseus às antigas prescrições religiosas: “Mas na lei de Moisés *lá, lá, lá, lá, lá...*’ Vira o disco, *né?*” Ele comparou a perseguição dos fariseus a Madalena à perseguição que hoje os homoafetivos sofrem por parte dos evangélicos não inclusivos: “Eles colocaram *ela* na roda, mas também eram pecadores. Quem *tá* sendo colocado na roda hoje? Essa história lhes é familiar? Muitas pessoas hoje que são tidas como de Deus estão sendo usadas pelo Maligno”. Mas José não problematizou a forma como a própria ICC vê os homoafetivos não evangélicos como pecadores.

No aniversário de quatro anos da ICC em Belo Horizonte, o pastor Marcos Gladstone, fundador da igreja, esteve presente no culto comemorativo. O salão estava lotado, com cerca de duzentas pessoas presentes. Os membros de Belo Horizonte fizeram algumas apresentações teatrais, entre elas uma entrevista com ele, na qual o membro que o entrevistava estava fantasiado e imitando a entrevistadora Marília Gabriela. Marcos Gladstone desligou o microfone e falou alguma coisa com esse membro durante a encenação, e, depois disso, ele se apressou em terminar a entrevista. No final da encenação, foi feita uma crítica a Silas Malafaia, pastor da *Assembleia de Deus*, que foi entrevistado por Marília Gabriela em 2013 e fez declarações condenando a homossexualidade. Naquela ocasião, a entrevistadora lhe disse, para concluir a entrevista: “Que o meu [Deus], que eu não sei se é o mesmo seu, te perdoe”. O membro que imitava Marília Gabriela terminou a entrevista com Marcos Gladstone dizendo que, de forma diferente do que havia dito a um pastor “opositor a esse ministério”, ela agora diria para ele: “Que o meu Deus, que eu tenho certeza que também é o seu, te abençoe”.

Houve, na sequência, outra encenação sobre o trabalho de evangelização feito pelos membros da ICC de Belo Horizonte na praça Raul Soares. Nessa encenação, havia um membro fazendo o papel de alguém sendo evangelizado na praça. Esse membro estava vestindo algumas roupas femininas, apontando para um certo estereótipo de como seriam os frequentadores desse local. Depois disso, quando Marcos Gladstone subiu ao altar para fazer sua pregação, a primeira coisa que ele fez foi chamar a atenção dos membros de Belo Horizonte:

Eu sei que vocês fizeram com boa intenção, mas vocês vão me prometer que não vão mais pôr ninguém montado aqui. Esse tipo de coisa gera muita repercussão negativa na Internet. Se é menino, põe de menino. Se é menina o tempo todo, põe de menina. Por coisas como essa que as igrejas ficam mal faladas. Depois dizem que tem *show* de *drags* nos cultos. Acham que é bagunça.

A forma como o *gay* da Raul Soares foi representado aponta para uma crítica às expressões de gênero femininas para homens. Se a ICC de Belo Horizonte faz um trabalho de evangelização na praça Raul Soares é porque acredita-se que ali há homoafetivos “do mundo”, que precisam conhecer a palavra de Jesus para terem a oportunidade de se converterem à igreja. Como os homoafetivos do mundo, no discurso da ICC, estão associados ao pecado, essa caracterização fica subentendida como inadequada. Até porque não é assim que os próprios membros dessa igreja se caracterizam: os homens só vestem roupas masculinas e as mulheres e travestis apenas roupas femininas. O modo como Marcos Gladstone criticou essas encenações também mostra, além de uma grande preocupação com a forma como a igreja está sendo vista, um julgamento de que esse tipo de expressão de gênero é inadequado, uma vez que ele se refere a possíveis apresentações de *drag queens* como “bagunça”. Há, portanto, um forte binarismo de gênero nesses discursos.

Vê-se, assim, que a orientação da ICC é para que os homens homoafetivos evangélicos sejam como quaisquer outros “varões” de outras denominações, em termos de sua expressão de gênero. Mas as travestis e mulheres transexuais são vistas como mulheres. O que define alguém como mulher na ICC, portanto, é a identidade de gênero e não seu sexo. No final do culto, o pastor Eriberto pediu desculpas a Marcos Gladstone por esse equívoco e fez com que todos os membros envolvidos na preparação dessas encenações também pedissem desculpas. Alguns resistiram por alguns segundos, fazendo expressões de contrariedade, mas depois pediram desculpas. A valorização da família nuclear pode ser vista na Figura 6, imagem de divulgação desse culto, que apresenta uma foto de Marcos Gladstone ao lado de seu marido, Fábio Inácio, e de seus dois filhos adotivos.

Os modelos bíblicos de conduta da ICC são masculinos. Em um culto, uma travesti disse à assembleia que Davi era um modelo a ser seguido. O pastor Marcos Gladstone, fundador da ICC, no aniversário de quatro anos da igreja em Belo Horizonte, lembrou-se de Elias: “Um grande homem que desafiou e matou todo mundo.” Durante meu trabalho de campo, a ICC estava promovendo um retiro, o “Retiro dos Valentes”, com uma espada na imagem de divulgação. Vê-se, portanto, uma valorização de elementos ligados a uma masculinidade tradicional. Em um canto entoado no culto de aniversário, ouvi-se: “Geração que não tolera

Jezebel; que renuncia ao pecado, mas ama o pecador; que ora como Daniel.” Jezebel, a rainha bíblica idólatra e controladora, é bastante mal quista na ICC. Nesse mesmo culto, Marcos Gladstone pediu para a assembleia repetir: “Macabi morreu!” Depois disse: “Ui *pra* ele!” Então pediu para que repetissem: “Jezebel também morreu!” Ao que ele disse “Aleluia!” A palavra Macabi faz referência aos macabeus, “traidores” que iniciaram uma revolta contra o povo de Israel.

**Figura 6:** Imagem de divulgação da celebração dos quatro anos da ICC em Belo Horizonte.

Antes de fundar a ICC, Marcos Gladstone esteve envolvido na vinda da *Igreja da Comunidade Metropolitana* (ICM) para o Brasil. Entretanto, em nenhum momento desse culto comemorativo, que retomou toda a história da igreja, isso foi mencionado. O início da história contada remete a uma revelação de Deus para Marcos Gladstone, a partir da qual ele fundou a ICC. Entretanto, o próprio Marcos Gladstone, ao fazer sua pregação, disse que “o Inimigo coloca alguém dentro [da igreja] que pensa diferente”. A ICM não foi citada nenhuma vez em nenhum dos cultos da ICC em que estive presente.

Há também, na ICC, o reforço de alguns estereótipos relacionados à feminilidade. Em um dos cultos, o pastor Eriberto fez uma piada sobre as dificuldades no relacionamento entre duas mulheres: “Uma quer conversar, outra não quer, aí se as duas quiserem, só Jesus...” Todos riram. Nos discursos da igreja, as pessoas são comparadas a noivas e Jesus ao noivo. As noivas deveriam ficar prontas para recebê-lo, permanecendo puras, enquanto ele pode chegar a qualquer momento. Só as puras irão se casar com ele. A metáfora se refere à conquista da vida eterna, quando do retorno de Cristo, que ninguém sabe quando irá acontecer, mas todos devem estar preparados, e para isso devem permanecer “puros” como as noivas devem ser, inclusive os homens.

O primeiro contato que eu tive com a ICC foi num na parada LGBT de Belo Horizonte, em 2013. Eles subiram ao palco do evento para divulgar a igreja. Em 2014, o pastor Eriberto postou de forma pública em sua página do *Facebook* um pedido para que qualquer membro disponível fosse com ele à Parada LGBT de São Paulo daquele ano. Ele completou: “É um momento de grande luta e conquista. É saquear o inferno e tomar tudo que é do Senhor!”. O inferno referido aqui é a parada e seu ambiente de promiscuidade, a partir da visão da ICC.

### **2.3 - ICM: Os Direitos Humanos e o fundamentalismo religioso**

Logo que entrei na *Igreja da Comunidade Metropolitana (ICM)* pela primeira vez, deparei-me com uma série de murais que explicam sua proposta. A ICM apresenta como um de seus princípios básicos a luta pelos Direitos Humanos. Vários cartazes ali presentes reforçam esse discurso. Havia um cartaz de reivindicação pelo Estado laico e outro da campanha de combate à transfobia *Olhe, olhe de novo, e veja além do preconceito, do Núcleo de Direitos Humanos e Cidadania LGBT da UFMG*, em parceria com o *Ministério da Saúde*. Mas dentre todos os cartazes presentes no local, o que mais me chamou a atenção continha o seguinte texto: “As vadias vos precederão no reino de Deus’ *Mateus 21:31* – Mulheres lésbicas, bissexuais e heterossexuais unidas pelo direito da mulher usar o corpo como quiser”. Esse texto faz referência a uma passagem bíblica na qual Jesus teria sugerido a um grupo de sacerdotes que, apesar de eles terem prometido fazer a vontade de Deus, não cumpriam com sua palavra; enquanto que as “meretrizes”, sem o prometer, faziam Sua vontade.

É claro que essa é uma das interpretações possíveis para esse texto, já que é também possível compreender que as “meretrizes” às quais Jesus se referia eram as que justamente haviam deixado de ser “meretrizes”. Mas a ICM busca novas interpretações dos textos bíblicos e tem um posicionamento fortemente feminista. Nos murais que falavam sobre a igreja, havia

a indicação de que mais de cinquenta por cento do corpo de clérigos da ICM é composto por mulheres. Mesmo em Belo Horizonte, onde o pastor Eduardo é o responsável pela comunidade, em toda última semana do mês, são apenas as mulheres que prepararam e conduzem o culto. Nenhuma mulher transexual ou travesti faz parte do grupo de membros frequentes da ICM de Belo Horizonte, mas elas também são consideradas como mulheres pela igreja. A Figura 7, imagem de divulgação da ICM, indica a proposta inclusiva da igreja.



Figura 7: Imagem de divulgação da ICM.

A primeira vez em que estive em um culto da ICM, ouvi uma explanação do pastor Eduardo sobre um texto do *Evangelho de João*. A passagem era sobre uma samaritana para quem Jesus pede água em um poço. O pastor Eduardo explicou que, geralmente, o fato de Jesus ter dito à samaritana que ela havia tido seis maridos é visto como um “puxão de orelha” dado por ele. Mas Eduardo acredita que o que Jesus estava fazendo ao dizer isso é, na verdade, apontar para a força dessa mulher, que quebrou com as regras de sua época para lutar por sua realização amorosa. Para ele, o fato de Jesus ter quebrado muitas regras ao falar com ela (judeus e samaritanos não eram afeitos uns aos outros, e um homem não deveria conversar desacompanhado com uma mulher desconhecida), apontaria que essa é a única interpretação coerente da passagem. O pastor Eduardo defendeu que Jesus nunca foi moralista, e que ele queria dizer, com sua fala para a samaritana, que dogmas e doutrinas promovem um contato

muito superficial e externo com Deus, e o contato verdadeiro seria de outra natureza. Por fim, ele defendeu que Deus é sempre amor, misericórdia e salvação, e nunca condenação.

Os membros da ICM se referem a si mesmos como evangélicos, sem fazer nenhuma distinção de legitimidade entre si e as demais denominações em relação ao uso desse termo. Entretanto, faz-se distinções de subgrupos dentro dos evangélicos, em relação aos quais ela se posiciona. Os três grupos referenciados nas reuniões em que estive presente são os neopentecostais, os “fundamentalistas” e as demais igrejas que se autodenominam inclusivas. Os neopentecostais são associados à teologia da prosperidade (ideia de que Deus concede bens materiais aos fiéis, a partir do dízimo e do bom comportamento), bastante criticada por seu individualismo e materialismo; e ao enriquecimento ilícito em torno da exploração dos dízimos de fiéis. Os “fundamentalistas” são associados à homofobia, à misoginia e ao racismo. Alguns vieram de igrejas que eles consideram ter esse perfil. Segundo Vicente, falaram para ele em sua antiga igreja: “Ou você vive sua sexualidade ou a abandona e segue conosco.” Ele afirma que tinha várias funções lá, que lhe foram tiradas. Os “fundamentalistas” também são associados à bancada evangélica na *Câmara dos Deputados*.

Algumas igrejas batistas já foram citadas como exemplo de fundamentalistas nos cultos. Um importante reverendo da ICM, chamado Marcio Retamero, vem de uma família batista, tendo pastores que permanecem nessa denominação entre seus familiares. Retamero mora no Rio de Janeiro, mas circula muito entre as sedes da ICM pelo país. Ele escreveu alguns livros que são usados como base pela igreja no Brasil. No período em que desenvolvi a pesquisa de campo, ele esteve presente em Belo Horizonte três vezes. Na primeira celebrando um culto na ICM, na segunda oferecendo um seminário na igreja, e na terceira participando de um debate promovido pelo *Centro de Luta pela Livre Orientação Sexual de Minas Gerais* (Cellos). Em uma entrevista, ele me disse que continua tendo muito contato com as igrejas batistas históricas e que há posicionamentos inclusivos dentro delas. Retamero me disse que tem um cargo na *Aliança Batista do Brasil*, que é, segundo ele, “a esquerda dos batistas”: “Eu faço um elo entre os inclusivos e os não inclusivos. Minha missão é explicar a inclusão para aqueles que ainda não entendem a inclusão, dentro da *Aliança Batista do Brasil*.” Em seu seminário, ele fez referência, rindo, a “uma cantora mineira”, que ele não quis dizer o nome, mas que “Deus teria feito se ajoelhar e imitar uma leoa”. Procurei no *Youtube* o tema, e achei um vídeo de Ana Paula Valadão, da *Igreja Batista da Lagoinha* (IBL), fazendo uma *performance* semelhante.

De qualquer maneira, a relação entre todos os evangélicos terem o mesmo *status*, apesar das perspectivas diferentes, pode ser vista nesta fala do reverendo Marcio Retamero:<sup>30</sup>

*Maria, para alguns de nós a Nossa Senhora, ela tem muito a nos ensinar, e nós evangélicos bestas esquecemos ela, por causa da misoginia das igrejas fundamentalistas. Achem que se falarem de Maria já vão estar idolatrando ela. Mas idolatram a Bíblia, ao invés de adorar o Deus do qual ela fala.*

Vê-se nessa fala de Retamero que, apesar de a ICM se posicionar como evangélica, ela nem se quer faz uma distinção de legitimidade entre evangélicos e outros cristãos, como os católicos. Mas se a ICM não faz distinção de legitimidade em torno dessas questões, ela o faz em torno do uso do termo “inclusivo”. A ICM é a primeira igreja a utilizar essa rubrica, tendo surgido há quase cinquenta anos, nos Estados Unidos. Recentemente, seguindo a onda de surgimento de igrejas neopentecostais no Brasil, têm sido criadas aqui muitas igrejas que também passaram a se autodenominar inclusivas, devido ao fato de não considerarem a homossexualidade e a transexualidade pecados. Mas para os membros da ICM, isso não é o suficiente para que uma igreja seja considerada inclusiva, pois eles acreditam que essa inclusão é muito restrita.

Por isso, o reverendo Marcio Retamero tem questionado se a ICM deve continuar usando esse termo, porque isso estaria fazendo com ela fosse “confundida” com essas outras denominações. Ele se refere aos membros da ICM como “radicalmente inclusivos” ou “progressistas liberais”. Também refere-se a si mesmo como “humanista cristão”. Alguns membros se referem abertamente à *Igreja Cristã Contemporânea* (ICC), para criticar a limitação de sua inclusão e seu alto dogmatismo. Há membros da ICM que anteriormente frequentavam a ICC, e até alguns que ainda circulam entre as duas. Retamero considera essa igreja uma “fundamentalista gay”.

Apesar de o reverendo usar a palavra “evangélico” com frequência para se autodenominar, ele diz que ela também “tem um peso muito negativo” para ele, e que gosta mais das palavras “protestante” ou “reformado”. Essa aversão estaria relacionada também à não identificação com os posicionamentos de determinados grupos evangélicos. As palavras que ele prefere remetem mais aos evangélicos históricos, com os quais ele tem um maior diálogo, do

---

<sup>30</sup> Nesta seção, sempre que as falas de Marcio Retamero apresentadas forem referentes à entrevista que ele me concedeu, isso estará indicado no texto. Caso contrário, as falas serão referentes às visitas de observação participante que realizei na ICM.

que aos pentecostais e neopentecostais. Esse diálogo com os históricos não se dá apenas com os batistas, já que Retamero também é pastor presbiteriano.

Os membros da ICM não costumam se referir a si mesmos como um grupo de LGBTs convertidos, apesar de a imensa maioria dos membros serem LGBTs. A ICM considera natural a indefinição de gêneros e identidades sexuais. Há membros que consideram sua identidade de gênero *queer* ou fluida. O reverendo Retamero, às vezes, se refere com naturalidade a si mesmo usando o feminino (“Eu sou desesperada”). Ele também já se referiu a Deus no feminino: “Senhor Deus que é nosso pai, nossa mãe.” Além disso, em alguns cultos em que estive presente, o diácono Elias estava usando salto alto. Antes de iniciar um louvor, ele questionou: “Esse é um objeto relacionado ao feminino, que para a sociedade me denigre como homem. Se tiro, eu volto a ser homem. E o ser humano, onde fica? São os objetos que ele usa?” A ICM também não faz distinção entre os LGBTs evangélicos e os não evangélicos, em torno de uma suposição de tipos de comportamento ou de legitimidade de suas práticas afetivo-sexuais. De qualquer maneira, quase não se prescreve nenhum tipo de comportamento na ICM. Apenas se incentiva a observância de alguns valores considerados cristãos, como o perdão, a misericórdia e o respeito. O próprio pastor Eduardo fuma na entrada da igreja, durante os intervalos das reuniões. Retamero me disse em entrevista:

Não vale nada que fira o outro, que subjogue o semelhante, não vale nada que te fira e que te subjogue. Então, se você tem um relacionamento aberto e isso não fere nem a você e nem a ninguém, que seja. Se você é adepto do poliamor, e isso não fere nem a você e nem a ninguém, que seja. Se você frequenta saunas e demais lugares com boa consciência e responsabilidade, que seja. O que não pode é você se adoecer, *se* ferir e ferir o outro. Então é sexualidade com responsabilidade. É isso que a gente prega. Sexolatria é aquela pessoa que faz de tudo, inclusive subjugar, usar do poder econômico, usar do poder ideológico, usar do discurso falso *pra* obter sexo. E isso *pra* nós é um pecado.

Mas não se considera que haverá uma condenação eterna para quem não observar esses valores, e sim que a vida terrena das pessoas será melhor caso eles sejam observados. Nas palavras de Retamero, em um culto que celebrou na ICM:

Jesus é o nosso salvador, mas ele veio nos salvar de quê? De um inferno dantesco, medieval, de fogo, onde mora um homem de tridente chamado Diabo, que não existe? O Céu e o Inferno nos habita. Fomos libertos do mal que há em nós mesmos. No fundo do nosso ser tem algo que tem em algumas boates: *darkroom!* A escuridão, o escondido... Jesus veio escancarar isso dentro de nós. Eu tenho fé na obra redentora de Cristo, mas não necessariamente *pra* essa obra redentora do além. Não me importa muito o além, *me* importa o aqui e o agora. E no aqui-agora, Cristo é libertação da

gente mesmo e de todos, e de qualquer fardo que venha a subjugar o ser humano.

A referência à *darkroom* feita por ele é parte de um elemento muito presente no discurso de Retamero. Ele costuma fazer diversas alusões a elementos presentes na linguagem cotidiana de LGBTs. Ao se referir às ações de Jesus, por exemplo, ele usa expressões como “Jesus fez a egípcia” (que significa fingir-se de desentendido) e imita Jesus irritado dizendo “*Aff!*” devido à dificuldade de fazer seus discípulos entenderem o que ele queria dizer. Ele também faz referência a elementos da cultura *pop* para dar exemplos, como *Game of Thrones* e a música *Beijinho no Ombro*, da *funkeira* Valesca Popozuda.

A ICM é bastante crítica em relação ao posicionamento das demais igrejas evangélicas, o que pode ser visto nessa fala de Retamero:

A religião é uma das piores mãos que oprimem o ser humano. É uma pena o que fizeram com a mensagem de Jesus. Só livra e enriquece gente má intencionada e adoce as outras. Tive um amigo, uma vez, que antes de virar evangélico não tinha preconceito com *gay*, com mulher, *era um homem com H maiúsculo*. Entrou *pra* igreja, ficou homofóbico, racista, misógino.

Segundo ele, a igreja para qual o amigo entrou era uma batista. Ele critica a misoginia dessa denominação: “Na igreja misógina fundamentalista da qual eu fazia parte: ‘Por que Jesus apareceu primeiro *pras* mulheres? Porque elas são linguarudas...’ Retamero acredita que existem “dois caminhos”: “Cristo” e “religião”. Ser religioso seria diferente de ser genuinamente cristão. Nesse contexto, o adjetivo “religioso” assume um caráter negativo, de dogmatismo, doutrinação e fundamentalismo. Ser “cristão” não dispensaria a participação na igreja, mas essa participação não deveria fazer com que as pessoas se tornassem “religiosas”, nesse sentido da palavra: “Não importa se é o maior dizimista, se sabe de cor o *Salmo 91*, a *porra* da *Bíblia* inteira, o que vale *pra* Cristo é o amor, sem o qual não há salvação.” Nessa fala, outro elemento presente em suas falas: a despreocupação com o puritanismo, vista no uso de palavrões. Retamero diz se preocupar com o “crescimento exponencial” dos evangélicos no Brasil: “Daqui a pouco vai ser maioria, vai ser um salve-se quem puder”. Além da crítica ao dogmatismo e ao doutrinação, também há uma crítica ferrenha às intervenções religiosas na política institucional formal, como nessa fala de Retamero: “Quando política se alinha a religião, produz a pior coisa que se pode ver na Terra. E está acontecendo no nosso país, e vai piorar.”

Mas Retamero também aponta a dificuldade de se interpretar os ensinamentos de Jesus. Para ele, há “vários *jesuses*”, e nenhum deles corresponde à forma como Jesus queria realmente ser compreendido, nem o da ICM. Ele não poupa a própria igreja de críticas: “A gente vem aqui porque é um clubinho. Porque aqui eu posso ser quem eu sou, posso ficar abraçado com meu namorado, porque as pessoas são legais. E Jesus nessa história, onde *tá?*” De qualquer modo, o Jesus da ICM é um Jesus alinhado com as minorias e os Direitos Humanos, que “comia e bebia com pecadores” e, por isso, “era chamado de alcóolatra”. A ICM afirma utilizar o “método histórico-crítico” para ler a *Bíblia*. Isso significaria levar em conta o contexto histórico, filológico, antropológico no qual a *Bíblia* foi escrita, bem como o uso das palavras originais quando de sua escrita e os processos de tradução aos quais os textos se submeteram. Também seria necessário levar em conta a forma “adequada” de se interpretar as linguagens literárias e gêneros presentes na *Bíblia*, como a poesia, a fábula e a mitologia. Ademais, Retamero defende que a *Bíblia* não é absoluta. Segundo ele, a ICM é “cristológica”. Cristo seria a chave hermenêutica para a leitura da *Bíblia*: “Se está na *Bíblia*, mas não promove Cristo, não é cristão.” Além disso, ela não seria a única manifestação de Deus. Ele também se manifestaria em outras religiões e mesmo em textos não religiosos.

*Pra* nós, Deus não se encerra num livro. Por isso estamos em rota de colisão com os nossos irmãos que veem na *Bíblia* a única revelação de Deus. Jesus é a revelação final de Deus e não a *Bíblia*. Não somos bibliólatras. O próprio Paulo fala que a letra mata e o que vivifica é o espírito. Esse livro foi e ainda é a gasolina, o combustível *pra* várias mazelas sociais, entre elas a misoginia, a escravidão e a homofobia. Ela foi inspirada por Deus, assim como Chico Buarque quando escreveu *Geni*. A *Bíblia* não é melhor, nem pior que o *Alcorão*, que o livro dos budistas, que o livro dos hindus. E se as religiões de matriz afro (candomblé, umbanda) tivessem seus escritos, também estariam em pé de igualdade. Nós não estamos preocupados com a Verdade, com V maiúsculo, nem achamos que isso aqui é a Verdade. A Verdade nasceu em Belém e morreu em Jerusalém. A *Bíblia* para nós é literatura. Ela é tão importante quanto *Os Lusíadas*, quanto a *Eneida*, quanto o *Alcorão*. Contudo, isso aqui é um ato de estudo [a fala foi durante um seminário]. Em ato de culto, a *Bíblia* tem um lugar central em nossas vidas, porque ela nos traz uma mensagem, uma bela história. Sabemos ler a *Bíblia*. Sabemos que o mundo não foi criado em seis dias, que uma cobrinha não ficou falando lá “coma, coma, coma”. Sabemos que isso é uma fábula, que as leis físicas não podem ser quebradas, que a abertura do Mar Morto foi um fenômeno geológico. O importante *pra* nós cristãos progressistas liberais não é se Jesus andou sobre as águas, é a mensagem que está por trás de toda essa linguagem mitológica. É biologicamente impossível Maria ser virgem. E José era o quê? Batedor de punheta? [Risos.] Só porque carrego uma cruz no peito não posso falar isso? A nossa fé não é desse tipo. Eu creio que Jesus ressuscitou. Como? Eu não tenho *blue ray*... Imagino os anjos, que *deve* ser tudo pintosa... Mas se encontrássemos o corpo de Jesus hoje, eu continuaria cristão, porque Cristo *tá* vivo em mim.

O diácono Elias vai ainda mais além: “*Pra* mim, Deus ressuscitou em cada um de nós.” Também não se crê em milagres sobrenaturais. No seminário que ofereceu na igreja, Retamero disse que “Jesus não é um Harry Potter que vai fazer mágica na sua vida”. O reverendo não tem a preocupação de manter uma imagem casta. Ao parodiar a forma como é mal visto por alguns, ele brincou: “Pastor que chupa pau, que dá o cu.” Durante seu seminário, Retamero apresentou seu companheiro como “assessor para assuntos sexuais aleatórios”.

O reverendo falou, no mesmo evento, que Jesus “curou o amante do centurião”. A referência é explicada por um texto publicado no *site* da ICM de Teresina. Segundo uma passagem dos evangelhos, um soldado romano teria pedido que Jesus curasse seu *pais*. A palavra *pais* podia significar filho jovem, escravo jovem ou amante jovem. Não era comum que os soldados romanos morassem com seus filhos jovens, e a relação que os soldados romanos costumavam ter com os seus escravos comuns não era íntima a ponto de um deles recorrer a um profeta judeu para salvar um dos seus. Assim, a situação indicaria que se tratava de um amante jovem. Quando Jesus se propõe a ir à casa do soldado para curar seu *pais*, ele teria dito que não era digno de que Jesus entrasse lá, o que indicaria que ele teria uma conduta doméstica condenável, uma vez que seria natural um soldado romano ter um *status* superior em relação a um judeu. Isso reforçaria a ideia de que ele viveria com um amante jovem. Mas o soldado também teria dito crer que a simples palavra de Jesus já salvaria seu *pais*. Jesus, então, teria elogiado o soldado, dizendo que sua fé era maior do que a dos judeus. Ele teria dito ainda, em referência ao soldado, que muitos não judeus entrariam no Reino dos Céus. Em seguida, Jesus teria curado o *pais* do soldado. Essa passagem é usada para dizer de uma possível aceitação da homossexualidade por parte de Jesus.

O discurso da ICM é por vezes erudito. Os pastores fazem referências a cientistas sociais e filósofos. Em seu seminário, por exemplo, Retamero citou Nietzsche. Ele tem formação em História e Teologia e se refere a si mesmo como um cientista social. Perguntei a ele em entrevista se isso não geraria um elitismo entre os membros da ICM.

O nosso discurso é alto. Mas a gente acredita que a gente não pode rebaixar o nosso discurso não. As pessoas é que tem que nos acompanhar [risos]. Porque nós acreditamos que o conhecimento liberta. É bom saber, é bom conhecer, é bom ler... Nós não estamos preocupados com números, quantidade, nós *tamos* preocupados com qualidade. Então *num* vale a pessoa estar ali por estar, *tar* ali de boa. Ela tem que *tar* ali ligada e sendo de alguma maneira atingida por tudo que *tá* acontecendo ali, *pra* que ela, através desse despertar, possa conhecer, *se* libertar. Fé e ciência não estão em rota de colisão. Mas isso não vale *pra* todos, vale *pra* alguns. Nós na ICM procuramos conciliar fé e razão.

Na oração final do culto guiado pelo reverendo Retamero, ele terminou orando por mulheres, homossexuais, transexuais, transgêneros e “inclassificáveis, que não se encaixam em nenhuma letrinha” vítimas da “mão que machuca e palavra que mata”; mas também pelos homofóbicos, para que obtivessem piedade divina, e pelos fundamentalistas, para que Deus os iluminasse. Aqui não se vê a ICM como o lugar da salvação para os que pensam diferente de seus membros, mas, por outro lado, vê-se a eles como pessoas que estão cometendo erros que as afastam de Deus e causam danos a outras pessoas e que, por isso, precisam ser perdoadas e iluminadas. A oração do “creio”, na versão da ICM, reafirma a crença nos Direitos Humanos e na não violência:

Creio em Deus, Pai de todos, que deu a terra a todos os povos e a todos ama sem distinção. Creio em Jesus Cristo, que veio para nos dar coragem, para nos curar do pecado e libertar de toda a opressão. Creio no Espírito Santo, Deus vivo que está entre nós e age em todo o homem e em toda a mulher de boa vontade. Creio na Igreja, posta como um farol para todas as nações, e guiada pelo Espírito Santo a servir todos os povos. *Creio nos direitos humanos, na solidariedade entre os povos, na força da não-violência. Creio que todos os homens e mulheres são igualmente humanos. Creio que só existe um direito igual para todos os seres humanos, e que eu não sou livre enquanto uma pessoa permanecer escrava.* Creio na beleza, na simplicidade, no amor que abre os braços a todos, na paz sobre a terra. Creio, sempre e apesar de tudo, numa nova humanidade e que Deus criará um novo céu e uma nova terra, onde florescerão o amor, a paz e a justiça.

Mas o discurso de Retamero é frequentemente incisivo e inflamado, o que gera críticas por parte de alguns. Em 2012, Retamero participou do *IX Congresso LGBT no Congresso Nacional*. O evento contou também com a presença de Jean Wyllys (PSOL), com quem o reverendo dialogou em suas falas. Retamero tem bastante contato com a militância LGBT na política institucional formal, sendo afiliado ao PSOL. Ele me contou que recebeu Jean Wyllys recentemente na igreja em que congrega. Disse também que buscou um diálogo com a atriz Mirian Rios através desses contatos, quando ela disse: “Eu gostaria que meus filhos crescessem pensando em namorar uma menina para perpetuar a espécie, como está em *Gênesis*. No momento em que eu descobrir que o motorista é homossexual e poderia, de uma maneira ou de outra, tentar bolinar o meu filho, eu não sei.” Retamero me contou em entrevista:

Quando Mirian Rios falou aquelas besteiras todas, a gente conseguiu uma hora com ela, através da Laura Carneiro [PTB], *pra* conversar com ela *pra* tentar entender o que ela *tava* falando e buscar um entendimento. Ela tacou fogo muito forte nos LGBTs e tal... e a gente foi lá fazer uma fonte de reconciliação e foi bom, fomos bem recebidos.

Seu discurso no *IX Congresso LGBT no Congresso Nacional* pode ser encontrado no *Youtube*. Ele recebeu duras críticas do pastor Silas Malafaia. Retamero se referenciou aos evangélicos como “esses desgraçados 25% da população” e disse a seguinte frase: “Eu sei que eu tô disposto a pegar em arma se preciso for [risos da audiência], se se instalar uma teocracia no Brasil.”. Durante as eleições presidenciais de 2014, a Figura 8 circulou na Internet, ironizando o discurso LGBT a partir dessas falas de Retamero. Em entrevista a mim, ele se justificou:

Eu não *tava* chamando a minha família de desgraçados, *né?* [Risos.] Eu queria falar da liderança. Esses, *pra* mim, são os desgraçados. E eu explico o que eu queria dizer com a palavra: caíram da graça, são da lei, são da espada, são da arma. Na hora eu fiquei muito exaltado e não consegui me explicar. Então, nada é tão simples, *né?* *Cinquenta tons de cinza*. Dentro das pentecostais e neopentecostais, só parece que o discurso é hegemônico, e que os fiéis repetem o discurso dos líderes, sem nenhum tipo de contestação. Eu lido pouquíssimo com pentecostais ou neopentecostais. Mas os poucos que se aproximam de mim, eu percebo que existe, meio que à esquerda, um posicionamento. Nos históricos, é bem claro. Existe uma ala à direita e uma ala à esquerda, dividindo os mais libertários e os mais conservadores. Os conservadores, na ala histórica, advogam o Estado laico e dizem que essa questão não é uma questão *pra* igreja. Os da esquerda, como a *Aliança dos Batistas do Brasil*, eles não só dizem que o Estado deve ser laico, como devem acolher e incluir, então eles vão um pouco mais além. Percebo que quem fica mais contra são os líderes da ala pentecostal e neopentecostal. A massa do povo mesmo, não tenho essa clareza não.



**Figura 8:** Crítica ao discurso de Retamero, que circulou pela Internet depois das oposições a uma fala de Levy Fidelix num debate durante as eleições presidenciais.

Logo, Retamero me apontou que a maior parte dos evangélicos não são os “desgraçados” que são contrários aos LGBTs, mas sim os líderes pentecostais, basicamente.

Perguntei em seguida se seu discurso de pegar em armas não contradizia a crença na força da não violência, professada no credo da ICM, que, segundo me disse na entrevista, ele próprio introduziu na igreja. O reverendo me respondeu que sim, mas tentou se explicar:

Existe dois tipos de violência. A violência simbólica e a real. É muito bonito a visão de mártir, mas são poucas as pessoas que têm a vocação *pra* ser mártir. O ideal é a não violência, e o real é outra coisa. No real, se a minha cabeça está a prêmio, eu tenho que fazer alguma coisa, eu não posso ser vítima. O meu Cristo morreu, porque ele se entregou, mas dentro da minha visão de fé, ele tinha esse papel. Mas desde a teologia da libertação *pra* cá, a gente aprende que nós não podemos ser passivos em relação à violência real que existe no mundo, ainda que a nossa arma maior seja o amor, seja o discurso, seja a libertação pela pregação, é preciso entender que se as coisas chegarem no extremo... E eu não tenho dúvida nenhuma que se uma teocracia se instalar no Brasil, eu vou ser uma das primeiras vítimas. Vão me caçar, e eu não vou ficar quieto. Eu vou me defender, e vou chamar os meus *pra* defendermos a nossa visão. Pegar em armas às vezes é necessário.

Para Retamero, depois das mulheres e dos negros, os LGBTs são “a última Geni do movimento fundamentalista”, em referência à música *Geni e o Zepelim*, de Chico Buarque (“joga pedra na Geni”). Mas a ICM também não poupa de críticas a militância LGBT. Uma diaconisa chamada Luci, em uma conversa comigo, referenciou-se a ela como “Movimento GGG”, pela prevalência de *gays* em relação às outras identidades. Retamero também critica a invisibilização dos bissexuais e das identidades trans no movimento. O reverendo não distingue seu papel de pastor evangélico e de militante LGBT. Durante a entrevista, ele me contou sobre sua relação com a militância.

*Como protestante, é dever militar, protestar. São duas faces da mesma moeda. Essa atuação política, ela é tão importante quanto o cultivo da espiritualidade, da piedade. Tem que ser sal, tem que ser luz. Então tem que atuar. O cristianismo em seu início era revolucionário, mas que o PSOL, mais que o PSTU, mais que Karl Marx. A mensagem deles era ‘César é a água da minha chucha’.<sup>31</sup> Fulano que hoje tá sentado com Silas Malafaia ‘era a couve na chucha de Cristo’. Ser evangélico, *pra* muitas pessoas da militância, é ser contra o que a militância deseja. Então é muito difícil a militância entender o nosso trabalho, entender que estamos juntos, *estamos do mesmo lado, e não contra*. É difícil um lugar onde minha igreja não teve sérios problemas *pra* fazer-se entender pela militância. Todavia, uma vez entendido, aí fluiu o trabalho. Mas demora acontecer essa parceria.*

Durante a pesquisa, encontrei muitas vezes os membros da ICM em eventos da militância LGBT de Belo Horizonte, muitos deles promovidos pelos Cellos. Na parada de 2014,

---

<sup>31</sup> A chucha é o processo de limpeza retal efetuado antes do sexo anal.

membros como o pastor Eduardo e o diácono Maurílio trabalharam como voluntários, e outros como Maurício e Jonathan compareceram com placas como a que diz “As vadias vos procederão no reino de Deus”.

## 2.4 - Cellos: O Estado laico e a bancada evangélica

O *Centro de Luta pela Livre Orientação Sexual de Minas Gerais* (Cellos) organiza as paradas LGBT de Belo Horizonte. O *slogan* da parada de 2013 foi “Estado laico: sua religião não é nossa lei”, em referência à bancada evangélica na *Câmara dos Deputados* e aos projetos de “cura gay” e de criminalização da homofobia. O projeto de criminalização da homofobia (PLC 122) estava em circulação no *Senado* desde 2006. Já o *Projeto de Decreto Legislativo 234* (conhecido como “cura gay”), então em circulação na *Câmara dos Deputados*, pretendia barrar uma determinação do *Conselho Federal de Psicologia* que proíbe os psicólogos de exercerem terapias que visam a alteração da orientação sexual de seus pacientes. Esse projeto ganhou maior destaque quando o deputado e pastor Marco Feliciano (PSC/*Assembleia de Deus*) assumiu a *Comissão de Direitos Humanos* da *Câmara dos Deputados*, pois o projeto acabou sendo aprovado por ela. A própria presença de Marco Feliciano na presidência da *Comissão de Direitos Humanos* gerou bastante revolta na militância LGBT, de modo que o Cellos organizou, alguns meses antes da parada, atos públicos em Belo Horizonte com o tema *Fora Feliciano!*.

Um argumento central do discurso da parada de 2013 foi o de que “religião não é política”, referindo-se à política institucional formal e à defesa do Estado laico. Evocou-se também o argumento de que os direitos civis dos LGBTs devem ser garantidos pelo fato de que eles contribuem tributariamente para o Estado como quaisquer outros cidadãos: “Nosso dinheiro não é cor de rosa, é como qualquer outro. E as igrejas, principalmente as evangélicas, têm que nos respeitar”. A *drag queen* que animava a concentração da parada, Carlinhos Brasil, provocou os evangélicos algumas vezes: “A nossa dispersão será na [rua] Professor Moraes, perto da igreja evangélica. [Risos.] Ó, dó!”. A igreja evangélica que fica a um quarteirão do local em que ocorreu a dispersão é a *Primeira Igreja Presbiteriana de Belo Horizonte*. Depois da parada, havia um evento promovido pelo Cellos. Carlos Magno, membro do grupo, também fez referência à igreja próxima ao local: “Depois o som vai continuar na [avenida] Olegário Maciel em frente à *Universal*”. Durante um ato organizado pelo Cellos em função do dia de combate à homofobia, um membro brincou com outro, chamado Jobim: “Eu acho que a gente tinha que caminhar até a *Universal*.” Mas Jobim ponderou: “Aí é afrontar sem necessidade...”

Durante a parada de 2013, perto do local da concentração, na Praça Sete de Setembro, membros da *Igreja Universal do Reino de Deus* distribuíam exemplares do periódico produzido por essa igreja. Ainda mais perto do local, membros da *Igreja Mundial da Graça de Deus* entregavam *flyers* convidando os transeuntes para os cultos da igreja. Poucos dias antes, duas garotas haviam sido detidas após se beijarem em um culto do pastor Marco Feliciano. Em referência a essa ocorrência, Carlinhos Brasil disse:

Eu vou ter que mandar um beijo *pro* Malafaia, se ele mandar me prender, *foda-se!* Acho que a gente não deve se beijar em culto não, temos que beijar em lugar mais gostoso. Mas no espaço público, porque ele é nosso também. A gente não deve mais aceitar o gueto, dizer não ao armário, se amar em qualquer lugar.

Em outro momento, foi dito por Carlos Magno: “Vamo dar beijo *pra* Feliciano”. Carlinhos Brasil convocou um beijaço e completou: “Aqui ninguém vai preso porque beija, porque ama.” Carlos Magno também provocou os evangélicos, devido ao projeto conhecido como “cura *gay*”: “Tem alguém doente aí? Quem é doente é o Malafaia, o Marco Feliciano, o João Campos!” João Campos (PSDB) é o deputado autor desse projeto de lei. Também é pastor da *Assembleia de Deus*, como os outros dois pastores citados. Um militante do Cellos Contagem, ao subir ao palco, tentou tirar um pouco o foco dos evangélicos: “A nossa luta não é contra religião, o Estado laico não é ateu. É pelo respeito a todos.”

O posicionamento arredio de Carlinhos Brasil em relação às igrejas evangélicas não foi o mesmo em relação à *Igreja Católica*. Pelo contrário, ela lembrou que o papa Francisco vinha dizendo que “não se deve perseguir ninguém, nem ter discriminação”. Carlinhos parece ter uma fé de natureza católica: chovia bastante durante o evento, e ela disse: “Vamos pedir a São Pedro um solzinho. Amém, gente?” Ao que o público respondeu “Amém!”. Devido às recentes ações da bancada evangélica na *Câmara dos Deputados* e à grande visibilidade alcançada por figuras evangélicas como Silas Malafaia e Marco Feliciano, o direcionamento político do movimento LGBT tem estado bastante focado na crítica às igrejas evangélicas, e não tanto à *Igreja Católica*. Contribui para isso também, como apontou Carlinhos, o discurso de tolerância que tem sido evocado pelo atual papa.

Carlos Magno defendeu que o “setor fundamentalista está com raiva da gente [LGBTs], porque a gente *tá* avançando muito nesse país”. Ele disse acreditar de que, até o fim daquele ano, a PLC 122 estaria aprovada. Carlinhos Brasil, ao falar sobre o projeto, disse que “se alguém chamar a gente de viadinho, sapatão, traveco, vai *pra* cadeia”. Antes do início da caminhada, houve um ato simbólico lembrando doze travestis mortas na Região Metropolitana de Belo

Horizonte naquele ano, durante o qual foi dito: “Esse ódio é alimentado pelos fundamentalistas religiosos.”

Há membros do Cellos que acham que nem todos os pastores “odeiam tanto assim” os homossexuais, e que alguns adotam esse posicionamento por uma questão de “*marketing*”, ou seja, para ganharem visibilidade e conquistarem mais fiéis. Há membros que acreditam que alguns desses pastores sejam homossexuais “enrustidos”. Um deles estuda com um pastor. Segundo ele, seu colega “tem umas falas” que ele “não aguenta e responde”. Essas falas teriam justamente conteúdos homofóbicos. Ele acredita que “a psicanálise explica” comportamentos como esse, sugerindo que os homofóbicos, na verdade, teriam problemas de homo-orientação mal resolvidos. Em outra ocasião, ele me disse que teve uma discussão sobre a bancada evangélica na faculdade em que estuda. Esse pastor teria postado depois disso, no *Facebook*, que estaria sofrendo “opressão”. Na postagem, ele teria reafirmado que “família é homem e mulher” e reforçando seu apoio a Marco Feliciano e Silas Malafaia. Em seguida, uma mulher que é membro da diretoria da faculdade onde eles estudam teria chamado esse membro do Cellos para conversar e dito a ele que “*pra ser gay não precisa desmunhecar*”.

Quanto aos pastores que realmente odeiam os homossexuais, é quase consensual a visão de que eles são “doentes”. Jucimar acredita que os discursos de pastores considerados homofóbicos são a base para muitos crimes de ódio cometidos contra os LGBTs: “Um menino de oito anos que o pai matou, porque não tinha jeito de homem, porque o Silas Malafaia falou que tinha que ter...” Procurei me informar sobre essa notícia, mas não encontrei referências a uma possível influência direta do discurso do pastor nesse caso. Em uma reunião, ao discutirem qual seria o tema de um evento que estavam organizando, Irino disse: “No contexto nosso do fundamentalismo religioso, sempre acaba sendo sobre homofobia.”

O tema da bancada evangélica também está sempre presente. Sobre ele, Jucimar iniciou uma conversa: “Essa história da bancada evangélica não desse na minha garganta. Ter evangélica e não ter bancada LGBT”. Ao que Carlos Magno respondeu ponderando que deveria haver ao menos um membro de cada estado a favor dos LGBTs. Mas ele admitiu: “A bicharada reclama, reclama e vota no Malafaia.”

Carlos Magno é presidente da ABGLT (*Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais*). Ele reclama que estão chamando de “ideologia de gênero” as lutas políticas dos LGBTs, e explica o que querem dizer com isso: “Aquela ideia de que *vamo* destruir a família...” Para ele, o combate da bancada evangélica aos projetos que beneficiam os LGBTs “é justificado pela religião, mas é político: pegar nossas questões *pra* dar visibilidade *pra* eles. O que eles querem é só se opor a nós”. Para Jucimar, essa “virou a bandeira deles”.

Irino define esse tipo de ação como “sacana”. Mas Carlos tem apontado nas reuniões do Cellos que deputados católicos e jovens manifestantes católicos também tem sido grandes empecilhos à aprovação de projetos a favor dos LGBTs na *Câmara dos Deputados*.

Ao falar sobre a ação da bancada evangélica para evitar a nomeação das discriminações contra raça, gênero e orientação sexual entre as que o PNE (*Plano Nacional de Educação*) determinaria que fossem combatidas, Irino apontou que os evangélicos seriam também racistas e machistas: “Se eles tirassem só orientação sexual, dava *pra* entender que eles eram contra LGBT, mas *tão* tentando tirar gênero e raça também”. Carlos Magno participou das discussões sobre o PNE. Ele contou: “Rozangela Justino falou na comissão. Leu lista de *ex-gays*. Falou que a gente persegue, que a gente *ameaça ela* de morte.” Rozangela Justino é uma psicóloga evangélica, que se tornou conhecida em 2009, ao dar uma entrevista à *Veja* defendendo terapias de conversão de homossexuais em heterossexuais. Mas para Carlos, a fala de Rozangela “mostra quem *tá* sendo perseguido mesmo, quem é o alvo que eles escolheram, mostra o oposto”.

Nesse ponto da discussão, Flávio se questionou, atônito, sobre os evangélicos: “Não tem que gostar... o que ser *gay atrapalha eles?*” Ao que Carlos lhe respondeu: “Eles querem exterminar a gente [homossexuais]. ‘Cura’ é igual a exterminar, como faz com a dengue, com uma doença”. Irino apontou que essa “perseguição” tem dois lados: “Feliciano dá evidência *pras* questões, mas cria ódio. ‘Homossexualismo’ vira demônio. Isso se reflete na violência que a gente vê na rua. Gera uma doença mesmo...” Mas a “doença” à qual Irino se refere seria a homofobia. Carlos completou: “Eles *tão* criando medo, terror de ter filho, amigo homossexual. Pessoas têm ódio porque têm medo”. Entretanto, Irino aponta para uma característica positiva desses proferimentos, que seria dar visibilidades à questão da intolerância dos evangélicos em relação aos LGBTs.

Núbio, que é filho de pastores e também já foi evangélico, disse na sequência: “A *Bíblia* é contra mesmo”. Mas outros ponderaram: “Depende da interpretação”. Carlos mudou o foco: “Se a *Bíblia* é importante *pra* você, não é *pra* mim...” Sua resposta se dirigia aos evangélicos, do qual estavam falando, e não propriamente a Núbio, que tocou nesse tópico. Mas Flávio continuou: “Atualização: se tudo precisa, porque a *Bíblia* não? E quem garante que foi Deus mesmo que a inspirou? Já fui evangélico, católico, estudei muito *pra* entender por que eu *tava* errado...” Gustavo respondeu que ouviu numa palestra que não conseguiram achar na *Bíblia* nada sobre homossexualidade. Que tudo depende das traduções: “Não consta *homossexualismo* na *Bíblia*, essa palavra não existia. Afeminado significava vaidade.” Carlos brincou: “E as bichas eram vaidosas!” Depois de rir do comentário, Gustavo concluiu: “Cristianismo é *pra*

ignorantes. Quando você estuda, você sai.” Houve ampla concordância, e Carlos finalizou chamando a religião de “ópio do povo”.

Antes que o assunto morresse, eu comentei com eles sobre as igrejas inclusivas que vinha visitando, e contei um pouco sobre o perfil da *Igreja Cristã Contemporânea* (ICC) e da *Igreja da Comunidade Metropolitana* (ICM). Quando contei que a ICC, apesar de aceitar a homossexualidade, é rígida em termos da prescrição de comportamentos aos fiéis, Carlos achou esquisito: “É mesmo?”. Mas quando falei do perfil liberal e militante da ICM, as reações foram de agrado. Jucimar tentou reenquadrar para buscar fugir de uma contradição: “Não é evangélica, nem católica, é outra coisa...” Depois da minha fala e dessas reações, Gabriel, companheiro de Gustavo, contou que os dois fizeram parte do grupo que escreveu o estatuto da ICM de Belo Horizonte, e que frequentaram lá por cerca de seis anos.

Conversei com Gabriel depois dessa fala, e ele me contou que além da ICM, também já havia frequentado a ICC, e que hoje frequenta a *Igreja Batista da Lagoinha* (IBL). Ele não se adaptou à ICM, nem à ICC, porque, na sua opinião “uma abre *pra* tudo, outra fecha *pra* tudo, não tem meio termo”. Achei curiosa a participação dele no Cellos e na IBL ao mesmo tempo, uma vez que ela não é uma igreja inclusiva. Mas ele me disse que a IBL tem muitos *gays*: “Não sei o que a Ana Paula tem que atrai tanto *gay*.” Ana Paula Valadão é filha do fundador da IBL e a líder da banda *Diante do Trono*, que surgiu de um ministério da igreja. Gabriel me disse que não liga para o que a igreja pensa: “Vou no carão.” Depois disso, ouvi, algumas vezes, referências à IBL como *Gayloinha*.

A religião é um assunto central nas conversas que se estabelecem no Cellos. Vê-se que, apesar da oposição às igrejas evangélicas, muitos têm uma trajetória de vida perpassada por essa religião, e alguns ainda a seguem. Muitos membros também acreditam em conceitos religiosos populares, como a “zica”, uma espécie de maré de azar causada por motivos espirituais, e também creem em formas de adivinhação, como os búzios. Alguns circulam entre o candomblé e a umbanda. Telmo, que já foi seminarista, é um desses. Ele já visitou a ICC, mas tem muitas ressalvas a ela. Acha uma contradição, por exemplo, que se cante músicas da banda *Diante do Trono* nessa igreja, já que o grupo pertence a uma denominação que não aceita a homossexualidade (IBL).

A ICC, devido à sua proposta inclusiva, tem uma legitimidade conferida pelo Cellos para subir ao palco das paradas e apresentar a igreja, mesmo quando o tema do evento é justamente uma crítica aos evangélicos. Durante a parada de 2014, mais de quarenta membros da ICC chegaram fazendo *flash mobs*, dançando de forma coreografada músicas de bandas *gospel* e distribuindo *flyers*. Carlinhos Brasil disse no palco: “Estive lá e fiz questão de chamá-

los aqui *pra* mostrar que nós, *gays*, travestis, lésbicas somos bem aceitos lá e também em algumas outras igrejas. Então, agora nosso momento religioso. Creio que nenhuma outra parada do Brasil tem isso...” Muitas pessoas do público dançaram a música, alguns até de maneira sensual, subvertendo a recepção proposta. Depois da música, um membro disse: “Peço desculpas em nome da igreja evangélica tradicional, que muitas vezes nos exclui... Sorria, Jesus te aceita!” Todos bateram palmas. Carlinhos Brasil disse: “Fiquei arrepiada, acredita? Com essa energia.” Outra *drag queen* no palco comentou: “Olha, Carlinhos, foi realmente uma ótima ideia, porque eu creio que realmente nenhuma parada do Brasil faz essa ligação.”

### 3 - SUJEITOS E SITUAÇÕES

#### 3.1 - Discordar na ICM

Na primeira vez em que fui à sede da *Igreja da Comunidade Metropolitana* (ICM) em Belo Horizonte, não estava havendo um culto, mas sim a exibição de um filme: *The Falls* (Jon Garcia, Canadá, 2012). O filme trata de dois homens mórmons que se apaixonam um pelo outro. Depois que o filme acabou, houve um debate. O pastor Eduardo o iniciou apontando como o filme mostra que a raiz da homofobia está dentro da própria religião. Os demais presentes foram chamados a participar da discussão e, junto com os enunciados, sucederam-se diversos temas. Um jovem chamado Leonardo contou que era católico e que, assim como os personagens do filme, teve conflitos para assumir sua sexualidade e, quando o fez, também não foi bem aceito em sua igreja.

A esse enunciado, sucederam-se outros que apontavam para a existência de padres homossexuais. Então, uma senhora que também estava visitando a ICM compartilhou sua crença de que o papa Francisco estaria buscando fazer reformas na *Igreja Católica* para garantir maior aceitação em relação à homossexualidade. Mas, para Leonardo, o novo papa está adotando posicionamentos liberais por estar preocupado com a queda do número de fiéis católicos. Ele acredita que o papa tem agido pensando no bem da Igreja e não propriamente no bem dos fiéis homossexuais, e que seus interesses são “políticos”.

O termo “política” aparece muito pejorativamente na ICM. Quase sempre ele está relacionado à política institucional formal ou à busca por privilégios políticos, e não a temas como a administração das relações de poder cotidianas em torno de questões de gênero ou de orientação sexual, por exemplo. Nesse sentido, todos concordaram com a fala de Leonardo de que “igreja não é lugar de se fazer política”. Falou-se também da bancada evangélica na *Câmara dos Deputados*. A ação dessa bancada foi referenciada como “perseguição”, “cruzada” e “violência” contra os *gays*. Alguém disse que “ninguém sabe dos filhos deles”, quase num tom de quem deseja uma “vingança”. Lamentou-se que sua ação tenha barrado a distribuição do chamado “*kit gay*”.<sup>32</sup> Leonardo acredita que ele seria muito útil, pois o que falta para as pessoas serem mais tolerantes, para ele, é educação.

---

<sup>32</sup> O *kit Escola Sem Homofobia*, conhecido como “*kit gay*”, seria distribuído pelo *Ministério da Educação* nas escolas de ensino fundamental da rede pública. A distribuição foi suspensa pela presidenta Dilma depois da oposição encabeçada por parlamentares evangélicos. O conteúdo do *kit* pode ser visto neste *link* do portal *Uai*: <<http://educacao.uol.com.br/noticias/2011/05/19/conheca-os-videos-que-fazem-parte-do-polemico-kit-escola-sem-homofobia.htm>>. Acesso em: 25 de fev. 2015. A polêmica em torno de sua distribuição está apresentada

A partir das falas subsequentes de um membro chamado Hudson, a discussão tomou outro rumo. Hudson disse ter um pé atrás com o “movimento *gay*”, porque, com as paradas, o que “a sociedade” estaria vendo seria “*bafão*”, “*close*” e “leque”, e não seria assim que “a sociedade quer ver” os homossexuais. Isso faria com que se criasse uma “aversão à homossexualidade, por causa dessas figuras”, por isso “tem que saber se portar”. Ele acha também que é negativa a grande abordagem sobre a homossexualidade que tem ocorrido nas telenovelas, pois as pessoas “não entendem” e passam a fazer brincadeiras como chamar os colegas de “bichona de olho azul”, fazendo referência à personagem Eron, da telenovela *Amor à Vida*. Ele também apontou uma preocupação que tem com relação aos direitos que têm sido reivindicados pelos homossexuais: “O problema é quererem denunciar homofobia por qualquer coisa”. Por fim, Hudson concluiu sua sequência de enunciados com a frase: “Quer respeito, tenha respeito”.

Essas falas de Hudson foram intermediadas por réplicas de outras pessoas, principalmente de Leonardo. Diferente de Hudson, Leonardo gosta de como as novelas têm abordado a homossexualidade. Ele acha “legal ser o primeiro vilão”, referindo-se a Félix, personagem da mesma novela, pois, para ele, os *gays* não são “*tadinhos*”, são “seres humanos, como qualquer outro”. Quanto aos trejeitos apontados por Hudson como negativos à imagem dos LGBTs, Leonardo respondeu defendendo o “livre arbítrio”. Para ele, cada um deve “ser livre *pra* ser o que quiser”, pois, “muita gente gosta de ser dessa forma”: “Tem héteros que também gostam de falar alto, ser espalhafatoso. Por que o *gay* e a travesti não podem ser assim?” Em seguida, ele indagou: “Assim não é certo? O que é certo?”. Após essa provocação, houve um falatório, com muita gente querendo se expressar ao mesmo tempo.

Maurício, um dos membros mais assíduos da ICM, apontou que há muita competição entre os próprios *gays*, com uns querendo ser melhores que os outros, e que isso ocorre principalmente em relação à “bichinha passiva”, sempre vista como inferior em relação à ativa. Para ele, essa discriminação contra o passivo é a mesma que existe contra a mulher, que também é penetrada. Eu também comentei por duas vezes. Uma vez contando uma experiência pessoal, de que foi o padre da igreja católica que eu frequentava quem convenceu minha mãe a aceitar minha homossexualidade. Outra vez comentando que o público foi quem havia pedido que

houvesse a cena de beijo entre Félix e Niko, dois personagens da novela que estava sendo referenciada.<sup>33</sup>

O pastor Eduardo terminou afirmando que o senso crítico é importante para se questionar os dogmas religiosos, uma vez que eles são apenas discursos e não provém diretamente de Deus. Ele disse que acredita que a parte do filme na qual Deus se faz mais presente é numa cena em que os dois personagens principais se libertam de seus dogmas, vivendo experiências leves e divertidas na companhia de um homem não religioso que eles haviam conhecido. Nessa cena, os dois personagens se permitem ter experiências consideradas tabus pela doutrina religiosa que seguiam, como fumar maconha, por exemplo.

Esse debate dá a ver algumas coisas a respeito da interação que os membros da ICM estabelecem com a igreja. A ICM incentiva que seus membros se engajem em processos de reflexão crítica a respeito, por exemplo, de temas ligados à sexualidade, às doutrinas cristãs e às relações entre cristianismo e questões de interesse público. O próprio formato desse encontro, a exibição de um filme seguida de um debate, constitui uma dinâmica de interação bastante diferente da que as igrejas evangélicas, em geral, costumam estabelecer, possibilitando uma estruturação mais horizontal das relações de poder entre seus membros. Nenhum discurso é vetado, e diferentes discursos podem ser identificados dialogando entre si. Apesar disso, as assimetrias de poder não são totalmente eliminadas, uma vez que o pastor é quem tem a palavra inicial e final do debate, e através de sua fala, é possível perceber qual é o discurso sugerido pela ICM a seus membros. Assim, não é possível dizer que, apesar do incentivo à reflexão crítica, não haja um processo de doutrinação.

O embate estabelecido entre Hudson e Leonardo é indicativo dessa tensão. Apesar de destoar bastante do discurso proposto pela ICM, o discurso de Hudson não é vetado: todos permitem que ele expresse seus posicionamentos livremente até concluir suas ideias. Entretanto, depois disso, outros membros tentam persuadi-lo de que seus posicionamentos apresentam problemas, especialmente Leonardo e Maurício, e lhe apresentam novamente um discurso alinhado ao proposto pela ICM. Hudson apresentou em suas falas alguns elementos que podem ser vistos como misóginos, apontando como inadequados trejeitos afeminados, e lamentando-se por ser essa a forma como “a sociedade” vê os homossexuais. Ao dizer na sequência que teme que “qualquer coisa” seja vista como homofobia, ele sugere que o descontentamento compartilhado por ele com esse tipo de expressão de gênero é legítimo.

---

<sup>33</sup> Uma análise minha sobre o tema, publicada no laboratório de análise de acontecimentos *GrisLab*, está disponível em <<http://grislab.com.br/beijo-gay-um-acontecimento-que-nunca-acontecia/>>. Acesso em: 25 de fev. 2015.

Numa igreja com posicionamentos feministas e de defesa dos Direitos Humanos, tal discurso destoa bastante. O desalinhamento ao discurso institucional de Hudson pode estar relacionado à sua presença apenas eventual na ICM. Por outro lado, a reação realinhadora de Leonardo e Maurício, ao argumentarem em favor do livre arbítrio e contra a misoginia, mostra-os em sintonia com discursos propostos pela igreja; a despeito de Leonardo já não ser mais um membro frequente da ICM, tendo tido essa relação com a igreja, todavia, em outro momento.

### 3.2 - Ser gay na IBL

Em 2013, eu conheci um homem homossexual de pouco mais de vinte anos de idade. Na ocasião, ele me contou que era membro da *Igreja Batista da Lagoinha* (IBL), e eu perguntei a ele se não havia ali muitos discursos contrários à homossexualidade, e se não era difícil para ele se manter na IBL sendo *gay*. Ele me disse que quase não se falava disso por lá, e que a única vez que falaram mais propriamente do assunto foi para dizer que a igreja precisa “acolher” os homossexuais, ao invés de expulsá-los. Depois que eu fui à palestra de Andréa Vargas sobre homossexualidade, na IBL, eu postei um texto no meu *blog* pessoal comentando-a. Na sequência, esse rapaz me procurou através do meu *Facebook*.<sup>34</sup>

Eu: Deve ser complicado para você lidar com esse discurso sobre a homossexualidade vindo da igreja que você frequenta, quer você concorde com ele, quer não...

Davi: Sim. Acho que é exatamente por isso que eu não fui [à palestra sobre homossexualidade]. Eu já me condenei demais por isso, hoje sou tranquilo. Amo a Deus, sei que Ele me ama e vou à igreja porque gosto e me sinto bem ali. Na verdade, todas as igrejas atacam os homossexuais, *A Lagoinha* faz isso de forma mais tranquila. Eles falam que é errado, mas ao mesmo tempo te acolhem.

Eu: Mas você concorda com a forma como a palestrante entende a homossexualidade?

Davi: Eles nunca vão entender. Quem entende mesmo é quem é e quem sofre na pele. Além do mais, a *Bíblia* condena tanta coisa. Na *Bíblia* existe o velho e o novo testamento. O velho testamento, ele condena praticamente tudo. Inclusive cortar cabelo, barba, etc. Mas as pessoas amam viver no velho testamento. Eu acho que as pessoas vão se surpreender no juízo final, porque acredito que as pessoas não serão condenadas por serem *gays*. Elas serão condenadas pelos seus atos contra o seu próprio irmão, sua má fé, seu coração ruim, seu egoísmo, e não porque simplesmente ama alguém do mesmo sexo. Um *gay* pode ser condenado, por exemplo, por adultério, e apenas isso, e não

---

<sup>34</sup> Adaptei o texto original de nossa conversa, que estava carregado de maneirismos e abreviações próprias do ambiente *online*, para torná-lo de mais fácil compreensão.

por ser *gay*. Entende? Eu sinto o Espírito Santo em mim. Sinto Deus falar comigo. É isso que importa.

A principal estratégia de resistência encontrada por Davi parece ser a de evitar as situações de conflito dentro da IBL, vista na sua ausência voluntária à palestra ministrada em torno desse assunto. Quando comentei com ele que nos cultos *Homens Diante do Trono* fala-se muito sobre homossexualidade, ele também respondeu que não ia a eles por causa disso. Seu relato de que poucas vezes ouviu uma pregação específica sobre esse tema pode ser entendido justamente a partir dessa tendência. Davi negocia com os discursos da IBL e suas próprias crenças a respeito da homossexualidade, para conseguir coerência entre continuar sendo um membro da igreja e se aceitar *gay*. Um dos argumentos que ele utiliza nessa negociação é uma crítica às regras presentes no *Antigo Testamento*, que, em sua opinião, já não valeriam mais. Além disso, para ele, “todas as igrejas” veem a homossexualidade da mesma forma, então ele acha melhor ficar em uma que ao menos acolhe os homossexuais, ao invés de expulsá-los. Essa fala me indicou que ele não deveria conhecer igrejas inclusivas como a *Igreja da Comunidade Metropolitana* e a *Igreja Cristã Contemporânea*, o que ele me confirmou.

Davi acredita que o discurso da IBL sobre esse tema está errado, mas se sente feliz e realizado nas dinâmicas da IBL das quais participa, além de se considerar bem tratado mesmo pelos que sabem de sua orientação sexual. Por esses fatores, ele releva essa questão. A existência desse atrito não abala sua crença em Deus, e ele continua compartilhando outros valores e normas com os discursos da IBL, como a proibição do adultério. Davi não consegue reconhecimento sobre a legitimidade de sua orientação sexual na IBL, mas lida bem com essa situação, acreditando que continuar podendo frequentar as atividades da igreja normalmente, apesar de sua orientação sexual, vale a pena. Apesar disso, ele não esconde que é *gay* na IBL, falando sobre isso para alguns membros, e também já tendo ouvido o mesmo de outros. Na verdade, Davi aponta que assumir-se ali não é um tabu:

Davi: Eles [IBL] sabem que lá tem muitos [*gays*]. Eles veem todos os dias.

Eu: Tem muitos mesmo?

Davi: Sim, vários *gays*. Muitos buscando por uma aceitação, por um perdão divino, por um modo de cura, ou só por uma palavra mesmo. Outros só estão ali pelo *Diante do Trono*. O *Diante do Trono* tem muitos seguidores *gays*. Mas é uma igreja alegre, acolhedora, que cuida de você sem te julgar. Ouvi lá uma vez algo bacana do Pastor Alex. Ele disse assim: “Eu não odeio os *gays*, eu amo os *gays* e eu quero que eles venham cada vez mais. Eu quero cuidar, quero amar e quero mostrar esse Deus maravilhoso *pra* eles. Claro que é duro ouvir: “Você vai *pro* inferno”. Mas certas coisas a gente para de dar importância.

Como podemos ver em suas falas, Davi afirma que, assim como ele, há muitos outros *gays* na IBL, mas há aqueles que se relacionam com a igreja de maneiras diferentes. Alguns querem ser “curados” ou perdoados, outros (muitos, segundo sugere Davi) são apenas fãs da banda *Diante do Trono*.

### 3.3 - Ser da IBL e do Cellos

Gabriel é membro do *Centro de Luta pela Livre Orientação Sexual de Minas Gerais* (Cellos) e da *Igreja Batista da Lagoinha* (IBL). Até a adolescência, ele passou pela *Igreja Católica*, o espiritismo e o candomblé, religião na qual permaneceu por cerca de dois anos. Aos treze, por determinação de sua mãe, começou a frequentar a *Igreja Universal do Reino de Deus* (IURD). Aos dezoito, foi para a IBL. Lá era secretário de um pastor e intérprete do ministério com os surdos – interpretava inclusive gravações da banda *Diante do Trono*. Contou para o pastor sobre a sua orientação sexual e foi levado a participar de processos de “batalha espiritual” e “cura interior”. Saiu de lá e se envolveu com a formação da *Igreja da Comunidade Metropolitana* (ICM) em Belo Horizonte, participando da redação do estatuto da igreja. Ficou lá por seis anos, mas a deixou por se incomodar com algumas posturas da igreja. Depois, chegou a frequentar a *Igreja Cristã Contemporânea* (ICC), porém acabou retornando à IBL. Em uma entrevista, ele me contou como foi o início de sua trajetória como evangélico:

Sempre soube da minha orientação sexual. Desde pequeno. Eu só fui ter uma outra visão assim de “ah, é algo demoníaco”, na *Universal*. Mas eu já sabia. Eu tive uma dificuldade muito grande de aceitação enquanto eu estava na *Igreja Universal*, até por causa da linha de trabalho. É muito trabalho de libertação. Então eu acreditava, no comecinho, eu acreditei que eu podia ser liberto da homossexualidade... “homossexualismo” [tom de quem está se apropriando de um discurso do qual não compartilha, frisando o termo]. Dos treze aos quinze anos, eu ainda era muito bitolado, achava que tinha que ser curado. Já com os dezesseis anos, eu já tinha amadurecido um pouco e lia muito a respeito, estudava muito, até referências bíblicas, literaturas, pra entender isso. *Como que um Deus tão bom podia ter criado uma pessoa tão diferente da sociedade, que tinha que ser liberto, que senão eu ia pro inferno*. Então eu comecei a estudar muito sobre isso. Já aos dezesseis anos, eu já tinha me aceitado. Mesmo na *Universal* eu já me aceitava e não entendia que isso era algo negativo, que eu tinha que ser liberto. Pelo contrário, eu entendia que era um *dom* mesmo.

Essa fala nos aponta que a atração por pessoas do mesmo sexo só se tornou um problema para Gabriel depois de ele se tornar evangélico. Mas seu questionamento a respeito da coerência da crença de que um Deus supostamente bom teria criado uma pessoa predestinada ao Inferno

foi o que o impulsionou a procurar outras formas de entender a questão, de modo que ele deixou de ver sua orientação sexual como “algo demoníaco” e passou a vê-la como um “dom”, palavra que aponta para uma característica dada por Deus. Assim, ele conseguiu aceitá-la mesmo dentro da IURD, mas sem publicizá-la. Recontando hoje essa história, a forma como ele pronuncia a palavra “homossexualismo” evidencia o distanciamento crítico alcançado por ele em relação ao discurso da IURD.

As leituras que Gabriel fez para repensar a condenação de sua sexualidade fizeram com que ele também questionasse muitos outros pontos da doutrina da IURD. Foi quando ele conheceu a IBL e passou a frequentá-la. Mas a IBL também era contrária à homossexualidade, e, apesar de não mais ver seu desejo como um pecado, Gabriel continuou se submetendo a levar uma vida heteronormativa. Mesmo acreditando que não havia problema em sentir o desejo, ele ainda acreditava que havia problema em vivenciá-lo através de relacionamentos concretos. Por isso, ele resolveu namorar uma mulher do ministério de surdos, do qual ele fazia parte.

Eu sempre tive uma... isso é minha cabeça, sempre foi assim... Se eu estou em um lugar que todo mundo veste rosa, e eu quero ficar naquele meio, então *tá*, então eu vou me adaptar àquele meio, eu não vou ficar diferente ali. A partir do momento que eu quiser ser diferente, eu pego a bolsa e vou embora. Então se eu estava na igreja, eu estava ali, eu *tava* seguindo aquelas regras, mesmo me aceitando, eu falei: “Ah! Se eu sigo as regras da igreja mesmo, eu sei que não é *pra* mim, mas se o povo quer que eu namore, então *vamo* namorar.” Era namoro de igreja, *né?* Namoro de igreja não tem relação sexual, não tem nada... Namoramos quase dois anos, até quando eu resolvi que eu não tinha que viver bitolado demais, nas regras da igreja, porque eu entendi que eu estava perdendo a minha juventude, e isso foi com dezenove anos. Eu terminei esse namoro e assumi, resolvi contar *pro* pastor, e aí eu fui afastado de ministério, tive que passar pelo processo de libertação. Me mandaram *pra* “clínica da alma”, “batalha espiritual”, “cura interior”, “veredas antigas”, “encontro”, “reencontro”... são todos nomes de processos que acontecem lá dentro da igreja *pra* essas “curas interiores”, que eles chamam. Então passei por isso tudo, na verdade *pra* agradar o pastor e, se eu estava lá dentro, eu me submeti a isso. Eu fiquei afastado no banco, sem poder participar de nenhum ministério na igreja, sem poder atuar, sem poder interpretar os cultos, sem poder interpretar televisão. Tudo foi cortado, eu já não podia mais dançar também, porque eu tinha um ministério de dança, então fiquei no banco, literalmente.

As falas de Gabriel nos mostram como o processo de libertação pelo qual ele passou foi gradativo. Processo de libertação esse que não foi o proposto pela IBL, o de libertação do “homossexualismo”, mas sim o processo de libertar-se das normas que lhe impediam de viver sua sexualidade. Apesar de não sentir desejo por mulheres e de não se sentir mais um pecador por causa disso, ele se submeteu a um relacionamento com uma, para estar dentro das normas

de comportamento indicadas pela igreja. Perguntei a ele se ele tinha esperanças de “converter” sua orientação sexual através desse namoro, mas ele me disse que não, que o intuito era mesmo apenas seguir o comportamento que lhe era indicado. Entretanto, a sensação de que estava “perdendo a juventude”, ou seja, o ímpeto de vivenciar o seu desejo de forma concreta, impulsionou-o a terminar o seu namoro e sair do armário para o pastor.

Porém, em seguida, mais uma vez ele se submeteu ao discurso da igreja e passou por diversos processos de “cura” que lhe eram indicados, mesmo não acreditando na possibilidade de eficácia dos mesmos, com a finalidade de agradar a igreja da qual se sentia parte e onde queria estar. Seus diversos trabalhos na igreja lhe foram vetados, como se seu desejo por pessoas do mesmo sexo o tornasse inapto a realizá-los, enquanto ele permanecesse. Gabriel continuou na IBL por quase dois anos desde sua saída do armário. Mas logo encontrou uma forma de resistência ao ser convidado pelos membros de uma igreja de Sarzedo, na Região Metropolitana de Belo Horizonte, para tocar um ministério de surdos que havia sido criado lá pela IBL, mas que estava quase se extinguindo por falta de coordenação. Nesse período, ele entrou para o Cellos e foi se desligando da IBL.

A primeira vez que eu interpretei uma *parada gay* eu estava na *Igreja Batista da Lagoinha*. Aí foi até a minha carta, a minha assinatura, assim: “A partir de agora eu sei que nunca mais eu volto *pra* interpretar na *Lagoinha*”. Tanto que até brinquei: “A interpretação *praquelas* multidões do *Diante do Trono* agora acabou mesmo, porque agora ia ser só multidão na *parada gay*”.

Fazer parte do Cellos, para Gabriel, naquele momento, parecia ser incompatível com fazer parte da IBL. Se na IBL, ele estava afastado de suas funções para exercer uma tentativa de ser “curado”, no Cellos ele estava abraçando sua homossexualidade. Nesse momento, a ICM estava sendo fundada em Belo Horizonte, e Gabriel entrou em contato com ela.

Comecei a participar da ICM e trouxe as propostas de trabalho que eu já tinha de experiência nessa bagagem no cristianismo, que foi o trabalho com os surdos, foi o trabalho com o ministério de dança, e fiquei lá durante seis anos, cuidando desses ministérios, como diácono da igreja. O Gustavo [marido de Gabriel], ele foi conhecer a ICM, e na verdade conheceu a ICM e me conheceu. Foi quando nos conhecemos e começamos a namorar. Depois fui eleito vice-presidente da igreja. O presidente era o pastor, eu era o vice dele. A gente começou a divergir umas ideias, porque ele *tava* numa visão de abrir muito a igreja. Segundo eles, a ICM tinha que ser uma igreja mais eclética, mais aberta *pra* todas as religiões, e começou a abrir demais. A minha identidade é cristã. Então, aí eu falei: “não encaixo nesse quadrado”. Aí foi quando eu resolvi entregar minha carta de desligamento do corpo diaconal, da vice-presidência, de tudo. Me desliguei da ICM, e nesse desligamento foi um choque *pra* igreja, até porque quando eu me desliguei veio uma leva grande

junto comigo, que só do meu ministério de dança, foram cinco, mais ministério de surdos, mais membros que me tinham como referência, e aí um monte de gente também saiu da igreja. Eu sou bem assim, *né?* Igual eu falei, eu visto a cor que todo mundo *tá* vestindo, mas na hora que eu falar assim: “não é *pra* mim, *tá* me incomodando”, eu não vou tentar mudar todo mundo. Eu pego a bolsa e vou embora. Lindo. [Risos.]

Na ICM, Gabriel encontrou pela primeira vez a possibilidade de ser ao mesmo tempo cristão e homossexual, de poder tocar um trabalho em uma igreja e de ter um relacionamento com outro homem que também participava de lá. Mas sua subjetividade cristã era forte demais para resistir a uma postura da igreja que não se adequava a ela. Apesar de ter ali um refúgio onde podia exercer sua sexualidade livremente, para ele isso não era suficiente se a igreja não se adequasse ao modelo de cristianismo no qual ele acreditava. Isso era mais importante do que a aceitação, ela não valia a pena sem isso. Gabriel me contou também que já se incomodava com outras questões dentro da ICM, mesmo antes disso.

Tudo bem que pode ser liberal, mas a gente tem que ter bom senso. A postura de um pastor, por exemplo, ser fumante. Tudo bem que seja fumante, mas, poxa, cinco minutos antes do culto, e subir *pra* pregar com aquele cheiro de cigarro, ou então na hora que acaba o culto não vai atender os membros, ele vai *pra* varanda *pra* poder fumar. E sair dali falando de ir *pra* fazer pegação em tal lugar... Aí eu acho que é demais. Não que isso te afaste de Deus, mas eu acho que é a questão da postura pelo meio, pelo lugar que *cê tá* lidando, acho que não é postura *pra* uma igreja.

Essa crítica também vai ao encontro da anterior. Gabriel encara o cristianismo com rigor, e acredita que a igreja é um local em que os comportamentos devem ser observados dentro desse modelo. Nessa saída, Gabriel procurou outras igrejas, e foi quando conheceu a ICC:

Eu rodei várias igrejas *pra* procurar um lugar que eu me sentisse melhor, que batesse as ideias. Fui na *Igreja Metodista do Barro Preto*, que inclusive *tinham* dois diáconos lá que são casados. A igreja não fazia uma menção a isso, mas eles sabem, respeitam, e entendem como uma união normal, tanto que um deles era ministro de louvor e o outro diácono da igreja, e publicamente casados *pra* todo mundo... todo mundo sabia. Só não fiquei na igreja, porque é uma igreja muito paradinha, muito aquela de piano ainda e tal. Não é bem a minha cara. Fui na *Igreja Contemporânea*, achei o pessoal muito bitolado, é tipo uma *Igreja Assembleia de Deus, Deus é Amor de gay*. É tudo muito proibido, que é pecado, que você é um ser desse mundo, mas que você não pode se envolver com as coisas desse mundo, e que uma boate não é lugar *pra* você, que você não tem que estar na roda dos escarnekedores. É uma pregação de uma santidade muito forçada, que eu achei que não era o lugar *pra* mim lá.

Tendo passado pela ICM, Gabriel rodou por outras igrejas com um posicionamento inclusivo. Ele já não estava mais disposto a abrir mão de sua sexualidade. Mas também queria encontrar um local com o qual se identificasse. Como na ICM, não bastava ser aceito, era preciso também ser um local em que ele quisesse estar. Na *Igreja Metodista do Barro Preto*, ele não se identificou porque era “muito paradinha, muito aquela de piano ainda”. Não era “a cara dele”: Gabriel vinha de igrejas no qual o louvor era um elemento de culto muito importante, e um dos trabalhos que desenvolvia era justamente o de dança. Na ICC, ele sentiu o oposto do que sentia na ICM. Ali o rigor ultrapassava a igreja e atingia a vida pessoal. Ele já não estava disposto a abrir mão de nenhuma experiência fora da igreja que gostaria de ter para agradá-la, para se moldar ao discurso dela. Foi então que Gabriel resolveu, no fim das contas, retornar à IBL.

Depois de rodar bastante, procurar, a gente resolveu... eu e o meu esposo resolvemos voltar *pra Igreja Batista da Lagoinha*. É um lugar que tem a nossa cara. É uma igreja que não aceita a união homossexual, mas é uma igreja que também não proíbe a sua permanência lá, então é raro quando você vê um pastor pregando contra, em cima do altar. Acontece, mas não é sempre. Não é todo culto que *cê* vai ver um pastor falando mal em cima do altar, em cima do púlpito lá. Então é um lugar que você pode ir, congregar, participar dos cultos, mas *cê* não pode participar de nenhum ministério também. Se você participar de um ministério, *cê* vai *tar*, é... abrindo *pra* opinião de liderança e de tentativa de te levar *pra* um processo de cura interior e tal. Apesar que eu sei que dentro da igreja, existem até umas células, alguns ministérios, que até aceitam com mais facilidade, fazem vista grossa, aceitam as pessoas, não pregam contra. As próprias lideranças são a favor, mas não *deixa* isso explícito por causa da igreja, *né?*

Gabriel encontrou outra maneira de viver a IBL. Ele percebeu que se não estivesse à frente de nenhum ministério ali, ele poderia continuar vivendo suas experiências religiosas da maneira que gostava, que era “a sua cara”, com louvor, dança e um rigor de comportamento no espaço da igreja; sem ter que se adequar a discursos que lhe impediam de viver livremente sua sexualidade e experiências pessoais. A fala de Gabriel mostra possibilidades de resistência mais ativas dentro da IBL, mas com o custo de ter que se submeter, senão às práticas indicadas, ao menos à reprodução dos discursos da igreja, o que ele já não queria mais fazer. Hoje, membro do Cellos e da IBL, Gabriel fala sobre a dificuldade desse duplo pertencimento.

Eu sempre percebi que é muito difícil dialogar com a questão religiosa e militância LGBT. Eu acho que a militância LGBT, ela vem tão machucada, tão ferida, com tantas marcas lá de trás dessa briga com o meio religioso, que é muito difícil manter esse diálogo. Mas acho que a minha presença mesmo, como cristão evangélico ali dentro, tem mostrado que é possível esse diálogo

sim. Não é muito fácil, não é muito aceito, mas já tem feito uma pequena diferença. E agora ainda com a participação de outros militantes de outras religiões, que acham que isso é importante, então tem dado uma reforçada, mas eu sei que a militância LGBT, ela vem muito castigada mesmo com esse diálogo com o meio evangélico, com o meio religioso. Evangélico principalmente.

Gabriel reconhece que a dificuldade de diálogo se deve ao tratamento dado pelas igrejas evangélicas aos LGBTs. Mas acha que o diálogo é necessário e busca fazer sua parte, acreditando que, apesar de difícil, ele é possível. Mas seu foco não é tentar fazer a igreja tomar a iniciativa da conversa, mas sim a militância. Isso porque é na militância que hoje ele tem mais voz. Ele comentou sobre essa possibilidade alcançada por ele.

*Cê viu aquele evento que a gente fez [o debate *Diversidade sexual e religiões: o diálogo é possível?*]. Foi interessante, foi gostoso. Era uma coisa que eu já tinha pensado muito, desde quando eu cheguei no Cellos e fiquei observando, pensando assim: “A gente tem que ter um diálogo”. Porque todas as vezes que, na antiga liderança do Cellos, na hora que eu tentava levantar o assunto, era muito cortado. Mas agora os mais novos não. Até porque, com bastante tempo, eu tomei corpo lá dentro, porque antes eu era zerinho à esquerda, *tava* chegando, mas eu fui tomando corpo, agora tenho voz ativa, *né?* E deixaram. Falaram assim: “Ah, *cê* quer fazer, *cê* dá conta de fazer? Então faça.” Mas no começo, muita resistência. Eu acho muito interessante, porque eu vi que o auditório ficou cheio, tinha muita gente, tem muita gente interessado, quer fazer isso, quer participar disso, mas eu acho que falta abertura mesmo, e se não for eu ou um outro que puder abrir, nunca vai abrir esse diálogo.*

O debate organizado por Gabriel contou com falas de membros da ICM, da ICC e da IBL. Foi uma conquista dentro de seu trabalho de militância que também tem um significado importante dentro de sua própria trajetória de vida, como podemos ver através de sua biografia.

Perguntei também a ele se realmente havia muitos *gays* na IBL, como ele já havia me falado anteriormente.

É muito explícito. É o meu caso... Eu tenho amigos que estão lá que são casados, e são membros, assim, ferrenhos, assíduos mesmo. Conhecidos por todos, *todo mundo sabe que são casados*. A igreja é grande, eles separaram por setor. Então tem até um setor específico lá, que é o setor *gay*, que é *aonde* que senta a maioria dos *gays*. Mas *é muito comum ver gay em tudo que é lugar naquela igreja*. Todo lugar. É tanto que, no final do culto, tem lá os grupinhos mesmo, na praça. *Cê* tem que ir no culto de domingo à noite, no culto do André Valadão, aí *cê* vai achar. *Congresso Diante do Trono é um point gay*. Tem que ir *pra* poder ver. *Cê acha mais gay lá do que numa boate*. Porque quem participa desses ajuntamentos do *Diante do Trono* são *gays* e ministros de louvor, então 80% é *gay* mesmo. Acho que o *Diante do Trono*, a melancolia do *Diante do Trono*, atrai muita... A própria Ana Paula [vocalista da banda] já falou isso. Numa entrevista dela com o *Balaio*, tá até no *Youtube*, com o Alex.

Ele faz uma pergunta *pra* ela: “Mas *cê* sabe dessa participação dos homossexuais nos seus ajuntamentos, seus *shows*. E como que vocês veem isso?” Aí ela dá uma esquivadinha e fala assim: “Ah, a gente tem que receber mesmo, todos são bem vindos...” [Voz suave, polida, imitando a de Ana Paula Valadão.] E ele pergunta: “Mas por que *cê* acha que o *Diante do Trono* atrai tanto homossexual assim?” Ela fala: “Ah, é porque são pessoas mais sensíveis, e a nossa música acaba trazendo. Mas *tamos* de braços abertos...” Vai num congresso do *Diante do Trono*. *Cê* tem que ir num congresso do *Diante do Trono*, *cê* vai ficar assustado. O congresso *Diante do Trono* é uma coisa de louco, e não tem explicação. O Gustavo, quando eu fui, pela primeira vez, ele ficou tão assustado que ele falou assim: “*Cê* não voltar nesse congresso mais não. Nunca mais a gente vai participar disso aqui.” Porque ele já é ciumento na igreja, quando ele chegou lá...

As falas de Gabriel apontam para o quanto o seu caso não seria apenas um, mais sim apenas mais um. Ele nos conta sobre casais *gays* cujos membros com os quais têm contato sabem que são casados, sobre grupos de amigos *gays* que ocupam espaços dentro da igreja, sobre coletivos *gays* de fãs da banda *Diante do Trono*. Isso mostra o quanto a IBL é um espaço de tensões onde vários sujeitos conseguem equalizar suas subjetividades evangélicas e homossexuais, ignorando o posicionamento contrário da igreja, ao não ter que lidar diretamente com ele nos cultos e eventos que frequentam. A entrevista da qual ele nos conta, que pode ser vista no *Youtube*, mostra como a igreja tem noção dessa questão, e faz uma certa “vista grossa”, dentro do discurso de “acolhimento” dos homossexuais. Esse discurso apresentado por Ana Paula Valadão é ironizado pela Figura 9, que circulou pela Internet durante minha pesquisa de campo. Perguntei a Gabriel se ele conhecia o culto *Homens Diante do Trono*.

Eu nunca quis participar desses cultos, desde de lá de trás eu não queria participar. Eu tenho vontade de participar do *Mulheres Diante do Trono*, mas não posso... [Risos.] Eu participei uma vez do culto *Homens da Promessa*. Eu participei de um culto desse, e mesmo assim eu participei, porque precisava de um intérprete, porque tinha surdo no culto, aí me chamaram, eu tive que ir. Mas não gostei muito, porque *é uma fala muito... muito pra homem, muito machista*, então não gostava muito. Preferi sempre me esquivar disso, nunca gostei.

Gabriel não gosta do *Homens da Promessa*, porque seu discurso é “*pra* homem”, ou seja, para homens heterossexuais, não para ele. Ele se vê identificado com o *Mulheres Diante do Trono*, um culto para mulheres, mas não pode participar. Gabriel e Gustavo casaram-se no civil recentemente. Perguntei a ele se tinham vontade de se casar também na igreja. Ele me respondeu: “O casamento religioso eu acho que é muito... essa cerimônia foi muito criada *pra* hétero, então acho que não tem nada a ver com a gente.”



**Figura 9:** Imagem que circulou pela Internet ironizando o discurso de Ana Paula Valadão, pastora da IBL.

### 3.4 - O Diálogo é possível?

O Centro de *Luta pela Livre Orientação Sexual de Minas Gerais* (Cellos) organizou, em 2014, durante a *Primeira Jornada BH Sem Homofobia*, o debate *Diversidade sexual e religiões: o diálogo é possível?*. Quem idealizou e organizou o debate foi Gabriel, que além de militante do Cellos é membro da *Igreja Batista da Lagoinha* (IBL), com a ajuda de Telmo, outro militante do grupo, que frequenta religiões de matriz africana. Gabriel e Telmo convidaram para o debate representantes da *Igreja Católica*, da *Igreja da Comunidade Metropolitana* (ICM), da *Igreja Cristã Contemporânea* (ICC) e do candomblé, pois o Cellos já possuía um diálogo prévio com esses segmentos religiosos. Como o tema do debate era afim à minha pesquisa, já conhecida por Gabriel e Telmo, fui convidado por eles para mediar o evento. Nenhum dos membros da *Igreja Católica* convidados puderam comparecer na data e horário programados, então o debate começou com uma cadeira vazia, que acabou sendo ocupada por um membro da IBL que estava presente. Cerca de trinta pessoas compareceram ao debate. Dos membros do Cellos, apenas Telmo e Gabriel estavam presentes. Não houve comparecimento de demais membros da ICC, mas muitos membros da ICM foram ao evento. Todas as lideranças da militância e das igrejas envolvidas nesse debate foram masculinas. Uma das considerações feitas por uma mulher da audiência, no dia do evento, foi justamente essa. Entretanto, antes da fala dessa mulher, a questão não havia sido problematizada em nenhum momento pelos envolvidos no debate.

Durante um encontro para a organização do evento, os participantes da reunião concordaram sobre a importância de se tentar estabelecer um diálogo entre a militância LGBT e as igrejas evangélicas. Gabriel disse “transitar nesses dois mundos”. Para ele, os dois não têm ligação, mas “é preciso juntar forças”: “Sou um dos primeiros que dei a cara a tapa saindo da igreja e indo para a militância.” Telmo respondeu dizendo que não conhecia mais ninguém com esse perfil. Ele acredita que a parceria com as igrejas evangélicas será boa para o Cellos: “A gente tinha parceiro de universidade, governo, movimento social, psicologia, o que faltava era do meio religioso.” Para Jucimar, essa iniciativa irá ajudar a “vencer a resistência da militância em relação à religião”.

Gustavo acredita que é importante dialogar com os evangélicos, porque eles teriam pouco acesso à realidade dos LGBTs. Ele argumentou que se o conhecimento da realidade dos LGBTs é escasso dentro do próprio grupo, ele seria ainda mais escasso entre os evangélicos. Gustavo exemplificou como esse problema ocorre entre os próprios LGBTs: “Acho atrasado que eu fui saber que existem *as* trans-homens, até então eu não conhecia *elas*”. Ele usou o feminino para se referir aos trans-homens, o que aponta para essa dificuldade. Anteriormente, eles haviam comentado sobre um vídeo que circulava na Internet durante aquela semana, que mostrava uma travesti se submetendo a um processo de “cura” em uma igreja evangélica. Ela tinha os cabelos raspados, num momento que aparentava ser de grande sofrimento para ela. Gustavo comentou: “A trans permitiu ser mutilada, porque a pessoa acha que *tá* fazendo o bem consigo.”

O evento começou com uma fala de Gabriel, através da qual ele tentou imprimir uma certa definição da situação ao debate. A ideia de Gabriel era a de que aquele deveria ser um espaço de “diálogo” e não de “confronto”.

Pensamos em uma atividade que fosse englobar um público que às vezes está tão distante. Porque, muitas vezes, nós ativistas do movimento LGBT e cristãos, sentimos a falta da participação do meio religioso nessa militância também, dando a cara, indo *pra* rua, como nós fazemos. Resolvemos fazer essa atividade *pra* abrir essa discussão. *Não uma discussão de confronto*, mas *pra* que nós possamos nos encontrar. *Maior é aquilo que nos une do que o que nos separa*. E muitas vezes nós temos tantos objetivos comuns que nos unem tanto, e às vezes a religião, ela acaba nos separando tanto. E hoje nós vamos ter essa possibilidade aqui de *um diálogo*.

Gabriel, em sua fala, cobrou da religião uma participação na militância, e ressaltou sua crença de que os interesses comuns entre militância e religião seriam maiores que as divergências. Em seguida, houve a fala inicial de Retamero, representante da ICM.

Somos [ICM] chamados de “A Igreja dos Direitos Humanos”. Há alguns anos, no Rio de Janeiro, nós tivemos esse reconhecimento oficial por parte do *Grupo Arco-Íris*, quando ganhamos lá o prêmio dos Direitos Humanos naquele ano. E a ICM, ela nasce como uma igreja militante, como uma igreja que milita pelos Direitos Humanos. Isso inclui pessoas LGBTs, mas também inclui toda e qualquer pauta que diz respeito aos Direitos Humanos. Nós somos considerados, portanto, cristãos progressistas ou cristãos liberais. A igreja como militante, que não se cala diante do avanço do fundamentalismo religioso. A igreja que não se cala diante da bancada evangélica.

Retamero apresentou a ICM como sendo ao mesmo tempo uma igreja e um espaço de militância, e colocou a ICM como adversária do “fundamentalismo religioso” e da bancada evangélica na *Câmara dos Deputados*. Ele tentou comprovar sua fala através do prêmio recebido pela igreja por parte de um grupo de militância LGBT, o *Grupo Arco-Íris*, do Rio de Janeiro. Depois da fala inicial do representante do candomblé, houve a fala de Cássio, representante da ICC.

Peço já desculpas pelo nosso pastor, ele tinha um compromisso já marcado. Ele não pôde vir, então ele me indicou *pra* vir. Nasci num lar evangélico, e, como *gay*, *se* ver nascido dentro de um lar evangélico, às vezes é um pouco conflitante. E num segundo momento, você se vê dentro da igreja, indo para o Inferno. E isso traz um sofrimento *pra* alma gigantesco, que nunca foi interesse do próprio Deus. A gente tem aquela sociedade machista, patriarcal, onde que um homem quando se relaciona com outro homem é uma abominação. Eu agradeço muito a Deus, no meu discurso, principalmente pela ICM, que ela foi a primeira realmente igreja a abrir suas portas, e a partir dela várias outras igrejas surgiram. A *Igreja Cristã Contemporânea*, ela veio, e o próprio Pastor Marcos Gladstone, que é o seu fundador, ele derivou da *Igreja Cristã Metropolitana*. Eu acho muito importante esse debate religioso, *tar* aqui com os meus colegas, inclusive do candomblé, porque a religião cristã, por muito também fez foi demonizar outras religiões.

Cássio aponta para a dificuldade do *gay* que nasce em uma família evangélica lidar com sua sexualidade em casa e na igreja. Indica o sofrimento que isso causa, e que ele não seria da vontade de Deus. Essa parte da fala de Cássio está em sintonia com o que escutei na ICC, mas outras partes trazem elementos diferentes. Cássio reconhece o pioneirismo da ICM em relação à teologia da inclusão. O fundador da ICC, Marcos Gladstone, veio da ICM, como lembra Cássio. Mas na história da ICC, contada no culto comemorativo dos quatro anos da igreja em Belo Horizonte, esse fato foi suprimido. Cássio apresenta também um respeito às religiões de matriz africana, ao criticar a demonização que elas sofrem por parte de muitas igrejas. Na ICC, não escutei nenhuma referência a essas religiões, mas o discurso corrente é o de que Jesus é o único caminho. Outro aspecto diferenciado da fala de Cássio é a referência ao contexto social no qual a igreja se insere, dizendo de uma sociedade patriarcal. Não presenciei falas fazendo

esse tipo de reflexão na ICC, onde quase sempre é o Diabo quem é apontado como a fonte dos problemas. Cássio continuou sua fala.

Eu queria deixar aqui uma fala: “E abrindo Pedro a boca disse: ‘Reconheço por verdade que Deus não faz acepção de pessoas’.” Eu não sou muito favorável a nós pegarmos versículos separados, porque muitos utilizam dessa forma para nos acusar. Nós temos aí na *Bíblia* mais de trinta e um mil versículos, e só seis deles nos acusam diretamente nas traduções impostas hoje em dia *pra* nós. E eles utilizam muito de versículos isolados e sem trazer nenhuma análise contextual, escatológica sobre aqueles versículos, e usam *pra* nos condenar.

A necessidade de se preocupar com o contexto da escrita e os processos de tradução, apontada por Cássio, também não está explicitamente presente nos discursos que encontrei na ICC, apesar de o pastor contextualizar alguns elementos das leituras efetuadas nas celebrações. Cássio aponta que os versículos usados para condenar a homossexualidade são assim utilizados devido aos processos de tradução. Ele também aponta o número relativo desses versículos em relação ao tamanho da Bíblia, deixando implícito que isso apontaria uma irrelevância do tema dentro do livro. Sua fala continua.

Quando a gente fala da diversidade sexual, aí *cê* tem várias siglas, várias letras que podem se compor à própria sigla LGBT. E é um universo muito criativo, e Deus é criativo, *né?* Eles tratam a gente como doença, mas nós acreditamos que isso não é uma doença, que Deus nos fez assim, e Deus nos ama assim.

Aqui Cássio está alinhado ao posicionamento da ICC quando fala que Deus fez os *gays* da forma como são e os ama assim. Ademais, ele usa a ideia de que o universo LGBT é criativo, pois Deus também é, apontando a diversidade sexual como uma criação de Deus. Ele continuou.

Na nossa igreja, os *gays* que por muito tempo foram afastados da igreja, eles encontram essa oportunidade, sem ninguém querer confrontá-los, sem querer fazer um tratamento de exorcismo ou até mesmo um processo de cura. E na minha história, eu me submeti a todos esses processos, porque eu não me aceitava, e isso me causou muita dor. Claro, há coisas na vida que nós escolhemos, mas a nossa orientação não. Nasceu assim. Relacionar, igual eles queriam que eu fosse, era sim uma prerrogativa, *né?*, eu posso escolher me relacionar com um homem, ou com uma mulher, ou não me relacionar, sendo assim uma plantinha na presença de Deus, vamos dizer assim, uma florzinha, *né?* Mas Deus não tem celibatário. Deus fez toda a criação. Ele falou assim: “Isso era bom.” Quando ele fez o homem: “Isso era muito bom.” E teve uma coisa que ele falou que não era bom: que o homem viva só. E a nós, nas igrejas, você pode até ter um jeitinho, você pode até, *né?*, ser mais afetivo, alguma coisa, mas você não pode relacionar. Nos levam *pra* solidão, então nos levam daquele objetivo de que não é bom que o homem viva só. Esse discurso é tão

importante, porque as pessoas falam assim: “Mas pode um *gay* crente? Mas pode um *gay* evangélico? Ah, não, *cês tão* errados, não pode.” Claro que não é fácil, *né?* Não é só um discurso religioso aí... É um discurso também político e social do contexto.

Mais uma vez Cássio traz a ideia de que a condenação da homossexualidade não é responsabilidade apenas da igreja, mas também do contexto social mais amplo. Ele conta sua própria trajetória como evangélico, relatando ter passado por processos de “cura” por vontade própria, por não aceitar sua sexualidade. Cássio aponta o discurso de que, independente do desejo, o sujeito homo-orientado não deveria se relacionar com outras pessoas do mesmo sexo. Mas, para ele, essa não é a vontade de Deus. Na continuação da sua fala, ele lembrou do preconceito, inclusive entre os LGBTs, em relação à afeminação: “‘Ah, você é tão afetivo, né? Você é tão quebrado! Ah, a voz dele!’ A minha voz, por exemplo, muito foi criticada. Até mesmo dentro da própria comunidade GLBT.”. Cássio usa o termo “afetivo” como referência à afeminação. O termo “homoafetivo” é a forma como a ICC chama os homossexuais. A primeira pergunta da audiência veio após essa fala de Cássio. Foi de um jovem da *Igreja Batista Getsêmani*.

Eu queria saber como que vai abrir uma igreja assim, se na *Bíblia* fala que Deus ama o pecador, mas ele abomina o pecado. E de acordo com a concepção da igreja, essa... a prática é um pecado, e vocês não excluíram essa parte da *Bíblia*? E igual, tipo assim, na *Bíblia* também diz que Deus... o homossexual... Deus não criou o homossexual. Então vocês vão excluir? Como é que vai ser?

Esse jovem batista traz uma fala bastante alinhada com o discurso que encontrei na IBL em relação à ideia de que Deus ama o pecador, mas não o pecado; e que a *Bíblia* deixa clara a proibição da homossexualidade. A segunda fala da audiência foi feita por Roberto, da IBL: “Eu queria fazer algumas considerações. Lembrando que o nosso discurso aqui, como foi falado inicialmente, não é um confronto, *né?* Eu considero que deveria ter também um espaço *pros evangélicos* aqui no debate.” Roberto concorda e reforça a definição da situação proposta por Gabriel no início do debate. Mas ele aponta que deveria haver “evangélicos” na mesa. Essa fala indica uma deslegitimação da ICC e da ICM como igrejas evangélicas. O evangélico “de verdade” não teria o mesmo posicionamento a respeito da diversidade sexual.

Eu, como mediador do debate, fiz a seguinte proposição, como resposta à fala de Roberto: “Eu tenho uma sugestão *pro* Gabriel e *pro* Telmo, do Cellos, que *tão* aqui. Depois dessa rodada de perguntas, eu sugiro que ele, se ele tiver vontade, venha compor a mesa com a gente *pra* falar em nome da *Igreja Batista da Lagoinha*.” Gabriel concordou com a ideia e

acrescentou: “Existe uma cadeira vazia ali da *Igreja Católica*, que nós não conseguimos trazer nenhum representante, infelizmente as pessoas *tavam* todas com agenda lotada.” Depois de mais uma fala da audiência, Retamero iniciou as respostas da mesa.

Esse chavão de abominar o pecado e amar o pecador, isso é uma balela. Uma balela *da* mais sem vergonha que existe, porque nós não podemos separar agente de ação. Quem faz a ação é o agente, não é uma ameoba, um protozoário. Quem peca é o homem, e a *Bíblia* diz que todos pecaram. Você é tão pecador quanto eu ou quanto qualquer homossexual. Ser de Cristo não te faz melhor ou pior do que ninguém. Te faz igual. Deus ama o pecador, apesar do pecado. Quando a gente não ama a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a nós mesmos, isso é pecado.

Retamero critica o discurso de que Deus ama o pecador, mas não o pecado; e propõe a ideia de que Deus ama o pecador, apesar do pecado. Ele aponta que todos seriam pecadores e que seria impossível separar o sujeito da ação, o pecador do pecado; pois o pecado seria parte do pecador. Em relação à sexualidade, essa fala aponta para a ideia de que a orientação sexual e a identidade de gênero do sujeito são intrínsecas a ele, e não algo que pode ser isolado. Ele também tenta reduzir o conceito de pecado ao descumprimento do mandamento básico apontado por Jesus nos evangelhos: amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo. Em seguida, ele voltou-se especificamente para Roberto. Em sua intervenção, Roberto havia comentado a fala de Cássio, afirmando a necessidade de se seguir a *Bíblia* mesmo quanto a temas presentes em poucos versículos. Sobre isso, Retamero iniciou um diálogo com ele.

Retamero: Em relação ao irmão da *Batista da Lagoinha*, a *Bíblia* manda matar o filho mentiroso. *Cê* tem filho?

Roberto: Não.

Retamero: No dia que você tivesse filho, e o seu filho mentir pra você, *cê* vai levar ele *pra* fora da cidade e vai matá-lo?

Roberto: Não.

Retamero: Então *cê* vai contra a *Bíblia*? A *Bíblia* manda matar. Você come camarão?

Roberto: Como.

Retamero: *Tá* pecando. Você *tá* pecando porque *cê tá* sem barba. Seu cabelo *tá* rapado. A *Bíblia* diz que não pode, tem que ficar igual a mim assim, *ó*, barbudo. E cabeludo. Senão, porque lá *tá* dizendo que é uma abominação. Essa roupa que *cê tá* usando aí, *ó*, é abominação segundo a *Bíblia*, porque lá no *Levítico tá* dizendo que não pode usar roupa com mais de dois fios. *É tão bonitinho a gente falar sobre a Bíblia, mas conhecer Bíblia é pouco.* É bom conhecer. Nem tudo que a *Bíblia* diz, que a gente tem que fazer. A *Bíblia* diz tanta coisa. A *Bíblia* precisa ser lida. É lida corretamente. Palavra de Deus é Jesus Cristo. A palavra de Deus, o verbo que se fez carne, é Cristo. Não é um

livro. O livro é história. Mas tá longe de ser palavra de Deus. *Vamos falar sobre a Bíblia, nós vamos estudar sobre a Bíblia pra não falar besteira.*

Retamero diverge da definição da situação proposta por Gabriel, deixando de lado um diálogo amistoso para tomar um posicionamento mais ofensivo. Ele sugere que Roberto estaria falando sobre a *Bíblia* sem conhecê-la. Aponta várias normas do *Antigo Testamento* que hoje são ignoradas pelas igrejas evangélicas que condenam a homossexualidade baseadas nos mesmo livros que apresentam tais normas. Ele também aponta o discurso da ICM de que a palavra de Deus é Cristo, “o verbo que se fez carne”, e não a *Bíblia*. Em seguida, Cássio tomou a palavra para responder às questões da audiência.

Eu tenho sim medo de um país governado pelos evangélicos, embora eu me denomine, possa me denominar como tal. Porque, realmente, os fundamentalistas, eles utilizam da religião *pra* manipular as massas, e isso daí convém a favor de si. Respondendo aos meus irmãos da *Lagoinha*, eu fui *na Lagoinha* nove anos da minha vida. Aquela igreja foi uma benção na minha vida sim. Eu amo lá. Gosto da *Getsêmani* também. Embora eu tive todo um sofrimento lá, a minha sensação é de perdão para as pessoas que me fizeram sofrer tanto ou me impulsionaram, mesmo porque naquela época eu queria viver aquilo que eu *tava* vivendo. Como uma prisão. Mas hoje eu encontrei a verdadeira libertação que eu sempre busquei, que é ser quem eu sou na presença de Deus. Olhando de uma forma superficial, e principalmente de um português onde usou uma tradução de uma pessoa que ela vive numa sociedade patriarcal e machista, é lógico que ela vai escolher a palavra que eu quero colocar ali *pra* condenar quem seja, porque assim foi durante muitos anos, até para a escravidão. E se você pegar os evangelhos, eu acredito que a palavra *pra* mim mais importante que se for ter foi os próprios ditos de Jesus, e ele não cita, pelo contrário, há indícios de outras possibilidades, mas claro, é especulação e é interpretação, e o meu objetivo aqui não é convencer ninguém. Meu objetivo aqui é realmente expor aquilo que eu estou vivendo. A minha novidade de vida, e a minha felicidade enquanto *gay* e cristão. E ter a certeza que Deus me aceita sim.

Mais uma vez, Cássio traz um testemunho sobre sua própria trajetória de vida. Ele conta que passou pela IBL e que foi ali que se submeteu aos processos de “cura” anteriormente referenciados por ele. Mas ele redime a igreja de culpa ao apontar que aquilo era o que ele desejava no momento. Mais uma vez ele aponta o processo de tradução como problema, e dessa vez o relaciona à questão do contexto patriarcal e das visões de mundo e dos interesses de quem traduziu o texto. Ele também aponta que o central do cristianismo devem ser os ensinamentos de Jesus, o que destoa um pouco novamente dos discursos da ICC, que recorrem muito ao *Antigo Testamento*. Cássio fala de possíveis indícios de que Jesus não seria contrário à homossexualidade, mas admite que essa seria apenas uma interpretação possível, entre outras.

Ele faz a ressalva de que é evangélico, mas que tem medo e não concorda com o posicionamento dos que considera “fundamentalistas”.

Depois que a minha sugestão foi aceita por Gabriel, fui até Roberto para perguntar se ele gostaria de compor a mesa. Ele disse que sim, mas que não poderia falar oficialmente em nome da IBL, já que ele não havia se preparado para representá-la dessa maneira. Quando ele compôs a mesa, antes de passar a palavra para ele, eu repassei essa ressalva à audiência. Em seguida, ele fez a exposição de seu posicionamento.

Antes de tudo, eu queria dizer que eu fiz uma consideração, não confrontando. Eu poderia provar *pra* você [Retamero] todos os versículos que você levantou, que você *tá* errado, mas da mesma forma que você poderia me provar que eu *tô* errado, mas eu acho que isso não é saudável, eu prefiro te pedir desculpas se, de alguma forma, eu quis parecer que eu tava querendo fazer um debate, porque eu prefiro perder a razão do que perder você. Eu prefiro que em outra oportunidade, irmão, que vocês possam me conhecer. É ver que talvez essa sensação de que eu fosse ser o evangélico da galera, que ia levantar bandeira batendo e confrontando, eu não vou. Eu não vou discutir *Bíblia*, eu não vou ficar discutindo, ate mesmo porque a minha opinião com relação a orientação sexual, gente, não é bíblica, *tá?* É científica, e é baseada em neurociência. Então, eu poderia provar, biblicamente, mas isso *pra* mim não dá em nada.

Roberto tenta redefinir a situação em favor do que foi proposto por Gabriel: um diálogo ao invés de um confronto. Ele adota o posicionamento de que prefere “perder a discussão” do que perder a relação que está estabelecendo com os outros, pedindo desculpas por possíveis má impressões e se abrindo à possibilidade de um diálogo mais contínuo. Roberto tenta fugir do papel de evangélico fundamentalista e defende que sua opinião sobre homossexualidade é científica e não bíblica, alinhando-se a alguns discursos em circulação na IBL. Ele aponta também que diferentes interpretações fundamentadas para a *Bíblia* são possíveis. Sua fala continuou.

Eu não sou defensor dos evangélicos, eu não me considero evangélico, eu me considero cristão protestante. *Pra* mim é muito diferente, mas é só o meu ponto de vista, *tá?* Eu *tô* nas paradas *gays*... Eu sou o rebelde da igreja. O famoso rebeldezinho da igreja protestante. Eu *tô* nas paradas *gays* de BH, Betim e Contagem desde 2009. Fazem seis anos que eu *tô* em todas. Eu vou em todas as caminhadas de lésbicas. Eu estou na maioria das *raves* e das micaretas que acontecem, fazendo um trabalho de conscientização de drogas e doenças sexualmente *transmissível*. Eu nunca estive numa parada *gay* falando *pras* pessoas: “Você é *gay*, você vai pro inferno. Você é *gay*, você *tá* com o demônio. Você é *gay*, você *tá* errado e eu *tô* certo.” Eu nunca levantei essa bandeira. O que eu faço dentro da igreja é *ensinar eles* a não levantar essa bandeira. *Até mesmo, em outra época, eu tentei com o Cellos. Eu tentei espaço nas paradas gays pra poder apresentar um teatro conscientizando as pessoas sobre drogas, sobre DST/AIDS.* E foi muito difícil. Por quê? “Ah, porque ele é

evangélico.” Eu acho que, com todo respeito, que às vezes *o discurso de vocês é mais evangélicofobia do que homofobia*. Eu sei que os evangélicos batem muito. Eu sei que a bancada evangélica é podre, em muitos sentidos. Eu sei que a igreja evangélica tem que amadurecer muito. Eu sei que boa parte dela é preconceituosa, fundamentalista. Mas eu não sou. Eu não vim aqui *pra defender eles*. Os que *tão errado* lá dentro, eu desço a linha neles mesmo. Eu falo: “Velho, que *cê tá* fazendo com esse cara?” O que ele falou que sofreu até dentro da própria *Igreja Contemporânea*, porque tem a voz fina, de que tem trejeito, de que...

Mas Cássio o interrompeu para dizer que isso ocorreu na “*Batista*”, e não na “*Contemporânea*”. Nesse trecho de sua fala, Roberto apontou ter a mesma visão que a ICM e a ICC sobre os evangélicos considerados fundamentalistas. Ele também os toma como alteridades e os vê de forma negativa. Roberto tenta se desvincilhar desse estereótipo afastando-se da palavra evangélico, que ele próprio havia usado para reivindicar uma representatividade de seus posicionamentos no debate. Ele apresenta seu trabalho sobre prevenção de DSTs e uso de drogas junto aos LGBTs como uma forma de comprovar seu posicionamento, afirmando que não condena ninguém por sua sexualidade. Ele também defende que tem um papel contrário à intolerância na IBL e que, por causa de seus posicionamentos, é visto como o rebelde de lá. Roberto critica o Cellos por não ter dado espaço a ele, usando o termo “evangélicofobia” para contrapor a visão de que os evangélicos seriam homofóbicos, numa tentativa de inverter os papéis de intolerantes e intolerados. Ele mostra ter uma relação com o Cellos muito anterior ao debate, frequentando os eventos organizados pelo grupo há seis anos e já tendo buscado estabelecer um trabalho em parceria com o grupo. Roberto prosseguiu com sua fala.

É uma coisa que a igreja *tá* amadurecendo, como o Brasil *tá* amadurecendo também *pra* questão da sexualidade, como todo mundo ainda precisa amadurecer com relação ao assunto sexualidade. É uma oportunidade muito boa *pra* gente parar com essa barreira que criou. Eu sei que não é simples ter um espaço evangélico no meio LGBT, porque a maioria dos evangélicos, eles querem pegar os *gays* e converter e fala que é demônio... Só que não é por aí, gente. Eu saio com os meus amigos, eu bebo, eu curto a vida com a galera. Então, assim, se eu pedir desculpas *pra* vocês e *pra* ele [Cássio] principalmente, que já foi ferido por tanto tempo, eu acho que nem é o suficiente. Por isso que eu não fico nesse discurso de pedir desculpa. Eu prefiro ir nos eventos e conversar, e me relacionar. E amar. As pessoas me veem na parada *gay*, vêm aqui e me falam assim: “O que que *cês tão* fazendo aqui? *Cês* são da *Igreja Batista*. *Cês* vão falar que é *pra* gente ir *pra* igreja, *cês* vão falar que é *pra* gente converter, *cês* vão falar que é demônio.” Eu falo assim: “Não, gente, eu vim aqui *pra* tirar foto com *cês*, *pra* bater papo, *pra* rir. *Pra* conversar sobre a vida, *pra* eu crescer com vocês.” E eles quase caem *pra* trás. Eles ficam assim: “*An?* *Cê* não veio me condenar?” Eu falei assim: “Não, eu não vim te condenar. Eu vim aqui, porque eu acredito que se Jesus estivesse aqui, ele estaria aqui também, como estaria em todos os lugares.” Eu não quero

que ninguém vá *pra* minha igreja. Não tô lá *pra* conseguir membro. O ponto não é esse.

Roberto aponta para a necessidade de abertura de canais de diálogo entre LGBTs e evangélicos. Ele reconhece que sua dificuldade de acesso ao meio LGBT se deve também ao posicionamento habitual da maioria dos evangélicos, que ele afasta de si. Ele aponta para um caminho de não conversão e sim de convivência. Roberto defende que é isso o que ele acredita que Jesus faria. Ele também afasta a ideia de santidade de si, apontando que também bebe com os amigos. Voltando-se para Cássio, ele reconhece o sofrimento causado a ele na IBL. Mas Roberto tenta redimir a igreja ao apontar que não só ela, mas toda a sociedade ainda está “amadurecendo” em relação ao tema. Depois de sua fala, iniciou-se a segunda rodada de perguntas, com um jovem de outra igreja batista, chamado Silviano, pedindo a palavra.

Deus não quer sacrifício. Mas eu falo por outro lado, eu falo pelo lado da obediência. Por exemplo, eu não faço sexo antes do casamento, porque eu acredito que isso é obedecer a Deus. E eu quero saber o que é obedecer a Deus *pra* vocês, com base na *Bíblia*. Na igreja que eu congrego é condenado o uso de bebida alcoólica, não é adequado *prum* cristão, como nós pensamos ser cristão, o casamento entre dois homens ou duas mulheres, a traição, a poligamia, o sexo entre mãe e filho, enfim... Temos esses pecados que a gente reconhece bem, que *pra* sociedade reconhece.

Depois da fala de Silviano, outro homem da audiência questionou:

Nós tivemos aquele embate maior da votação do PLC 122. Algumas pessoas disseram o seguinte: “Mas tudo bem: falar contra o *gay*, contra a lésbica, contra a travesti, contra transexual vai ser crime. Como é que ficariam os ensinamentos dentro da igreja?” É uma coisa, *né?* Se eu passasse na porta, eu tô falando honestamente, se a PL 122 existisse, se eu passasse na porta de qualquer estabelecimento religioso e escutasse uma pregação anti-*gay*, anti-lésbica, enfim, homofóbica, 190 na hora, Polícia civil, barraquinho básico, enfim, *né?*, processo. Aí a pergunta que eu quero fazer é o seguinte: Como vocês, líderes de religião cristã, entendem essa votação do PLC 122, a continuidade dos ensinamentos.

Essa questão é bastante delicada em relação às tensões entre religião e militância LGBT, pois trata de um limite tênue entre a liberdade religiosa e a opressão aos LGBTs. Cássio foi o primeiro a responder essa rodada de perguntas.

Eu jamais queria me casar na *Lagoinha*, embora eu goste de lá, porque eu não vou num lugar em que ninguém me aceita, que é contra aquilo, *né?* Com relação, sendo objetivo, aos seus questionamentos [Silviano]... Ah, fica discutindo se vai beber, se não vai beber, se vai cortar o cabelo, se não vai

cortar o cabelo, se vai rapar o sovaco, se não vai, sendo que tem tantas coisas mais importantes *pra* gente discutir, o amor, por exemplo, a preocupação com as minorias.

Mais uma vez, Cássio destoa do discurso da ICC, que condena o uso de bebidas alcoólicas, ao apontar que esse tipo de discussão não é relevante. Ele coloca a “preocupação com as minorias” como um tema central para o cristianismo. Antes de demonstrar um desejo de que a IBL se abrisse para a possibilidade de que ele se cassasse nessa igreja, ele aponta que não gostaria disso, porque não se sentiria bem adquirindo esse espaço a contragosto da forma como os membros veem sua sexualidade. Retamero respondeu em seguida.

Uma coisa é um pastor subir no seu púlpito, abrir a *Bíblia* em *Romanos* e dizer: “Ser *gay* é pecado” Outra coisa é o pastor subir no púlpito, abrir a *Bíblia* e dizer que ser *gay* é igual a ser chincheiro, é igual a ser maconheiro, é igual a ser cheirador, é igual a ser ladrão, é nivelar por baixo, é ofender.

Retamero indica o que acredita ser o limite da liberdade religiosa: poder continuar apontando a homossexualidade como pecado, mas sem estereotipar negativamente os homossexuais. Ele sugere que a relação com o uso de drogas seria um exemplo de algo que traria uma imagem negativa aos homossexuais e os ofenderia. Em seguida, ele iniciou um diálogo com Silvano.

Eu não nasci o que eu sou agora não. Eu vim de um lar batista e depois me tornei um pastor presbiteriano. Ainda sou pastor presbiteriano e depois pastor da ICM. Eu tenho um livro lá em casa, publicado pela *Fonte Editorial*, cujo título é *A vocação natural dos batistas para a intolerância religiosa*, é uma benção. [Risos da audiência.] Acho que vocês que são batistas devem ler esse livro. Então, fica a dica. Em relação à obediência, meu irmão da *Igreja Batista*. É engraçado três batistas, né? Tem algum presbiteriano aqui? Algum assembleiano aqui? Metodista? Anglicano? [Risos da audiência.] Só batista. Porquê? Eu também nasci e fui criado na batista. Tataravô, bisavô, avô, tudo pastor batista. A própria *Bíblia* diz, lá no *Evangelho de João*, que a lei e os profetas vieram até... [Silêncio.] Escola dominical, batista... [Olhando para Silvano.] A lei e os profetas vieram até... [Silêncio. Risos da audiência.] Batista! Vamo estudar *Bíblia*! A lei e os profetas vieram até... [Silêncio de Silvano. Outra pessoa fala “João”.] Poxa, nota zero. Olha, os batistas já foram melhores, viu... Na minha época, embaixador do rei sabia responder isso, ó, na ponta da língua.

Mais uma vez Retamero parte para um discurso ofensivo e procura deslegitimar o lugar de fala de seu interlocutor ao apontar um desconhecimento da *Bíblia* por parte dele. Retamero provoca os batistas apontando uma tendência deles para a intolerância, e busca confirmar essa tendência pela presença exclusiva de batistas no debate. Antes de estarem ali para aprender com

os outros, eles estariam para tentar deslegitimar o discurso inclusivo, o que estaria evidenciado pelas falas contrárias à inclusão apontadas por eles. Retamero, porém, exerce um movimento similar ao deslegitimar a visão dos batistas contrárias às suas. Depois de Retamero, Roberto tomou a palavra novamente.

*A Igreja Batista da Lagoinha, nós somos sessenta mil membros hoje. Uma realidade que talvez não é falada na mídia é que a igreja evangélica não é essa igreja evangélica que vocês veem aí de gente bitolada, burra, zé mané não. A verdade é que essa igreja de Edir Macedo, a gente nem considera essa igreja evangélica. E Mundial, Universal, se terminou com “al”, é tudo bacanal. Então, assim, a verdade é que a igreja evangélica tá criando uma fé inteligente, tão madura, principalmente os batistas, que eles tão engolindo essas igrejas, tá? Há um crescimento absurdo da igreja evangélica no Brasil. Não tô aqui defendendo os evangélicos não. Nem dizendo que o Brasil tem que ser evangélico, né? Não é esse o discurso não. Mas há um crescimento absurdo de pessoas com fé mesmo, inteligentes, não é bitolado, não é esse rótulo mais de dizimista bitolado, “corto o sovaco ou não corto”, gente, isso é coisa do Malafaia. E, assim, a maturidade da igreja em relação à sexualidade hoje, nossa, cês não têm ideia de como que a galera que estuda, que a galera que tá nas faculdades aí, que os mestres, o pessoal cabeçaço mesmo tá fundo nisso, e, assim, pirando com relação à Bíblia e esse assunto que a gente tá falando aqui...*

Cássio o interrompeu, provocativamente: “Por isso que surgiu as inclusivas, né?”. Ao que ele respondeu: “Sim. Por isso que surgiu as igrejas inclusivas”. Dessa vez, ao invés de tirar o título de evangélico de si, Roberto procura tirá-lo dos outros. Ele deslegitima igrejas como a *Igreja Universal do Reino de Deus*, e aponta um suposto crescimento dos batistas em relação a elas. Ele critica a visão do evangélico bitolado construída pela mídia e a atribui às igrejas por ele referidas. Roberto busca afastar esse estereótipo dos batistas. Mais uma vez ele traz a ciência como argumento para defender seu discurso e o da IBL. Ele aponta Malafaia, visto como adversário pela militância LGBT, como alguém também mal visto por ele. Depois de uma nova rodada de perguntas ocorrida na sequência à fala de Roberto, Retamero iniciou sua última fala.

É uma pena que, como o Roberto tão bem falou, que, por conta de sermos religiosos, as pessoas afastam a gente, não deixam a gente fazer um trabalho que a gente quer fazer, né? Nós é que sabemos a luta, Roberto, cê falou que tá aí há seis anos tentando se aproximar. Nós estamos há dez, meu irmão, tentando se aproximar da militância, e a militância ainda nos olha com cara, assim, de “Será quê que esse povo quer? Será que quer nos converter? Será que quer que a gente vá pra igreja deles?” Então é muito difícil, viu? Nós, cristãos progressistas, e os que estão querendo o diálogo, como o Roberto aqui, buscando o diálogo, é que vamos ter que fazer o dever de casa pra gente ter espaço.

Dessa vez, Retamero toma um posicionamento diferente e se apresenta do mesmo lado que Roberto em relação à alteridade da militância não religiosa. Ele reconhece a precisão de uma fala anterior de Roberto e o trata com cordialidade, afastando-se do “confronto” e aproximando-se do “diálogo”. Retamero continuou sua fala com uma resposta a uma pergunta sobre a “judaização” das igrejas evangélicas.

Menino, isso é uma pantomima! Isso é um *equê*! [Risos.] Isso é só teatro... Isso é doideira da cabeça desse povo. A religião cristã nesses moldes, nos moldes tradicionais, digamos assim, no modo conservador, elitista, de direita, WASP, essa não precisa de *judicialização pra* ser patriarcal, machista, *pra* ser homofóbico. Tá no DNA. O DNA bíblico é patriarcal, machista, homofóbico. Esse teatrinho de *equê* que eles arrumam, é só *pra* dar pinta, entendeu? Eles gostam de dar pinta, com *kipá*, com *talit*. Isso é só, é *pra* arrancar mais dinheiro do povo, *tá*? É *pra* ficar mais rico.

Retamero aponta para valores negativos presentes na Bíblia, afirmando que o “DNA” dela seria machista, patriarcal e homofóbico. Após essa fala, Roberto tomou a palavra pela última vez, dizendo que concordava com a última fala de Retamero, o que gerou risos da audiência. Em seguida, em resposta a uma das questões sobre a relevância atual do *Antigo Testamento*, ele disse:

Vou ser bem honesto em dizer que se eu explicasse, ia ser pobre demais, dentro de como eu me sinto aqui. Eu sei que eu fui muito bem acolhido por todos, mas, assim, tudo o que todo mundo falou aqui, eu me sinto um aprendiz muito grato pela riqueza de informações. Eu estudo muito, mas eu não tenho essa formação toda que o pessoal aqui da mesa tem. Eu admiro vocês, assim, muito mesmo, pelo conhecimento, pela maturidade, pelo posicionamento. Então hoje eu prefiro concordar, e mesmo que eu conviva com ele [Retamero] há, por exemplo, dez anos, e há dez anos ele fica fazendo piadinha às vezes de mim, *me* confrontando e tal, eu não tenho problema com isso, porque eu entendo que tem uma questão toda de educação, do temperamento, do que construiu a vida dele *pra* ele agir assim, da mesma forma que eu também tenho a minha reação. E eu não vou denegrir, achar que isso é um super defeito não, porque com certeza a gente tem qualidades muito melhores. Então, assim, eu acho que eu aprendo muito em estar aqui e agradeço, porque pra mim é uma honra.

Roberto constrói para si um lugar de humildade, reconhecendo a sabedoria dos outros e dizendo estar aprendendo com eles. Ele diz respeitar e entender o que leva os outros a terem posicionamentos diferentes dos seus e que acredita que isso deve ser relevado em nome das qualidades de cada um. Cássio, em seguida, tomou a palavra pela última vez. Ele respondeu à mulher que havia questionado a presença exclusiva de homens na mesa.

Eu gostaria de falar que a primeira pastora aqui da *Igreja Cristã Contemporânea* de Belo Horizonte foi uma mulher. Nós temos lá mulheres que são diaconisas, que a gente chama assim. Tem também travestis, que são diaconisas. Então, assim, um meio que realmente *tá* incluindo. E, *vamo* supor, se alguém falar assim: “Ah, isso não é nada!” *Pra* nós, isso já vale muito a pena. Porque *cê* vê o resgate das pessoas que muita das vezes vive solitários. Igual a gente, tem casos lá de travestis mais velhas que chegam *e são acolhidas e ali ela tem a sua família*. Sabe, já valeu a pena a *restituição dessa vida social, dum* Natal ter uma casa *pra* ir, por exemplo, uma festa cristã, e você ter alguém que te chama e te aceita. E que ande com você no ônibus, porque a gente sofre a todo momento até quando entra no ônibus, as pessoas olham: “Hum... vou sentar ali não.”

Cássio aponta para um elemento que em nenhum momento surgiu no discurso de qualquer um dos grupos que acompanhei. Ele aponta para a importância social e psicológica da inclusão de pessoas LGBTQs em um grupo que as aceita. Aponta para a solidão e dificuldade de reconhecimento que esses sujeitos têm que enfrentar, e o quanto uma igreja inclusiva pode ajudar nessa questão – ou mesmo o discurso de “acolhimento” de igrejas não inclusivas, como a IBL. Antes de apontar para a importância de uma salvação de almas, ele aponta para uma função social dessas igrejas, o que já seria suficientemente relevante. Ele também apresentou um perfil feminista em sua fala, indicando a importância da inclusão das mulheres. Cássio respondeu, ainda, uma questão que lhe foi feita sobre as igrejas inclusivas serem consideradas guetos: “Eu acredito que na verdade nós não somos guetos. Nós estamos ali de portas abertas. Claro, *se* reúne ali quem? As pessoas que por um preconceito social... mais *gays*, mas temos filhos de *gays* héteros, temos crianças.” Ele reconhece que, apesar de as igrejas inclusivas estarem de “portas abertas”, quem se sente atraído por elas é quem está à margem das demais igrejas.

Depois disso, Telmo finalizou o debate procurando abrir a possibilidade de diálogo com Roberto, buscando acolhê-lo no Cellos para escutar suas sugestões e opiniões para a organização dos próximos eventos: “Eu quero dizer ao nosso colega [Roberto] que o Cellos te acolhe. Visite a nossa sede, discuta conosco. É a primeira vez que a gente discute essa temática. E no processo de construção das próximas, traga possibilidades, nomes. Eu acho que isso é muito rico.”

## 4 - CONFLITO NAS INTERAÇÕES

O trabalho de campo realizado indica que uma das características centrais em relação aos diversos modos de se operar a articulação entre experiências religiosas e experiências da sexualidade é que eles se gestam em torno de dinâmicas de conflito. Nesta pesquisa, minha pergunta de partida baseia-se justamente numa busca pela compreensão de quais dinâmicas comunicativas e disputas de sentido atravessam as subjetividades e configuram as relações entre a experiência religiosa e a experiência da sexualidade dos sujeitos que vivem nessa fronteira. Acredito que os próprios sujeitos pesquisados, em suas teorias-ações, fornecem bons elementos para uma discussão acerca dos modos como se articulam sexualidade e religiosidade, dentro da qual a heteronormatividade parece jogar papel central; mas também, de forma sociológica mais ampla, sobre o papel do conflito nas interações comunicativas. O movimento metodológico pelo qual optei, de caráter eminentemente indutivo, foi partir dos discursos e experiências ligados aos universos observados para então alinhavá-las a uma discussão teórica mais ampla sobre o conflito, colocando em diálogo simétrico teorias nativas e teorias acadêmicas. É o que passo a fazer neste capítulo.

### 4.1 - O conflito entre LGBTs e evangélicos

Para Prado e Junqueira (2011), a raiz comum dos diversos tipos de preconceito e violência sofridos pelos LGBTs (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros) é a *heteronormatividade*: a lógica a partir da qual o sexo do sujeito deve determinar qual é sua identidade de gênero, sua expressão de gênero e sua orientação sexual. A heteronormatividade baseia-se num *binarismo de gênero*, a partir do qual só existiriam duas identidades sexuais possíveis: homem (ao qual são atribuídas as expectativas da *masculinidade*) e mulher (à qual são atribuídas as expectativas da *feminilidade*). O homem deve possuir pênis, identificar-se a partir da masculinidade, ter elementos relacionados à masculinidade ressaltados em sua expressão de gênero e se sentir atraído por mulheres. A mulher, por outro lado, deve possuir vulva, identificar-se a partir da feminilidade, ter elementos relacionados à feminilidade ressaltados em sua expressão de gênero e se sentir atraída por homens.

[...] um conjunto de disposições (discursos, valores, práticas, etc.) por meio das quais a heterossexualidade é instituída e vivenciada como única possibilidade legítima de expressão sexual e de gênero [...]. Tal conjunto recebe o nome de *heteronormatividade* e em sua base está a crença na

existência natural de *dois sexos* que seriam traduzidos, de maneira automática e correspondente, em *dois gêneros* complementares e em modalidades de desejos igualmente ajustadas à “heterossexualidade compulsória”, construindo uma sequência normativa sexo-gênero-sexualidade [...]. (PRADO; JUNQUEIRA, 2011, p. 52-53, grifos dos autores)

Os autores indicam também que os desvios em relação à heteronormatividade são vistos como correlacionados. Assim, um homem afeminado é visto automaticamente como homossexual, por isso “garotos podem ser alvo de escárnio e humilhação por parte de outras crianças e de adultos antes de se identificarem como ‘gays’, ou mesmo sem saberem o que isso significa” (*ibidem*, p. 54). Mas Torres (2011a) indica que essas categorias não tem uma relação direta nas experiências concretas dos sujeitos, podendo haver uma grande variedade de possibilidades em relação às sexualidades, motivo pelo qual o autor se refere a elas no plural (homossexualidades, transexualidades, lebianidades, etc.).

Quando falamos sobre transexuais, pessoas que desejam mudar o nome, a aparência (realizando ou não cirurgias), para se adequar anatomicamente como homem ou como mulher, falamos de identidade de gênero. Todavia um transexual (masculino ou feminino) pode ser homossexual, heterossexual ou bissexual, termos que indicam sua orientação sexual. Assim, uma pessoa que nasceu com pênis pode, ao longo da vida, se sentir e se perceber como mulher; poderá, ou não fazer cirurgia e/ou outros tratamentos para adequação dos genitais. Outra pessoa que nasceu com vagina e não se sente uma mulher, mas sim um homem, não será lésbica, mas vive a transexualidade e poderá, em alguns países como o Brasil, retirar seus seios e colocar uma prótese peniana. Contudo mesmo após essa alteração essa pessoa poderá ter relações sexuais com homens e/ou com mulheres (bissexual), ou ter relações somente com alguém do sexo oposto (heterossexual), ou ainda ter somente relações com pessoas do mesmo sexo (homossexual). (TORRES, 2011a, p. 25).

As categorias acionadas pelos LGBTs e/ou evangélicos analisados apontam para uma confirmação do que nos indicam os autores. O padrão binário de nomeação “homem”/“mulher”, a partir dos critérios relacionados à heteronormatividade, é observado em alguns discursos, como nos da *Igreja Batista da Lagoinha* (IBL), que consideram as travestis como homens, tomando como referência o sexo das mesmas. Nessa igreja, a “conversão” das homossexualidades é um caminho para a readequação à heteronormatividade. Outros discursos, porém, apontam como as sexualidades concretas fogem de inúmeras maneiras a esse padrão, como nos encontrados no *Centro de Luta pela Livre Orientação Sexual de Minas Gerais* (Cellos). Entretanto, mesmo os discursos que procuram indicar fugas diversas em relação à heteronormatividade, também incorrem, muitas vezes, no binarismo de gênero, tentando reenquadrar os sujeitos às categorias de homem e mulher, como no caso das transexualidades.

Segundo os discursos evocados pela *Igreja da Comunidade Metropolitana* (ICM), os preconceitos e violências contra os LGBTs também estariam relacionados à *misoginia*, a aversão ao feminino gerada por uma valorização da masculinidade em detrimento da feminilidade. Devido a ela, um macho que se aproxima do feminino é visto com especial desprezo. Esse é o caso das mulheres transexuais, dos *gays* e dos homens afeminados. Por outro lado, uma fêmea que se aproxima do masculino é vista como desqualificada para tal. Esse é o caso dos homens transexuais, das lésbicas e das mulheres masculinas. A misoginia, por outro lado, confere maior *status* a algumas identidades LGBT em relação a outras, como o *gay* ativo em relação ao passivo. Ela também está relacionada à negação de identidades e práticas sexuais, como ocorre entre os *g0ys*, que recusam ser identificados com *gays* e serem penetrados.

Para Prado e Junqueira (2011), os preconceitos contra os LGBTs representam um perigo que se estende a todos: “o insulto representa uma ameaça que paira sobre as cabeças de todos, pois pode ser estendido a qualquer um que porventura falhar em uma das demonstrações de masculinidade [ou feminilidade] a que é submetido sucessiva e interminavelmente” (PRADO; JUNQUEIRA, 2011, p. 55). Por isso, há casos de violência homofóbica até mesmo contra sujeitos heterossexuais que são vistos como homossexuais por parte dos agressores, devido a algum comportamento desviante em relação às normas de gênero. Entretanto, é claro que os LGBTs são os principais afetados, especialmente as identidades trans, pois enquanto as pessoas homo-orientadas têm a possibilidade de recorrer ao *armário*, ou seja, à ocultação de sua orientação sexual (SEDGWICK, 2007), a ocultação da transexualidade é mais difícil, uma vez que está ligada diretamente a modificações na estética corporal dos sujeitos.

A heteronormatividade e a misoginia geram não apenas preconceitos contra os LGBTs, mas também violência, inclusive física. Estima-se que, em 2012, 310 LGBTs tenham sido assassinados no Brasil por motivação homofóbica, sendo 168 *gays* e 124 travestis.<sup>35</sup> No *Senado*, corre desde 2006 um projeto de lei pela criminalização da homofobia (PL 122 ou PLC 122).<sup>36</sup> O tema é constantemente referenciado pelos sujeitos encontrados durante o trabalho de campo. A militância LGBT ocupa esse cenário através da luta pelo reconhecimento da legitimidade da diversidade sexual, através de demandas por direitos civis igualitários (SIMÕES, FALCCHINI, 2004). É em meio a essa leva de demandas por reconhecimento, que, segundo Natividade e

---

<sup>35</sup> Dados do *Relatório sobre violência homofóbica no Brasil: ano de 2012*, da *Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República*. Disponível em: <<http://www.sdh.gov.br/assuntos/lgbt/pdf/relatorio-violencia-homofobica-ano-2012>>. Acesso em: 19 de fev. 2015.

<sup>36</sup> O texto original do projeto está disponível em: <<http://www.senado.gov.br/atividade/materia/getPDF.asp?t=45607&tp=1>>. Acesso em: 19 de fev. 2015.

Oliveira (2013), surgem também a reivindicação por aceitação nos espaços religiosos. Em Belo Horizonte, o Cellos é um dos grupos de maior destaque dentro da militância LGBT. Esse tema tem sido corrente no grupo, que organizou em 2014 um debate com o tema *Diversidade sexual e religiões: o diálogo é possível?*

Entretanto, grande parte da oposição política contra o avanço dos direitos civis de LGBTs ainda continua sendo efetuada por grupos evangélicos na política institucional formal (VITAL; LOPES, 2012). Na pesquisa de campo, as falas dos sujeitos analisados, principalmente no próprio Cellos, remetem à “bancada evangélica” e às figuras do deputado federal e pastor Marco Feliciano (PSC/*Assembleia de Deus*), do deputado federal e pastor João Campos (PSDB/*Assembleia de Deus*), do pastor Silas Malafaia (*Assembleia de Deus*) e da psicóloga evangélica Rozangela Justino como ligados a essa oposição política. O caso de embate entre os grupos mais lembrado é o *Projeto de Decreto Legislativo 234*, de 2011, do deputado federal e pastor João Campos, que ficou conhecido como “cura gay”. O projeto pretendia barrar uma resolução do *Conselho Federal de Psicologia* que proíbe que os profissionais da área executem terapias que objetivem a conversão da orientação sexual de seus pacientes. O Cellos exerce fortes críticas e oposições às ações na política institucional formal por parte de grupos e indivíduos evangélicos.<sup>37</sup> A oposição política ao movimento LGBT por parte dos evangélicos, por outro lado, estaria relacionada, como sugere Natividade e Oliveira (2013), à crença em uma “ameaça homossexual”, que colocaria em risco a família e os valores cristãos. Na IBL, a manifestação dessa ideia é recorrente.

Natividade e Oliveira (2013) nos apontam a centralidade da lógica do “acolhimento” nas igrejas evangélicas. Antes de acarretar em um reconhecimento da legitimidade da diversidade sexual, essa lógica aponta para uma “conversão” da sexualidade dos sujeitos para a heteronormatividade. Os LGBTs são incentivados a ir às igrejas, que os “acolhem” para que eles sejam “curados” do “homossexualismo”. Esse “acolhimento” passa por práticas de “expulsão de demônios”; ou de ressocialização e “libertação”, baseadas na crença de que a causa do “homossexualismo” são abusos ou “disfuncionalidades” na estrutura familiar, que acarretam problemas nas referências de gênero durante a infância desses sujeitos. Nesses discursos, ninguém é homossexual, mas alguns apenas estão homossexuais. Portanto, práticas

---

<sup>37</sup> É interessante citar também as discussões em andamento em torno do “Estatuto da Família”, que pretende definir a família “a partir da união entre um *homem e uma mulher*, por meio de casamento ou união estável, ou ainda por comunidade formada por qualquer dos pais e seus descendentes.” (grifo do autor). O texto do projeto está disponível em: <[http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop\\_mostrarintegra?codteor=1159761&filename=PL+6583/201](http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=1159761&filename=PL+6583/201)>. Acesso em: 1 de mar. 2013.

desses tipos visam transformar esses sujeitos em “ex-homossexuais”, passando pelo discurso “repudiamos o pecado, mas acolhemos o pecador” (NATIVIDADE; OLIVEIRA, 2013, p. 156). Nessas igrejas, não só a homossexualidade é vista como um desvio, mas também qualquer prática que destoe da família nuclear balizada pelo casamento.

Essa lógica é a que prevalece na IBL, onde circulam discursos, por exemplo, que entendem que a ausência de um pai presente é o que gera a homossexualidade masculina. Nesse contexto, como apontam constantemente os sujeitos entrevistados, a IBL se destaca por não forçar os LGBTs “acolhidos” a se submeterem aos processos de “cura”. Essa característica torna propícia a presença de homossexuais na IBL, que frequentam a igreja justamente por não terem que se submeter a esses processos, como é o caso de Davi e Gabriel, dois membros *gays* dessa igreja entrevistados por mim. Como indica alguns depoimentos do trabalho de campo, a igreja faz uma espécie de “vista grossa” para essa presença, e os sujeitos criam modos próprios de circulação e interpretação dos discursos institucionais.

Por outro lado, Natividade e Oliveira (2013) apresentam algumas iniciativas de fiéis católicos e de pastores presbiterianos direcionadas à inclusão de LGBTs. Apesar de serem iniciativas isoladas, elas apontam não para um “acolhimento” com vias de conversão, mas sim para um reconhecimento da legitimidade da diversidade sexual. Retamero, um pastor inclusivo entrevistado por mim, é ordenado por uma igreja presbiteriana. Ele aponta outras iniciativas como essas dentro de igrejas evangélicas históricas, como a Batista. Gabriel, membro da IBL, me indicou o mesmo em relação a uma igreja metodista. O Cellos tem um bom diálogo com alguns líderes católicos que são favoráveis à inclusão. Há movimentos organizados no interior dessa igreja a favor da inclusão de LGBTs, como o *Diversidade Católica*.<sup>38</sup> Mas Torres (2011b) defende que, apesar das lutas por reconhecimento dos LGBTs gerarem tensões na *Igreja Católica*, essa “articulação se dá tanto na depreciação como na integração precária, e por vezes clandestina, desses sujeitos [como padres e freias homossexuais] nas comunidades de VRC [Vida Religiosa Consagrada].” (TORRES, 2011b, p. 60).

Todavia, a forma como os LGBTs mais têm consigo ocupar oficialmente o meio cristão tem sido através das igrejas inclusivas, surgidas no Brasil justamente para atender a essa demanda. O protestantismo, graças à independência das denominações que são continuamente criadas, é um meio favorável ao desenvolvimento do espaço LGBT dentro do cristianismo. Oliveira, Britto e Perez (2001) nos apontam que os novos movimentos religiosos

---

<sup>38</sup> A página do movimento no *Facebook* pode ser visualizada no link: <<https://www.facebook.com/diversidadecatolica>>. Acesso em: 1 de mar. 2015.

contemporâneos, dentro dos quais poderíamos enquadrar as igrejas inclusivas, “são, antes de tudo, manifestações culturais que apontam para as profundas modificações que se processam nas formas de estabelecimento do laço social na atualidade” (OLIVIERA; BRITTO; PEREZ, 2001, p.36). Natividade e Oliveira (2013) acentuam a força desses novos laços, ao afirmar que as igrejas inclusivas “elaboram uma hermenêutica que compreende a criação e invenção de códigos religiosos específicos na passagem entre mundos sociais distintos, incorporando e reelaborando ideias e noções provenientes de distintas visões de mundo” (NATIVIDADE; OLIVEIRA, 2013, p. 121). Essas igrejas se dividem em duas lógicas diferentes:

Existem pelo menos duas ênfases ideológicas distintas nas iniciativas evangélicas inclusivas, possibilitando delinear as nuances do segmento. Enquanto algumas se destacam por uma perspectiva mais fortemente ativista e pela veiculação de um discurso que valoriza a reinterpretação de textos bíblicos visando produzir uma teologia aos LGBT, uma teologia inclusiva, outras apelam a uma maior ênfase em elementos da vida religiosa, um discurso mais concentrado em formular modelos de uma “vida cristã”, explorando elementos cosmológicos e dos códigos de santidade. (*ibidem*, p. 128-129)

Entre as igrejas inclusiva analisadas, essa diferença é bastante acentuada. A ICM tem um perfil feminista e militante. Participa ativamente das paradas LGBT e outros eventos organizados pelo Cellos. A *Igreja Cristã Contemporânea* (ICC), por outro lado, prega um forte discurso de santidade, opondo a “igreja” ao “mundo”, e propondo aos fiéis uma vida centrada nos valores da família nuclear. Portanto, o modo de operação delas é ilustrativo dessas duas ênfases ideológicas apontadas pelos autores.

## **4.2 - O conflito nas interações**

Um dos autores mais fundamentais para o entendimento de como se constitui o processo comunicacional é o pragmatista Mead (s. d.). Ele é conhecido como “pai do *Interacionismo Simbólico*”, por dar grande ênfase aos processos de *interação*. Segundo França (2008), esse conceito “qualifica distintamente a ideia de ação, enfatizando o seu aspecto compartilhado” (FRANÇA, 2008, p. 71) Mead (s. d.) procura explicar as relações entre os indivíduos e a sociedade fora de uma relação dicotômica entre esses dois polos, e, por isso, propõe uma tríplice relação entre *sociedade* (*society*), *si* (*self*) e *mente* (*mind*). Para o autor, a ponte entre a sociedade e o si é feita pela mente, a inteligência reflexiva do indivíduo humano construída a partir dos processos de comunicação, que o torna capaz de conversar consigo mesmo da mesma forma que conversa com os outros. A teoria de Mead (s. d.), portanto, faz-se pertinente à discussão

que empreendo neste trabalho, na medida em que ela é, para a Comunicação, uma importante ferramenta para o entendimento da forma como as subjetividades se relacionam com os processos sociais. Como tentarei apontar em seguida, todavia, a teorização apresentada por Mead (s. d.) possui algumas limitações, especialmente ligadas ao conflito (OLIVEIRA; VIEIRA, 2014). É por isso que recorrei também a outros autores relacionados ao pragmatismo<sup>39</sup> para problematizar a importância desse tipo de dinâmica social nos processos de geração de vínculos (SIMMEL, 1983a; 1983b; 1983c) e nos processos propriamente comunicativos (THOMAS, 1923).

Para Mead (s. d.), o indivíduo humano possui a capacidade de se tornar um objeto para si, pensando nele mesmo através de sua mente. Mas é a partir do procedimento de se colocar no lugar do outro que o si se constrói. O indivíduo reproduz, em sua mente, os processos de comunicação que ele estabelece com os demais, dando origem a um diálogo entre o *eu* e o *mim*, duas instâncias que constituem o si, através de um processo de *reflexividade*. Enquanto o eu é a forma como o indivíduo expressa para si suas tendências e desejos pessoais, o mim é a internalização de um *outro generalizado*, ou seja, da voz genérica dos *outros significativos* em relação aos quais o indivíduo se coloca no lugar nos processos de comunicação. Essa tensão faz com que o indivíduo não possua uma identidade solipsista, mas sim composta a partir da própria dinâmica do social.

O depoimento de Gabriel, militante LGBT evangélico entrevistado, sugere-nos uma teorização similar à apresentada por Mead (s. d.), quando ele nos conta o que ocorreu com ele antes de aceitar sua homo-orientação. Na época, o discurso institucional da igreja evangélica que ele frequentava, a *Igreja Universal do Reino de Deus* (IURD), defendia que o “homossexualismo” era uma possessão demoníaca da qual ele precisava ser libertado. Os membros da igreja eram, para Gabriel, “outros significativos” e, por isso, esse discurso era reverberado pelo seu “outro generalizado”, o seu “mim”. Mas o “eu” de Gabriel reclamava a auto-aceitação de seu desejo, de sua orientação sexual. Através da “inteligência reflexiva” de sua mente, ele se pôs a conversar consigo mesmo, a partir de uma relação entre o seu “eu” e o seu “mim”, questionando-se sobre a precisão ou impressão daquele discurso.

As visões em circulação na *Igreja Batista da Lagoinha* (IBL), entretanto, apontam para um eclipsamento da reflexividade nos processos relacionados à sexualidade. Andréa Vargas,

---

<sup>39</sup> O *pragmatismo* é uma corrente filosófica, ligada à chamada *Escola de Chicago*, aplicada a investigações sociais. Segundo Pogrebinschi (2005), ele pode ser entendido com uma teoria da significação e da ação, calcada em três ideias principais: o antifundacionalismo (rejeição da metafísica), o consequencialismo (ênfase nas consequências) e o contextualismo (importância do contexto).

em uma pregação nessa igreja, apontou a teoria de que os sujeitos não têm um controle sobre os processos que os levam a se “tornar” homossexuais. Para ela, esses processos se dão sem que o sujeito os percebam. Nessa visão, um menino que cresce sem um referencial masculino, por exemplo, passa a procurar no outro aquilo que lhe faltou: uma figura masculina que lhe dê afeto. O mesmo ocorre para a “cura” da homossexualidade: dando bons exemplos de masculinidade e apaziguando essa falta a partir da amizade com outros “varões”, a atração por homens se dissiparia. Nas teorizações de outros grupos, como na *Igreja da Comunidade Metropolitana* (ICM), essa questão da origem da homossexualidade sequer é colocada, e o que é questionado é o ato de assumir ou não o desejo que se tem.

Na IBL, a forma como a sociedade se organiza é vista como um projeto e uma vontade divina. A família nuclear e os modelos de feminilidade e masculinidade já estariam previstos desde a criação do ser humano por parte de Deus. Na visão de Mead (s. d.), por outro lado, a sociedade não é uma totalidade exterior e transcendente aos indivíduos, mas está em reconstrução permanentemente por meio dos atos sociais, da ação coletiva dos mesmos. Ação essa que é resultado de reflexões realizadas por esses indivíduos a partir de simulações de atos sociais processadas em suas mentes. Dessa forma, a sociedade atravessa os indivíduos pelo lado de dentro, sendo, então, modificada por eles como consequência desse atravessamento. Pode-se dizer que a sociedade precede os indivíduos, uma vez que ela existe antes deles e continua existindo depois deles. Mas não que ela precede dos indivíduos, porque é através da reflexão e da ação coletiva dos mesmos que ela se mantém. Dessa forma, por meio da reflexão voltada para a ação, tanto indivíduos quanto sociedade são modificados. França e Simões (2014) elucidam a perspectiva trazida por Mead (s. d.):

[...] a *interação social* é construída a partir das ações reciprocamente referenciadas dos indivíduos – e são as múltiplas interações em que estes se engajam que constituem a vida social. Não cabe, portanto, pensar indivíduo e sociedade como duas entidades separadas: o indivíduo se constitui em sociedade e esta é construída pelo conjunto de interações entre os indivíduos. (FRANÇA; SIMÕES, 2014, p. 102, grifo das autoras)

O depoimento de Davi, um homossexual que é membro da IBL, também nos sugere uma conversa estabelecida em sua mente entre o discurso institucional de sua igreja a respeito da homossexualidade e sua própria percepção de sua orientação sexual. O seu “mim”, composto a partir do discurso da IBL, diz-lhe que a homossexualidade é um pecado condenado pela *Bíblia*, mas o seu “eu” responde que as regras do *Antigo Testamento* não são mais válidas. Essa conversa nunca se deu objetivamente entre Davi e um pastor da IBL; ela é simulada em sua

mente, quando ele se coloca no lugar do outro e responde reflexivamente a seu discurso. A partir do resultado dessa conversa é que Davi conclui que pode continuar sendo, ao mesmo tempo, *gay* e evangélico. Os vestígios encontrados no trabalho de campo sugerem que processos desse tipo ocorrem com um grande contingente de membros *gays* dessa igreja.

A ação coletiva desses indivíduos, ao defenderem a legitimidade de serem, ao mesmo tempo, *gays* e evangélicos, a despeito dos discursos de “cura” propostos pela igreja que frequentam passa a constituir a própria IBL, que se torna uma igreja com ampla presença de homossexuais. Essa ação também passa a ser uma dinâmica apreendida, por exemplo, por Ana Paula Valadão, uma das pastoras mais importantes dessa denominação, como nos lembra Gabriel. Ela também influencia na forma como pessoas externas à igreja a veem, como através do apelido “*Gayloinha*” dado a ela por alguns indivíduos. A IBL, enquanto grupo social, existia antes de Davi tornar-se membro dela. Durante seis anos em que Gabriel deixou de frequentá-la, a IBL não deixou de existir. Entretanto, é na reflexão e na ação de indivíduos como Davi e Gabriel que ela continua existindo e sendo permanentemente modificada, assim como esses indivíduos também são modificados por ela. A IBL atravessa Davi e Gabriel pelo lado de dentro, é reflexivamente processada por eles, e modificada por suas ações. Entretanto, não podemos esquecer que o escopo de ação desses sujeitos é limitado, devido à assimetria no seu alcance em relação às dos líderes da IBL. Mas processos parecidos também fazem com que indivíduos e grupos abandonem igrejas não inclusivas e formem novas denominações. Esse processo é sempre referido na ICM e na *Igreja Cristã Contemporânea* (ICC), duas igrejas inclusivas.

Mead (s. d.) define um *ato social* como aquele que envolve cooperação entre dois ou mais seres. O *gesto* é a parte do ato social executada por um ser que serve de estímulo para os demais seres nele envolvidos. Ao servir de estímulo para o outro ser, o gesto evoca nele uma resposta, e essa resposta, por sua vez, serve de gesto para o primeiro ser: “Na conversação de gestos, o que nós dizemos evoca uma certa resposta do outro e, em retorno, muda nossa própria ação, é desse modo que nós mudamos o que nós começamos a fazer devido à resposta que o outro nos dá” (MEAD, s. d., p. 64, tradução minha).<sup>40</sup> O gesto é recebido pelo ser que o executa ao mesmo tempo que pelos demais seres envolvidos no ato social. Essa relação entre os seres que interagem a partir dos gestos, portanto, gera entre eles uma adaptação recíproca em seus comportamentos, uma *mútua afetação*.

---

<sup>40</sup> Do original: “In the conversation of gestures what we say calls out a certain response in another and that in turn changes our own action, so that we shift from what we started to do because of the reply the other makes”.

Num debate entre Roberto (IBL) e Cássio (ICC), Roberto pretendia defender que o preconceito contra homossexuais era generalizado, ao apontar um episódio que ele acreditava ter ocorrido com Cássio na ICC. Mas Cássio o interrompeu, dizendo que, na verdade, o episódio havia ocorrido na IBL. A resposta de Cássio ao estímulo de Roberto se tornou um estímulo na direção contrária, que fez com que Roberto tivesse que rearticular seu raciocínio. Como resultado, ele reconheceu, como membro da IBL, o sofrimento que havia sido causado a Cássio por sua igreja. Pensando de forma mais ampliada, os posicionamentos considerados homofóbicos por parte do movimento LGBT vindos de evangélicos geram nos integrantes do movimento uma reação de protesto, que retorna aos evangélicos, como nos aponta Andréa Vargas, uma pregadora que busca se posicionar de forma responsiva quanto a essa oposição.

Para Mead (s. d.), há um tipo complexo de gestos chamados de *símbolos significantes*. Para que um gesto seja considerado por esse autor um símbolo significativo, ele deve evocar uma ideia no ser que o executa, e essa mesma ideia deve ser evocada também nos demais seres envolvidos no ato social. Tal ideia compartilhada seria o *significado* do gesto. Esse compartilhamento de uma ideia em torno de um gesto é o que Mead (s. d.) chama de *linguagem*. Um ato social mediado pela linguagem é o que o autor chama de *comunicação*. Na comunicação, segundo a forma como Mead (s. d.) vê esse processo, cada ser afeta o outro da mesma forma como afeta a si mesmo, intervindo em seu próprio comportamento da mesma forma que intervém no dos outros.

Mas na definição de linguagem e comunicação de Mead (s. d.), há um apagamento do *conflito*, quando ele diz que o significado evocado pelo símbolo significativo precisa ser o mesmo para todos os indivíduos envolvidos no ato social. Nos gestos que não são, para ele, símbolos significantes, a resposta que o outro dá não seria a mesma resposta evocada no indivíduo que o executou o gesto. Não haveria nesse processo o compartilhamento de um significado, e, portanto, não haveria comunicação.

O que a linguagem parece carregar é um conjunto de símbolos respondendo a certos conteúdos que são *mensuravelmente idênticos* na experiência dos diferentes indivíduos. Se tiver que ser comunicação enquanto tal, o símbolo tem que significar a mesma coisa para todos os indivíduos envolvidos. (*ibidem*, p. 27, tradução minha, grifo meu)<sup>41</sup>

---

<sup>41</sup> Do original: “What language seems to carry is a set of symbols answering to certain content which is measurably identical in the experience of the different individuals. If there is to be communication as such the symbol has to mean the same thing to all individuals involved.”

Durante um debate promovido pelo *Centro de Luta pela Livre Orientação Sexual de Minas Gerais* (Cellos), a palavra “homofobia” evocou respostas diferentes entre os indivíduos presentes. Para os membros do Cellos, a palavra evocava o preconceito e a violência contra LGBTs (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros). Mas para muitos transexuais e lésbicas presentes, ela evocava apenas o preconceito e a violência contra gays. Essa disputa pelo significado da palavra “homofobia” gerou uma situação de conflito entre os presentes. Apesar disso, a partir da teoria de Mead (s. d.), esse debate ainda poderia ser visto como um ato social, à medida que ambos os grupos de indivíduos estavam cooperando para a realização daquele evento. Entretanto, pelo menos em alguns momentos, esse ato social não poderia ser visto como comunicação, uma vez que, na visão apresentada pelo autor, não havia entre todos os indivíduos o compartilhamento de uma mesma linguagem, já que a palavra “homofobia” não evocava a mesma resposta em cada um deles, e, portanto, não poderia ser vista como um símbolo significante. Todavia, é importante perceber que foi esse dissenso em torno do significado do termo que pôde gerar todo um diálogo posterior vinculando as duas coletividades em questão.

O problema do conflito não é central em Mead (s. d.). O tema é abordado de forma explícita em apenas um dos quarenta e dois capítulos de *Mind, self and society*, chamado *Conflito e integração*.<sup>42</sup> Nele, a palavra “conflito” é associada às palavras “desintegração”, “desorganização”, “hostilidade” e “destruição”. O autor aponta dois impulsos sociofisiológicos humanos básicos: “aqueles que dão ascensão a posturas e relações amigáveis, e aqueles que dão ascensão a posturas e relações hostis” (*ibidem*, p. 137, tradução minha).<sup>43</sup> Os dois seriam impulsos sociais no sentido amplo da palavra, qual seja, impulsos que os indivíduos têm uns em relação aos outros. Mas o segundo tipo de impulsos não seria social no sentido “ético” dessa palavra, a partir do qual:

[...] apenas os impulsos fisiológicos humanos fundamentais ou tendências comportamentais da classe formativa (aqueles que são amigáveis, ou que conduzem para amabilidade e cooperação entre os indivíduos motivados por eles) são “sociais” ou conduzem à conduta “social”; enquanto que aqueles impulsos ou tendências comportamentais da última classe (aqueles que são hostis, ou que produzem hostilidade e antagonismo entre os indivíduos

---

<sup>42</sup> Conflict and integration.

<sup>43</sup> Do original: “those which give rise to friendly attitudes and relations, and those which give rise to hostile attitudes and relations”.

motivados por eles) são “antissociais” ou condizem à conduta “antissocial”. (*ibidem*, p. 137, tradução minha)<sup>44</sup>

O debate ocorrido entre Cássio e Roberto foi promovido por Gabriel, do Cellos. Tanto ele, quanto Roberto, apresentaram um raciocínio similar ao proposto por Mead (s. d.). Roberto e Gabriel propunham que aquele debate deveria ser um “diálogo” e não um “confronto”, acreditando que a primeira situação seria construtiva, e que a segunda seria disruptiva. Por outro lado, Retamero, pastor da ICM que também debatia com os dois, não se submeteu a essa lógica, adotando uma postura de “confronto” em relação aos batistas presentes.

Mead (s. d.) não vê o conflito como uma dinâmica inerente à vida social, mas como um “problema” que se faz presente apenas em determinados momentos e que precisa ser superado, tendo-se como resultado “um todo social mais amplo em termos do qual os conflitos sociais que tornam necessária a reconstrução de dada sociedade são harmonizados ou reconciliados, e em referência aos quais, em conformidade, esses conflitos podem ser resolvidos e eliminados” (*ibidem*, p. 138, tradução minha).<sup>45</sup> As ações sociais que visam a transformação e a mudança ocorreriam, portanto, devido aos conflitos, mas não por meio deles, e sim por meio de um compartilhamento de interesses.

Qualquer reconstrução social como essa, se é para ser totalmente de longo alcance, pressupõe uma base de interesses sociais comuns compartilhados por todos os membros individuais da dada sociedade humana na qual essa reconstrução ocorre; compartilhada, isto é, por todos os indivíduos cujas mentes devem participar nisso, ou cujas mentes acarretam essa reconstrução. (*ibidem*, p. 138, tradução minha).<sup>46</sup>

Segundo essa visão, poderíamos supor que os embates entre as perspectivas LGBTs e evangélicas a respeito da sexualidade não seriam parte integrante de uma dinâmica social contínua que se estabelece entre elas, mas sim resultados de conflitos específicos, como, por

---

<sup>44</sup> Do original: “[...] only the fundamental physiological human impulses or behavior tendencies of the former class (those which are friendly, or which make for friendliness and cooperation among the individuals motivated by them) are ‘social’ or lead to ‘social’ conduct; whereas those impulses or behavior tendencies of the latter class (those which are hostile, or which make for hostility and antagonism among the individuals motivated by them) are ‘antisocial’ or lead to ‘anti-social’ conduct.”

<sup>45</sup> Do original: “resulting in a larger social whole in terms of which the social conflicts that necessitate the reconstruction of the given society are harmonized or reconciled, and by reference to which, accordingly, these conflicts can be solved or eliminated”.

<sup>46</sup> Do original: “Any such social reconstruction, if it is to be at all far-reaching, presupposes a basis of common social interests shared by all the individual members of the given human society in which that reconstruction occurs; shared, that is, by all the individuals whose minds must participate in, or whose minds bring about, that reconstruction.”

exemplo, a questão da criminalização da homofobia, apontada no debate do qual Cássio, Roberto e Retamero participaram. Nesse debate, o conflito entre as duas perspectivas não foi visto como pontual, e sim como contínuo. Mas, apesar disso, ele poderia ser superado, passando pelo que Roberto e Gabriel apontavam como “diálogo” e distanciando-se do “confronto”. Mas para Retamero, mais descrente em relação a essa possibilidade de consenso, se o mesmo ocorresse, seria a partir do “confronto”. De todo modo, para que isso fosse possível, evangélicos e LGBTs teriam que chegar a um acordo, a um ponto de vista comum em relação a sexualidade, para que esse problema se resolvesse e esse conflito fosse superado.

Na sociedade ideal de Mead (s. d), fortemente influenciada por uma ideia positivista de progresso que contornava o espírito de sua época (fim do século XIX/início do século XX), todos compartilhariam os mesmos sentidos a respeito de tudo, não havendo nenhum conflito em relação aos processos de significação:

O ideal social humano – o objetivo ideal ou final do progresso social humano – é a realização de uma sociedade universal humana na qual todos os indivíduos humanos processassem uma inteligência social perfeita, tal que todos significados sociais seriam similarmente refletidos nas suas respectivas consciências individuais tal qual os significados dos atos ou gestos de qualquer indivíduo (como realizado por ele e expresso na estrutura de seu si, através de sua habilidade de tomar as posturas sociais de outros indivíduos em relação a ele e em relação aos fins ou propósitos sociais comuns) seriam o mesmo para qualquer outro indivíduo não importando quem respondesse a eles (*ibidem*, tradução minha, p.139).<sup>47</sup>

Essa visão do conflito como algo disruptivo presente em Mead (s. d.) o toma como um entrave à comunicação, que não pode se estabelecer plenamente enquanto ele não é resolvido. Vê-se a partir da discussão empreendida que essa teorização acadêmica coincide com algumas teorizações nativas, que também acreditam que, no caso dos LGBTs e dos evangélicos, a relação ideal entre eles seria a de um compartilhamento de perspectivas. Todos os LGBTs e todos os evangélicos teriam que adquirir a mesma opinião a respeito de todos os temas ligados à sexualidade. Só assim, poderia haver uma comunicação plena entre eles.

Entretanto, é preciso lembrar que esse ideal se choca com as diferenças que povoam as cosmovisões LGBTs e/ou evangélicas em torno das experiências sexuais. As formas de

---

<sup>47</sup> Do original: “The human social ideal – the ideal or ultimate goal of human social progress – is the attainment of a universal human society in which all human individuals would possess a perfected social intelligence, such that all social meanings would each be similarly reflected in their respective individual consciousnesses such that the meanings of any one individual's acts or gestures (as realized by him and expressed in the structure of his self, through his ability to take the social attitudes of other individuals toward himself and toward their common social ends or purposes) would be the same for any other individual whatever who responded to them.”

nomeação dessas experiências e o modo como os desvios em relação à heteronormatividade são vistas por cada uma delas, por exemplo, indicam significados compartilhados internamente a cada perspectiva que vão de encontro aos significados compartilhados por outras. Também é necessário lembrar que o conflito em torno da equalização das experiências religiosas de matriz doutrinária evangélica e das experiências sexuais divergentes da heteronormatividade não só é o que gera as dinâmicas de vinculação entre grupos distintos, mas também é o que as mantém. Portanto, parece faltar elementos para se pensar o conflito como parte constitutiva, e não disruptiva, das relações sociais e comunicacionais que a partir dele se constroem, com consequências importantes em torno da disputa de sentidos, tanto entre LGBTs e evangélicos, como dentro de cada um desses grupos, como a disputa em torno do termo “homofobia” nos aponta.

Simmel (1983a, 1983b, 1983c), uma das referências do pragmatismo e das pesquisas sociais da chamada *Escola de Chicago*, da qual Mead (s. d.) é precursor, aponta o conflito como uma das formas possíveis de se gerar vínculos, e não como força disruptiva dos laços sociais. Esse autor faz uma distinção entre o conteúdo e as *formas* da vida social. O conteúdo é todo tipo de impulso que leva os indivíduos a se relacionarem uns com os outros, tais como os impulsos gregários, eróticos, alimentares e religiosos. Esses impulsos em si não são sociais, mas a partir deles é que o social toma forma, por meio de um processo que o autor denomina *sociação*:

[Tais impulsos] São fatores de sociação apenas quando transformam o mero agregado de indivíduos isolados em formas específicas de ser com e para um outro – *formas que estão agrupadas sob o conceito geral de interação*. Desse modo, a sociação é a forma (realizada de incontáveis maneiras diferentes) pela qual os indivíduos se agrupam em unidades que satisfazem seus interesses. (SIMMEL, 1983c, p. 166, grifo meu)

Para Simmel (1983a, 1983b, 1983c), o conflito é uma forma de sociação que se constitui como “uma das mais vívidas interações” (SIMMEL, 1983a, p. 122). O autor define sociedade como “o estar com um outro, para um outro, [ou] *contra um outro*” (SIMMEL, 1983c, p. 168, grifo meu). Contrariando a visão de Mead (s. d.), Simmel (1983a) aponta que, antes de ser disruptivo, o conflito é justamente uma resposta aos fatores de dissociação, uma vez que “ódio, inveja, necessidade, desejo [...] são as *causas* do conflito; este irrompe devido a essas causas e para solucioná-las. O conflito está assim destinado a resolver dualismos divergentes; é um modo de conseguir algum tipo de unidade” (SIMMEL, 1983a, p. 122, grifo do autor)”. Antes de

degenerar os vínculos sociais, o conflito seria uma forma de se gerar *vínculos* entre partes com interesses que se tensionam ou se contrastam.

O conflito auxilia na geração de coesão, pois, muitas vezes, surge como a única relação possível entre as partes de um grupo que apresentam interesses distintos e que, de outra forma, não teriam como colocar em comum tal situação de incompatibilidades. Ele também fortalece o compartilhamento de interesses entre os integrantes de grupos que se encontram em oposição. O conflito faz com que um grupo nessa situação perante a outro precise se organizar, concentrar suas forças e energias numa mesma direção, unir-se contra um adversário comum. E esse processo é vantajoso não apenas para o grupo que assim o faz, mas também para o seu rival, pois permite para ele uma definição mais clara de seu adversário, facilitando dessa forma a relação contra ele.

No caso de LGBTs e/ou evangélicos, há uma variedade de impulsos que os levam a se organizarem com ou contra uns aos outros. Há impulsos eróticos, relacionados ao desejo sexual; impulsos gregários, relacionados às relações familiares; impulsos religiosos, relacionados à fé. Esses impulsos tomam formas diferentes, entre elas a do conflito. Dentro da ICM e da ICC, eles tomam a forma da “inclusão”: entende-se que os indivíduos podem experimentar desejos e relações familiares dentro ou fora da heteronormatividade sem ter que abrir mão da experiência religiosa que os une. Na ICC, todavia, as experiências relacionadas ao desejo e às relações familiares toleradas são bastante limitadas, preconizando valorativa e teoricamente a heteronormatividade como parâmetro de outras formas de experiência da sexualidade, bem como a renúncia do “mundo” em favor da vida religiosa regrada. Na IBL, esses impulsos são dirigidos para a forma do “acolhimento”: indica-se para as experiências relacionadas ao desejo e às relações familiares o padrão heteronormativo, mas mesmo quem não se submete a esse padrão deve ter sua permanência no grupo garantida.

Membros dessas três igrejas, porém, se organizam contra outros evangélicos que eles chamam de “fundamentalistas”, como, por exemplo, pastores como Silas Malafaia, bastante referenciado por eles. Dentro das igrejas onde esses outros evangélicos se organizam, os impulsos tomariam a forma da “exclusão”: não seriam tolerados dentro do grupo indivíduos que não se submetessem à heteronormatividade. Devido às divergências entre essas três igrejas e as demais, a relação estabelecida aqui seria a do conflito. Também há conflito entre as três igrejas, uma com as outras. Entre a IBL e as outras duas, que são inclusivas, pela perspectiva da primeira de tentar converter as experiências dos indivíduos do seu grupo à heteronormatividade. Entre a ICM e a ICC, pela limitação dessa última às experiências sexuais e familiares dos indivíduos. Tal limitação é criticada pela ICM, que acredita que não se deve

normatizar as sexualidades, pois isso geraria uma inclusão muito limitada e seria um outro tipo de fundamentalismo.

No Cellos, a relação entre os indivíduos dentro do grupo não passa propriamente por impulsos religiosos, mas por impulsos políticos de reivindicação de direitos. Entretanto, o grupo como um todo e cada um de seus membros estabelecem formas diversas de relação com as igrejas evangélicas. Gabriel participa da forma do “acolhimento” da IBL, e propõe a forma do “diálogo” com as igrejas evangélicas “não fundamentalistas”, compartilhada por alguns outros membros do Cellos e dessas igrejas. O Cellos, de uma forma mais geral, liga-se às igrejas “fundamentalistas” e à “bancada evangélica” por meio do confronto direto, do combate político e da contestação de sua legitimidade social enquanto entes normatizadores da experiências sexuais e defensores de propostas políticas consideradas excludentes e preconceituosas.

Os conflitos entre indivíduos de uma mesma igreja ocorrem quando eles se opõem à forma de organização hegemônica do grupo. Hudson, da ICM, por exemplo, entrou em conflito com os demais membros durante um debate ocorrido nessa igreja, ao propor limites às experiências sexuais, posição que se desvia da forma como esse grupo se organiza hegemonicamente.

Entretanto, todas essas formas de interação, ainda que conflituosas, geram vínculos entre sujeitos dentro de cada uma dessas igrejas e também entre sujeitos de diferentes igrejas. O conflito não é o que impede a relação entre Silas Malafaia e membros das três igrejas analisadas; não é o que impede a relação entre as três igrejas, uma com as outras; não é o que impede a relação de Hudson com os demais membros da ICM. Antes, o conflito é o que permite essas relações, é uma forma possível para que indivíduos e grupos com pensamentos divergentes se tornem um em relação ao outro. Para Simmel (1983a), o que impossibilita os vínculos sociais não é o conflito, mas a indiferença. Davi, da IBL, por exemplo, não conhecia a ICM, nem a ICC, quando o entrevistei. Dessa forma, ele não tinha nenhum vínculo, de nenhuma natureza, com os dois grupos.

Entretanto, o conflito é essencialmente bivalente, pois ao mesmo tempo que pode suscitar respostas para as divergências de interesse, a solução gerada pode ser justamente a “aniquilação de uma das partes conflitantes” (*ibidem*, p. 122). Assim, em relação ao grupo mais amplo no qual as partes em conflito se inserem, esse tipo de vinculação carrega tanto possibilidades positivas, como a geração de tentativas, ainda que parciais, de tradução intergrupala que permitem ao menos a explicitação de posições; quanto negativas, como a violência e a mútua tentativa de aniquilação com desvantagens para a parte que está numa posição de desvantagem. Uma forma de aniquilação é o exílio. Um membro da ICM diz que foi

expulso de uma igreja não inclusiva quando não quis se submeter a uma conversão de sua sexualidade. Outra forma fortemente sublinhada nos discursos do Cellos e da ICM são os crimes motivados pela homofobia: mata-se os LGBTs por não se conseguir aceitá-los.

De qualquer maneira, o conflito precede e opera a todo momento dentro de cada grupo. Um grupo completamente unido em torno de interesses comuns é, para Simmel (1983a), empiricamente irreal. Isso porque a unidade de um grupo, no sentido de se tomá-lo como um único objeto, não acompanha uma unidade de interesses, de perspectivas, um consenso, pois nenhum grupo é como uma mônada. Assim, há membros da IBL, como Gabriel e Davi, que se opõem à lógica de “cura” proposta pela igreja. Da mesma forma, houve na ICC uma tensão entre o pastor Marcos Gladstone e membros que prepararam um teatro interpretando indivíduos do “sexo oposto”, o que desagradou o pastor. É isso o que também torna impossível que todos os evangélicos pensem do mesmo jeito e o mesmo em relação aos LGBTs. Retamero, pastor da ICM, disse-me em uma entrevista: “Eu percebo que dentro do movimento LGBT, como um campo, é um campo de conflito. Só que é um campo de conflito cheio de fissura e de tensões.” Isso pode ser sentido na forma como muitos transexuais não se sentem representados pelo Cellos, por exemplo.

Grupos podem tanto serem formados quanto dissolvidos através do conflito: “Uma condição de conflito, todavia, aproxima os membros tão estreitamente e os sujeita a um impulso tão uniforme que eles precisam concordar ou se repelir completamente” (SIMMEL, 1983b, p. 154). Às vezes, indivíduos que não se constituíam como um grupo unem-se a partir de um inimigo comum, e essa união frequentemente se mantém mesmo depois do fim dessa situação de conflito. Assim, o conflito e a solidariedade, para Simmel (1983a) não são pensados como opostos, mas como dinâmicas em cooperação: “As relações de conflito, por si mesmas, não produzem uma estrutura social, mas somente em cooperação com forças unificadoras” (SIMMEL, 1983a, p. 128). É devido aos conflitos contra os chamados “homofóbicos”, que os indivíduos com diversas sexualidades desviantes em relação à heteronormatividade se unem em torno da sigla LGBT.

O papel do conflito, para Simmel (1983a), repete-se na escala da consciência individual: “Os processos de dentro do indivíduo são, afinal, do mesmo tipo. São, a cada momento, tão diversificados e contêm tal multiplicidade de oscilações variadas e contraditórias” (*ibidem*, p. 129). Mas o indivíduo possui, no final contas, um produto único de sua consciência: “Provavelmente, muito do que somos forçados a apresentar a nós mesmos como sentimentos misturados, como combinação de muitos impulsos, como competição de muitas sensações opostas, sejam inteiramente coerentes consigo mesmos” (*ibidem*, p. 129). Esse ponto da teoria

de Simmel (1983a) remete ao diálogo entre o eu e o mim na constituição do si, apontado por Mead (s. d.). O eu e o mim estariam, muitas vezes, em conflito um com o outro. É o que ocorreria frequentemente com os *gays* evangélicos, como Davi e Gabriel. Mas, no fim das contas, o si de cada um deles seria formado por essas vozes conflitantes. Mas se o indivíduo tem uma única consciência composta de processos conflitantes, Simmel (1983a) aponta que, do mesmo modo, os conflitos entre grupos sociais podem estar direcionados para a geração de uma unidade que os liga de forma coerente.

Thomas (1923) desenvolve a importância do conflito no âmbito dos processos de comunicação. Esse autor cunha um conceito muito importante para as ciências sociais pragmatistas, o de “definição da situação”. Trata-se da seleção cognitiva de quais são os elementos capazes de explicar e organizar as circunstâncias envolvidas em um dado momento interacional.

Antes de qualquer ato autodeterminado de comportamento há sempre um estágio de exame e deliberação que nós podemos chamar de *a definição da situação*. E, na realidade, não apenas atos concretos são dependentes da definição da situação, mas gradualmente toda uma política de vida e a personalidade do indivíduo em si acompanham uma série dessas definições. (THOMAS, 1923, p. 42, tradução minha, grifo do autor)<sup>48</sup>

Segundo a visão do autor, “a definição da situação é equivalente à determinação da vagueza” (*ibidem*, p. 81, tradução minha).<sup>49</sup> Thomas (1923) aponta que nas comunidades tradicionais havia pouca vagueza a ser determinada, mas a partir das sociedades modernas, devido aos fatores de “livre comunicação no espaço e livre comunicação do pensamento, não apenas situações particulares, mas a maioria das situações gerais tornaram-se vagas” (*ibidem*, p. 81-82, tradução minha).<sup>50</sup> Isso tem uma implicação muito grande em termos de conflito:

[...] se a história do mundo é o desdobramento da vontade de Deus, se as pessoas podem beber vinho, se a teoria da evolução deve ser ensinada nas escolas, se o matrimônio é indissolúvel, se a vida sexual fora do matrimônio é aceitável, se os fatos do sexo devem ser ensinados às crianças, se o número de crianças nascidas deve ser voluntariamente limitado, – essas questões

<sup>48</sup> Do original: “Preliminary to any self-determined act of behavior there is always a stage of examination and deliberation which we may call *the definition of the situation*. And actually not only concrete acts are dependent on the definition of the situation, but gradually a whole life-policy and the personality of the individual himself follow from a series of such definitions.”

<sup>49</sup> Do original: “The definition of the situation is equivalent to the determination of the vague”.

<sup>50</sup> Do original: “free communication in space and free communication of thought, not only particular situations but the most general situations have become vague”.

tornaram-se vagas. Há *definições rivais da situação*, e nenhuma dela é obrigatória. (*ibidem*, p. 82, tradução minha, grifo meu)<sup>51</sup>

Esse processo de disputa pela definição da situação em relação a temas ligados à sexualidade é fortemente presente entre os grupos e indivíduos evangélicos e/ou LGBTs analisados. Durante o debate sobre diversidade sexual e religião promovido pelo Cellos, com membros de igrejas inclusivas e batistas, esse processo se repetiu inúmeras vezes. Foi questionada, por exemplo, a validade do *Antigo Testamento* para definir as regras de comportamento para os cristãos contemporâneos, com opiniões diametricamente opostas. A própria definição da situação do debate foi conflituosa, com alguns apontando para um “diálogo” e outros para um “confronto”. É esse processo que está na raiz dos diversos posicionamentos das igrejas em relação à diversidade sexual. Se as inclusivas entendem que as diversas sexualidades são dons de Deus, as não inclusivas entendem que as não heteronormativas são pecados. Se a IBL entende que os homossexuais não precisam converter sua sexualidade para participarem da igreja, outras entendem que isso é necessário. Se a ICM entende que não deve haver normatizações das sexualidades, a ICC entende que isso é necessário. O mesmo processo perpassa as discussões públicas entre esses grupos, como no caso dos projetos de criminalização da homofobia e das terapias de conversão das homossexualidades (caso “cura gay”). É interessante notar que há quase um século, Thomas (1923) já percebia conflitos similares aos que ocorrem na atualidade, o que sugere uma pregnância dessa dinâmica nas sociedades chamadas por ele de “modernas”.

Thomas (1923) aponta que o conflito “surge do fato de que um indivíduo introduz outras definições da situação e assume outras posturas em relação a valores convencionados e conseqüentemente tende a mudar planos de ação e introduzir desordem, a desarranjar as normas existentes” (*ibidem*, p. 234, tradução minha).<sup>52</sup> Isso pode ser visto no âmbito dos grupos, quando as igrejas inclusivas propõem novas definições da situação da diversidade sexual em relação às demais igrejas. Mas também pode ser visto no interior de cada grupo, quando um indivíduo discorda da definição da situação hegemonicamente proposta por ele.

---

<sup>51</sup> Do original: “[...] whether the history of the world is the unfolding of the will of God, whether men may drink wine, whether evolution may be taught in schools, whether marriage is indissoluble, whether sex life outside of marriage is permissible, whether children should be taught the facts of sex, whether the number of children born may be voluntarily limited, – these questions have become vague. There are rival definitions of the situation, and none of them is binding.”

<sup>52</sup> Do original: “arises from the fact that the individual introduces other definitions of the situation and assumes other attitudes toward values than the conventionalized ones and consequently tends to change plans of action and introduce disorder, to derange the existing norms”.

Cada indivíduo procede à sua própria definição da situação, entretanto, isso não é feito de forma autônoma, pois anteriormente a esse processo já existe uma série de tipos gerais de situação previamente definidas pelo grupo ao qual o indivíduo pertence, que interferem nas definições feitas por ele. Há sempre uma tensão entre a definição espontânea feita pelo indivíduo e as definições gerais que o grupo lhe provê. Thomas (1923) aponta uma série complexa de elementos que influenciam as posturas individuais:

As posturas de uma dada pessoa em um dado momento são resultado do seu temperamento original, das definições da situação dadas pela sociedade durante o curso de sua vida, e de suas definições pessoais da situação derivadas de sua experiência e reflexão. O caráter do indivíduo depende desses fatores. (*ibidem*, p. 241, tradução minha)<sup>53</sup>

No debate promovido pelo Cellos, Roberto comentou sobre as diferenças da postura de Retamero em relação às suas, em consonância com a teoria de Thomas (1923): “Eu entendo que tem uma questão toda de educação, do temperamento, do que construiu a vida dele *pra* ele agir assim.” A forma como a situação é definida depende diretamente de uma série de convenções sociais existentes. Mas obviamente as formas de definir as situações não são estanques, pois: “Toda nova invenção, todas as chances de convivência, todo novo ambiente tem a possibilidade de redefinir a situação e de introduzir mudança, desorganização ou um diferente tipo de organização na vida de um indivíduo ou mesmo do mundo inteiro” (*ibidem*, p. 71, tradução minha).<sup>54</sup>

Essa tensão entre as definições da situação previamente construídas e as reconstruídas pelos sujeitos remete, mais uma vez, à oposição entre o eu e o mim apontadas por Mead (s. d.). Ao mesmo tempo que os indivíduos utilizam as noções que lhes são repassadas pelos grupos aos quais eles se afiliam, eles refletem a respeito dessas definições e as questionam. É o que fez Gabriel ao longo de toda a sua trajetória de vida. Na sua adolescência, ele entendeu sua sexualidade a partir da definição que lhe foi oferecida pela IURD, de que ela era uma possessão da qual ele precisava ser libertado. Mas refletiu sobre essa definição e redefiniu sua sexualidade como um dom divino. Acolheu a definição proposta pela IBL de que ele deveria levar uma vida heteronormativa, namorando uma fiel da igreja; mas depois redefiniu a situação e terminou o

---

<sup>53</sup> Do original: “The attitudes of a given person at a given moment are the result of his original temperament, the definitions of situations given by society during the course of his life, and his personal definitions of situations derived from his experience and reflection. The character of the individual depends on these factors.”

<sup>54</sup> Do original: “Every new invention, every chance acquaintanceship, every new environment, has the possibility of redefining the situation and of introducing change, disorganization or different type of organization into the life of the individual or even of the whole world”.

namoro por acreditar que precisava vivenciar sua orientação sexual. Acolheu a definição dada pela ICM de uma aceitação ampla das diversas experiências individuais, mas depois redefiniu que essa aceitação estava ampla demais. A forma como os indivíduos redefinem a situação gera consequências de mudança social. As igrejas inclusivas, como a ICC e a ICM, por exemplo, surgiram à medida que grupos de indivíduos redefiniram a situação do cristianismo e da diversidade sexual.

Sujeitos como o pastor Miguel Serra, seguindo um caminho oposto ao de Gabriel, redefinem a situação em favor da proposta que lhe é oferecida pela igreja, deixando de lado suas experiências não heteronormativas a favor da definição de que elas são um pecado.

Rótulos funcionam como definições fortes e concisas das situações. É o caso das categorias que os indivíduos e grupos analisados usam para se referir a si mesmos e a suas alteridades. Através do rótulo “fundamentalistas”, os grupos analisados condensam a forma como eles definem a situação das igrejas e indivíduos que interpretam a *Bíblia* de forma literal. O termo remete a uma série de elementos que são acionados pelos indivíduos a partir dele, como a homofobia, a misoginia, o racismo, a intolerância religiosa e a interferência na política institucional formal, características que se repetem nas falas analisadas depois do uso desse termo. O termo “Gayloinha”, utilizado por alguns indivíduos para se referir à IBL, aponta uma definição que esses sujeitos fazem da igreja como um local amplamente frequentado por homossexuais. O “mundo” da ICC, remonta nos membros da igreja a uma forma de definir a situação em relação aos espaços fora dela, ligados à tentação e à promiscuidade. O rótulo “inclusivo” aponta pra uma definição das igrejas que o utilizam, qual seja a aceitação da homossexualidade e da transexualidade dos fiéis.

Não apenas a linguagem verbal, mas também a linguagem corporal funciona como meio de definir a situação. Depois de uma fala do pastor Miguel Serra na IBL, contando sobre uma evangelização que havia realizado com uma travesti, ele fez uma expressão de benevolência e a pastora que estava ao seu lado uma expressão de reconhecimento. Essas faces apontam para a forma como o trabalho de evangelização do pastor estava sendo visto por eles.

Piscadelas, dar-de-ombros, cutucadas, risos, chacotas, arrogância, frieza, olhar-de-cima-a-baixo são também linguagens que definem a situação de formas dolorosamente sentidas como identificações desfavoráveis. O sorriso de escárnio, por exemplo, é a ânsia de vômito, ou seja, "você me dá nojo". (*ibidem*, p. 50, tradução minha)<sup>55</sup>

<sup>55</sup> Do original: “Winks, shrugs, nudges, laughter, sneers, haughtiness, coldness, ‘giving the once over’ are also language defining the situation and painfully felt as unfavorable recognition. The sneer, for example, is incipient vomiting, meaning, ‘you make me sick.’”

Em 1923, Thomas já apontava para a importância da influência dos meios de comunicação nas definições da situação: “há certas influências organizadas que dão prazer e informação – o filme, o jornal, a revista – que definem a situação em termos ambíguos” (*ibidem*, p. 83, tradução minha).<sup>56</sup> Hoje, quase um século depois, essa importância é, obviamente, muito maior. Com a Internet, a circulação de discursos e opiniões, através de postagens, vídeos e imagens nas redes sociais, compõem a forma como os indivíduos definem as situações. Silva (2005) nos aponta como esse novo panorama de comunicação em rede amplia as influências às quais os indivíduos se submetem:

Temos, hoje, lugares que são imensos caleidoscópios de padrões, valores culturais, línguas e dialetos, religiões e seitas, etnias e raças. Modos distintos de ser passam a concentrar-se a conviver em um mesmo espaço com uma abundância de opções simbólicas que propiciam enriquecimentos e fusões, inovações estéticas tomadas de muitas partes e amplas negociações para os dilemas compartilhados com conjuntos mais amplos como as cidades, as nações ou os blocos. (SILVA, 2005, p. 4)

Programas de TV, como o de Marília Gabriela e a telenovela *Amor à Vida*; vídeos da Internet, como o de uma travesti cortando os cabelos numa igreja como parte de um processo de “cura”; filmes, como *The Falls*; foram elementos usados pelos sujeitos e grupos analisados para compor suas definições da situação em momentos diversos do trabalho. Em alguns casos, foi apontado como as definições da situação promovidas por esses meios foi importante para os indivíduos, como um homem trans que contou que se considerava lésbica por não saber que existia a possibilidade de transmasculinidade, que ele foi conhecer através da Internet.

### 4.3 - O conflito nas teorias sociais do discurso

As teorias sociais do discurso, como as de Bakhtin (1981, 1997) e Foucault (1999a, 1999b, 1999c), são ferramentas interessantes para equilibrar as perspectivas pragmatistas (OLIVEIRA; VIEIRA, 2014). Se os indivíduos de Mead (s. d.) e do pragmatismo têm uma grande liberdade para a ação, proporcionada pela reflexividade e pela comunicação, os sujeitos de Foucault (1999a, 1999c, 1999b) e das teorias sociais do discurso tem essa ação reduzida pela forma como as relações de poder as limitam. Essa diferença de enfoque se deve ao fato de que o pragmatismo faz uma análise microssocial das interações entre os indivíduos. Já as teorias

---

<sup>56</sup> Do original: “there are certain organized influences for giving pleasure and information – the motion picture, the newspaper, the light periodical – which define the situation in equivocal terms”.

sociais do discurso tomam as interações de uma maneira mais macrossocial, enfatizando as relações entre grupos e as estruturas de poder e assimetrias de recursos nas qual elas se inserem. Bakhtin (1981, 1997) aponta como a formação de grupos e perspectivas está relacionada à linguagem e à circulação de discursos, e Foucault (1999a, 1999c, 1999b) nos mostra como essa circulação é controlada por estruturas de poder que perpassam os próprios corpos dos sujeitos, moldando também suas experiências.

Bakhtin (1981, 1997) opõe-se a uma visão subjetivista da linguagem e defende que os enunciados não são uma simples expressão da consciência individual dos enunciadores, mas têm natureza social, compondo-se sempre em resposta uns aos outros, como elos em uma cadeia dialógica. Esse *dialogismo* faz com que seja possível perceber diferentes vozes num mesmo enunciado: a do enunciadador, a do destinatário do enunciado e, muitas vezes, uma terceira voz à qual o enunciado se referencia. Essa pluralidade de vozes, ou *polifonia*, é um tema importante no pensamento do autor. A obra de Bakhtin (1981), de caráter marcadamente marxista, volta-se especialmente para a questão da luta de classes, enfocando suas relações de dominação e resistência, calcadas no conflito capital-trabalho. Entretanto, entendo que a teoria por ele apresentada pode ser utilizada para pensarmos conflitos discursivos de outras naturezas, como em torno das questões envolvendo religião e diversidade sexual, das quais trato neste trabalho.

Nos enunciados dos sujeitos analisados, a referência a falas atribuídas a outros é constante, bem como as respostas a essas falas. A *Igreja da Comunidade Metropolitana (ICM)* organiza boa parte do seu discurso em resposta aos que ela chama de “fundamentalistas”. A *Igreja Batista da Lagoinha (IBL)*, em resposta aos que são chamados ali de “pró-gays”, como as próprias igrejas inclusivas. A *Igreja Cristã Contemporânea (ICC)*, em resposta às igrejas não inclusivas. E o *Centro de Luta pela Livre Orientação Sexual de Minas Gerais (Cellos)* à bancada evangélica. Esse diálogo no qual esses grupos se inserem faz com que, nas falas de cada um deles, também possam ser percebidas falas de outros. Esse processo é chamado por Bakhtin (1997) de *discurso bivocal*, ou seja, um discurso que remete a outro que ele comenta, responde ou ironiza.

O dialogismo ocorre não apenas entre grupos, mas também entre sujeitos e entre grupos e sujeitos. Gabriel, um militante evangélico do Cellos, remete-se ao discurso do grupo para apontar uma certa barreira do mesmo em relação ao diálogo com as igrejas evangélicas. Num debate entre Roberto, membro da IBL, e Retamero, pastor da ICM, várias vezes um se referiu às falas do outro para procurar se posicionar em relação a elas. Essas falas, porém, refletiam não apenas o pensamento de cada um, mas também o dos grupos dos quais eles fazem parte. Esse processo lembra a conversação de gestos da qual trata Mead (s. d.). Segundo esse autor, o

gesto de um indivíduo serve de estímulo para outro, e a resposta desse outro retorna como estímulo ao primeiro. Ao que Bakhtin (1981, 1997) se refere no nível dos grupos, Mead (s.d.), parece se referir de forma similar no nível dos indivíduos.

Os discursos são para Bakhtin (1981) formas de se usar a linguagem. Eles estão ligados às ideologias, aos pontos de vista compartilhados pelos indivíduos em torno de grupos sociais. Assim, os discursos seriam falas sociais que nos dariam a ver pontos de vista compartilhados pelos integrantes dos grupos que os acionam: “cada época e cada grupo social têm seu repertório de formas de discurso na comunicação sócio-ideológica. A cada grupo de formas pertencentes ao mesmo gênero, isto é, a cada forma de *discurso social*, corresponde um grupo de temas” (BAKHTIN, 1981, p. 30, grifo meu).<sup>57</sup>

Assim, quando Roberto fala, enquanto membro da IBL, ele remete a discursos em circulação e compartilhados por membros desse grupo, como o de que a homossexualidade é causada por problemas na socialização familiar e a busca de referências científicas para embasar seu discurso. Da mesma forma, vários membros de igrejas batistas analisados apontam para o mesmo discurso de que “Deus ama o pecador, mas não o pecado”.

Como os diversos *discursos sociais* fazem uso de uma linguagem comum, cada palavra apresenta-se, para Bakhtin (1981), “como uma arena em miniatura onde se entrecruzam e lutam os valores sociais de orientação contraditória” (*ibidem*, p. 48). O autor aponta para a importância dos usos que se faz da linguagem nas interações sociais: “o signo e a situação social em que se insere estão indissolavelmente ligados” (*ibidem*, p. 45). Para ele, as mudanças que ocorrem na sociedade são acompanhadas por mudanças na linguagem:

Todo signo, como sabemos, resulta de um consenso entre indivíduos socialmente organizados no decorrer de um processo de interação. Razão pela qual as formas do signo são condicionadas tanto pela organização social de tais indivíduos como pelas condições em que a interação acontece. Uma modificação destas formas ocasiona uma modificação do signo. (*ibidem*, p. 30)

Assim, o uso do termo “homossexualismo” foi descartado pela comunidade LGBT depois que esse tipo de experiência sexual deixou de ser vista como uma doença, em favor do termo “homossexualidade”. Entretanto, grande parte dos discursos evangélicos continuam insistindo no uso do termo “homossexualismo”, o que gera um embate no campo das palavras. Do mesmo modo, o termo “homofobia”, antes utilizado sem questionamentos para se referir ao preconceito

---

<sup>57</sup> “Admitamos chamar a realidade que dá lugar à formação de um signo de tema do signo” (BAKHTIN, 1989, p. 31).

e à violência contra as diversas identidades LGBT, tem passado a ser visto como excludente, por invisibilizar os problemas enfrentados por lésbicas e transexuais.

Foucault (1999a, 1999b, 1999c) desenvolve importantes relações entre poder e discurso, por meio de seu conceito de *dispositivo*, muito útil a essa discussão de nomeações e disputas que as contornam. Nas obras desse autor, os dispositivos aparecem como aquilo que dispõe os sujeitos numa dada relação que se estabelece entre eles. Disposição essa que pode ser pensada espacialmente, mas também, e principalmente, quanto às condições de poder, de possibilidade de ação desses sujeitos.

Foucault (1999b) aplica o conceito de dispositivo para caracterizar o que ele chama de confessionalário. Para o autor, as restrições à livre produção e circulação de discursos sobre o sexo estiveram historicamente relacionadas à existência de sujeitos para os quais se deveria fazer confissões a respeito desse tema. Assim, a produção de discursos sobre o sexo restringia-se a essas situações, nas quais o assunto era discutido exaustivamente. Em torno desse dispositivo, padres e psicanalistas se encontravam em posição de aconselhar suas contrapartes a respeito da atividade sexual que elas desenvolviam, indicando o que era certo ou errado a seu respeito e, dessa forma, exercendo um controle sobre tal atividade. Assim, esse dispositivo criou, nas diversas épocas e contextos específicos, monopólios para instituições como a igreja e a psicanálise em torno da “*verdade*” a respeito do sexo: “aquele que escuta não será simplesmente o dono do perdão, o juiz que condena ou isenta: será o dono da verdade” (FOUCAULT, 1999b, p.66). Desse modo, para o autor, a verdade é vista como o discurso tido como tal, e não como algo transcendente.

A disputa pela verdade, que certamente passa também pela disputa pela definição da situação apontada por Thomas (1923), é central nas relações que se estabelecem entre os grupos e sujeitos analisados. Alguns evangélicos apontam os textos bíblicos, lidos em sua literalidade, como a verdade. Mas Retamero, pastor da ICM, acredita que a verdade seja Cristo. Ele, porém, relativiza que ninguém é capaz de entender Cristo, que cada um tem uma visão diferente a seu respeito, e que, portanto, a “Verdade com V maiúsculo” não seria passível de se alcançar. Cássio, da ICC, também relativiza a ideia de verdade: “Deus tem trazido e levantado pessoas *pra trazer uma nova verdade.*” Para a militância LGBT, por outro lado, a verdade é apontada, muitas vezes, como sendo a sexualidade, enquanto a religião tentaria apagá-la dos sujeitos. Na IBL, o dispositivo do confessionalário se repete na forma como ela trata da “cura” e “libertação” dos homossexuais.

Em Foucault (1999a), o discurso aparece não somente como um meio utilizado pelos sujeitos para alcançar êxito em suas disputas, mas como aquilo que, ele próprio, é o alvo de tais

disputas: “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar” (FOUCAULT, 1999a, p. 10). É justamente por ter tal relação com o poder que o processo de produção e circulação de discursos é controlado por procedimentos como a interdição: “sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar qualquer coisa” (*ibidem*, p. 9). Além da interdição, também há a atribuição de razão: nem todo sujeito tem a sua capacidade de proferir discursos reconhecida; e a vontade de verdade: desconsidera-se os discursos que se acredita serem falsos. Todo tipo de interação é atravessada por dispositivos que regulam as possibilidades de ação dos sujeitos nela envolvidos, estabelecendo diferenças em torno do que se pode dizer/fazer.

Nas dinâmicas de culto, o pastor é quem tem a palavra. Os fiéis não têm um espaço para subir ao altar e dizer o que quiserem. Esse processo controla a produção e circulação de discursos nas igrejas. Há momentos em que os fiéis podem fazer isso, mas para produzir discursos específicos, como testemunhos de curas. Nas paradas LGBT, essa limitação da produção e circulação de discursos não é muito diferente. A ICM, com seu perfil de resistência aos dispositivos de doutrinação, procura formatos de interação com uma distribuição mais horizontal do poder, como debates entre os membros, e não só cultos, que apresentam uma relação vertical pastor-assembleia. Nessas situações, ela incentiva que todos exerçam qualquer fala, como Hudson, que não teve seu discurso vetado num debate, mesmo sendo ele contrário ao proposto pela igreja. Na IBL, Gabriel nos conta que o sujeito pode ser *gay*, mas ele fica interdito de participar dos ministérios, enquanto não “converter” sua sexualidade.

Contudo, o *poder* não deve ser visto nessas dinâmicas como algo disruptivo, mas como elemento intrínseco e constitutivo de qualquer relação social. Para Foucault (1999c), “o poder está em toda parte; não porque englobe tudo e sim porque provém de todos os lugares” (FOUCAULT, 1999c, p. 89). Mas o autor não entende o poder como uma propriedade individual, nem como algo concentrado nas instituições repressivas: “o poder não é uma instituição e nem uma estrutura, não é uma certa potência de que alguns sejam dotados” (1999c, p. 89), antes, ele o vê como:

[...] a multiplicidade de correlações de força imanentes ao domínio onde se exercem e constitutivas de sua organização; o jogo que, através de lutas e afrontamentos incessantes as transforma, reforça, inverte; os apoios que tais correlações de força encontram umas nas outras, formando cadeias ou sistemas ou, ao contrário, as defasagens e contradições que as isolam entre si [...] (*ibidem*, p. 88-89).

Assim, o poder não se constitui como algo nos sujeitos, mas nas relações, uma vez que “o poder não é algo que se adquira, arrebate ou compartilhe, algo que se guarde ou deixe escapar; o poder se exerce a partir de inúmeros pontos e em meio a relações desiguais e móveis” (FOUCAULT, 1999c, p. 89-90). Porém, se há poder, também há resistências a ele, por isso as relações entre discurso e poder podem ser conflituosas:

Os discursos, como os silêncios, nem são submetidos de uma vez por todas ao poder, nem opostos a ele. É preciso admitir um jogo complexo e instável em que o discurso pode ser, ao mesmo tempo, instrumento e efeito de poder, e também obstáculo, escora, ponto de resistência e ponto de partida de uma estratégia oposta. O discurso veicula e produz poder; reforça-o, mas também o mina, expõe, debilita e permite barrá-lo. (*ibidem*, p. 96)

Na IBL, o poder não está em Ana Paula Valadão, uma das pastoras mais importantes da denominação, ou em Andréa Vargas, uma autoridade na igreja a respeito de sexualidade, mas na relação que os fiéis estabelecem com essas figuras. Ana Paula Valadão e Andréa Vargas precisam de respostas positivas dos fiéis para continuarem no altar pregando seus discursos. Se Ana Paula Valadão não fosse aplaudida pelos fiéis quando de suas falas, elas não surtiriam o mesmo efeito sobre eles. A banda *Diante do Trono*, da mesma denominação, não seria um sucesso tão grande, como apontam os vestígios encontrados no trabalho de campo, se não fosse por seus fãs homossexuais, apesar de a homossexualidade ser condenada pela igreja. O fiel *gay* pode participar dos cultos, ser fã da banda, mas como nos lembra Gabriel, que é membro da igreja, o fiel *gay* não pode assumir ministérios, pois nesse caso teria que se submeter a processos de “cura”.

As igrejas inclusivas indicam formas de articular discursos de resistência contra as relações de poder hegemônicas nos meios evangélicos, em relação à diversidade sexual. A ICM procura fazer uma oposição radical a essas relações de poder, criticando os dogmas e as normatizações das sexualidades; enquanto a ICC procurar realizar um jogo de tensões e reacomodações que proporciona um meio termo entre a resistência e a submissão. O Cellos busca produzir discursos contra a presença assimétrica de representantes de grupos evangélicos na política institucional formal em relação aos representantes da comunidade LGBT, assimetria essa apontada frequentemente nesses discursos. Davi e Gabriel, na IBL, fogem dos discursos contrários à sua sexualidade como forma de não se chocar com eles. Mas eles também produzem novos discursos que tentam deslegitimar os da igreja, como o trazido por Davi, de que o *Antigo Testamento* não vale mais.

Foucault (1999c) trabalha também com a ideia de *biopoder*. Para o autor, existem técnicas desenvolvidas para otimizar o uso dos corpos, usando a disciplina como forma de se torná-los dóceis, através de uma economia que busca obediência e produtividade, uma reforçando a eficácia da outra. Assim como o poder molda os corpos, os discursos falam através deles. É por isso, por exemplo, que quando falamos de sexo, quando esse assunto se coloca como proibido, fazemos uma “pose” e mudamos o nosso tom de voz. A subversão que ali se manifesta, manifesta-se antes de tudo através de nossos próprios corpos. Acredito que um representante do candomblé no debate promovido pelo Cellos, concordaria com a perspectiva trazida por Foucault (1999c), já que ele disse em uma de suas falas: “Mais do que o médico, a religião, ela se acha dona do corpo da gente, né? E ela diz que é dona do corpo da gente *pra* cuidar do corpo da gente em nome do Criador.” O poder perpassa os corpos de tal maneira, que se torna difícil para o sujeito pensar-se fora das relações às quais ele se submete. Para Cássio: “As pessoas, elas têm uma mente tão fechada, é uma opressão tão grande, que quando *cê* tem palavras de liberdade, as pessoas não acreditam. As pessoas não querem se ver fora daquilo.”

Discursos de “cura” como os da IBL docilizam corpos como o de Miguel Serra, que abriu mão de suas experiências sexuais para construir uma subjetividade baseada neles. O biopoder se exerce sobre os corpos desses indivíduos orientando-os para a heteronormatividade. Os corpos dos membros da ICC também são moldados para seguir um binarismo de gênero, com uma desvalorização de perfis *queers*. Nessa igreja, as experiências sexuais dos corpos também são limitadas ao padrão familiar nuclear. Já o discurso da ICM apresenta uma resistência a essa docilização, ao incentivar a não normatização dos corpos e experiências sexuais.

Os próprios rótulos através dos quais os sujeitos constroem suas subjetividades, moldam seus corpos e limitam suas experiências. Alguns homens trans encontrados dizem que inicialmente acreditavam que eram lésbicas, porque não sabiam da existência da transexualidade masculina, uma nomeação que só alcançou visibilidade recentemente. Da mesma forma, os sujeitos designados como homens que se identificavam a partir da feminilidade, há algumas décadas, eram conhecidos quase exclusivamente como travestis. O termo mulher trans ganhou visibilidade, assim como o termo trans-homem, há um tempo relativamente curto, e junto dele veio uma nova forma de regular os corpos desses sujeitos, opondo as travestis às mulheres trans.

## CONCLUSÃO

Ao buscar responder como os sujeitos que vivem na fronteira entre perspectivas LGBTs e evangélicas sobre sexualidade lidam com as discrepâncias existentes entre elas, a fim de dar coerência às suas experiências e subjetividades, fiz uma etnografia multissituada em quatro grupos de Belo Horizonte: o *Centro de Luta pela Livre Orientação Sexual de Minas Gerais* (Cellos), a *Igreja da Comunidade Metropolitana* (ICM), a *Igreja Cristã Contemporânea* (ICC) e a *Igreja Batista da Lagoinha* (IBL). Durante o trabalho de campo, as estratégias de seguir as *metáforas*, as *biografias* e os *conflitos* me auxiliaram a traçar um perfil dos discursos institucionais de cada um desses quatro grupos; bem como rastrear situações e sujeitos capazes de tensioná-los. O método etnográfico implica uma intensa afetação da subjetividade do pesquisador. No meu caso, esse processo foi ampliado pela minha identificação com os discursos analisados, uma vez que também vivo na fronteira entre o cristianismo e a homossexualidade. Optei por buscar um diálogo simétrico entre teorias dos próprios sujeitos analisados e teorias acadêmicas. Assim, comecei por elencar as categorias através das quais esses sujeitos caracterizam as sexualidades e o cristianismo. Em seguida, apresentei o perfil desses grupos e os discursos institucionais de cada um deles.

A IBL é uma igreja batista pentecostal bastante grande e que tem um lugar central no panorama evangélico de Belo Horizonte. Nela, o discurso corrente é o de que a igreja deve realizar um “*acolhimento*” do homossexual, para possibilitar-lhe uma “*cura*”. Tal qual uma ovelha perdida, a igreja deve reconduzir o homossexual ao Senhor e a seu rebanho. A ICC é uma igreja inclusiva com características neopentecostais. Nela, acredita-se na homossexualidade e transexualidade como dons divinos, que, como tais, devem ser vividos de uma forma pura e santificada, o que as conduz de volta a um padrão heteronormativo. A “*igreja*” seria o ambiente que apresenta as vivências adequadas, em oposição à promiscuidade do “*mundo*”. A ICM também é uma igreja inclusiva, mas com um perfil fortemente militante e feminista. Nela, defende-se a não normatização das sexualidades, pois a imposição de normas é vista como relacionada ao “*fundamentalismo religioso*” e seria contrária aos “*Direitos Humanos*”. O Cellos é o grupo de militância LGBT que realiza as paradas LGBT de Belo Horizonte. Nele, o problema apresentado é o da defesa do “*Estado laico*”, ameaçado pela “*bancada evangélica*”, vista como uma estratégia de infiltração de temas religiosos e julgamentos morais nas decisões políticas.

Em seguida, eu apresentei situações e sujeitos que tensionam esses discursos. Na ICM, presenciei um debate em torno da regulação das sexualidades em que um membro chamado

Hudson se opôs aos demais, que defendiam uma posição alinhada ao discurso institucional da igreja. Na IBL, encontrei Davi, um jovem que vive sua homossexualidade dentro da igreja, buscando justificar para si a validade de seu posicionamento e fugir dos discursos contrários a ele em circulação no local. No Cellos, fui mediador de um debate que inicialmente contaria com membros da ICM e da ICC e que, graças a uma intervenção minha, acabou contando também com um membro da IBL. Essa interação gerou intensas trocas de argumentos e criação de vínculos entre membros dos quatro grupos. Apresentei também a história de vida de Gabriel, que consegue ser, ao mesmo tempo, membro dessa igreja e militante do Cellos. Ele também teve passagens pela ICM e pela ICC ao longo de sua vida.

Em seguida, evoquei teorias acadêmicas para dialogar com as teorias nativas. Comecei por tratar do tema da *heteronormatividade*, a partir de Prado e Junqueira (2011). Nessa seção, procurei tratar também da oposição política realizada por grupos evangélicos a demandas LGBTs na política institucional formal e das dinâmicas contemporâneas de entrecruzamento entre cristianismo e diversidade sexual. Na seção seguinte, discuti *interação* a partir de Mead (s. d.), com sua potencialidade para tratar da construção social das subjetividades. Entretanto, convocando Simmel (1983a, 1983b, 1983c) e Thomas (1923), busquei questionar a forma como Mead (s. d.) vê as dinâmicas de *conflito*. Através de Simmel (1983a, 1983b, 1983c) apresentei a importância dessa dinâmica na vida social; e de Thomas (1923), nas práticas comunicativas, através das disputas pela *definição da situação*. Na seção posterior, busquei elementos das teorias sociais do discurso que equilibrassem a noção de ação do pragmatismo, introduzindo na discussão elementos de grupo e poder. Bakhtin (1981, 1997) nos mostra como os grupos sociais estão ligados às perspectivas compartilhadas e à circulação de *discursos sociais*. Foucault (1999a, 1999b, 1999c) nos aponta como as estruturas de *poder* regulam a circulação dos discursos e atravessam os próprios corpos dos sujeitos.

Num contexto de intensa oposição feita por grupos evangélicos às demandas públicas da comunidade LGBT na política institucional formal, é difícil pensar em formas de vinculação entre esses dois grupos que não os oponha diametricamente. Mas olhando para as interações que se fazem presentes dentro de igrejas e grupos em que há sujeitos vivendo na fronteira entre essas duas perspectivas, vemos que há subjetividades compostas na tensão entre as diferentes visões a respeito da sexualidade por elas evocadas. A pesquisa aqui realizada indica que as experiências e subjetividades evangélicas e LGBTs se misturam e se relacionam de formas muito mais amplas e variadas do que o simples confronto direto entre elas. Não há apenas evangélicos contrários à diversidade sexual de um lado, e LGBTs contrários às perspectivas evangélicas do

outro. Os sujeitos encontram diversas maneira de equalizar esses dois tipos de subjetividades e experiências.

Esta pesquisa corrobora a ideia de que sujeitos agrupados em torno de diferentes tipos de experiências coletivas enxergam o mundo, cuja partilha se faz intersubjetivamente, a partir de perspectivas distintas e por vezes contraditórias. Por isso, a interação entre eles se dá a partir de situações que, frequentemente, são de conflito. Mas as interações entre LGBTs e evangélicos demonstram que o conflito é uma dinâmica social importante, pois media a criação e partilha do comum, bem como possibilita mudanças subjetivas e sociais, renovando sentidos previamente estabelecidos. Apesar do caráter disruptivo muitas vezes a ele associado, o conflito aparece nesse contexto como um meio de se gerar vínculos. Antes de atrapalhar a vivência em comum, ele é o fator de sociação que mais possibilita que os grupos e sujeitos analisados com diferentes maneiras de equalizar as experiências religiosas e sexuais estejam um em relação ao outro. Os quatro grupos, cada um à sua maneira, posicionam-se com e contra não apenas às formas de equalizar as subjetividades LGBTs e evangélicas encontradas pelos demais; mas também, contra a forma encontrada pelas igrejas chamadas por eles de “fundamentalistas”, que excluiriam completamente os homossexuais. Apesar disso, há entre eles uma expectativa de “resolução” desses conflitos, que na visão de alguns deles passaria pelo “diálogo” e não pelo “confronto”.

Os depoimentos dos sujeitos analisados mostram que eles não querem abrir mão das experiências sexuais, nem das religiosas. Eles têm a necessidade de vivenciar as duas, mas precisam encontrar maneiras de equalizá-las. Gabriel destaca-se entre os sujeitos encontrados, quase como uma personificação desta pesquisa. A sua subjetividade e as suas experiências são perpassadas pelo jogo de equalizações propostas por cada um dos grupos pesquisados, e pelos conflitos internos existentes neles e externos existentes entre eles. Gabriel iniciou sua trajetória como evangélico na adolescência e, por causa dos discursos da *Igreja Universal do Reino de Deus*, acreditou que sua sexualidade desviante em relação à heteronormatividade era uma possessão demoníaca. Depois de concluir que era paradoxal que um Deus bom criasse um ser condenado, ele passou a ver sua sexualidade como um dom, uma característica que Deus lhe deu e que não lhe condenava. Na IBL, ele se submeteu ao padrão indicado pela igreja, namorando uma colega de um ministério. Mas acreditou que precisava parar de viver contrariamente ao que lhe indicava seu desejo. Ao sair do armário nessa igreja, submeteu-se a processos de “cura”, em vão. Entrou para o Cellos e para a ICM e conseguiu, pela primeira vez, harmonizar o seu desejo sexual e o seu desejo religioso. Até que esse último foi contrariado pela “excessiva” abertura da ICM a outras manifestações religiosas não evangélicas. Na ICC,

ele também não encontrou um ajuste que lhe agradasse: mesmo sendo uma igreja inclusiva, para viver a religião ali, ele precisava moldar suas experiências a um padrão com o qual não se identificava. Então, ele voltou para a IBL, ignorando o discurso contrário a homossexualidade da igreja, e vivendo “no carão” sua fé ali. Hoje, no Cellos, ele tenta vencer a resistência do movimento às igrejas evangélicas.

O caso de Gabriel nos mostra algo que também é frequentemente apontado por membros de igrejas inclusivas e mesmo por outros membros do Cellos: os sujeitos costumam se deslocar de uma instituição para outra, até sentirem que ali elas conseguiram equalizar suas subjetividades de maneira satisfatória. Alguns conseguem fazer isso em igrejas inclusivas, mas outros, como nos apontam sujeitos do Cellos, acabam se desligando das experiências evangélicas, algumas vezes migrando para religiões de matriz africana. Gabriel, Davi e, como eles nos sugerem, outros mais conseguem fazer isso na própria IBL. Como diz Gabriel: “Na hora que eu falar assim: ‘não é pra mim, tá me incomodando’, eu não vou tentar mudar todo mundo. Eu pego a bolsa e vou embora. Lindo.”

Vários sujeitos analisados apontam para uma dificuldade de se abrir mão da definição da situação que se possui para redefini-la de outra forma. Para Gabriel, esse processo foi bastante longo e doloroso. Ele demorou anos para abrir mão da visão de que a homossexualidade era uma possessão demoníaca para considerá-la um dom divino. Depois custou muito para abrir mão da visão de que, independente de sua orientação sexual, deveria viver segundo a heteronormatividade para considerar que precisava concretizar seu desejo. É por isso que, mais que um conflito objetificado em torno de interações verbais entre diferentes sujeitos, o conflito se opera, antes, dentro de suas próprias mentes. O que há nelas é uma luta e um diálogo com e contra discursos socialmente construídos em torno dos quais o sujeito joga, através de sua reflexividade, moldando sua subjetividade e suas experiências corporais. É depois que ocorre essa luta interna, que o sujeito passa a lutar contra a família, a igreja, a sociedade, ou mesmo contra o movimento LGBT, a fim de tentar impor aos seus grupos de pertencimento sua definição da situação, ou ao menos reivindicar um respeito a ela. A discussão teórica empreendida neste trabalho, colocando as referências acadêmicas para conversar num diálogo simétrico com as teorias nativas, indica o potencial de Mead (s. d.) para elucidar os processos de conflito interno, através de uma oposição entre o “eu” e o “mim”; o que é, todavia, uma apropriação de sua teoria bastante diferente da proposta apontada pelo autor, uma vez que ela entende o conflito como algo disruptivo e não como uma dinâmica inerente à vida social.

Os discursos das instituições apontam diferentes formas apresentadas aos sujeitos para realizar o equacionamento entre as experiências religiosas e sexuais. Entretanto, os sujeitos e

situações analisadas indicam que a relação de apropriação desses discursos não é direta. Em alguns momentos, os sujeitos utilizam como estratégia fugir de discursos em circulação nos seus grupos de pertencimento que se opõem àqueles que defendem, não entrando em contato com eles. Gabriel e Davi não vão a cultos da IBL nos quais eles sabem que haverá discursos que não irão agradá-los. Essa fuga, naturalmente, também está relacionada ao fato de que os discursos outros não dizem deles e nem para eles, não é a partir desses discursos que esses sujeitos se identificam. É o que Gabriel nos revela, quando diz que os cultos *Homens da Promessa* não lhe agradam, porque têm um discurso “muito *pra* homem”. Por outro lado, Gabriel afirma desejar um diálogo entre a militância LGBT e os evangélicos... Mas quais evangélicos? Para um debate que ele organizou sobre esse tema, Gabriel convidou apenas evangélicos inclusivos, e não alguém de sua própria igreja, o que indica uma fuga de um conflito direto.

Mas se os sujeitos fogem dos discursos contrários aos seus, eles frequentemente buscam persuadir os outros dos discursos aos quais se afiliam. Assim, no momento em que o confronto entre perspectivas muito distintas foi inevitável, como ocorreu entre Retamero e os batistas no debate promovido pelo Cellos, a tendência da maior parte dos sujeitos foi tentar impor suas definições da situação, muito mais do que escutar as do outro.

Existem respostas previamente construídas, também de forma coletiva, para se interagir com os demais discursos. Os evangélicos não inclusivos recorrem, por exemplo, às proibições bíblicas para justificar a condenação da homossexualidade, enquanto os LGBTs evangélicos reafirmam a ideia de que o *Antigo Testamento* não tem mais valor. Essa dinâmica sugere que para defender o seu discurso, é necessário negar o do outro.

Os sujeitos analisados indicaram, muitas vezes, momentos em que eles se viram sem um grupo com o qual se identificassem e sem um discurso social que lhes desse suporte. Quando o sujeito se vê evangélico e LGBT em meio a uma igreja não inclusiva, ele se encontra nesse dilema. Foi o que ocorreu com Gabriel, Cássio, Eriberto e muitos outros LGBTs evangélicos com quem entrei em contato durante a pesquisa. Esse momento é muito difícil para os sujeitos, pois lhes faltam definições-padrão da situação. Os grupos, através dos discursos que eles mantêm, oferecem essas definições-padrão, que os sujeitos adaptam aos seus próprios processos reflexivos. A partir da forma como definem a situação, jogando com esses discursos, os sujeitos moldam seus corpos, experiências e disposições.

O conflito interno pode aniquilar subjetividades possíveis (religiosas, homossexuais, transexuais), assim como o conflito concreto pode aniquilar sujeitos. Há casos de aniquilação de experiências e subjetividades sexuais, como o do pastor Miguel Serra; mas também de

experiências e subjetividades evangélicas, como no caso de diversos membros do Cellos. Contudo, há também identidades convivendo em diálogo na subjetividade dos indivíduos, como no caso de Gabriel, militante LGBT e evangélico. Há redefinições das situações hegemonicamente propostas pelas perspectivas evangélicas para que se tornem compatíveis com as subjetividades LGBT que se possui. É o que faz a ICM, ao defender que qualquer limitação às experiências sexuais seria contrária aos propósitos de Cristo. Há, por outro lado, redefinições das situações hegemonicamente proposta pelas perspectivas LGBTs para que se tornem compatíveis com as subjetividades evangélicas que se possui. É o que faz a ICC, que propõem uma limitação das experiências sexuais ao padrão da família nuclear tradicional.

Nesse jogo, parece haver um balanço entre uma posição afirmativa e outra ofensiva. A IBL “acolhe” os homossexuais, mas lhes indica processos de “cura”. A ICC aceita as homossexualidades e transexualidades, mas indica uma vida dentro dos padrões da família nuclear. A ICM aceita as diversas experiências sexuais, mas coíbe as visões contrárias, que ela define como fundamentalismo religioso. O Cellos defende o Estado Laico, mas ataca discursivamente as igrejas evangélicas. Os sujeitos vão, em meio a tudo isso, encontrando brechas para exercer suas resistências, especialmente localizadas e formuladas no campo das interações e da subjetividade, por vezes com aspirações de que incidam nos discursos institucionais. O caso de Gabriel é o mais exemplar. Ele resiste como militante dentro da igreja e como evangélico dentro da militância. Gabriel atua mais ativamente dentro do Cellos, tentando colocar o grupo para dialogar com as igrejas inclusivas, apontando para a diversidade das experiências e posturas evangélicas para além daquelas emblemáticas ou hegemônicas.

A grande maioria dos sujeitos analisados são homens homossexuais. A presença quase exclusiva desses sujeitos vivenciando essa fronteira não pode ser ignorada. Ela indica uma falta de abertura e de espaço para as demais identidades LGBT. Algumas lésbicas participam das duas igrejas inclusivas visitadas. Entretanto, as lideranças de cada uma delas são masculinas, bem como a maioria da assembleia. Na IBL, as lésbicas são eclipsadas e se encontram em segundo plano, tanto nos discursos em circulação na igreja, quanto na visibilidade dentro da assembleia. Quanto a travestis e transexuais, a marginalidade dentro desses ambientes é ainda maior. Se é fácil, por exemplo, para um homossexual “passar batido” na IBL, o espaço parece não ser tão acolhedor à presença de transexuais, dada a corporeidade desviante em relação aos padrões da igreja, e não apenas a prática sexual. Mesmo dentro das igrejas autodenominadas “inclusivas”, essas identidades têm uma presença muito baixa. Até no Cellos, em que a presidenta é uma travesti, há a prevalência de homens homossexuais, inclusive entre as lideranças. Alguns transexuais e lésbicas encontrados dizem não se sentir à vontade, nem representados pelo grupo.

O trabalho de campo realizado sugere que as pressões impostas por sujeitos LGBTs nas igrejas, na militância, nas lutas políticas cotidianas e formais carregam consigo possibilidades de alargamento das visões sobre sexualidade capazes de gerar impactos relevantes. Mas o recrudescimento de posições conservadoras têm se fechado em torno de um núcleo principal: a família nuclear heteronormativa. Contudo, alguns sujeitos encontrados parecem não ter exatamente essa preocupação com a mudança, mas apenas uma acomodação que lhes permita continuar a vivenciar suas sexualidades a despeito dos discursos das instituições, é o caso de Davi e, ao que os discursos dos entrevistados indicam, de muitos outros *gays* da IBL.

De todo modo, esta pesquisa aponta a possibilidade de mudanças sociais e subjetivas por meio do conflito entre perspectivas LGBTs e evangélicas, capaz de gerar novas definições da situação e formas de equalizar as experiências sexuais e religiosas. Eu, em meio a todas essas possibilidades, também tive intensos conflitos empreendidos em minha mente, também lidei com muitas redefinições da situação e também encontrei uma nova forma de lidar com a minha própria subjetividade.

O balão amarelo que havia se prendido num ipê cor-de-rosa no meio da praça, depois de muito se emaranhar nos galhos, conseguiu vencer o vento e se soltou, ganhando o céu azul e arrancando um sorriso do meu rosto. Um segundo se passou até que eu voltasse *pro* chão e lembrasse que o feito daquele balão ainda estava longe de ser alcançado por mim e pelos bravos sujeitos que conheci naquela praça.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Heloisa Buarque de. *Telenovela, consumo e gênero: “muitas mais coisas”*. Bauru, SP: EDUSC; São Paulo: Anpocs, 2003.
- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1981.
- \_\_\_\_\_. *Problemas da Poética de Dostoiévski*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.
- CAMPANELLA, Bruno. *Os olhos do Grande Irmão: uma etnografia dos fãs do Big Brother Brasil*. Porto Alegre: Sulina, 2012.
- FISCHER, Michael. *Futuros antropológicos: redefinindo a cultura na era tecnológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 5. ed. São Paulo: Edições Loyola. 1999a.
- \_\_\_\_\_. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. 13. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal. 1999b. v. 1.
- \_\_\_\_\_. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. 20. ed. Petrópolis: Vozes. 1999c.
- FRANÇA, Vera Veiga. Interações comunicativas: a matriz conceitual de G. H. Mead. In: PRIMO, Alex; OLIVEIRA, Ana Claudia de; NASCIMENTO, Geraldo Carlos do; RONSINI, Veneza Mayora. (Orgs.). *Comunicação e Interações*. 1. ed. Porto Alegre: Sulina, 2008, v. 1, p. 71-91.
- FRANÇA, Vera Veiga; SIMÕES, Paula Guimarães. Interação. In: FRANÇA, Vera Veiga; MARTINS, Bruno Guimarães; MENDES, André Melo (Orgs.). *Grupo de Pesquisa em Imagem e Sociabilidade (GRIS): trajetória, conceitos e pesquisa em comunicação*. Belo Horizonte: Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas - PPGCom - UFMG, 2014. p. 101-104.
- GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: \_\_\_\_\_. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

MARCUS, George. Etnografia en/del sistema mundo. El surgimiento de la etnografía multilocal. In: *Alteridades*, Iztapalapa, v. 11, n. 22, p. 111-127, jul/dez. 2001.

MARCUS, George; FISCHER, Michael. *Anthropology as cultural critique: an experimental moment in human sciences*. 2. ed. Chicago: University of Chicago Press, 1999.

MEAD, George Herbert. *Mind, self and society: from the standpoint of a social behaviorist*. [S. n. t.]. Disponível em: <[http://www.livrosgratis.com.br/arquivos\\_livros/bu000001.pdf](http://www.livrosgratis.com.br/arquivos_livros/bu000001.pdf)>. Acesso em: 10 de jun. 2014.

NATIVIDADE, Marcelo; OLIVEIRA, Leandro. *As novas guerras sexuais: diferença, poder religioso e identidades LGBT no Brasil*. Rio de Janeiro: Garamond, 2013.

OLIVEIRA, Luciana de. Etnografia e Multissituacionalidade: pesquisa e conhecimento nômade no campo da comunicação. In: III CIS - Colóquio em Imagem e Sociabilidade: 20 anos de pesquisa em comunicação, 2014, Belo Horizonte. *Anais do III CIS - Colóquio em Imagem e Sociabilidade: 20 anos de pesquisa em comunicação*. Belo Horizonte: Gris - UFMG, 2014.

OLIVEIRA, Luciana de; BRITTO, Renata Apgaua; PEREZ, Léa Freitas. Igreja Universal do Reino de Deus e Nova Era: nódulos de dádiva na sociedade brasileira contemporânea. *Teoria & Sociedade* (UFMG), Belo Horizonte, n.8, p. 30-77, 2001.

OLIVEIRA, Luciana de; VIEIRA, Vanrochris Helbert. Nas tramas do discurso: sociabilidade comunicação cultura poder. In: 23º Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação - COMPÓS, 23, 2014, Belém. *23º Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (COMPÓS)*. Belém: Compós, maio de 2014. Disponível em: <[http://www.compos.org.br/ler\\_anais.php?idEncontro=MjM=>](http://www.compos.org.br/ler_anais.php?idEncontro=MjM=>)>. Acesso em: 28 de dez. 2014.

POGREBINSCHI, Thamy. A matriz filosófica do pragmatismo. In: \_\_\_\_\_. *Pragmatismo: teoria social e política*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2005. p. 23-72.

PRADO, Marco Aurélio Máximo; JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Homofobia, hierarquização e humilhação social. In: VENTURINI, Gustavo; BOKANY, Vilma (Orgs.). *Diversidade sexual e homofobia no Brasil*. São Paulo: Perseu Abramo, 2011.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. A epistemologia do armário. *Cadernos Pagu*, Campinas, v. 1, n. 28, p. 19-54, jan/jun. 2007.

SILVA, Regina Helena Alves da. Sociedade em rede: cultura, globalização e formas colaborativas. *Biblioteca Online de Ciências da Comunicação*, Portugal, v. 1, p. 1-8, 2005.

SIMMEL, Georg. A natureza sociológica do conflito. In: MORAIS FILHO, Evaristo. (Org). *Simmel*. São Paulo: Ática. 1983a. p. 122-134.

\_\_\_\_\_. Conflito e Estrutura de Grupo. In: MORAIS FILHO, Evaristo. (Org). *Simmel*. São Paulo: Ática. 1983b. p. 150-164.

\_\_\_\_\_. Sociabilidade: um exemplo de sociologia pura ou formal. In: MORAIS FILHO, Evaristo. (Org). *Simmel*. São Paulo: Ática. 1983c. p. 165-181.

SIMÕES, Júlio Assis; FACCHINI, Regina. *Na trilha do arco-íris: do movimento homossexual ao movimento LGBT*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2009.

THOMAS, William. *The Unadjusted Girl: with cases and standpoint for behavior analysis*. Boston: Little, Brown, and Company, 1923.

TORRES, Marco Antonio. Enfrentamentos possíveis à homofobia: orientação sexual e identidade de gênero no contexto da educação. *Salto para o Futuro* (Online), ano XXI, boletim 4, p. 22-44, 2011a.

\_\_\_\_\_. Vida Religiosa Consagrada: configurações contemporâneas dos Direitos Humanos e Cidadania LGBT. *Revista Nures*, Ano VII, n. 19, p. 59-75, set/dez. 2011b.

VITAL, Christina; LOPES, Paulo Victor Leite. *Religião e Política: uma análise da atuação de parlamentares evangélicos sobre direitos de mulheres e de LGBTs no Brasil*. Rio de Janeiro: Fundação Heinrich Böll, 2012.

## APÊNDICE

### Anexo 1 - Demais grupos visitados

Durante os primeiros meses de trabalho de campo, andei por várias igrejas e grupos de militância LGBT, a fim de encontrar discursos e sujeitos vivendo na fronteira entre perspectivas LGBT e evangélicas sobre sexualidade. Quatro deles foram selecionados para a continuidade e o aprofundamento do trabalho: o *Centro de Luta pela Livre Orientação Sexual de Minas Gerais* (Cellos), a *Igreja da Comunidade Metropolitana* (ICM), a *Igreja Cristã Contemporânea* (ICC) e a *Igreja Batista da Lagoinha* (IBL). O perfil desses quatro grupos e os discursos em circulação em cada um deles foram expostos ao longo desta dissertação. Neste anexo, apresento os demais grupos visitados. A passagem por cada um deles foi importante para me ajudar a montar um mapa mais amplo do terreno em que as interações entre evangélicos e/ou LGBTs ocorrem. Acredito que descrever aqui essas experiências pode ajudar no entendimento geral do trabalho e também contribuir para o conhecimento do leitor sobre essas instituições.

#### **IGREJA BATISTA NOVA JERUSALÉM: UM CULTO.**

A *Igreja Batista Nova Jerusalém* (IBNJ) é uma igreja batista pentecostal e é uma dentre as vinte igrejas evangélicas existentes no trajeto de 1,8 km entre as casas da minha mãe e do meu irmão. Ela é uma igreja formada e administrada pelos moradores locais. Seus frequentadores, cerca de cinquenta pessoas, moram em suas imediações. Entre eles, alguns primos meus, que moram na mesma rua que a minha mãe. Fui muito bem recebido. Quem toca o trabalho da igreja é uma família que vive em frente a ela. São quatro irmãos, sendo um deles o pastor e outra a líder do louvor. Seus frequentadores são pobres, a maioria é mulher e jovem. A quantidade de crianças e adolescentes é alta. A igreja fica numa sala bastante pequena e abafada. Há vários cartazes feitos pelos membros da comunidade, com desenhos e mensagens bíblicas e de boas-vindas. Durante o culto, havia uma mulher oferecendo água para a assembleia, em uma bandeja cheia de copinhos plásticos. Houve música e apresentações de dança. As orações são fervorosas, e uma mulher chegou a repousar no Espírito.

Em determinado momento do culto, todos os membros apresentaram uma música para os demais. Primeiro as crianças, depois os jovens, seguidos pelas mulheres e pelos homens. Antes do dízimo, um membro do louvor ressaltou que o dinheiro não é para Deus, mas sim para

a manutenção da igreja. O pastor chamou os dizimistas e ungiu suas mãos com óleo, depois fez o mesmo com os ofertantes, e por fim chamou os que não dizimaram, nem ofertaram, para ungiu suas mãos também. Depois desse ritual, os membros receberam papezinhos contendo nomes de alimentos, que eles foram incentivados a levar na semana seguinte, para uma campanha que a IBNJ estava organizando. Durante suas falas, o pastor demonstrou um amplo conhecimento sobre a *Bíblia* e pregou a tolerância.

#### **IGREJA METODISTA PÃO DA VIDA: UM CULTO.**

A *Igreja Metodista Pão da Vida* é uma igreja metodista pentecostal. O espaço que ela possui pode acomodar cerca de cem fiéis, mas havia apenas por volta de dez pessoas no dia em que estive presente. Após o louvor e a leitura dos textos bíblicos, os fiéis se uniram em torno de uma roda para discutirem as leituras e seus problemas pessoais. Todos foram incentivados a falar, e por vezes perguntaram minha opinião sobre o que estavam discutindo. Foram contados muitos testemunhos sobre milagres e curas que os fiéis haviam recebido. Houve orações por um membro da igreja que estava hospitalizado. Em suas falas, a pastora criticou as igrejas evangélicas que focam muito nos dízimos.

#### **ASSEMBLEIA DE DEUS: UM CULTO.**

A *Assembleia de Deus* (AD) é uma das maiores igrejas evangélicas do país e tem sedes em todo o território nacional. Ela é uma igreja pentecostal e possui um perfil bastante tradicional em relação aos modelos de conduta indicados aos fiéis. Há, em todo o país, uma quantidade significativa de políticos membros da AD, como Marco Feliciano e Marina Silva. Grande parte de seus membros é pobre, apesar de haver uma centralidade do dízimo na liturgia da igreja. Nos discursos, os negócios e a família são muito enfatizados, e as religiões de matriz africana são bastante demonizadas. No culto em que estive presente, o pastor afirmou que havia sido macumbeiro, feito pacto com o Diabo, mas que havia sido salvo pela igreja. Ele contou que estava possuído quando chegou à AD, que o Diabo usou pessoas para desviá-lo do caminho depois disso, e que expulsou demônios da casa de familiares.

Ele também disse que os evangélicos sofrem *bullying* por parte da mídia. Grande parte dos frequentadores da AD assemelham-se ao estereótipo que muitas pessoas possuem dos evangélicos. As mulheres usam vestidos longos, cabelos compridos, muitas vezes presos por rabos-de-cavalo ou coques, além de assessórios coloridos e brilhantes. Os homens, por outro

lado, vestem roupas sociais discretas. Entretanto, encontrei um pequeno número de pessoas que aparentavam um perfil mais moderno, como uma mulher usando calça *jeans* e um jovem de bermuda. Havia poucos jovens e crianças em relação ao número de adultos. O templo que visitei comporta cerca de quinhentas pessoas, mas havia cerca de cem. Em determinado momento do culto, o pastor circulou entre os fiéis expulsando demônios, inclusive do meu corpo.

### **IGREJA PENTECOSTAL DEUS É AMOR: UM CULTO.**

*A Igreja Pentecostal Deus é Amor (IPDA)* é uma igreja grande, que se faz presente no Brasil inteiro. Seus fiéis seguem um padrão de aparência rígido. As mulheres usam vestidos ou saias longas e tem cabelos compridos. Os homens têm cabelos curtos, barba feita e vestem roupas sociais discretas. No culto em que estive presente, os frequentadores, em geral, aparentavam ser de classe baixa. Há uma centralidade do dízimo na liturgia e uma lojinha interna ao templo, onde são vendidos artigos religiosos. Além de mim, havia algumas mulheres visitando o local, facilmente distinguíveis por estarem usando calças *jeans* e blusas apertadas, e pela falta de familiaridade com os gestos rituais.

Os padrões de conduta indicados aos fiéis são rígidos e tradicionais. Apesar de não haver discursos muito explícitos sobre sexualidade na IPDA, há uma série de regras implícitas que os membros já estão acostumados a seguir. Sem as conhecer, acabei cometendo uma grande gafe. A dicotomia de gênero é tão demarcada que todas as mulheres sentam-se do lado direito da assembleia, e todos os homens sentam-se do lado esquerdo. Sem saber disso, sentei-me do lado direito. Demorou vários minutos até que eu notasse o meu erro, pois ninguém me repreendeu por ele. Só depois de algum tempo notando que todos os homens se sentavam do lado oposto, e que do meu lado só havia mulheres, à medida que o local enchia, percebi a lógica que regia aquele espaço e mudei de lugar. O templo é dividido em dois ambientes; um maior, que comporta mais de quinhentas pessoas; e um menor, que comporta menos de cem. O culto em que estive presente foi no espaço menor. Havia cerca de setenta pessoas.

O culto foi transmitido em tempo real via rádio. A pastora dizia coisas como “Você que tá em casa escutando...” e pregava contra as drogas, os vícios, a prostituição e a feitiçaria. Falou em pomba-gira e contou a história de um rapaz com depressão que tinha um demônio em baixo da cama causando o problema. Ela fez uma distinção entre liberdade e libertinagem, afirmando que a verdadeira liberdade é dentro da igreja. Havia alguns pastores auxiliares jovens, e um grupo de jovens bem ativo, do qual os integrantes da banda faziam parte. As orações na IPDA

são bem fervorosas, com falas em línguas. Algumas pessoas adotavam uma expressão corporal que me lembrou bastante as incorporações dos rituais de religiões de matriz africana.

#### **IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS: UM CULTO.**

*A Igreja Universal do Reino de Deus (IURD)* é uma das maiores igrejas do país e possui grandes templos em inúmeras cidades. Ela é uma igreja neopentecostal, cujos cultos são fortemente marcados pela centralidade do dízimo e pela expulsão de demônios. Seu presidente, Edir Macedo, é dono da *TV Record*, e a igreja publica um periódico semanal, a *Folha Universal*. O público da IURD é amplo, tendo fiéis de perfis variados. Houve pedido de contribuições financeiras três vezes durante o culto em que estive presente. A primeira vez para o dízimo, a segunda para ofertas e a terceira para uma campanha. As ofertas deveriam ser de dois ou dez reais. Para os que ofertassem dois reais, era oferecido o periódico da igreja; e para os que ofertassem dez reais, era oferecido um CD. Os que doassem para a campanha, deveriam deixar o nome para que fosse escrito em um caderno. O pastor disse orar todos os dias pelas graças que as pessoas cujos nomes estavam no caderno desejavam alcançar. Também houve venda de um óleo ungido. Foi exibido um vídeo sobre a forma como os demônios entram na vida dos fiéis a partir de despachos em encruzilhadas. Depois houve expulsão de demônios. Nessa hora, o pastor fez uma oração no altar, e os demônios foram se manifestando entre as pessoas da assembleia, que foram levadas até o pastor pelos obreiros da igreja. Sobre o altar, o pastor conversou com alguns dos demônios e depois os expulsou do corpo dos fiéis. Todas as adversidades, inclusive financeiras, de saúde e de relacionamentos, são atribuídas a influência de demônios. Houve um momento do culto em que fiéis subiram ao altar para testemunhar como foram curados depois de começar a frequentar a IURD. O templo que visitei comporta cerca de cinco mil fiéis, e nesse culto parecia haver pelo menos duas mil pessoas.

#### **IGREJA MUNDIAL DA GRAÇA DE DEUS: UM CULTO.**

*A Igreja Mundial da Graça de Deus (IMGD)* é neopentecostal. Ela é uma igreja grande e presente em todo o país. Não possui sua própria emissora de TV, mas tem programas exibidos em algumas emissoras. O próximo culto depois do que estive presente, seria transmitido em tempo real pela televisão. Há câmeras no altar e TVs penduras no teto em diversos locais do templo. Na IMGD há várias campanhas em que os fiéis são incentivados a levar contribuições específicas em dinheiro durante um número determinado de semanas, a fim de alcançar graças

específicas, como o sucesso financeiro, amplamente valorizado em seus discursos. Em uma delas, o fiel deveria acrescentar a um envelope R\$31,00 por semana e entregá-lo à igreja no fim do mês. O pastor disse em determinado momento que se o povo de Deus orasse e fizesse sacrifícios, o salário da nação estaria maior. No culto em que estive, houve também a venda de um CD de forró *gospel*. Assim que cheguei, recebi uma rosa, que depois de ser abençoada pelo pastor deveria ser levada pelo fiel à sua casa. Apesar de o templo em que estive ser bastante grande, podendo comportar cerca de duas mil pessoas, não havia mais que cinquenta. Era um dia de semana, à tarde, e há cultos no templo todos os dias, em diversos horários.

### **IGREJA BOLA DE NEVE: UM CULTO.**

A *Igreja Bola de Neve* (IBN) é uma igreja neopentecostal voltada para o público jovem de classe média alta. Valoriza elementos não tradicionalmente religiosos, como o *rock* e os esportes. Muitos de seus fiéis têm tatuagens. O culto parece um misto de *show* de *rock* e palestra motivacional. A luz do templo, que é, na verdade, um grande galpão, apaga-se na hora das músicas e das orações. No lugar do altar, uma prancha de *surf*. Esse também é o formato do panfleto entregue aos visitantes, que têm um momento de acolhida específico. O pastor incentiva a interação entre os membros, pedindo para que os fiéis repitam algumas frases para as pessoas ao seu lado. Costuma-se também compartilhar a *Bíblia* com o irmão que não a levou.

O dízimo é bastante importante nos discursos da IBN. No culto em que estive presente, o pastor incentivou os fiéis a pagá-lo a despeito de suas dívidas. Ele também lembrou aos fiéis de que a igreja aceita cartões de débito. Seguindo a lógica da teologia da batalha espiritual, o discurso da IBN é o de que a origem das adversidades é espiritual, ignorando influências sociais e políticas. O não pagamento do dízimo é apontado como uma dessas origens. O discurso da igreja também passa pela teologia da prosperidade, apresentando, como resultado de um bom comportamento, a conquista de propriedades, o sucesso nos negócios e no casamento. Nos avisos, o horário em que os fiéis podem ir ao templo para receber aulas de *jiu-jitsu* e outras artes marciais. Havia cerca de 120 pessoas no culto, e eu fui muito bem recepcionado. Todos ganham, ao chegar, uma bala com o logotipo da igreja na embalagem. No final do culto, pediram para que eu preenchesse uma ficha com meus contatos. Durante a semana, recebi uma ligação de um membro me indicando qual era a célula de oração da igreja mais próxima da minha casa. Depois recebi algumas mensagens sobre a igreja no meu celular.

### **PRIMEIRA IGREJA PRESBITERIANA DE BELO HORIZONTE: UM CULTO.**

A *Primeira Igreja Presbiteriana de Belo Horizonte* (PIPBH) é uma igreja histórica. Não há cantos, danças e orações fervorosas como nas igrejas pentecostais, neopentecostais e renovadas. Há, entretanto, cantos litúrgicos padrões, listados em um livro que se encontra à frente de cada assento. Quando cheguei, recebi um panfleto com a ordem dos procedimentos litúrgicos que ocorreriam. Há um grande cuidado por parte do pastor em contextualizar os textos bíblicos, expondo aos fiéis elementos da cultura judaica, da época em que os textos foram escritos e das questões relacionadas a gênero e tradução. A PIPBH é uma igreja bem familiar, vê-se muitas crianças acompanhadas dos pais. Em determinado momento do culto, as crianças subiram ao altar para cantar um hino que haviam aprendido num acampamento que a igreja havia promovido na semana anterior. Há, nas preces, referências a membros da igreja que estão doentes ou que perderam familiares recentemente. Após o final da celebração, o pastor vai até a porta para cumprimentar cada pessoa que deixa o templo. A igreja comporta cerca de 250 pessoas, e havia cerca de 200.

### **TESTEMUNHAS DE JEOVÁ: UMA REUNIÃO DE FORMAÇÃO.**

As *Testemunhas de Jeová* (TJ) são restauracionistas. Apesar de o restauracionismo não ser uma vertente evangélica, decidi visitar as TJ por elas compõem o grupo cristão mais amplo chamado de crentes, no qual os evangélicos também são enquadrados. As TJ são muito tradicionais e seguem modelos de comportamento rígidos. Suas reuniões ocorrem em um ambiente bastante familiar, com casais e filhos, todos vestidos com roupas sociais discretas. Houve cantos entoados a partir de um hinário que os membros possuem. O restante da reunião foi pautado por outro livreto que eles também possuíam. Nele, havia trechos da *Bíblia* seguidos de perguntas a respeito deles. Alguém lia, um líder fazia as perguntas e as pessoas da assembleia respondiam. As pessoas faziam muita questão de participar, inclusive as crianças. Mas todas as respostas eram repetições simples de um dos trechos do texto lido anteriormente. Não havia dúvidas, considerações, opiniões ou problematizações apontadas.

Depois disso, houve duas encenações, que haviam sido preparadas por duplas de membros da igreja. Elas simulavam visitas de um membro feitas a um leigo para estudos bíblicos. Os que faziam papel de leigos apresentavam perguntas questionando e duvidando dos textos bíblicos, e os que faziam papel de membros defendiam o texto, principalmente usando outros trechos da própria *Bíblia*. O treino da retórica é ressaltado, com o uso constante de

estratégias discursivas como “esta é uma ótima pergunta” ou “foi muito bom você ter tocado nesse assunto”.

Desde que cheguei, todos olharam para mim. Os membros, cerca de uma centena, conhecem-se pelo nome e se cumprimentam, e logo identificaram que era minha primeira vez ali. Um deles foi designado para me acompanhar durante a reunião. Ele me apresentou para muitas pessoas e me dava instruções frequentes sobre o que estava acontecendo. Deram-me um livro com os ensinamentos básicos das TJ. No final, me pediram para preencher meus dados, para que fizessem uma visita a mim ao longo da semana. Entretanto, não preenchi meu endereço, nem meu número de telefone na ficha que me deram.

***PRESBYTERIAN EVANGELISTIC FELLOWSHIP: UMA PREGAÇÃO.***

A *Presbyterian Evangelistic Fellowship* é uma missão evangélica de origem estadunidense. Encontrei dois de seus membros pregando na Praça Sete de Setembro, com um cartaz escrito “Você merece ir para o inferno”. Eles pregavam contra a homossexualidade, dizendo que ela era incentivada entre os homens pelos padrões de beleza presentes na mídia – sobrancelhas feitas, calças apertadas, *shorts* e sapatos de bico fino. Afirmavam que a família “tem que ser igual à propaganda da *Doriana* mesmo: pai, mãe e filhos”. Também pregavam contra o adultério, falando a um destinatário masculino genérico: “Sua esposa pode ser feinha, mas é sua”; e fazendo piada: “Se uma mulher já dá tanto trabalho, imagina duas”. Diziam que o homem que quer se tornar mulher e a mulher que quer se tornar homem também são adúlteros, pois estariam adulterando a natureza. Pregavam contra o uso de drogas, a prostituição e o aborto. Também contra outras religiões, fazendo referências a Nossa Senhora, ao Papa e a Chico Xavier; mencionando a macumba e a feitiçaria. Também criticavam o evolucionismo e a teoria do *big bang*: “Você não veio do macaco, nem de uma explosão não!” Recriminavam os deputados corruptos e os homens que agridem suas esposas. Chovia na Praça Sete de Setembro e quase ninguém prestava atenção neles.

**ATO UNIFICADO (DIA INTERNACIONAL DA MULHER): UMA CAMINHADA.**

O *Ato Unificado* em que estive presente foi promovido por múltiplos movimentos sociais de Belo Horizonte em mobilização pelo Dia Internacional da Mulher de 2014. Foi uma caminhada, da Praça da Estação à Praça Sete de Setembro, passando pela Rua Guaicurus, conhecida por ser o principal ponto de prostituição de Belo Horizonte. Havia mais de duzentas

peessoas, a maior parte mulheres. Houve forte presença de mulheres negras, lésbicas e transexuais. Elas reivindicavam igualdade salarial, aumento do número de creches, a criminalização da homofobia, a legalização do aborto e o reconhecimento dos direitos trabalhistas das prostitutas. Na Guaicurus, houve uma parada, na qual as lideranças do ato se dirigiram às prostitutas dos hotéis da rua. Algumas apareceram nas janelas e fizeram gestos de suporte ao ato. As lideranças puxavam muitas palavras de ordem, grande parte relacionadas às minorias sexuais femininas, como: “Eu amo homem, amo mulher, tenho o direito de amar quem eu quiser”, “As bi, *as gay, as trava, as sapatão tá tudo organizada pra fazer revolução*”, “Que contradição: o aborto é crime e a homofobia não”, “Quando uma mulher avança, nenhum homem retrocede”, “Ela dá pra quem quiser” e “1, 2, 3, 4, 5, mil! Qual é o seu problema com a puta que pariu?”.

#### **CICLO TRANSGRESSÕES NO MUSEU: EDUCAÇÃO, CULTURA E DIREITOS HUMANOS: UM DEBATE.**

O *Ciclo Transgressões no Museu: Educação, Cultura e Direitos Humanos* foi um conjunto de debates organizado pela *Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte*. Antes do debate em que estive presente, ocorrido no *Memorial Minas Gerais Vale*, houve o lançamento da exposição *Elas, Madalenas*, uma série de retratos de travestis tomados por Lucas Ávila. Entre as fotografadas, Anyky Lima, presidenta do Cellos (*Centro de Luta pela Livre Orientação Sexual de Minas Gerais*), que também foi uma das convidadas do debate. O lançamento da exposição incluiu um coquetel e um *pocket show* com uma *drag queen*. Entre os presentes, várias figuras *queers*, como homens de barba e vestido. O nome da exposição, como revelou seu autor, refere-se à personagem bíblica Maria Madalena, associada ao pecado, à imoralidade e à prostituição. Para ele, hoje as travestis são associadas, de forma deturpada, a essas mesmas questões e também à criminalidade.

Um homem transexual chamado Adalberto iniciou o debate. Ele disse que, no início, acreditava ser uma mulher lésbica, porque nem sequer conhecia a existência da transexualidade masculina. Então ele pesquisou na Internet e descobriu o tratamento hormonal e a mastectomia. Levou muitas “portadas na cara” de médicos e começou a fazer a hormonoterapia por conta própria. Vendeu o carro para pagar a mastectomia. Conseguiu um desconto através de seu plano de saúde com a ajuda do médico responsável pela cirurgia, que declarou ao plano estar realizando outro procedimento. Mas devido ao esquema, ele não pôde ficar internado, e teve que deixar o hospital imediatamente. Ele contou que já estava “enlouquecendo” por tomar

hormônios masculinos e ainda ter seios. Ele falou dos problemas referentes a nome social, trabalho, banheiros públicos e tratamento médico. Adalberto diz morrer de medo de parar de tomar os hormônios e menstruar novamente. Ele diz viver num paradoxo: “Tenho medo de ser visível, porque muitas vezes isso é virar estatística, com crime de ódio, mas ser invisível faz mal pra saúde.” Ele finalizou sua fala com a frase: “A vida me virou do avesso, e eu vi que o avesso era o lado certo.”

Anyky falou em seguida. Ela criticou o estereótipo de que travesti é “barraqueira”: “O povo fala que travesti é louca, mas a gente só consegue as coisas no grito. *Pra* ser travesti tem que ter muita personalidade. Nós somos muito *macho*, nós somos muito fêmeas, porque a gente consegue enfrentar tudo.” Ela defendeu que o reconhecimento da identidade de gênero é mais importante que as cirurgias: “A perereca eu não mostro *pra* ninguém, mas eu *tô* aqui. Eu sou mulher! Se tirar o meu peito, eu morro.” Nesse momento, Adalberto a interrompeu: “Se tirar o meu, eu *tô* feliz”, o que gerou risos da audiência. Anyky terminou sua fala defendendo que nem sempre os problemas enfrentados pelos transexuais vêm do preconceito, mas muitas vezes vêm da ignorância.

Durante as perguntas da audiência, muitas se dirigiram à *Secretaria Municipal de Educação*. Uma representante defendeu a postura da prefeitura frente aos problemas enfrentados pelos transexuais nas escolas. Ela apontou a dificuldade de lidar com grupos evangélicos nesse ambiente: “A gente tem grupos de evangélicos dentro da escola fortíssimos, que *pra* eles *tão* lidando com algo da ordem do pecado.” Para ela, “Não pode chegar *tratorando*, se não a gente não consegue fechar diálogo. Se forçarmos as pessoas a mudarem radicalmente suas crenças, o movimento reacionário será muito maior.” Ela contou que, na base do diálogo, já viu uma evangélica “com todas as características de evangélica” conversando com uma travesti na hora do recreio, “como amigas”.

Na resposta às perguntas, Anyky reclamou da forma como as travestis são tratadas nos postos de saúde: “Na saúde, somos vistas como AIDS. Se tem uma dor de barriga, é AIDS. Médico não olha *na* cara da gente, mas na esquina ele vai”. Adalberto comentou que foi bem tratado nos postos de saúde: “‘Você tem que continuar sendo o que você é, *temo* que te ajudar.’ Porque eu já tinha essa aparência, e tratei todo mundo com educação.” No final de sua última fala, Anyky disse: “Nós travestis, transexuais não pensamos no futuro, não temos futuro, podemos morrer amanhã, então as meninas querem peito hoje, querem bunda hoje.”

**NÚCLEO DE DIREITOS HUMANOS E CIDADANIA LGBT DA UFMG: DOIS DEBATES.**

O Núcleo de Direitos Humanos e Cidadania LGBT da UFMG (Nuh) é um grupo de pesquisa. Em 2014, ele realizou um ciclo de debates. Durante o debate *Direitos negados: violência no cotidiano de travestis e transexuais*, houve o lançamento da campanha contra a transfobia do Nuh, em parceria com o *Ministério da Saúde; Olhe, olhe de novo e veja além do preconceito*. Uma das modelos da campanha foi Anyky Lima, presidenta do *Centro de Luta pela Livre Orientação de Minas Gerais* (Cellos). Na audiência, cerca de noventa pessoas. Nas mesas do debate, homens e mulheres transexuais e travestis. Foi muito discutida a questão da despatologização das transexualidades (os termos referentes a sexualidade foram usados com frequência no plural). Falou-se de uma relação desigual de poder entre médico e transexual, de um processo penoso e de um papel secundário dado aos transexuais nesse processo: “Não vêm conversar conosco e ver o que queremos de fato”. Defenderam que os transexuais devem ser vistos como “vidas valorizadas e belas, deixando de ser permitidas para ser celebradas”.

Uma mulher transexual de uma das mesas disse que não gosta de falar o seu nome de batismo. Ela contou que o laudo para autorizar as intervenções cirúrgicas demora pelo menos dois anos de acompanhamento psicológico, e que depois disso vem uma fila de espera muito grande. Foi lembrado que não existe esse tipo de atendimento em Belo Horizonte, e que os transexuais da cidade têm que ir a Uberlândia. Comentou-se que é cobrado dos homens trans, nesse acompanhamento, “que ajam como homens do século passado, de forma machista, coçando o saco”. Para as mulheres, a cobrança seria para que fossem dóceis e submissas. Só teriam acesso aqueles que se adequassem à “normalidade”. Questionou-se: “Esses processos apoiam os trans ou tentam normalizá-los?”

Quanto aos intersexuais, falou-se em processos médicos que tentam adequar os corpos à norma, diagnósticos invasivos, operações desnecessárias, não consentidas, mutiladoras. Defendeu-se a despatologização da intersexualidade, a intersexualidade como uma corporeidade possível. Criticou-se a possibilidade de não se preencher o sexo no nascimento. Isso só reafirmaria o sistema binário, criando outra classe de cidadãos sem direitos. Defendeu-se que nem transexualidades, nem intersexualidades são transtornos, mas sim diversidade humana. Defendeu-se também que o que faz sofrer não são essas sexualidades, mas os preconceitos sofridos por quem as possui. Alguém comentou sobre a importância da criação da categoria “cis” para se referir “aos outros”, como os “outros” se referem a eles como “trans”. Isso “marcaria pessoas que não estavam acostumadas a serem marcadas”.

Anyky Lima, que compôs uma das mesas, defendeu a utilidade da patologização em relação ao acesso aos serviços públicos no sistema de saúde, apesar de seu caráter estigmatizador. Ela contou que a maior parte das travestis são “putas”, não só por falta de oportunidade de trabalho, mas também pelo alto rendimento alcançado com a prostituição. As travestis, além de terem que se manter sozinhas por não contarem com a ajuda da família, ainda precisam recorrer a procedimentos muito caros, como próteses de silicone. Ela denunciou a violência cotidiana à qual as travestis são submetidas. Contou que levam pedradas, que uma “menina” que morava com ela foi assassinada com três facadas no rosto: “Acontece todo santo dia: cortam a cabeça dela, cortam o peru e enfiam na boca. Ou porque ela comeu gostoso um machão, no outro dia ele acorda ‘o travesti me comeu’, então vou matar.” Sobre a forma como a mídia trata desses assassinatos, ela criticou: “‘Morreu porque trabalhava de travesti’: Nunca vi isso! Ou ‘Um rapaz que estava usando vestido e calcinha...’” Anyky reclamou também da truculência policial: “Vocês não sabem o prazer que o policial tem quando dá uns tapas na cara de uma travesti.”

Além disso, ela defendeu que as travestis não são mortas apenas com tiros, mas também pelo descaso da sociedade. Para ela, “veem a travesti como um bicho no quintal, que você não sabe o que é, *futuca*, fica com medo e mata”, por isso, as travestis se esconderiam: “Hoje você acha uma travesti no *shopping*, mas antes era igual morcego, porque tinha medo de sair de dia. Até hoje têm, não pega ônibus...” Ela comentou a hipocrisia que existe sobre o tema: “A travesti é muito boa quando *tá* na esquina, perfumada, servindo de prazer *pro* homem. São os médicos, enfermeiros, pais de família que *tão* lá fazendo a prostituição.” Entretanto, ela aponta que o discurso corrente é o de que “toda travesti quando morre e culpada pela sua própria morte”. Ela contou que as próteses de silicone geram câncer em algumas travestis, que têm dificuldade de acesso ao serviço público de saúde. Comentou também sobre a baixa expectativa de vida das travestis: “morrem aos dezesseis, de assassinato ou de doença”. Anyky ponderou sobre a importância do apoio familiar: “A família a gente briga, a gente discute, mas ela é o pilar de todo ser humano. Uma travesti que tem o apoio da família é totalmente diferente da que vive na rua. E a que é expulsa de casa, como faz?” Ela acolhe algumas travestis desabrigadas em sua casa. Anyky apontou ainda o problema da competição que existe entre as próprias travestis. Sobre ela mesma, Anyky disse: “As pessoas me veem como uma senhorinha, e eu passo batida, mas eu sou puta.” Anyky já é idosa. Ela terminou sua fala com a frase: “Mesmo com toda violência, a gente ainda consegue ser feliz.”

Outra travesti componente de uma das mesas, chamada Indianara Siqueira, comentou sobre a experiência do armário para uma travesti: “Por causa das chacotas, ela tem que se mudar

e ir *prum* lugar longe de família, dos conhecidos, *pra* passar *batido*, se tiver um corpo normativo. Se descobrirem: ‘Você é uma farsa?’” Sobre a readequação sexual, ela defendeu que qualquer pessoa pode se arrepender, inclusive de “pôr um silicone”, de “tirar a barba com lazer”. Ela contou que, em uma ocasião, “tirou o peito *pra* fora” em Copabacana, e queriam prendê-la, mas ela se defendeu: “Legalmente eu sou um homem”. Responderam: “Mas você tem peito!”. Ela questionou: “Mas a questão legal é peito ou gênero?” E ela acabou não sendo levada presa. Porém, ela contou outra história de quando estava de fato presa: “Falaram que eu tinha que vestir roupa de homem, porque ‘na base’ eu era homem. Rasguei e fiz uma minissaia. Defendi: ‘Na base é uma calça.’” Ela comentou do problema da dicotomia travesti *versus* transexual, com a última sendo vista como “coitadinha”. Sobre os banheiros, ela brincou: “Se me mandam ir *pro* banheiro masculino, eu falo: ‘Ótimo, adoro ver pau’”. Sobre ela mesma, Indianara disse: “Eu não sou uma mulher num corpo de homem. Cadê o corpo de homem? Hoje sou eu. Uma mulher normal de peito e de pau.” Houve a partir das perguntas da audiência uma discussão sobre os benefícios da visibilidade em relação ao direito à privacidade.

Ao debate *Estado laico, religiões e diversidade sexual*, compareceram quase setenta pessoas. Comentou-se a contradição entre o “beijo *gay*” da novela *Viver a Vida* ter sido visto por grande parte das famílias, e a bancada evangélica da *Câmara dos Deputados* falar que o chamado “*kit gay*”, que seria distribuído nas escolas para o combate à homofobia, iria destruir a família brasileira. Criticou-se a isenção de impostos concedida às instituições religiosas. Ponderou-se como os movimentos sociais reforçam valores da família e da monogamia, ao exigirem o “casamento *gay*”, apesar do reconhecimento que o cumprimento dessa exigência gera. Comentou-se também como a igreja anglicana abriu-se para o tema da homossexualidade, tendo hoje presbíteros assumidamente *gays*. Ponderou-se que a Bíblia não tem como responder a questões que não existiam na época em que ela foi escrita, como a homossexualidade. A partir de intervenções da audiência, houve uma discussão sobre até que ponto as igrejas inclusivas realmente promovem inclusão.

O professor Marco Antonio Torres, que compunha a mesa do debate, lembrou que a poligamia não é aceita pelo Estado. Ele criticou a ideia de “tolerância”, pois ela gera uma dicotomia entre “tolerantes” (os da norma) e “tolerados”, que ficam submetidos ao gueto. A ideia de “reconhecimento” foi apontada por ele como melhor. Ele defendeu que o Estado brasileiro é heteronormativo, e não só a bancada evangélica. O professor lembrou que Dilma suspendeu o chamado “*kit gay*”, defendendo que não iria fazer “propaganda de orientação sexual”, mas ele apontou que nas escolas o tempo todo se faz propaganda da heterossexualidade. Marco Antonio Torres comentou, ainda, a função religiosa da demonização

dos *gays*: as religiões se enfraqueceriam não na medida em que os fiéis desacreditam em Deus, mas sim no Diabo.

#### **PROJETO QUEER: SEIS AULAS.**

O *Projeto Queer* foi um curso gratuito promovido por uma academia de dança. Sua proprietária define-se como uma mulher transexual, mas na época ainda atendia pelo nome masculino que lhe foi designado, Tomaz, e nem sempre se vestia como mulher. Essa professora de dança assumiu sua transexualidade há pouco tempo e ainda está em processo de adaptação. O projeto durou quatro meses e teve duas aulas mensais. Nelas, ensinava-se os participantes a dançar forró, bolero, samba e soltinho, tanto como condutores, quanto como conduzidos, podendo, inclusive, alterar os papéis durante a mesma música. Não havia pares fixos, de modo que todos dançavam com todos, inclusive com pessoas do mesmo gênero, alterando várias vezes o par ao longo das aulas. Tomaz dizia ter sido muito machista antes de se aceitar. Hoje, ela acha machista até o homem abrir a porta do carro para a mulher. Seu ídolo é a cartunista Laerte, que também é trans. Frequentavam as aulas cerca de vinte jovens, a maioria transexual ou homossexual.

#### **POKÉMONA: SEIS TÓPICOS.**

O *Pokémona* é uma comunidade do *Facebook*. Dos seis tópicos, três foram sobre afeminação (dois deles criados por mim), dois sobre igrejas evangélicas e sexualidade (ambos criados por mim, a partir das igrejas visitadas no meu trabalho de campo) e um sobre *g0ys*. As discussões sobre afeminação e *g0ys* são recorrentes e geraram bastante interesse no grupo, mas as discussões sobre igrejas evangélicas e sexualidade não. O grupo é dedicado a fãs LGBTs da franquia de jogos e desenhos animados *Pokémon*. A maior parte dos participantes do grupo são jovens *gays* de classe média, grande parte cursando ensino superior. Os tópicos giram em torno de temas ligados à franquia *Pokémon*, muitos com referências à homossexualidade nos desenhos animados da franquia; cultura *pop*, temas LGBT diversos; e discussões sobre preconceitos. Às vezes, há tópicos com conteúdo sexual, em que os participantes mandam fotos íntimas. Esses tópicos, chamados de “+18”, são administrados pelos moderados, ocorrem de madrugada, e são apagados antes do início da manhã. Há paquera entre os integrantes do grupo com frequência.

Nos poucos comentários nos tópicos sobre igrejas evangélicas e sexualidade, os posicionamentos foram de respeito à liberdade religiosa, admiração em relação às igrejas inclusivas, críticas em relação às igrejas que pregam contra a homossexualidade e preocupação em relação às consequências que essas pregações podem ter para os fiéis *gays*. Em geral, os posicionamentos dos participantes giram em torno da desconstrução de estereótipos, rótulos e generalizações. Faz-se também críticas à misoginia, à homofobia, à heteronormatividade, ao patriarcalismo e ao machismo. Os participantes, inclusive, utilizam esses mesmos termos em seus comentários. Frequentemente, os próprios *gays* são apontados como possuidores desses tipos de preconceitos. Há muitos compartilhamentos de experiências pessoais. Nas discussões sobre afeminção, há uma predominância da opinião de que os gostos são construções sociais, por isso se critica muito o posicionamento “não sou, nem curto afeminados”. Alguns participantes até reclamam da frequência de tópicos sobre esse tema, dada a grande quantidade deles.

Os participantes que possuem o perfil hegemônico do grupo repreendem muito e tentam fortemente persuadir aqueles que não o possuem, como os que comentam que gostam de afeminados como amigos, mas não para envolvimento sexual. Alguns membros mais ativos comentam mais frequentemente nessas discussões, sempre com os posicionamentos hegemônicos do grupo. Não raro ocorrem expulsões por parte dos moderadores de pessoas consideradas muito preconceituosas. No tópico sobre *g0ys*, o posicionamento geral foi de indiferença, ridicularização ou menosprezo. Algumas pessoas defenderam a tolerância em relação a eles e outras fizeram um esforço para tentar compreendê-los. Mas muitos os veem como hipócritas e enrustidos. Houve também comentários em torno de uma descrença em relação à bissexualidade e tentativas de desvincular a imagem dos *gouines* da imagem dos *g0ys*.

#### **TRAVESTI REFLEXIVA: NOVE POSTAGENS.**

A *Travesti Reflexiva* é uma página do *Facebook*. A página, que realiza uma militância transfeminista, possui um perfil bastante inflamado. Ela foi criada e é mantida por uma travesti. Em uma de suas postagens, ela declara que: "Misandria [ódio contra indivíduos masculinos] aqui é LIBERADO!". Em outra, ela compartilha uma peça gráfica feita por ela, simulando o testemunho de uma mulher: "Fui estuprada pelo meu ex-marido. Arranquei todos os dedos dele com alicate e cortei a língua de quem disse que a culpa foi minha". Em uma terceira postagem, ela critica o biólogo Eli Vieira: "Mas alguém avise a esse 'omi' que tá na hora dele sair da posição de macho-mestre-doutor-geneticista-biólogo-o-caralho-todo e voltar a falar apenas da

homossexualidade, pois ele é reduzido a isso. Essa é a única característica que ele tem propriedade *pra* falar." Numa quarta postagem, ela compartilhou outra peça gráfica com os dizeres: "Homem ativista: reclama por problemas que foram criados por outros homens... como o alistamento militar obrigatório para o sexo masculino e de alguma forma procura colocar a culpa nas feministas." Em uma postagem, ela se refere aos evangélicos como "evanjegues". Também há postagens em que ela questiona as feministas que não aceitam transexuais no movimento e a diferença de legitimidade existente entre as identidades de travestis e de mulheres transexuais.